

OS LÁZAROS
FIGURAS DE HOJE
ABEL BOTELHO

Edição de
Alexandre Pereira
Daniela Marques
Helena Viríssimo
Joana Lemos
Susana Spínola

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2017
1

ÍNDICE

NOTA EDITORIAL

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

NOTA EDITORIAL

Abel Botelho nasceu a 23 de setembro de 1854, em Tabuaço, pequena vila portuguesa, localizada no distrito de Viseu, e faleceu a 1917 em Buenos Aires, capital da Argentina. Em vida, o escritor seguiu os mesmos passos do pai, tendo frequentado o Colégio Militar, entre 1867 e 1872. Saiu com o posto de aspirante, e matriculou-se na Escola Politécnica. Desde então, foi subindo cada vez mais nos postos do exército, tendo chegado a coronel, em 1906. Neste mesmo ano, foi nomeado Chefe do Estado-Maior da 1.^a Divisão Militar. Iniciou a carreira literária em 1885. A primeira obra foi um livro de versos chamado *Lira Insubmissa*. Colaborou em várias publicações, como *O Século*, *O Dia*, *O Ocidente*, *A Ilustração*, a *Revista Literária* e *O Repórter* (que chegou a

dirigir) e, em 1891, Abel Botelho iniciou um ciclo de obras sobre a sociedade portuguesa, que intitulou *Patologia Social*, pretendendo criticar os vícios da sociedade.¹ Inseriu-se, desta forma, na chamada literatura naturalista. A obra com que começou o referido ciclo foi *O Barão de Lavos* (1891), o primeiro romance escrito em português com um enredo homossexual. Escreveu depois muitas outras obras com o mesmo cariz, como: *Os Vencidos da Vida* (1892); *Jucunda* (1895); *A Imaculável* (1897); *O Livro de Alda* (1898); *Sem Remédio* (1900); *Amanhã* (1901); *Os Lázaros* (1904); *Fatal Dilema* (1907); *Próspero Fortuna* (1910); *Amor Crioulo* (1913). Todas causaram, na época, grande agitação e perturbação porque tratavam de assuntos que até então não se abordavam na esfera pública.

¹ [Projeto Vercial](#)

Foi a Abel Botelho (que, além da carreira de escritor, tinha também uma carreira política) que ficou a dever-se o projeto gráfico da bandeira atual da República Portuguesa.²

Na obra *Os Lázarus* é narrada a decadência de uma típica família nobre portuguesa da época. O conde de Fiães vê o seu estatuto e reputação colocados à prova, devido às vicissitudes que envolvem a família: as traições de marido e mulher, o filho caído em desgraça e as filhas seduzidas por oportunistas e interesseiros.

A decisão de reeditar este livro foi determinada pelo facto de ter impressionado o público na época do autor e pela sátira de costumes que contém. Por estes motivos, considerámos interessante reavivar um autor com lugar na história da nossa literatura, e cuja obra

² [Site da Presidência da República.](#)

ainda não se encontrava representada na Bibliotrónica Portuguesa.

O livro-fonte da presente reedição encontra-se na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a cota LP1592P. Foi publicado em 1924 pela Livraria Chardron, no Porto, com o título *Os Lázarus. Figuras de Hoje*. Trata-se da segunda edição, saída já depois da morte do autor e 20 anos depois da primeira edição, também editada pela Chardron. É provável que a capa do nosso livro-fonte se tenha deteriorado e que esta tenha sido a razão para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ter mandado encadernar o volume, sem conservar a capa com que foi publicado. A encadernação que resguarda atualmente o livro é totalmente azul, e só na lombada se encontra o nome do autor e o título do livro, além da sigla F.L.L.^x (Faculdade de Letras de Lisboa). Contém ainda

um carimbo que assinala a atual propriedade do livro pela Biblioteca da referida Faculdade. O livro apresenta marcas de uso e certas páginas estão mais vincadas que outras, mas não se encontra em mau estado.

As normas de transcrição que seguimos são de caráter conservador, ou seja, mantivemos todos os aspetos gráficos próprios do livro-fonte:

- conservámos o itálico e o negrito em todas as palavras que assim foram impressas no livro-fonte;
- conservámos o tipo de aspas («xxx»);
- conservámos todos os acentos e o tipo de marcação de parágrafo que se encontram no livro-fonte;
- respeitámos a alternância de maiúsculas e minúsculas;
- não conservámos a mudança de páginas nem a numeração de páginas;

- optámos por eliminar o título corrente;
- por fim, estabelecemos, no índice, hiperligações que visam uma navegação mais fácil entre as diferentes secções desta reedição em suporte digital.

Aos amigos
José Augusto Moreira d'Almeida
e
Dr. Luiz Maria de Sousa Horta e Costa

I

A hora já bem adeantada d'uma noite de dezembro, algida e triste como um amor sem esperança, um *coupé* de molas caras rodava brandamente pela ladeira deserta da rua da Emenda, e parava junto ao portão d'um apparatuso prédio de dois andares, pintado a escaiola côr de ervilha, com grandes vidros, scintelhando como laminas de gêlo, nas saccadas.

Logo o guarda-portão saltou do passeio, reverente e humilde, o epilado craneo a descoberto no ar cortante, abatido o boné na mão esquerda calçada de grossa luva de lã, enquanto a direita se estendia a abrir a portinhola. E um homem velhusco e pêrro, envolto n'um grande *ulster* amarello, se apeiou; depois, a portinhola da tipoia, batendo, abalou o silencio tumular da rua n'uma sacudida resonancia; e d'ahi a um

momento já os dois se achavam dentro, no vestibulo de entrada da casa, — um vasto quadrilongo escaqueiado a marmore preto e branco, tendo dois enormes quadros flamengos nas paredes lateraes, de roda o indispensavel bufete torcido, com poltronas de coiro e pregaria, e ao fundo, fulgurando n'um destaque de opulencia, entre vasos de faiança com palmeiras, a varêta da passadeira no primeiro degrau da escada, que vinha apontar sôb um arco abatido com portas de vidros polyehromos.

— Dá-me a lanterna, João, — disse o homem que viéra no trem.

— Prompto, snr. conde! — acudiu o guarda-portão, descarapuçado sempre e arrastando de exforço o seu rheumatismo até ao bufete de pau santo.

Ahi accendeu a vela d'uma pequenina lanterna nickelada, de tampa em vidro parabolico, como um pharol; e, trazendo-a ao amo:

— Vossa excellencia determina mais alguma coisa?

— Não; vae-te deitar.

Mas, naturalmente, tendo já avançado dois passos na direcção da escada, o conde retrocedeu para perguntar:

— Olha lá, a senhora condessa já veio?

— Ainda não, snr. conde...

O devastado rosto do interpellante sombreou-se n'uma contrariedade, n'um quasi espanto, que mais exaggerava agora os estragos da sua mascara de ruina, na obliqua incidencia da fumosa luz projectada por uma especie de lampião de caserna, suspenso do tecto, fonte unica da claridade crepuscular que bruxuleava no recinto.

— Não entrou?... Tens a certeza d'isso?

— É o que eu digo a vossa excellencia.

— Diabo!

E, n'um movimento nervoso, consultava o conde apprehensivo o relógio. Depois, sacudidamente, fazendo, via-se, um grande esforço para dominar-se:

— E as meninas?

— Essas entraram, sim, snr. conde... Seriam onze horas.

— Vinham sós?

— Viéram no trem do snr. conego Ascensão, da *Liga da Costura*.

— Só esse?... — insistiu o conde, cravando com imperio no guarda-portão os olhos.

E este, após uma pausa, em palavras mascadas n'uma hesitação:

— A fallar a verdade, snr. conde, quiz-me parecer que vinha tambem... um senhor bem vestido... moreno e bem apessoado, muito fino.

— Quem era?...

— Deu-me assim ares do snr. Fernandinho... mas não ia jurar. — E logo a seguir, manhosamente, a acalmar o animo do patrão, que movia os pés com impaciencia, enquanto lhe corriam as mãos carphologicas de colera: — O que eu pósson garantir a vossa excellencia é que esse outro senhor, fôsse elle quem fôsse, não arredou pé de dentro do trem... Mal o vi.

O conde encarou-o com um olhar de inquisidor. O velho confirmou:

— É a pura da verdade!

— Bem, vae-te deitar, — epilogou o conde, de manso, tomando a escada.

— E a senhora condessa?...

— Não te dê cuidado, imbecil! Faze o que eu te digo.

Mudo e dobrado como um dromedario, o guarda-portão foi buscar um pequeno môcho a um

canto, para apagar o lampião, enquanto o conde subia a escada, resmuneando de ameaça:

— Eu lhe virei abrir!

Na sua frente a lanterna ia quebrando em dentados escalões o cónce besbelhoteiro da sua luz pelos encerados degraus da escada, pelo corrimão e grade de fuis de ferro, lineares, como contos de alabarda, e pelo barathro decorativo das paredes brancas, que um pretencioso pejamento vestia, de ennegrecidas telas a oleo em molduras doiradas, gravuras de Bertolozzi e Sansovino, brasões heraldicos, carvões e habilidades de familia. No angulo do primeiro para o segundo lanço, uma Venus e um Ephebo, de marmore, patrulhavam um espelho. Em cima, no patamar do primeiro piso, rasgavam-se quatro portas veladas por fartos reposteiros *grenat*, com cercadura amarella e matisados ao centro por um brasão.

O conde enfiou pela porta da esquerda, poisou a lanterna, accendeu os cinco lumes d'um candelabro barôco, de prata, e arrojou o chapéu dilatando o peito n'uma forte expiração, simultanea de inquietação, de dôr e de cansaço.

Elle era um grande homem, descadeirado e lívido, bigode e suissa grisalha estirando-lhe lastimosamente a ruina do rosto vicioso e flaccido. Os labios eram finos e rôxos, cortados n'uma linha aspera e mordente, feita de desillusão e saciedade. Os olhos, castanhos, de palpebras molles, precocemente enrugados, tinham um escasso brilho outomnal e eram traçados com largueza, descahiam n'esta carinhosa curva denunciativa da bondade. O angulo querençoso do mento casava-se com o afilamento rectilíneo do nariz e com aquelle fundo vinco egoista, peculiar aos arthriticos.

— Afinal o caso é mais sério... — monologava elle, meditativamente, passeiando em torcicollo pela rica profusão dos moveis, de cilios fransidos, os dentes nos labios e as mãos nos bolsos. — E, coisa singular! nunca me deu tanto que scismar como agora... É incrível... Oh, que objecta, que latrinaria alma eu sou!

E como que succumbido a este comminatorio arranco da consciencia, o devastado conde amarfanhou-se em pêso sobre um *fauteuil*, no subitaneo asco de si mesmo, enclavinando as mãos, crispando os olhos.

N'uma immobildade de espectro se paresiou então, alheio por completo ao mundo exterior, deixando lento o tempo correr pela insensibilidade patibular da sua alma, até que n'um rico relógio *imperio*, de columna, ao lado, timbraram nítidas as duas horas, que a voz escarniqueira d'uma especie de cuco, avançando

por momentos o bico do alto do mostrador, sublinhou com um sonoro crocitar de troça.

O conde aprumou-se de impeto, estremecendo, como que acordado de sobressalto, como vibrando na reacção a uma affronta, e desandou novamente a passeiar. — Não havia uma coisa assim! Que bella lição, que lindo exemplo ás filhas, se acaso o presentissem! Que pratinho para os creados! — Parava enfurecido, deitando olhos impacientes ao relógio, e continuava: — E quantas vêzes não teria já... sim... succedido coisa parecida, quando elle ficava em casa da Paixão ou recolhia mais tarde!... Mas nunca se lhe déra d'isso, senão agora; era bem feito! Que inferno!

N'este comenos, applicou o ouvido, não havia duvida:

— Toc, toc, toc!

Alguem com discreta insistencia, no portão em baixo, a bater.

O conde fez-se lívido, na instinctiva repugnancia da violenta scena que ia passar-se, á epicurea mansidão da sua alma. N'um instante reaccendeu a lanterna, puxou ao peito as bandas do *ulster* e correu á escada, que desceu a tremer. Erguida a aldraba d'um dos postigos lateraes do portão, um penetrante aroma de *roseraie* entrou com a gelada emanação da noite, enquanto uma avelludada voz feminina:

— Crédo! João, que demora!

E aqui ficou a reprimenda suspensa, porque no mesmo momento em que adeantava ao pateo o minusculo pé, calçado em setim branco, deparava a condessa deante de si, em vêz do luzidio e impassivel craneo habitual do guarda-portão, com a indignada e lívida cenha do marido, mais terrivelmente imprevista ainda n'aquelle

carvoamento vago da sombra em que os seus dois olhos phosphoravam ameaças, o busto projectado á frente com odio, a lanterna na mão.

Soltando um grito, a condessa recuou de salto, chamando pavida a si a porta; e com uma voz estrangulada e anciosa, em que uma sobresaltada ternura soluçava, exclamou para o esbelto vulto de homem que vinha com ella:

— O' meu Deus! É meu marido! Vem ahi...
Salve-se, fuja! Poupe-me a uma desgraça!

— Fugir! quando tu corres perigo?...

— Armando! Peço-lhe... Pelo nosso amor!

Mas já um impetuoso braço a colhia de repelão para dentro do pateo, com tao subita violencia que a condessa, tropeçando no rebordo inferior do postigo, veio cahir desamparada sobre o lagêdo. Nem de tal deu fé o desapoderado conde, que n'um vôo felido saltára á rua, firme no proposito de castigar exemplarmente a audacia

d'esse infame violador da sua honra. Comtudo já não foi a tempo, porque aquelle cauto *Magriço* de ocasião, mal se sentiu fóra do alcance visual da condessa, deu prudentemente costas á casa e desandou veleiro pela rua acima, a correr.

Foi-lhe no encalço exasperadamente o conde, suando dyspneias de raiva, mesmo em cabello. Mas d'esta sua correria doida baldo foi o resultado. Armando era mais moço e mais agil; a termos que, tendo alcançado a rua do Loreto, d'ahi a alguns segundos já o conde via perder-se-lhe o bater claro e rapido dos calcanhares pelo dédalo bafiento do Bairro Alto acima.

Tomado d'um paroxysmo de ira, teve por fim que parar. — Se não fôsse o medo ao escandalo, teria apitado! E agora?... — Com o cerebro em fogo, e em vindicativas ondas o sangue a tumultuar no peito, não havia outro remedio... retrocedeu, veio descendo. Pendulava largo os

braços, n'um desanimo, como que lhe dançavam escarninhos na frente dos prédios, e o gaz da illuminação publica via-o laivado de sangue e luzindo em palpitações congestivas.

Ao cimo da rua da Emenda, o guarda nocturno, que o seguira com interesse, abeirou-se de respeito, aventurando:

— O' senhor conde, que foi!?!... Precisa de mim? Alguma desgraça?...

Silenciosamente, o conde metteu-lhe dinheiro na mão e levou os dedos n'um gesto significativo aos labios. O accommodaticio cerbéro comprehendeu e afastou-se, ás arrecuas; logo correndo, com um grosso chocalhido de chaves, e cantando alto, a um chamar de palmas que estralavam para os lados de Camões:

— V... a... e!

Agora o conde, outra vêz desorientado porque distinguuiu um grupo de tres vultos, marruados em

baixo, á porta de sua casa, desatou de novo a correr, allucinadamente, com as mãos tocando os bolsos na ancia febril d'uma arma. Aproximando-se, distinguiu melhor... eram tres homens. Teve um calafrio na espinha e, cego de raiva, cahiu sobre eles. Havia um que mais pegajosamente se agarrava ao portão, com um certo ar familiar, regougando monosyllabos de extranheza, a cabeça pendente dentro do postigo ainda aberto e trocando as pernas.

N'um salto de lynce, a grande figura espectral do conde estava sobre elle; e filando-o cerce pela colla, na irresistivel rigidez dos seus musculos, tetanicos de colera, projectou-o longe, fazendo-o estatelar na frialdade humida da rua.

Um dos outros tres bohemios exclamou então, com sincera piedade:

— O' snr. conde! o que é que fez?...

— É vossê, Tavarêde!?! — rompeu por seu turno o conde, tomado de espanto.

Entretanto o pobre piteireiro, sem dar-se bem a noção do sucedido, sentára-se de regalo sobre o mac-adam, invulnerado e escoreito como se de facto a Providencia lhe tivésse amparado a quêda com essa carinhosa mão que o dictado refere acudir, solicita sempre, aos borrachões sem equilibrio; e n'uma voz desabusada e algareira tudo era cantar:

Já se foi o sol embora,
Á portellinha passou...
Se não era de teu gosto,
Meu amor, quem te obrigou?

— Mas que deploravel precipitação, snr. conde! — tornava com hypocrita inflexão o primeiro interpellante. — Vê? Conhece-o agora?...

E paralyzado de emoção o conde, n'um vivo constrangimento de dôr e de vergonha:

— Com mil raios! O meu filho!

Então, caridosamente, sem mais uma palavra trocarem n'aquelle ingrato e melindroso lance, os dois companheiros do filho do conde, fazendo cadeirinha com as mãos, tarimaram a custo a sua avinhada inercia para dentro de casa, enquanto elle, aquecido por um alegre estímulo ao transpôr o portão tão seu conhecido, voltava ao mesmo algarar patusco:

... Se não era de teu gosto

Meu amor, quem te obrigou?

E na cauda dos tres, descorçoadamente, o conde verificava, voltando-se, a cumplicidade discreta da solidão da rua.

Já não viu no pateo a condessa. — Natural... Teria ella sahido outra vêz!/? — E uma turbadora onda voltava a escalar-lhe o cerebello; mas logo,

tranquillizando-se, raciocinava: — Podia lá ser! Mesmo elle teria visto... Havia de estar mas era no seu quarto, ou refugiada em qualquer canto... Isso já se ia saber!

E na pungente irritação d'este cuidado, que ao mesmo tempo lhe repugnava e o enardecia, ia agora o conde subindo na frente a escada, de lanterna na mão, indecoroso guia aos dois escanzelos que lhe conduziam em braços o filho, o qual, sempre banzeiro e alegre, seguia escabujando descosidas larachas e proferindo obscenidades.

Despido e mettido com carinho na sua cama, apenas o conde depois conseguiu vêr-se livre dos dois damninhos pandegos, — dois irresponsaveis marmitões de 18 annos, — os quaes retiraram n'um instante, cabisbaixos e todos desfeitos em perdões e desculpas, n'um momento tambem voltou ao segundo andar; e tomando agora a

direito pelo corredor perpendicular á rua, ensaiou abrir a porta que o rematava no tampo. Estava fechada por dentro; na frincha inferior, rente ao oleado, passava uma varêta de luz.

O conde bateu, delicada mas insistentemente, primeira e segunda vêz, com os nós dos dedos; e dentro sempre o mesmo invariavel silencio. Por fim:

— Henriqueta! não ouves?... — Como nem assim lhe respondessem: — Sou eu... Então?... Abres ou não abres?

— Ainda não acha horas de socegar?... — murmurou finalmente, n'um reprehensivo ar, a mesma voz avelludada e quente de ainda ha pouco, no portão.

— Temos que fazer primeiro a liquidação da noite! — ameaçou o conde.

Mas a sua maligna insinuação não logrou resposta.

— Vamos, despacha-te! — tornou elle, irritado.

Dentro do quarto, arreliadoramente, o mesmo inalteravel silencio.

— Tenho que metter a porta dentro!

— E eu deito-me da janella abaixo!

— Sempre quero vêr isso!

— Olha se as pequenas ouvem...

— Pois avia-te!... abre! Ninguem te faz mal...

Por ultimo, batendo alto com a ponta da bota, n'um impeto decisivo:

— Avia-te, vamos... Ou arrependes-te!

Então a varêta luminosa da fimbria da porta escureceu, dentro uma chave rodizou com estrondo, e, aberta a porta, o conde tinha agora deante de si, aprumada e arrogante, a figura apparatusa e florescente de sua mulher, que logo atacou com decisão, fransindo as crespas sobranceiras lineares e recuando a testa:

— O que é que o senhor quer?...

— Saber onde passou a noite!

— Bruto!

E doridaamente, ameigando a expressão, afagava a condessa o braço esquerdo com a mão direita, calçada ainda de branco e finamente envaginada nas tufadas préguas da manga de jarro, do seu vestido côr de rosa sêcca.

— Sim, eu creio ter todo o direito... — insistia, insensível ao gesto, o conde, já dentro do quarto e tendo cerrado discretamente a porta.

Mas a condessa voltava a defender-se, derivando, n'um mellurioso queixume:

— Tu não eras assim, Edmundo! Tens-te feito ordinario, mau... Influencia da bôa gentinha com quem teimas em andar mettido!

— Não se trata agora d'isso!

— Confundes-me com as amantes que tens de levar á pancada...

— Olha, sabes o que te eu digo, Henriqueta?...
Se te confundo com ellas, a culpa é tua!

E como que fatigado, e já no intimo pezaroso, pelo exforço que lhe custára a rude enunciação d'esta affronta, o conde sentou-se longe n'um *divan* e dobrou á frente o busto, de cotovelos nos joelhos e os olhos baixos, seguindo com alheiada obstinação o roçar nervoso do pé na alcatifa.

Mas ahi estava já junto d'elle outra vêz a condessa, que com uma theatral indignação, cruzando os braços:

— Era o que me faltava ouvir!

Acobardado e humilde, o conde não arriscou um monosyllabo, mantendo a mesma attitude. A condessa exclamou:

— Para tornar mais frisante, mais definitivo, mais formal esse teu desprezo, só me faltava isto... faltava o insulto! — E n'uma acre

submissão, descahindo os braços: - Está satisfeito agora?...

— Tanto quanto podes imaginar... — replicou o conde, n'um sarcasmo, cabisbaixo sempre e com um riso hostil nos labios; e insistiu: — Mas responde ao que eu te perguntei: onde passáste a noite?...

— Esperei-te no theatro... — acudiu prompta, com procurada naturalidade, a condessa.

— O quê!? — contestou o marido com severidade, aprumando-se e erguendo n'um energico arranco á mulher o rosto rechupado.

Mas com a mais firme inprudencia Henriqueta:

— Já te disse! Vê lá tu o que te lembráste de mim... Nem o carro me mandáste... Se não fôsem as Mendonças teria que vir a pé!

E, dizendo, o rosto opulento da condessa vestia uma expressão de tão funda e convincente sinceridade, que os grandes olhos mortaes do

conde, tomados d'um admirativo pasmo, não se fartavam de a contemplar.

— Está bem... sim senhor... — remoía elle, distrahidamente, com um ar incredulo, olhando-a sempre.

Havia muito que o conde não esmiuçava assim com aquella demora, com aquella liberdade, n'um tão intimo e familiar conchêgo, a doce, a amadurecida e forte figura de sua mulher. — Era uma besta! Ella tinha razão... — E insaciada e voluptuosamente, n'um veneno acido do sangue, na perturbadora evocação de passados e castos desvarios, os seus olhos apelhancados, e com elles a alma sequiosa, passeiavam de carinho pela apparatusa exuberancia d'aquelle corpo pleno e redondo, — primeiro o rosto, d'uma altiva correcção hellenica, que só a erguida petulancia das narinas desmanchava, a bocca em repregos sensuaes, a tostada epiderme dos temperamentos

excessivos e uns olhos de azeviche que iam direitos ao coração. Depois, se n'este complacente exame a deliciada attenção do conde descia ao collo, todo em ondas de peccado, ou ao busto alto e roliço, emergindo da solida curva das ancas como do bôjo d'um vasto etrusco, então a gafa experiencia dos seus sentidos estimulava-se, trazendo-lhe o vago appetite de uma renovação de pósse na lembrança estonteante do prazer antigo.

Sentindo instinctivamente que começava a ganhar terreno, a condessa, sempre na frente d'elle, implicativa tornava:

— Não acreditas?...

E então o conde, a um rebate subito de brio, erguendo-se para fugir áquelle inoportuno instante de hypnose sensual, disse sacudidamente:

— Olha, deixa-me!

E desandava a passeiar, quebrado e incerto, pelo quarto; enquanto de roda d'elle a mulher,

com lagrimas na voz e um ar de victima muito a tempo:

— Se alguém tinha razões para estar offendida, era eu... — O conde, n'um frémto de indignação, parou; ella continuava: — Eu, sim! Por me deixares assim só no theatro, como um cão... sem mais querer saber!

— Não foi a primeira vêz...

— D'isso me queixo eu... de tão cedo me começares a dar largas... uma mulher nova, requestada... ardente... - rematou com singular expressão.

— Tinha confiança em ti... — balbuciou Edmundo.

— Olha, na nossa roda, meu caro... tu bem sabes... a tolerancia anda de mãos dadas com o desdem... esse excesso de liberdade é para toda a gente a polida mascara do desprezo.

Agora era Henriqueta que recumbia, languida e triste, no mesmo *divan*, enquanto morosamente recordava:

— Sempre fui bem infeliz... Confiança em mim... — E ria ironicamente, n'uma apostura dengue, a mão direita bedelhando com a franja de sêda d'um almofadão, ao lado. — Não era isso o que me dizias antes de casar!

— O que é que eu dizia?... — fez, manso, o conde.

— Todo tu eras ciumes, suspeitas, zelos...

— Já nem me lembra!

— Atiravas-me em rosto a cada momento com os antecedentes da minha familia... — O conde sacudiu tolerante os hombros. — E é que tinhas razão... Muita lagrima chorei! Volta e meia, lá vinha á balha essa infamia das relações da minha mãe com o homem da rolêta de Espinho...

— Um antigo creado de servir!

— Mentos! Tambem nem tanto!

— O que era elle então?...

— Não sei, não sei...

— Ah!...

— Sei só que a todo o instante me massacravas, como se eu tivesse a culpa, com o indecoroso e flagellante repisar d'essa vergonha!

— E teu irmão... depois de haver desbaratado um chorudo dote, voltando aos lupanares e repudiando a noiva?... E teu pae, bigamo confesso?...

— Cala-te!

— E o picaresco escandalo de tua bisavó com aquelle clarim das guardas, em Queluz?

— P'ra que casáste então comigo?...

Aqui o conde, parando deante da mulher, com um amargo travor na phrase e descomposto n'uma impagavel attitude de predestinado:

— P’ra quê?... P’ra isto! — E muito agitado, perante o rir perverso da mulher, continuava: — Pois tu julgas-me assim tão tolo, tão imbecil?...

— A frequencia da crapula faz de vossês idiotas.

— Julgas-me já tão falho de compreensão e tão baldo de dignidade, que acredite n’essa invenção ignobil e parva do trem das Mendonças?

— E fui! e fui!

— Mau!

— Offerecêram-me um lugar, fui com ellas... depois um pouco de palestra, ainda tomei lá uma canja... deitou a estas horas.

— Mas com que segura impudencia isto se diz!

— O’ filho! pôsso-te jurar...

Impaciente, o conde debruçou-se sobre a orelha pequenina da mulher, e maliciosamente, n’uma fria osga de rancor:

— E quem era então esse lindo *pagem* que...
que sabe fugir tão bem?

— Coitado! Eu logo vi... — aclarou com o
mais cynico sangue-frio a condessa, n'um rir
muito claro. — Era o commendador Soares...
Passava mesmo junto á nossa porta quando eu
cheguei... sabes que mora aqui perto...
Encontrei-o na ocasião.

— E fugiu?...

— Atrapalhou-se.

— Tens recursos, tens...

— Edmundo! vamos... isto é demais!
Porventura eu pergunto-lhe pelas suas amantes?...
Depois que o seu tédio cavou entre os nossos dois
corações um abysmo, quéro eu porventura saber
da sua vida?

— Nem tem nada com isso!

— E tem então o senhor com a minha!?

— É o que manda a Santa Madre Igreja!

— Mas que sabe então de certo, de positivo, em desabono do meu porte? Diga lá!

— O que sei... além do que vi há bocado? Eu já lhe conto! Mas, primeiro, vae vêr...

E revolvia nervoso a algibeira, na procura d'algum terrível corpo de delicto.

— Alguma carta anonyma?... — affrontou a mulher.

— Talvêz...

— Logo vi! Tão indigno é quem as escreve, como quem faz obra por ellas.

— Mas as coisas sabem-se!

— Bem se me dá a mim d'isso!

Soltando esta phrase de desdem, não desfitava entretanto a condessa os seus curiosos olhos do marido, que continuava a remexer afadigado na algibeira interior do sobretudo.

— Diabo! de luva calçada não encontro... Ah, agora! — disse elle porfim com intimativa, arregalando os olhos de prazer.

Mas, justamente com um massinho de cartas que elle trazia fechadas na mão dobrada, saltou fóra da algibeira ao conde uma grande photographia, que foi cahir mesmo aos pés de Henriqueta.

— Que é isto!?! — disse ella logo, dobrando-se, n'um vivo pique de interesse, a apanhar o cartão compromettedor.

— Não é nada, não... deixa! — balbuciou o conde, desconcertado.

E ia a curvar-se tambem para a alcatifa; porê, mais agil e mais proxima, por estar sentada, já a condessa tinha deitado mão ao mysterioso documento, que segurava agora, n'um ar triumphante, junto do peito, com um riso de

saborosa vindicta nos grossos labios e o rosto afogueado.

— Dá cá essa photographia! — bradou ao mesmo tempo o conde, quasi tombando sobre ella.

— Não tem importancia nenhuma! Não é isso...

— Bem sei... — recalcava, sem medo, a condessa. — Espera... deixa vêr.

— Não! Henriqueta, não vejas! Prohibo-te!

Mas implacavelmente a condessa, mercê d'este arrelizador incidente senhora da situação, incurvou o braço esquerdo á frente do busto, como um escudo, enquanto com a mão direita erguia aos olhos estimulados esse cartão que tanto a estava intrigando, e n'um tão mordente sobresalto havia perturbado o marido. E tendo-a examinado, demorada e implicativamente, bamboando n'um sarcasmo a cabeça, a carnuda bocca frisada num motejo:

— Muito bem... sim senhor! Quem é a beleza?...

— Sei lá... Não é nada do que tu pensas!

— A ultima das tuas favoritas, hein?...

— Comprei-a...

— O quê? a mulher?

— Não! a photographia.

— Como, compráste?... — objectou a condessa, n'uma expressão singular, voltando de todos os lados a photographia entre os dedos gordos. — Não tem indicação da casa onde foi tirada. É um cartão todo liso... vê bem!

— Ah, é?...

— Producto de alguma torpe combinação entre o photographo que se prestou á scena e tu, meu traste! — increpou com severidade Henriqueta, cravando no marido uns olhos de comminação que o fizéram cobardemente rodar pelo aposento.

Ella continuava, n'um aspero ciume:

— Mas é que está linda, sim senhor! Ora não ha! É a tua ultima amante?... dize!

— Não é nada d'isso...

— E vem este homem fallar-me em moral! Tem o arrojo de vir exigir honestidade, dedicação, carinhos... de tomar contas de pretendidas faltas á sua mulher legitima, com documentos d'estes na algibeira!

Depois d'uma pausa de embaraço, tornava ainda a condessa, entre deliciada e furiosa, um pouco contra o seu querer, a mirar o retrato:

— Como está linda! E que de cuidados, que de paciencia e arte vossês dois haviam de dispender, tu e o miseravel que se prestou a fazer o *cliché*, para obterem esta *pose*, esta luz, esta harmonia... toda esta infamia, em summa! — E com a voz cerrada de raiva nos dentes pêrros: — Felizmente que o acaso desmascarou-os... a ti e

ao teu manhoso collaborador anonymo! A Providencia foi mais uma vêz por mim!

— Tu bem queres agarrar-te a um pretexto que te livre por agora, que te salve!

— Mas é que é realmente linda! — tornava n'uma sincera fascinação a condessa. — E tão fina, tão esbelta... Como eu quando casei! Também me hei-de retratar assim!

A photographia em questão, inspirada seguramente n'um conhecido retrato de Réjane, obtido pela luz de magnésio no *atelier* de Nadar, era em formato *boudoir* também, e representava uma alta e delgada figura de mulher, que devia ser loira, destacando nítida em branco d'um fundo negro, com o seu corpinho androgyno e fresco cingido apenas em multiplas e miuditas prégas por uma gase branca, que á frente dos pés vinha aninhar-se, formando tunica; o braço direito, completamente nú, dobrado a amparar a cabeça

com molleza; o esquerdo, nú também, cahindo natural sobre o flanco, de modo a deixar visível a curva finamente sensual da garupa flexuosa; e nú igualmente o busto, o collo e os hombros, emergindo na sua lactea florescencia d'aquella cinta diaphana e leve como d'uma corolla de espuma.

— Que dirias, que farias tu, Edmundo, se me visses a mim retratada n'uma bandalheira d'estas?...

— Tu, assim! Ó filha, eu podia lá nunca imaginar...

Mas a condessa interrompeu-o arrebatadamente:

— Immundo! Não ter pejo em trazer as *academias* excitantes das concubinas para a alcôva de sua mulher!

E n'um gesto desabrido, erguendo-se, arremessou a photographia longe, em direcção á porta.

Mas no mesmo instante, como que penetrada por uma dôr subita, que a violencia do gesto determinára, a condessa confrangeu-se toda, premindo o braço esquerdo; e com maguado accento e os negros olhos espelhados de lagrimas:

— Ai, o meu braço!

— Que tens tu?... — acudiu solícito o marido.

E ella, mimadamente:

— Foi o que o senhor me fêz, ha bocado... Animal! — E como retirásse do braço a mão, viu então, n'um terror de creança, que tinha a luva manchada de sangue. — Vêja isto, vêja! Se ha mais dura condição! Nunca me fêz isto... Nem que eu fôsse uma escrava!

— O' minha pobre Henriqueta! — exclamou então, grandemente apiedado, o conde, fazendo-

se pallido e arrancando n'um prompto as luvas das mãos irrequietas. — Anda cá, p'raqui! deixa vêr... — Conduziu-a de carinho para junto do esquentador de gaz, que estava accêso, proximo ao *boudoir* de sêda *pompadour*, entre duas janellas. — É preciso cuidar d'esse braço... vêm cá; aqui assim estás mais agasalhada... Tira o corpo do vestido.

— E poderei eu?... — arrastou ella, sempre de mimo, a ganhar pela piedade o coração de Edmundo.

— Isso com cautela... vamos a vêr. Eu ajudo... — O conde atirava o sobretudo para cima da cama, e já novamente junto da mulher, começando a desnudar-lhe o collo: — Ora a minha vida! O que eu havia de fazer! Henriqueta, perdôa-me...

Porém na sua precipitação nem o conde atinava com os colchêtes, não fazia nada de geito. E então, muito mansa, a mulher, sorrindo:

— Não sabes, desageitado... Espera.

Descalçou as luvas n'um prompto e desatacou á frente o vestido, enquanto o conde, sempre no mesmo piedoso interesse:

— Mas como tu tens o braço, coitada! Não sabias dizer?...

— Eu sentia um ardor, mas...

— Avia-te!

Desacolchetado o vestido por completo, puxava-lhe elle agora com terna delicadeza as mangas, todo dobrado em atenções, quasi de joelhos. Por instantes, a condessa estremecia em pequeninas contracturas de dôr, porque entre a manga e o braço ferido havia adherencias de sangue empastado. E logo o conde, estremecendo tambem no seu sympathismo condoído, redobrava

de cuidados, saltitava afflicto de roda d'ella, parando no que fazia para recommençar outra vêz... Por fim as duas mangas sahiram, o corpo do vestido foi para cima d'uma cadeira, e o conde, esquecido por momentos do que ali o trouxéra, contemplava com gulosa attenção a farta opulencia d'aquelle collo redondo e ardente, côr de canella, que perante a fascinação estonteante do seu desejo surgia agora n'um encanto inédito.

Chamou-o á realidade a condessa, interrogando:

— Então?...

— Deixa vêr!

A polpa roliça do braço de Henriqueta tinha com effeito uma grande escoriação, apenas superficial mas muito alastrada, sobre o torneamento esculptural d'aquelle poema de carne, humida e sangrante.

— Ora mas como isto está! — exclamava o conde, afflicto, passeiando a mão tremula pelo cabelo corredío — Como diabo?... Eu nem soube o que fiz!

— Eu nem quero vêr... E agora?...

— Vamos lavar primeiro... um pouco de arnica, e não é nada. Tenho lá em baixo.

— Não, não! não quero... Arde muito!

— É indispensavel.

— Vê se remedeias com agua de Colonia, ahi assim.

— Tambem póde ser.

— Mas fria não!

Edmundo lançou sobre os hombros da condessa uma capinha de pellucia, depois foi ao *boudoir*, verteu agua de Colonia n'uma especie de pequenina chaleira de *christofle*, destemperou com agua e pôz sobre o esquentador a aquecer. E, enquanto esperava, eil-o de volta outra vêz junto

da mulher, e de novo a mirar-lhe na mesma gulosa avidêz o atticismo do braço, a cálida tentação do collo palpitando entre as rendas.

— Estás gorda! — balbuciou elle, familiarmente, com a lingua sêcca e os olhos accêsos n'um brilho estimulado.

A condessa replicou com tristeza:

— Estou velha!

— Velho, eu...

— Não tem sido comigo!

O conde deixou escorregar disfarçadamente a mão ao longo do braço tumido da mulher, e com um calor na ponta dos dedos foi buscar a chaleira, já borbotando. Verteu n'um pires porção do liquido fumegante, e com uma pequenina esponja, n'elle embebida, começou a afagar a carne molestada da condessa, que se abandonava e sorria, n'uma passividade complacente.

— Dóe?...

— Não... Até acho agradável.

Assim foi o conde chapinhando demoradamente o braço estendido da mulher, com a pequenina esponja embebida n'um tépido liquido perfumado. Com uma toalha na mão esquerda, apanhava ao mesmo tempo as gottas avermelhadas que cahiam. E n'um regalo sensual comprazia-se em prolongar a duração d'aquelle mister piedoso, que os seus dedos avidos procuravam com afinco, fazendo jorrar a agua tremulante, que apontava em perolas e escorria pela epiderme arripiada da condessa em facetadas camarinhas.

— Bem, basta Edmundo... está bem, — disse porfim a condessa, sempre complacente. — Estou tolhida de frio!

Logo o conde, como desperto d'um sonho, parou de molhar-lhe o braço, que enxugou uma e

outra vêz, com atenção e carinho. Ao tempo que observava:

— Mas isto agora não póde ficar assim ao ar...

E no mesmo instante, com uma agilidade e prestêza de que elle mesmo já se não julgava capaz, tornára ao toucador e voltava com a bocêta *baccarat*, do pó de arroz, na mão, a polvilhar com a borla cautelosamente a ferida.

— Tivêste bôa idéa... — murmurou a condessa, n'um deliciado impulso. — Agradecida!

E, vaidoso de si mesmo, o conde:

— Ainda não é tudo... espere! — Depois, olhando inquiridor de roda: — Onde tens tu por ahi algodão em rama?

— Não uso... — disse maliciosamente a condessa, olhando-se, n'um sorriso que mais aqueceu a perturbação sensual do marido.

— Bem sei... mas has-de ter por ahi um migalho qualquer. Ainda que não seja senão n'alguma caixa de joias.

— Ah, isso sim...

— Mas aonde? — tornou Edmundo, com delicadeza, esboçando o gesto de quem queria procurar nas gavêtas.

— Olha, abre, procura á vontade... Não achas nada que me comprometta.

D'ahi a instantes, já o conde acamava com amor uma tenue pasta de algodão em rama sobre a ferida.

— E como hei-de eu segurar isto?... Ah!

Dobrou longitudinalmente muito bem um lenço fino de esguião, retesou-o no joelho e envolveu com elle o braço da condessa, que, encantada e sorridente:

— Muito bem, sim senhor! Não te conhecia a prenda... Que rico enfermeiro!

O conde córou, como um collegial; e ella, mocanqueira e dôce:

— Vamos lá... resgatou pela caridade as suas culpas. Os seus disvelos de agora fazem com que eu esqueça a brutalidade do seu arremesso e a affronta das suas suspeitas.

— Mereço então uma recompensa?

— Decerto... o meu perdão.

— É tão pouco...

E o conde erguia olhos de supplica á momentanea complacencia da mulher.

Porém esta, percebendo-o, disse n'um tom sêcco e breve:

— Mas vamos! então?... acabe com isso! Não vê o frio que eu tenho?

Estava n'este momento o conde realmente embaraçado, porque as pontas do lenço, por muito puxadas que fôssem, mal chegavam para atar. Então, como supremo recurso, abaixou-se a

colher uma das pontas com os dentes, assim esticou um pouco mais, deu finalmente o nó. Porém, no impulso natural do movimento, a sua aspera suíça grisalha arranhou a pelle melindrosa da condessa, que, toda vibrante n'um tremor de avesita implume, deixada só no ninho:

— Crédo! conde... Augmentou-me o frio...
Nem pontas de gelo!

Um pouco desconcertado, o conde tomou o braço da condessa, e n'um movimento brusco, irresistível, a sua bocca insalubre cantou sobre a carne redonda e calida da condessa um longo e enternecido beijo.

— Que é isto!/? — exclamou ella, indignada e surpresa, desarredando de salto de junto do marido.

— Coisa mais natural... — balbuciou elle, humildemente, só e de pé em meio da sala, com os olhos froixos e os braços longos.

— Muita cautela, Edmundo!

— Então não te mereço nada?

— O meu perdão, já lhe disse... — E como o conde avançasse para ella, rematou com decisão:
— É o mais que póde ser!

Um novo silencio se abriu entre os dois, naturalmente, aqui. O conde voltou costas e rodou, vagaroso e triste, para o mesmo *divan* de ainda ha pouco, onde se deixou cahir em peso, com as palpebras cançadas fransidas n'uma contrariedade e corridos de asperas contracções os labios lívidos. A condessa, vagarosamente tambem, ageitára o seu rico roupão de noite sobre a cama, na manifesta disposição de se deitar. Depois, voltada ao conde, que batia nervoso as mãos uma contra a outra:

— Então?

— Que queres? — disse elle, desintendidamente.

— Veja lá, quando acha horas?

— Não entendo...

— Quéro-me deitar!

— Pois deita-te... Quem te pega?

— O quê!? Estás doido?... Comtigo ahi?

E, dizendo, os grandes olhos negros de Henriqueta endureceram n'uma repugnancia, n'uma indominavel aversão, subida do fundo d'alma.

O conde arriscou:

— Era porventura a primeira vêz?

— Quasi...

— Como és cruel!

— E tu como és aborrecido!

— Ora anda cá, minha querida... — insistia o conde com doçura, lavantando-se e arrastando pela alcatifa as suas passadas tremulas. — Visto dizeres que não és ingrata...

— E não sou!

— E tendo eu acabado de te prestar um serviço... porque não has-de tu, em troca, decidir-te a conceder-me esta pequena recompensa... tão legitima... a unica que me satisfaz! que de todo o meu coração te imploro!

— Mas o quê, afinal?... — objectou com frieza a condessa, cruzando os braços.

— Vêr-te deitar... singela e confiadamente, deante de mim... como nos bons tempos.

A condessa abanava negativamente a cabeça; elle lembrou com saudade:

— Como ha vinte e cinco annos!

— Vinte e cinco annos! — repetiu a condessa amargamente, suspirando. — Quem os pudésse desviver!

E os seus grandes olhos negros erguiam-se ao alto, n'uma dolorosa expressão em que se lia toda a errada orientação, toda a synthese falhada da sua vida.

— Então? digo agora eu... — tornou o conde, inflexivelmente postado deante d'ella. — Porque é que esperas?

— Por que o senhor sáia!

E como ainda assim o conde não se movêsse, Henriqueta cresceu para elle, ameaçadora, com os labios brancos.

— Pois o senhor, francamente, não teria asco, não teria vergonha de voltar a vêr na intimidade a sua mulher, suspeita de peccado?... teria alma para abraçar de novo, com entusiasmo, com amor, este meu corpo gafo de adulterio?

— Não vês que sim!

— É que... eu estou a vêr... o conde pertence a essa derrancada familia de devassos que procuram a deshonra como estimulo! que precisam, para aquecêrem, do chicote em brasa da infamia!

— Será o que tu quizeres... — balbuciou perdidamente o conde, de mãos estendidas, aproximando-se.

— P'ra traz! — intimou-lhe a condessa com desprezo. — Eu é que nunca poderia! Entre o inviolado recato da minha carne e a grosseira imposição do seu desejo, ha hoje o cortejo animal das suas amantes... ha toda essa immunda vasa de depravações, de ignoradas e sujas coisas, de supremas abjecções moraes cuja só adivinhação revolta! — E agitava vivamente, com repulsiva energia, as mãos diante do rosto erguidas. — Crédo! meu Deus... era-me impossivel!

— Então, nunca mais?...

— Nunca mais, não! juro-lhe... — E avançando, aprumada e altiva, de braço estendido á porta, ganhando passo a passo o terreno que cabisbaixo o conde ia deixando: — Vamos! são

horas... Seja digno uma vêz na sua vida... Sáia!
deixe-me! vá-se deitar!...

E quando amarfanhadamente o conde se arrastava já, ás escuras, pelo corredor, docil e humilde como um podengo, ainda a condessa, tendo-se abaixado, colheu do chão a photographia mysteriosa, e atirando-lh'a aos pés:

— Olhe a prenda que não se esqueça...
Conforte-se com ella!

Depois do que, o bater violento da porta do quarto de Henriqueta resôu alto no silencio tumular da noite.

II

No dia seguinte áquella vergonhosa scena com a mulher, o conde de Fiães, que levára o resto da noite n'uma insomnia pegada, levantou-se de repente muito bem, afastando para traz do espirito esse desagradavel incidente, fugindo cobardemente á consideração da propria infamia.

Seria verdade ou não seria... A bôas horas! Elle queria lá saber... — E, n'esta philosophica disposição, lavou-se, perfumou-se com cuidado, n'um bem estar tranquillo, almoçou com a familia em amoravel conchego, como se nada de anormal se tivesse passado; e, dizendo apenas de escape ao filho que não se désse tanto ao *Chat Noir*, sahiu, gastando breve este curto dia de inverno n'um descuidoso frandunar de acaso, só permittido áquelles a quem o oiro fêz a existencia segura.

E durante toda essa rápida successão de horas mansas é de saber que não foi ainda a traição, a dureza, o affrontoso desdem da mulher que o preocuparam. Pelo contrario... demasiado o tinham feito já soffrer esses diabolicos instantes, para que agora não procurásse antes sanar o seu efeito por quaesquer correspondentes evocações de prazer. A sua viva sensibilidade, a irritavel commoção dos seus nervos, demasiadamente batidos por uma insalubre massagem de goso á sobreposse, resentiam-se enormemente da dôr, cujos effeitos perante a sua debilidade viciosa se multiplicavam. E então vinha, imperiosa, immediata, excessiva tambem, a necessidade de reacção. Por isso afastava com afflictivo cuidado, a cada momento, o pensamento da mulher, para o passeiar de preferencia por agradaveis e appetecidas coisas... por exemplo, a sua querida, a sua linda e adoravel Paixão!

É verdade que ella era uma mulher de baixa extracção, ordinaria, ignorante; mas fazia de fina, representava de ingenua tão bem! Só aquelle seu instinctivo talento de comediante era um encanto. Capaz de illudir todo o mundo... O mais pintado! Era sua preocupação constante passar por virtuosa; e o caso é que nunca ainda a tinha apanhado em falso. Feliz até ahi! E não havia meio de lhe ouvir uma obscenidade: só isto quanto não valia! Depois, muito discreta nos gastos, não tinha extravagancias, sóbria, economica. Só ás vezes a bebida... defeito de educação!

Dizia-lhe ella com frequencia, em momentos de carinhoso abandono, — «que podia servir de exemplo a muitas casadas.» O conde agora recordava-o, n'um instinctivo pejo, e trazia em parallelo á memoria a scena da vespera com a condessa, que lhe accendia nas temporas um latejar de predestinado. D'ahi, seguidamente, o

seu irreductivel fundo egoista trazia-lhe como caridosa compensação o orgulho da posse, incontestada, absoluta, d'uma mulher assim... Era um fraco estúpido aquelle seu, agora, no calcanhar da vida, proximo dos cincoenta annos. Mas porventura o caso seria novo? seria um phenomeno exclusivo d'elle?... A quem é que não tem succedido, irremissivelmente, vêr-se tomado de assalto por inconfessaveis momentos de fallencia em todos os principios bons e salutareis da vida? surprehender-se inleiado por intimos naufragios moraes, cujo menos pernicioso corollario é ainda o ridiculo?

Pensando por esta fórma, a sós no seu gabinete, o conde, que ao fim da tarde recolhêra á casa, procurava desculpar-se, afagando na passividade d'este pessimismo dissolvente o seu cansaço, amarfanhado agora no mesmo *fauteuil* que na vespera lhe confidenciára os lamentos de

marido ultrajado: — Hoje somos todos assim... Ou mais a occultas, ou mais ás claras, em todo o homem actual germina, braceja e fermenta a tyrannia d'um vicio. Podemos quasi contar cada dia por uma nova defecção moral. Somos uns castrados da vontade, acanalhamo-nos por prazer. E por prazer nos desbaratamos a fazer mal... a nós e aos outros. E é fatal, e é logico, e é bom... deixar fallar! — Confortado por esta amarga evidencia, o conde estirava-se mollemente ao longo do *fauteuil*, a nuca no rebordo do espaldar, descahida n'um mau riso a bocca, os apagados olhos ao alto. E continuava pensando: — Afinal, não sou só eu, está-se a vê... é isto! Ou seja uma mulher vulgar que nos empolgue, ou uma ambição ruim que nos desvaire, o nosso papel de titeres de lama na perversa mão dos outros fica sempre o mesmo. Não ha resistencia, não ha dignidade, não ha brios...

Depois, subito, aprumando-se, movido por um secreto desejo:

— E o que é afinal a dignidade? Onde começa, onde acaba? Quem é capaz de me dizer?...

Abruptamente, erguia-se, sacudindo os hombros:

— Ora adeus! sou com'os mais... Vou mas é jantar co'a Paixão.

Tomou o chapéu, e ao passar do gabinete para o patamar da escada, onde o guarda-portão accendia o gaz, cruzou-se com as duas filhas, que subiam apressadamente, muito embrulhadas em peliças negras e respirando alto, a fina epiderme appetitosamente rosada sôb a aba discreta dos chapéus.

— Bôa noite, papá!

— Bôa noite... Então d'onde vêm, minhas filhas?

— Ora! fomos a casa da Forbes, das Prazeres... de caminho entrámos em S. Luiz, onde pré-gava o padre Pliel... — disse uma dellas, alta e loira, d'este loiro límpido e enxuto, feito de sol e de virtude.

— Logo vi... — remoeu o pai.

— Depois ainda entrámos no Quaresma, e agora aqui assim no Leitão... — continuou a outra, que era baixa e refeita, tinha a epiderme tostada dos temperamentos fortes, e uns grandes olhos negros, como joias, a intervallos molhados de desejo.

Entretanto, a irmã tornava:

— Bem vê, papá... a marquezia faz depois de amanhã annos e parecia mal...

— E ella a vossês o que lhes dá?

— Embora! mas parece mal. É a nossa presidenta.

— Lá vêm a tal asneira!

— O' papá! — protestou logo a loira, alongando ainda mais o indignado busto e empallidecendo. — Uma instituição tão séria, tão util!

— Será, Leonor, será... — disse sacudidamente o conde. — Eu é que não quero que as meninas andem sempre lá mettidas!

E, dizendo, o conde encarava meigamente, com visível predilecção, com ineffavel carinho, a figura alta e melindrosa da filha, que tinha nos labios de morango um sorriso virginal perennalmente aberto; que baixava, n'uma contrariedade, as palpebras sobre os olhos averdongados, innocentes e translucidos como sôb um céu sereno a profundidade mansa do mar; e de cuja expressão, de cuja linha fugidia e hirta reçumava o que quér que fosse do aereo alheio a este mundo, ainda mais fortemente accentuado o

seu altivolo character no alongamento ethico do collo, na afusada e eburnea extensão das mãos.

Mas, em defêza da irmã, objectava Olympia:

— Papásinho, ha-de-nos dizer porquê?...

— Porque não quero!

E rapidamente o pae, ladeando o grupo das duas filhas e tomando á escada:

— Bem, adeus... Tomem sentido! E digam cá á mamã, eu não venho jantar.

Ia o conde, com a tremula mão á frente, a procurar com cuidado o corrimão da escada, quando novamente Olympia, tomando-lhe o passo:

— Papásinho, espere, venha cá... Não seja mau! — Tomava e afagava com carinho a emaciada mão do conde entre as suas: — Porque é que nos prohiibe assim de irmos á *Liga*?

— Porque não acho conveniente.

— Uma coisa tão innocente! O unico divertimento que temos!

— Rico divertimento!

— Então! até chega a ser uma offensa... Pois que póde o papásinho imaginar de nós?... Olhe a Leonor o que está de contente!

E, dizendo, Olympia apontava ladinamente ao pae a irmã, — a filha sua dilecta, — e que se immobilisára n'uma tristeza, longa e diaphana contra a parede, como uma lendaria figura de cathedral.

— Ó filhas, mas porque não vão vossês antes para o theatro?

— O theatro! agora o theatro... — murmurou Olympia malignamente, com um sorriso mysterioso.

— Tua mãe não vae para lá?

— Pois por isso mesmo...

— Que queres tu dizer?... — acudiu de salto o conde, soltando a mão, com uma dolorosa, expressão nos labios rôxos.

E ao mesmo tempo Leonor, muito vexada:

— Olympia, cala-te!

— Explica-te, rapariga! — tornou o pae. —
Mando eu!

Porfim Olympia não teve mais remedio, e após uma pausa de enleio, com a voz sumida:

— É que... o papá desculpe... mas nós bem temos percebido, a mamã gosta mais de ir sósinha.

O conde, excessivamente pallido, teve um estremeção de colera, e uma crispação de raiva arripou-lhe a curva bondosa dos olhos côr de cinza. Comtudo, disfarçando:

— És tôla! Pois que razões têm vossês?...

— Temos, temos...

— Que dizes a isto, Leonor?

— Eu, nada...

— Confirmas o que disse tua irmã?...

A loira Leonor manteve-se n'um mutismo eloquente, que fêz o pae baixar a cabeça, n'um desanimo, com os olhos mortaes e as pelhancas da face dolorosamente estiraçadas. E ella então, aproveitando:

— De sorte que a gente... á falta de melhor...

— A marquezia, o conego, são tão amaveis...

Já n'um começo de capitulação, o conde observou:

— Porque não vae ao menos o Luiz comvosco?...

— Olha quem!

— Diz que não tem a bóssa fanatica.

— Venha o papá...

— Eu, que ideia! Nem sou hypocrita, nem tôle.

— Já vê, quem assim lhe falla... é porque não tem nada a receber.

E Olympia tornava, de roda do conde, muito mocanqueira, beijando-o:

— Então, diga, papásinho... é amigo das suas filhas? Dá licença que continuemos a ir?

N'uma contrariedade mordente, o conde hesitava; quando Leonor, com ar decidido:

— Oh, meu Deus! Pudésse eu professar, que já lhe dava o remedio!

Então o conde, finalmente subjugado, condescendeu:

— Vamos, está bom, andem lá... Continuem. Mas muito juizinho! senão... — E já descendo a escada: — E não se esqueçam, hein?... Eu não janto.

Tomando, rapido, rua acima, levantou a gola do sobretudo, accendeu o charuto e calçou as grossas luvas côr de sumagre, a resguardar-se instinctivamente do frio cortante que fazia. Deixava atraz de si, mais uma vêz, por explicar,

por esclarecer, aquelle problema dissolvente do seu lar... mas era por isso mesmo que lhe fugia! Mysteriosos compromissos lhe traziam vivamente entretida a mulher, não havia duvida; detestava-o a elle, escondia-se das filhas. Tambem por parte d'estas os laços da familia ameaçavam de romper-se, o seu coração sentia-o bem... duas ordens de attracções, duas especies de voluptuosidades, qual d'ellas a mais imperiosa, andavam apostadas em arrebatá-lh'as, — a uma a mystica seducção do fanatismo, a outra talvez a ardente suggestão do amor. Egualmente o Luiz, o seu querido filho, tão prendado, tão fino, d'antes tão angelicamente casto e tímido, se estava perdendo e escapando-se-lhe, abandalhado na grosseira bohemia dos *cancans* e patuscadas suspeitas. Estava feito um valdevinos... d'aqui a pouco nem já conheceria a casa. E o mesmo viria a succeder ás irmãs, assediadas diabolicamente por judeus tonsurados

que lhes queriam comer as heranças, por damninhos pintalegretes que lhes tramavam denegrir a virtude!

Porque não procurava elle então, — elle que conhecia todos estes males e antevia o desabar imminente, sobre o seu nome, de tanta desgraça, — porque não procurava, resoluta, decididamente, travando o passo ao erro, evitar o resvalo fatal em tanta somma de vergonhas?... Pois não era elle n'aquella casa o responsavel, o dono, o senhor? Não era elle o marido, não era elle o pae?... Ainda estava a tempo. Mas... E aqui o conde sentia que, para impôr a sua vontade e commandar o respeito, teria que dar elle tambem o exemplo, teria que modificar a sua vida. Aqui a dificuldade... O seu despotico egoismo sobresaltava-se. — Renunciar, n'aquelle declive da vida, ao goso, á saborosa facilidade do habito, áquella epicurea e solta despreocupação, ao

cynico despreendimento dos negocios internos de sua casa, commodamente conjugado com a sua libertina dispersão no exterior?... Ora! podia lá ser... Era tarde! — E agora, um pouco allucinadamente, o conde, querendo illudir-se a si proprio, procurando com a fatalidade mesma dos acontecimentos desculpar a viciosa obsessão da sua alma, renitia em convencer-se de que era tarde, sim... para reaver o governo da casa, o respeito e o amor da familia. Devia ter acordado mais cêdo. Agora... havia de ser o que Deus quizésse!

Passava, ao tempo, pelo Leitão. Entrou, para pagar a despeza que, pouco antes, acaso tivéssem feito as filhas. Então descortinou, muito appetitosos e inéditos, na *vitrine* sobre o mostrador, uns novos modelos de pulseiras, ainda não vistas em Lisbôa, — especie de cremalheiras em pequeninos fusis de oiro fôsko, que deviam

cingir-se voluptuosamente a todas as modelações do braço. — A Paixão não tinha uma pulseira que digâmos agora... Se elle lhe fizésse uma surpresa?... — Minuciosamente, escolheu e pagou. — E tambem, já agora... uma coisa pedia a outra. Ella não o esperava... era gulosa. — Chamou um trem, mandou bater para o Ferrari. Ahi escolheu porção de *pralines*, algum dôce de fructa crystallizado, uma caixa de *Champagne*; e tendo tudo accomodado ao lado d'elle, mandou então seguir para o Bairro-Alto.

— Que contente ella ia ficar!

Fôra como conseguira prendel-a... assim, pela gratidão. A desavergonhada, a principio, dizia muito ás claras, no *atelier* de costura onde trabalhava, — «que não o podia nem encarar; vê-lo era como quem via o diabo do inferno!» Mas depois, com o tempo, elle fôra tão presequerante, tão perfeito, tão delicado sempre nas suas

propostas, que a mulher cedeu... Cortou por completo com antigas relações, com velhos affectos e camaradagens suspeitas, e era toda d'elle agora, e só d'elle! — Teria merecido a pena?...

Com sincera estranheza, o conde fazia agora, pela primeira vêz, esta interrogação a si mesmo, e sentia frio na alma. — Era forçado a reconhecer que logo desde os primeiros dias de mais intimo convivio com essa tão appetecida Paixão, a desillusão fôra bem grande... As vagas perfeições que n'ella imaginára, haviam desaparecido então como que no encanto d'um sonho. O coração ardente de Edmundo, antecipadamente exaltado pela belleza da mulher que queria para sua amante, concedia-lhe uma ampliação generosa, emprestava-lhe grandes qualidades moraes, phantasiava n'ella superioridades intellectuaes e finuras de sentir extraordinarias, cuja prosaica

ausencia fôra em breve forçado a reconhecer!
Ainda depois esperou que ella, ao menos, por uma grata sympathia, lhe confiásse os seus segredos, os mysteriosos meandros da sua vida, as dolorosas fadigas da sua alma... Ella não sabia senão pedir-lhe dinheiro!

Mas, embora, o character abyssal e a carne diabolica e perversa d'aquella mulher haviam-no brutalizado, fanatisado por completo! Só ella hoje tinha o exclusivo do seu coração e o imperio incondicional do seu desejo.

Chegado a certa casita solitaria da rua dos Mouros, o conde apeiou-se, tomando os embrulhos, despediu o cocheiro e bateu. Silencio absoluto. Tornou a bater, com ligeira impaciencia e o coração inquieto, levantando os olhos ao primeiro andar. Então surprehendeu ainda uma cabeça de mulher, que, erguida a cortina, viéra

espreitar, cortada em negro na claridade que vinha do interior, e que desapareceu n'um instante.

Logo a porta se abriu, e em cima a creada, de avental branco e penteado alto, com um candieiro de petroleo na mão, a alumiar. O conde, já satisfeito e tranquillo, subiu devagar a escada, estreita e n'um só lanço em linha recta, entaliscada entre as paredes encardidas, e, chegado ao patamar, fixou os olhos inquisitoriaes na creada, que, impassivelmente, lhe deu as boas noites, offerecendo-se para tomar os embrulhos. Elle porêem escusou-se, e entrou direito para a sala de jantar, ao fundo, com os funebres labios aquecidos n'uma expressão carinhosa e o olhar feliz.

Ao centro d'essa pequenina bocêta perfumada, — illuminada a gaz, as paredes, brossadas de ingenuas paysagens, profusamente guarnecidas de pratos da India, abanos e lagartos

de louça das Caldas, e á janella um papagaio e um canario, — havia uma mêsa elliptica, toalha posta, crystaes e fructas, á qual abancava uma grande mulher morena, de abundante cabello crêspo, roupão de musselina azul com rendas, muitos anneis nos dedos.

— Ah, é o conde?... — disse ella, n'uma naturalidade forçada, mal viu o descadeirado vulto do amante apontar á porta, e compondo-se na cadeira.

— Sim, meu amor... — balbuciou Edmundo, muito affectuoso, aproximando-se, beijando-a no cabello. — Não me esperavas?

E logo ella, com frieza:

— Sente-se!

— Sabes? olha que eu venho jantar... — tornou, d'ahi a momentos, o conde, desembaraçando-se dos embrulhos para cima da mêsa.

— Pois faz mal! — exclamou a Paixão, n'um leve movimento de impaciência.

— Ora essa! e porquê?...

— Porque não tenho nada que lhe dar... Era jantar só para mim.

Dizendo, a bruna amante do conde, visivelmente inquieta, despediu um furtivo olhar de receio para a alcôva ao lado.

— Só para ti?... — objectou o conde, analysando a mesa. — Mas, espera... eu vejo dois talheres!

— Dois?... ah, sim... — acudiu ella, sem se desconcertar. — Um, bem sabe, põe-se sempre, porque póde o conde vir... como agora... ou alguma amiga minha.

— Põe-se para mim?... Mas o garfo está sujo! E o pão...

— Fui eu que comi d'elle... — Tinha começado agora. — Dizendo isto, a ladina

cravava no conde uns d'ôces olhos de meiguice, a subjugal-o; e envolvendo a mão d'elle na pôlpa macia e quente da sua: — Mas deixe vêr, seu tôlo... o que é que traz ahi assim p'ra sua menina?

— Adivinha lá...

A Paixão apalpou os embrulhos, e com fastio: — Ora! bôlos... que semsaboria! Não valia a pena.

— Serão só bôlos? — voltava elle, intencional, com os olhos languidos.

E a impetuosa trigueira, n'um amuo:

— Quéro cá saber!

— Eu é que quéro jantar, não te esqueças. — Depois, outra vêz com o garfo suspeito na mão: — Mas este garfo! este garfo assim...

— Lá torna o senhor! — E com reprehensivo tom, para a cosinha: — Joaquina!

— Não será isto antes, — tornava entretanto o conde, — algum flagrante corpo de delicto?

— Vá! vá! bem sabe que não gósto d'isso.

— Eu é o que vejo...

— Nem por sombras lhe admito que desconfie de mim!

Ao tempo entrava, muito bem ensaiada, a creada:

— A senhora chamou?

— Chamei, sim, minha trapalhona! Olha o garfo que puzéste no lugar do senhor! Não sei p'ra que te servem os olhos. — E, furibunda, a Paixão atirava com o garfo em litigio á creada, piscando-lhe ao mesmo tempo significativamente um olho, do lado d'onde o conde não podia vêr.

— Ah, minha senhora, peço desculpa... É que...

— É que, é que... Toma conta, não te torne a acontecer!

— O senhor conde janta?

— Janta, sim... Traze o resto da sôpa.

— Sim, minha senhora.

E, trocando com a patrão um rapido olhar de receio, a Joaquina sahiu.

Uma vaga e instinctiva desconfiança laborava com insistencia o conde, que, com um sorrir amargo:

— Estavas então sósinha?... — Ella abanou affirmativamente a cabeça, sem coragem de o olhar. — E se eu fôsse verificar, correndo as casas?...

— O' conde, está doido! — exclamou ella n'um impeto ancioso, quasi afflictivo, saltando em pé. Mas logo, ao vêr a pallidez e o ar resolutivo do conde, como quem toma uma resolução decisiva e a conjurar o perigo: — Que, isto é, pela offensa que o senhor me faz é que eu digo isto... Porque o mais, não tenho receio, ande... á vontade! A casa é sua!

O conde, também em pé, hesitava; e ella então, recobrando animo, com o farto seio offegante:

— Mas ande... Então? desengane-se!

Delicadamente, o conde voltou a sentar-se, com o cavado rosto n'uma tremura; e, limpando o prato com o guardanapo:

— Bem, está bem...

Agora era elle que não se atrevia a encarar a mulher, a qual trocou então um novo olhar com a Joaquina, que entrava com a sôpa, — mas d'esta vêz um olhar de triumphante e esperto jubilo.

Atacando já distrahido a sôpa, dizia solícito o conde:

— E tu não comes?

— Nem tenho mais vontade... Comi dois *croquettes* e parece-me que com isso ficarei.

— És um pisco! Nem sei como sustentas um corpo assim... E beber, também não?

— Já sabe o meu costume... — balbuciou dengue a Paixão; mas de repente, vendo que o conde olhava com estranheza uma garrafa branca de vinho, posta na mêsã: — Mas hoje apeteceu-me... Tem estado um frio!

E, n'um adoravel geito friorento, encolheu-se toda, embricando os braços e fazendo regueifar com elastica firmeza a opulencia redonda do seio.

Ao que o conde, n'um pigarro sensual:

— Trago-te aqui *Champagne*. É melhor...

— Não, não...

— Vou mandar abrir.

— Não mande, que eu agora não bebo... — E com uma subtil perversidade, reçumando instinctiva da expressão: — Deixe ficar!

— Pois, olha, os *croquettes* estão deliciosos. E dizias tu que não tinhas jantar para mim!

— E é verdade.

— Tinhas mas era talvez pouca vontade de me vêr hoje por cá...

— Que idea! — disse ella, dominando com exforço o tédio.

— Não tenho pão... — tornava o conde; e logo, voluptuosamente, pegando no pãosinho ao lado: — Ah, espera... este é que eu quero, que já foi encetado por ti... Até me vae saber melhor!

A Paixão e a Joaquina trocaram um piedoso sorriso, intraduzível. E quasi ao mesmo tempo o conde, desconfiado:

— Diabo! sabe-me a cigarro...

— Que está o conde a dizer!?

— Não ha duvida... É bôa! — tornava o conde, com o pãosinho junto do nariz.

A Paixão córou intensamente; no emtanto, muito senhora de si, a fazer de indignada:

— Ora o conde que tal hoje vêm! Quer por força implicar comigo... Diga, já me viu alguma

vêz fumar? — E tirando-lhe o pão das mãos, n'um arremesso: — Quem o poria hoje assim?...

N'um instante a Joaquina pôz outro pãosinho ao lado do hypnotizado velho, que, n'uma peganhice do instinto, remoendo:

— Não, ninguém me pôz assim nem assado, filha... mas é que as coisas são o que são. Como não queres tu que eu reponte, se não vejo senão coisas exquisitas?

— Mas que coisas?

— Ainda o perguntas! É isto... talheres a mais, e sujos, vinho para quem não bebe, o cheiro do tabaco em quem não fuma... Vê lá, se ainda achas pouco!

Implicativamente, a Paixão batia com o pé no sobrado, sem responder, inconchando n'um rancor os olhos. Depois, com os lábios desdenhosos:

— Sabe que mais? p'ra outra vêz annuncie-se!

— Isso querias tu... para te garantir de surpresas!

— Nunca tive medo.

— Parece que o tens agora.

A Paixão teve um rir perverso. Em quanto elle, nervosamente:

— Mas afinal eu é que tenho a culpa... acostumei-te mal. N'uma casa que é minha, entro sempre como uma visita... e de cerimonia. Mas deixa que isto vae acabar! Amanhã te direi! Uma fechadura ingleza n'aquella porta, trinque lá em baixo, e eu entrarei depois sempre que me appetêça, como e quando queira...

— Faça o que quizer...

— Apre! que parece condição esta de todas as mulheres. São as taes «viboras dolosas». Tanto peor nos tratam, quanto mais bem se lhes faz!

A amante do conde, julgando agora azado o momento para cortar o incidente com vantagem

própria, ergueu-se de impeto e com uma grande vivacidade, e a expressão ao mesmo tempo indignada e lamuriosa:

— O' conde, veja lá... se não acaba, peço licença e retiro-me!

— Porquê?...

— Ainda me quér invenenar mais o jantar?

— O' filha, — balbuciou o conde, enternecidamente, — eu não quéro coisa nenhuma...

— É p'r'ó que serve dedicar-se a gente a um homem!

— Isso é verdade?... Dize outra vêz!

— Muito caro me sáe o migalho de pão que me dá...

— Escuta, ouve... — tornava o conde, com a voz carinhosa e languida. — Anda cá... Massacrar-te, eu! Não sejas injusta, perdôa-me. — E tremulamente, condoído, fazia-a sentar-se

outra vêz. — Pelo contrario, quero-te muito, meu amor... Tomára eu vêr-te sempre bem contente, bem feliz!

— Ninguém dirá!

— É a verdade.

— P'ra me tratar mal, escusava de me ir *attentar*... arrancando-me á paz e á independencia do meu trabalho. Mais valia!

E encostava langorosamente na mão a cabeça, com o cotovelo apoiado na mêsã, e a firme e tostada opulencia do antebraço a descoberto.

O conde aproximou d'ella os dedos tremulos, com a palpebra languida e uma sincera piedade na expressão:

— Tratar-te mal eu, minha flôr... tu deliras! Ou então não me comprehendêste ainda. Pelo contrario, todas estas minhas resignas são antes a prova do muito que eu te quero. Olha, a todo o momento me lembrás, andas presente no meu

cuidado... a proposito de tudo. Palavra! Como ainda agora... queres vêr?

E carinhosamente, n'uma alegria infantil, o conde abria deante dos olhos morosos da amante o estojo contendo a pulseira.

Os grandes olhos de setim molhado da Paixão tivéram um relampago de alegria, enquanto a bocca sensual se lhe expandia n'um trejeito avido e contente. E, abandonando o braço, n'uma volupia morbida, deixava que o conde lhe cingisse o pulso redondo com aquella gargalheira leve e ductil, fulgrando em macios e discretos brilhos.

— Fica-te bem, vês?... — dizia o conde, satisfeito tambem, com o labio guloso, com as pálpebras momentaneamente erguidas.

— Não está mal... — disse ella, passada já a primeira impressão do inédito, n'um meneio desdenhoso. E afastava a mão, endireitando o

braço e olhando, em pequeninas rotações do pulso
appetitoso.

— Já vês que não sou tão mau como dizes...

— tornou o conde. — Ella agradeceu por um
sorriso. — Assim tu o não fôsses tambem para
mim!

— Não come mais?

— Passou-me a vontade...

— O quê? pois nem sobremêsa? Nem um dos
bôlos que trouxe?

— Nada! nada! — E, interdito, o conde, com
o esqueletico queixo na mão nervosa, não
despegava de a olhar. Depois, imperiosamente,
chamou: — Joaquina!

A creada appareceu logo, com o seu estudado
ar impassivel, as mãositas brancas nas algibeiras
do avental.

— Accende lá dentro o gaz.

— P'ra quê?... — repontou a Paixão com
extranheza. — Não toma o café aqui?

— Tomo, sim, — disse o conde com
meiguice, — mas depois...

— Queria-se demorar?

— Queria e quero...

— Ai, conde! — arrastou ella, n'um tédio
enorme. — Por amor de Deus! não me obrigue
hoje a esse sacrificio.

Timidamente, o conde insistiu:

— Só conversar...

— Coisa nenhuma! Impossivel, meu caro
conde... desculpe-me...

E, aproveitando o instante em que desanimado
o conde abatêra a cabeça, a Paixão fêz
significativamente um aceno negativo á creada,
que sahiu no mesmo instante. E ella tornou,
poisando a mão no hombro do conde, a adoçar a
recusa:

— Meu rico amigo, tenha paciência, a culpa foi sua!

O conde ergueu para a amante o melancolico rosto devastado. Quando ella continuava:

— Veio p'r'ahi assim fazer-me scenas, confundir-me com essas mulheres indignas... de sorte que se me armou uma dôr de cabeça horrorosa! Anda-me tudo á roda!

— Perdão!

— Isto é muito bom de dizer, mas o mal é que já ninguém m'o tira... Ai! — E n'uma contracção dolorosa erguia a mão a repregar a testa.

— Toma café comigo, que talvez te passe.

— Não, não... vou-me mas é deitar.

— Sempre esquiva p'ra mim...

E o conde, arrastando a cadeira, aproximava-se com melluria.

— Esquiva?... Sou bôa demais. Nem o conde sabe o que aqui tem, aliás estimava-me por outra

fórma. — E com affectada arrogancia: —
Tomáram muitas casadas!

— Sim, filha, bem sei... isso e muito mais, vamos lá p'ra dentro... é o que eu te quero explicar!

— Não, não... já lhe disse, não estou nada p'ra explicações! Vou-me deitar, já sei... é como me passa.

— Está bem, — disse o conde resignado. E erguendo-se, ia a encaminhar-se rapido para a alcôva ao lado.

O que fêz com que logo a Paixão, de salto, lhe tomasse o passo, n'uma indominavel expressão de terror. Mas foi um relampago. E immediatamente, muito risonha, recobrando-se:

— O' conde, então que é isso?...

— Ia-te abrir a cama.

— No quarto da creada?...

Ambos riram; e depois d'uma pausa o conde, sem nada ter percebido:

— É verdade! desculpa... Que distracção a minha!

— Eu é que tenho que pedir-lhe desculpa, meu amavel conde, mais uma vêz... — murmurou mocanqueira a Paixão. — Queria pedir-lhe um grande favor... — Apertava-lhe na frente com familiaridade as bandas do sobretudo. — Deixe-me ir deitar, sim?... Não pôsso co'a cabeça, as fontes estalam-me. — Houve uma pausa de enleio. — E ámanhã de manhã, muito cedinho, qué?... vêm então saber de mim!

O conde mordia raivoso os labios brancos. Porfim, com os olhos humidos, com a face arrepanhada de desejo, voltou costas, e sem mais palavra dizer tomou o chapéu e sahiu.

Se se tivésse demorado no patamar, escutando á porta, poderia então ter ouvido dentro, instantes

depois, um grande chalar alegre, e o estalar da primeira rôlha das suas garrafas de *Champagne*, bacchicamente sublinhado por uma girandola de beijos...

O seu trajecto do Bairro Alto a casa foi moroso e difficil. A cada momento, receioso e vergado a uma dolorosa incerteza, o conde parava, alheiado e immovel no basalto das ruas bafientas, tomado do intimo desejo de retroceder... Mas a sua vontade abalada não conseguia traduzir em realidade esse desejo. A sua bondade de instincto, a cobardia dos nervos extenuados, faziam-n'o evitar com repugnancia um acto que poderia muito bem affligil-o, collocando-a a ella n'uma situação injustificavel e cobrindo-o porventura a elle de ignominia. — Pois tambem ella?... Nada, não valia a pena, não podia ser! — E então, pêrra e incertamente, o conde lá ia seguindo uns passos mais, por entre os renques de lojas com vermelhos

lanções pendentes, e acotovelado sem resguardo pelos vultos suspeitos que passavam.

Chegado a casa, deitou-se, mas não dormiu. Por mais sinceros esforços que fizésse em afastar da ideia aquelle arreliador episodio, a attitude extranha da amante voltava a renhir escarninhamente no seu espirito. A pungente recordação do garfo sujo, do vinho, do pão sabendo a cigarro, e depois a frieza, o patente desprendimento d'ella, a sua quasi perversa hostilidade, saltavam-lhe de repente, a cada momento, na lembrança, arrancando-o em sobressalto da madorna em que ia a annullar-se o seu pobre corpo extenuado. — E, depois, recordando factos, aproximando datas, chegava á conclusão que não era só de agora o phenomeno. Havia bem tempo que... agora lhe lembrava... nunca mais tinha encontrado a Paixão nas mesmas benignas e carinhosas disposições dos primeiros

mêzes. Umas vêzes porque acabava de entrar e vinha cançada, outras porque tinha que sahir; ou soffria de enxaqueca, ou precisava de ir vêr uma amiga intima que estava a morrer. Sempre! sempre! Esquivava-se, fugia-lhe, evitava-o, burlava-o evidentemente... Atraiçoal-o-ia com efeito!?

E, ante esta perturbadora suspeição, toda a devastada alma do conde se erguia indignada, fazendo-o estremecer n'um repellão de ciume, inundado d'um suor de febre. Sentia de roda de si labaredas de lume. Queria erguer-se immediatamente, apparecer lá em cima de repente, surprehendel-a, áquelle demónio, em flagrante, alli!... E se não fôsse verdade?... — gradualmente, aplacava-se; mas sentia então em torno de si como que um grande e álgido desmoronamento. N'um retrospectivo golpe de vista abarvaca, triste e condoído de si mesmo, toda

a vacuidade miseravel da sua vida. Era um horrivel sudario de vergonhas toda essa pobre existencia, passada ao abandono, sem um affecto sincero, sem um afago, sem uma lagrima, duro e interesseiro conflicto entre o seu egoismo insaciavel e a desalmada exploração dos outros.

Fôra isto, sempre, estava elle agora a vêr... desde a sua educação crepuscular n'um collegio de fanaticos, até ao seu casamento, feito pela familia, com aquella mulher para elle indifferente e desconhecida, a quem achava até as mãos ordinarias e o ar estúpido. D'ahi, uma vida marital monotona e insípida, um frio de repulsa no seu lar, onde prematuramente se fizéra outomno... As aventuras galantes viéram depois, naturalmente, levado elle, n'uma ridicula illusão, a procurar fôra de casa essas incoerciveis e sonhadas delicias da verdadeira vida amorosa, que dentro dos liames legitimos não lográra encontrar. Vivia muito por

fóra; o seu dinheiro fazia-o requestado e elle entregava-se... na ingenua mira sempre de que porfim alguma lhe entregásse o coração!

Conjunctamente, viciosos germens constituicionaes, apoderando-se d'elle, continuaram a sua obra de devastação, emporcalhando-lhe a alma e baldando-lhe a vontade. Solitario e contemplativo desde creança, nunca procurára as ruidosas diversões proprias d'essa idade. Dos quinze aos vinte annos, enquanto os condiscipulos e os amigos se estimulavam na caça, nas toiradas, nas mulheres, no jogo, elle, encerrado no seu gabinete, com um livro aberto na sua frente, masturbava-se. E lembravam-lhe, n'uma diabolica suggestão, as aventuras picantes com dançarinas que em pequeno ouvia contar ao pae, riscando-lhe no intimo um sulco de perversão indelevel.

Tomou, depois de casado, pelo mesmo caminho, viajou, esbanjou... foi pae por acaso. Deixou a dignidade, o coração em mil frangalhos, embrulhado em ridiculo, pelo calvario do amor. E agora, ao cabo de toda essa odysseia insalubre de aventuras, procurava um traço claro, uma só grata recordação que lhe illuminásse a alma, e não encontrava senão decepções, torpezas, ingratições, infamias... N'ellas e n'elle. Triste coherencia!

Assim foi desfiando, por toda essa longa noite de inverno, interminavelmente, a displicente anatomia de todo o seu viver anterior. E achava um como que prazer amargo n'aquelle antecipado amortallar da propria alma. Com uma secreta esperanza, entretanto... não o deixára ainda por completo a sua derradeira illusão. — Nada, não era possivel! A Paixão atraçoal-o... uma mulher que lhe davia tudo! — Abriu os olhos: era dia.

Levantou-se, lavou-se, vestiu-se com esmero, e sahiu logo, direito á rua dos Mouros, com o coração aos solavancos de alegria. — Vêr se ella estava melhor, e fazer-lhe a vontade... que fôsse muito cedinho.

Chegou, carinhoso, ofegante, e bateu.

A Paixão já estava a pé!

III

Na noite seguinte, seriam 9 horas, via-se todo illuminado o primeiro andar d'um prédio banal, caiado e com saccadas de caixilhos em quadriculas pequeninas, na travessa das Mercês fazendo esquina para a rua Luz Soriano.

Com intervallos de minutos, custosos trens paravam á porta, esguia e profunda como uma guarita, com dois degraus salientes sobre o passeio, e apparatusas damas se apeiavam, roçagando sêdas; ou chegavam, a pé, negros balandraus de ecclesiasticos e as figurinhas petulantes de alguns janotas em evidencia, luzindo-lhes muito as polainas e os collarinhos.

E o caso concitava grandemente as attenções da visinhança, para quem era como novo aquelle movimento de gentes finas, tão fóra do habito e das tradições do sitio. Datava de hontem, por

assim dizer; começára com aquelle semestre, desde que fôra vêr a casa uma senhora já edosa, toda de preto, de bandós grisalhos e oculos de aros de oiro, e depois andára a arrancar os escriptos um padre muito gordo, de solideu e meias rôxas.

Sobre o character das reuniões e o destino a que agora estava votada a casa, circulavam nas immediações desencontrados boatos e versões patuscas. Uns — que se tratava da fundação de um collegio para meninas pobres; outros — d'um méro *club* recreativo; outros — de mais um beato *coio*, sôb apparencias mundanas disfarçado. Que á portinha mysteriosa já algumas noites havia parado um *coupé*, tirado pelas mulinhas que costumavam fazer caminho entre S. Vicente e a Sé, não soffria duvida nenhuma. Affirmava-o de bôa-fé um morador do sitio, pedreiro, que conhecia a parelha por artes, muito afeito a vêl-a por andar ganhando a sua jorna nos grandes

restauros e obras então em andamento, no pequeno seminário e Paço patriarchal.

Por isso o beateiro do sitio já começava a reunir-se, besbelhoteiro e sôstro, áquella esquina, mal via o interior da casa illuminado; e pejava o passeio com o sujo alastramento da sua mancha de miseria, marmotando orações na avidéz d'uma esmola. E algumas dava, com effeito, a velha fidalga dos bandós. Como n'esta noite. Ao vêr, quando se apeiava, o implorativo bando apinhado, deu uma porção de prata miuda ao trintanario, para distribuir, e subiu logo, furtando-se ao fartum nauseante que, junto com um jeremiado côro de benções, se erguia na multidão.

Vencida a escada, alumuada por um simples bico de gaz, ao alto, no patamar, passava-se a uma primeira salêta de entrada, com o soalho gosmento e negro, orographado de grossas cabeças de prégos, um outro bico de gaz ao lado da porta, e

na parede fronteira, toda lisa e caiada, suspenso um grande crucifixo bysantino, de ébano com embutidos de madreperola, prosaicamente flanqueado por cabides com abafos.

Uma mulherita derrancada e esteril, de chale cruzado sobre a aridêz senil do peito e os rins dobrados n'uma perenne humilhação, acercou-se logo com respeito:

— Muito bôa noite, senhora marquezia.

— Adeus, Gertrudes.

— Salve-a Deus, minha senhora!

— Então, venho tarde?

— Ágora vêm... A senhora marquezia, já se sabe, é sempre das primeiras. Muito cuidado lhe merecem os pobresinhos, louvado seja o Senhor!

E a alcachinada porteira colhia dos hombros da marquezia o rico mantelête, de damasco de setim com vidrilhos e rendas, ao tempo que na sala ao lado se ouvia um pigarrar asthmatico e um

gatito maltêz vinha ronronando enristar-lhe a cauda pela barra do bestido.

— Ai o nosso bom Ascensão que já ahi está, com o seu implacavel pigarro! — exclamou com alegria a marqueza, passando, á direita, á sala immediata.

A mesma nudez monachal, o mesmo esmadrigamento de ruina do compartimento anterior. Uma modesta alcatifa de resguardo vestia o sobrado; mas no tecto lezardento e negro dançavam espectralmente as sombras, ao caprichoso palpitar do gaz que ardia nos dois extremos d'um tubo fazendo angulo recto com o varão de ferro que vinha do alto. Pelas paredes alinhavam-se, em interessantes moldurinhas de ébano com tremidos, lithographias barbaras dando episodios da vida de Santa Thereza de Jesus. E ao longo de toda a quadra projectava-se solidamente um bufete enorme de pau santo,

supportado por maçonêtas colossaes encabeçando os seus lindos pés torcidos, e sobre o qual uma grande confusão se amontoava de linhos, algodões, bordados e petrechos de costura, que sôb o reflexo verde dos pará-luzes dos dois candieiros se desenhavam tristemente.

Mal a marqueza entrou, houve um pressuroso arrastar de cadeiras e todos os da assistencia acudiram a comprimental-a e festejal-a com carinho. Vinham a ser: uma outra senhora, edosa tambem, obesa e flaccida, de touca de lacinho com rendas e mitenes, os olhos redondos, mal agourados hepatisações na face; uma loira creatura, um pouco mais de nubil, anemica e sonhadora, de hombros ladeiros, a pelle diaphana, d'esta pallidez de ambar que lustra os marmores antigos, a vida como que pendurada nos grandes olhos, doces e profundos; uma outra menina, morena e esperta, com o corpo alvoroçado por

momentos n'uma ardente precocidade, a sua oblonga cabeça oscillando n'uma instabilidade inquieta; mais o *Chico* Parreira, um tagarella incorrigivel, muito agradavel e insinuante com os seus olhitos de camaleão e a sua barbicha loira, o qual era despachante da alfandega, fundador da associação da *Juventude Catholica* e mordomo da irmandade do Senhor dos Passos, em S. Domingos; finalmente, o faceiro e rubicundo conego Ascensão, com o rosto caparrosado, crêspo o cabello, os labios fartos, os pequenos olhos azues perennalmente sorridentes, e que um pouco embaraçado se sentia n'aquelle lance, por se vêr obrigado a manter alargados os braços e abertas as mãos, que seguravam uma meada.

Tambem, na effusiva mutuação dos cumprimentos, não deixou logo a marqueza de lhe notar o extranho character de occupação:

— Que é isso, reverendo Ascensão, que é isso?... Então assim está usurpando funcções leigas?

— Que quér, senhora marqueza?... — balbuciou o conego, atrapalhado. Á falta de melhor...

— Então o snr. Parreira?

— Ainda não tinha chegado, — tornou o padre. — Aqui assim a D. Prazeres mandou...

— Bem, bem, mas endireite-se! — dizia-lhe com familiar imperio a esperta trigueira, de novello na mão. — Ai, que me enriça a linha toda! Entése esses dedos... Valha-me Deus, não tem mesmo geito nenhum...

— Pois, afinal, pensando bem, — volveu a marqueza, — a posição não lhe deve ser custosa... É como se estivesse a dizer *Dominus vobiscum!*

E todos riram de vontade, enquanto o conego baixava a cabeça n'um pejo hypocrita, descobrindo a caluba vermelhusca.

Entretanto sentára-se á cabeceira da mêsa a marqueza e ruidosamente os mais retomavam os seus logares.

— Então, meu amor, isso vae muito adeantado? — disse a fidalga para a loira, ao lado, dobrando o busto e segurando os oculos.

— Está quasi prompto. Que tal acha?

E estendia com ingenua vaidade sobre a mêsa o escapulario rico que estava bordando, a torçal, em alto relêvo.

— Ah, uma pura maravilha, minha filha! Vae ser o *bijou* dos paramentos das *Commendadeiras*. Abençoadas mãos!

— Eu já disse á snr.^a D. Eugeninha, — acudiu o *Chico*, lisonjeiro, — que o seu trabalho me faz

lembrar aquellas magnificencias tecidas tambem para ideal Angelica, do *Rêve*, de Zola.

Á inoportuna comparação, o flaccido rosto da dama dos mitenes, que acabava umas ceroulas, confrangeu-se de horror; ao passo que tambem, reprehensivamente, o conego:

— *Chico!*... ó *Chiquinho*... Por amor de Deus!

— Então não acham parecenças?

— Não nos traga para aqui o nome d'esse hereje!

— Um escriptor pornographico!

— Um homem sem crenças!

— Um devasso!

— Porém n'este livro supponho eu...

— Não ha este, nem aquelle! — tornou com irreductivel rancor o conego, na sua voz enferrujada. — É um nome sacrilego esse. Por modo nenhum póde ter logar aqui!

— Conego Ascensão! conejo Ascensão! olhe a minha meada... — tornava com arrebite a D. Prazeres, ao vêr o simiesco accionado em que as iradas mãos do padre se agitavam. — Vote como muito bem quizér ás penas do inferno esse tal hereje, mas tenha caridade com o meu algodão, que me custou dinheiro!

E como a sociedade voltásse a rir com o incidente, logo, conciliadora, a marquezia:

— Minha rica Prazeres, a culpa é d'ele, do snr. Parreira. Se em vêz de falar tanto, fizésse alguma coisa...

— O' minha rica senhora, faço o mais que sei... Enfio as agulhas.

E ao mesmo tempo a loirita segredava-lhe:

— Le *Rêve*, foi que disse?... Hei-de lêr.

Entrou ao tempo a derreada Gertrudes, tossicando e trazendo á frente, nos braços

tremulos, uma grande troixa que poisou sobre o bufete, em frente da marquezia. Esta disse logo:

— É uma tarefa nova que aqui lhes trago, ninhas amigas.

E em côro as outras:

— Ah, ainda bem! O que é? e que é?...

— Uma peça de panno crú para camisas.

— O quê! de homem?

— De homem, sim... Para os velhinhos do *Albergue dos Invalidos do Trabalho*. — E ante o frio silencio de reserva dos circumstantes, a marquezia rematou: — Estão promettidas!

— Isso de camisas é um trabalho muito aborrecido... — sentenciou com desdem a dos mitenes, arrumando para o lado as ceroulas e alongando n'um desdem os labios brancos.

— E sem arte nenhuma! — accrescentou a loira.

— Tem mesmo muito que se lhe diga... —
interveiu também a D. Prazeres, dobando sempre.

— Eu declaro que não sei.

— O' filhas! — volvia a marquezia. —
Camisas d'estas, é tão simples... Panno atraz,
panno adeante, não leva entretelas nem
humbreiras. Não tem nada que fazer. Gertrudes, a
tesoura... Alli o nosso *Chico* é quem vae talhar.

— E entretanto póde-nos ir contando uma das
d'elle... — disse trocista o conego, n'um froixo
de riso, juntando as mãos sapudas.

— O' conego Ascensão! — reprimendou
logo, muito agastada, a trigueirita. — Bem digo
eu. Fraca dobadoira!

— Estava bom mas era para novello... —
observou, a tirar a desforra, o Parreira.

E todo unctuososo, sem se desconcertar, o
conego:

— E tomára eu sêl-o, sim, Prazerinhos... nas suas mãos!

Novo côro de gargalhadas acolheu o galanteio, enquanto a Gertrudes, que já trouxéra a tesoura, voltava costas benzendo-se com sincero horror.

Cruzou-se quasi na porta com uma senhora alta e refeita, de mantilha prêta de sêda erguida com arte sobre o cabello castanho, vestido inteiro, preto tambem, cingido como uma couraça ao seu busto de estatua, liso e inteiriço, a epiderme sensual, o gesto decidido, e nos olhos, debruados de sépia, phosphorando inquieto e ardente um lume de desejo.

— Santas noites! — disse ella, logo da porta, n'uma quente e familiar expansão, dada do peito.

— Adeus, Claudina! — correspondeu a marqueza. — Teu marido?

— A mesma coisa...

— Tua irmã?

— Bem, obrigada... Mas cunhado é que passa cada vêz peor!

— Sim?... — acudiu a Prazeres com malicia, piscando o olho ao Parreira.

— É verdade... Muito fraco, tudo lhe aborrece... palpitações, não dorme... É o que me diz minha irmã! — explicou logo, córando. — Affirmam os medicos que é cansaço, molleza de espinha. Tem talvêz que ir á Suissa.

E esta ultima phrase arrastou-a n'um suspiro, com indizivel tristeza.

— Ora, deixe lá, D. Claudina, não ha-de ser nada! Console-se... — arriscou o conego, muito insidioso. — São coisas que Deus manda á gente para nos experimentar, para nos sondar o coração.

— Tem graça... parece que está fallando com minha irmã! A mim custa-me tambem, já se vê...

— É natural... — tornou de manha a Prazeres, rindo sempre para o Parreira.

— Mas, em summa, a quem o caso mais directamente interessa é a ella, á Margarida... não é assim, reverendo Ascensão?

— Isso é... pelo dever.

— E por tudo, essa não está má! Olhe, deite-me v. ex.^a a sua benção, que é o que me está fazendo falta.

— O' D. Claudina, não posso! — volvia com vivacidade o rubicundo conego, mostrando as mãos inleídas.

— Ai, póde! póde! Deixe... está prompto! — exclamou com aspereza a Prazeres, sacudindo a cabeça n'um despeito, e tirando o resto da meada das mãos do conego, que, desde a entrada de D. Claudina, nunca mais d'ella arredára gulosas as pupillas.

— Então, nem muito obrigada?... — arriscou elle, a compor.

— Obrigada, porquê?... Pelo grande favor que me fêz? Eu sou muito ingrata, já devia saber!

— Felizmente, nem todas as senhoras lêem por essa cartilha.

— Que não é a sua!

Sem responder, o conego voltou-se sorridente para a D. Claudina, que tendo tirado a mantilha, num froixo ranger de sêdas se curvava deante d'elle, com as palpebras languidas, e lubricamente palhetado de oiro o seu cabello castanho. O padre estendeu gravemente a mão, traçando-lhe uma cruz sobre a nuca.

— Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo!

Depois a D. Claudina, soerguendo o busto, teve uma expiração de allivio e tomou com respeito, na intenção de a beijar, a grossa mão do

padre, que se defendeu com galanteria tomando e beijando a mão d'ella.

— *Amen!* — sublinhou de troça o Parreira, ao ouvir o sonoro cantar do beijo.

— Ai, agora sinto-me melhor! — exclamou D. Claudina, muito alegre, passando a sentar-se ao lado da Prazeres, que lhe voltou ligeiramente as costas.

— Vamos a saber, porque veio tão tarde? — perguntou a matrona dos mitenes.

— Provavelmente veio por causa da irmã... — insinuou, implacavel, a Prazeres.

— Não, enganas-te... — retorquiu a recém-vinda com dureza. E depois, outra vêz affavel, para as outras: — É que jantei tardissimo! Não sabem?... Sempre fui hoje á tal modista tão fallada, lá abaixo, para Santo Amaro... á rua do Jau.

— Ah, sim?...

E n'um movimento de simultâneo interesse todas poisavam as costuras, e de cotovêlos finques na mêsa cravavam na D. Claudina interessadamente os olhos.´

— É verdade. Andaca com curiosidade.

— E então?...

— Ai, que de gente! Não imaginam...

— Vês? bem te dizia eu! — rompeu implicativa a Prazeres para a do escapulario.

— Eram trens e mais trens. Eu fartei-me de esperar... Aguentei sete horas ali assim, para estar com a mulher uns dez minutos.

— Que horror! — disse a obêsa velhota, sacudindo as mãos.

— Ah, mas merece a pena! Ella tem immensa pratica; entende e avia a gente n'um instante... E trabalha muito mais barato.

— Mas para que mora ella assim longe? — acudiu o *Chico*, torcendo a barba.

— Foi para fugir um pouco ao trabalho. Está farta! Mas mesmo assim lá vae tudo ter com ella... É muito delicada, tem o cóрте muito perfeito, como se sabe. E então... ai, filhas, que lindas mãos!

— O quê? mais lindas que?... — disse o Parreira, galanteador, olhando intencional as mãos da D. Claudina.

E ella, notoriamente envaidecida, retrahindo-se:

— Ande lá... faça troça!

Compondo os oculos, a marquezia tornou:

— E então, já se vê, muita gente conhecida?

— Quasi tudo... Lá estava a Aurora Machêde, a Elisa Forbes com a filha, uma tôla!

— Pois não tem de quê... Com um hombro mais alto do que o outro.

— E as pernas tortas!

— O namoro affirma que não... — disse o Parreira.

— Ora essa! então como é que elle sabe?

— Está muito adeantado!

— Admiram-se? — arriscou a diaphana Eugenia, sentenciosa e doce, como quem seguia a aza d'um sonho. — O que ha ahi que o amor não adivinhe?...

— Ah, no caso presente não era preciso adivinhar, — objectou com sceptico ar o Parreira; e, descahido para o conego: — Elle entra lá, pelo quintal...

— Eu sei... — murmuou o padre com um rir frascario, abanando a cabeça e amparando o abdomen com as mãos de saurio.

— Sabem quem eu vi tambem, com as duas filhas?... A condessa de Fiães.

Espanto geral na assembleia, cruzada por um vivo tiroteio de olhares de duvida.

— O quê! a condessa?... O' Claudina, tu viste bem?

— Pois não vi! Até lhe fallei.

— Não póde ser!

— Essa agora!

E, por sua vêz intrigada tambem, Claudina sentára-se á mêsa, defronte do conego, exhibindo desvanecidamente as mãos, n'uma gymnastica frivola de enfiar e deixar cahir um dedal de prata.

A matrona dos mitenes, persignando-se, remoía:

— Pois será possível! Essa mulher andou hoje na rua?

— E porque não?...

— De mais a mais, com as filhas!

— O' meninas, mas que differença faz o dia de hoje dos mais, para o caso?... Não percebo nada!

— O quê? pois tu não sabes?... — acudiu muito afogueada a Prazeres, com um rir perverso. E ante os sinceros olhos de ignorancia da recém-vinda: — Andas na lua! Então, sério, sério, não ouviste ainda falar no grande escandalo de antehontem á noite?

— Não...

— É que a coisa ainda não chegou á rua do Jau... — disse mordaz o Parreira. — Tem fraca velocidade a má lingua.

— Dize lá! — commandou Claudina para a amiga.

E então a tringueirita, de cotovêlos sobre a mêsã e o queixo petulante nas mãos, aclarou n'um regalo:

— Pois saberás que ha duas noites houve grosso escandalo na rua da Emenda, a horas mortas, e segundo todas as presumpções em casa dos condes de Fiães.

— Ora, menina, — acudiu tolerante a
marqueza, — quem sabe lá?

— O' senhora marquiza, não ha duvida
nenhuma... Prédio côr de ervilha! é o que se diz.

— Côr de ervilha, sim... foi o que eu ouvi, —
confirmou o Parreira. — Lá não ha outro. Ainda
ha pouco eu fui vêr.

— Mas o que foi?... — tornou Claudina.

— Pelos modos, passava o conde com aquella
amante, muito sonsa...

— Oh, que peça!

— Aquella de ar freiratico e fallinhas doces,
sabes?... a Paixão.

— É uma das minhas confessadas, —
interrompeu o conego, com uma intenção
singular, muito sereno.

E logo a velha dama obêsa, com um
relampago de indignação nos olhos redondos:

— O' meu caro Ascensão! Pois tambem confessa d'essa gatinha?

— Todos somos peccadores, — balbuciou elle, baixando com humildade as palpebras rôxas.

— Mau! por amor de Deus! não interrompam... — vociferou Claudina, n'uma crise de impaciencia, batendo nervosa com a mão na mêsa, accêsos em subitos brilhos de anneis os dedos. E, grandemente interessada, para a amiga: — Vamos! anda... dize lá!

— Passava pois o conde com a amante, ao tempo que vinha do theatro a mulher...

— Com?...

— Com o Armando Freiria, já se vê!

— Que rica scena! — disse Claudina, abrindo muito os olhos estimulados, passeiando a lingua pelos labios quentes. — E depois?

— Imagina... Grandes espantos, exclamações, insultos, apitos... o Armando a

fugir, a Paixão a voar... o conde lívido de morte, sem saber o que fazer...

— Parece impossível!

— Por fim, entram os dois em casa, engalfinham-se... e creio que passaram a vias de facto. Houve scena de punhal!

— E então as filhas?

— Essas fôram comigo d'aqui, — disse o conego. — São dois anjunhos!

— Espere-lhe pela pancada...

— O' meu Deus! mas que familia aquella!

— Ora! são dignos um do outro.

— Minhas senhoras, vejam... É o que se faz a falta de religião! — observou o conego, com o rosto austero.

— E diz muito bem, reverendo Ascensão... sim senhor! — acudiu muito compenetrado o Parreira, compondo tambem uma expressão hypocrita, impagavel. — Não sabem resistir ás

tentações. Façam como eu... e mais sou rapaz; porêm defendo-me! sei como se resiste ao demonio.

— O' *Chico!* — exclamou a Prazeres, incredula.

— O quê! santo, isto? — acompanharam as outras, n'uma galhofa.

— Palavra, minhas senhoras! Não acreditam?... Tenho uma receita infallivel, ensinada pelo meu preceptor, lá em Campolide. Querem vêr?... — E tirando um grande rosario da algibeira das calças: — É o meu salvaterio; acompanha-me sempre... Vae, se me acontece ir na rua, ou entrar n'uma sala, e vêr uma mulher que me induza em peccado, zás! é logo mão ao bolso... Aperto o rosario e a coisa passa.

— Tem graça!

— É bôa! — riram todos em côro.

— Esta noite já apertou? — perguntou Claudina com malícia.

— Agora, agora, D. Claudina! — disse o Parreira, guardando o rosário. — Olhe-me á vontade, não há perigo...

E depois que afrouxou o convulsivo rir da feminina assembléa, o incorrigível tagarela tornou ainda:

— Contudo, ás vezes, lá me acontece, a despeito de todas as precauções, não conseguir desenvencilhar-me das sedutoras voltas da serpente do peccado. Então arrisco uma declaração, marco uma entrevista... Mas não ha receio de me vêr em qualquer ridicula collisão, como esse pateta do Armando... Isso sim! — E todo dobrado ao ouvido do conego, que inclinava deliciado a cabeça, rematou como que em segredo, mas de modo que as senhoras ouvissem: — Mando sahir a mulher primeiro!

Entravam ao tempo as duas filhas do conde de Fiães, e com ellas um elegante rapaz, moreno e refeito, de farta sobrancelha negra e o bigode erguido com arrogancia sobre os labios vermelhos, deixando vêr uns largos dentes brancos de prognatha feliz.

— Minhas meninas, vivam! — apressou-se a marqueza a comprimentar, beijocando com effusão as recémvindas.

As mais cumprimentaram tambem, successivamente, mas com affectada frieza, procurando ao mesmo tempo com o olhar insidioso penetrar o intimo de Olympia e Leonor. Estas, porém, impassiveis e tranquillias, apenas deixavam perceber bem o grande contraste, physico e moral, que as distinguis, o qual corria que a mãe explicára uma vêz, dizendo:

— Que uma era filha do amor, e a outra do devêr...

A loira, muito composta e grave, depois dos cumprimentos foi sentar-se junto da marqueza, que logo lhe disse:

— Venha para aqui, Leonorsita. Aproveitar o tempo, fazer alguma coisa, não é assim?...

E passava-lhe para a mão, com varias explicações piedosas, uma mólhada de roupa usada, que ella disse lhe viéra do asylo do Caminho Novo.

A irmã, a azougada Olympia, essa fôra, com o Fernandinho, para o lado da Prazeres, que lhe perguntou logo:

— Como está tua mãe?

— Bem, supponho eu... Não a vejo desde manhã.

— Ah, ainda bem! — observou o Parreira.

— Bem, porquê?

— Nada! É que tínhamos ouvido dizer que ella estava incommodada...

Mas, quasi simultaneamente, já Eugenia dizia para o cabôclo pagem das Fiães:

— Fernandinho, ouviu?... E então a nossa festa?

— Anda-se trabalhando.

— Não póde deixar de ser em S. Carlos.

— Isso já se deixa vêr! Uma festa do tom...

— E que é indispensavel que renda bastante, — accrescentou a marquezia.

— Mas vejam se fallam ás comicas com tempo, — disse tambem o conego Ascensão.

— Ah, esteja descançado!

— Eu nunca lidei com semelhante gente... — declarou com pudica isenção o reverendo. — Mas tenho ouvido dizer que essas grandes damas se escapam, em geral, a tudo quanto seja caridade.

— E a circular para os convites? — tornou Eugenia.

— Redigiu-a o Lamarão, do *Illustrado*. Está um primôr! Hei-de trazer...

— Traga, traga... por causa das assignaturas.

— Isso vae ser um caso bicudo! — disse, rindo, o Parreira.

— Á frente, já se sabe, tem de ser a nossa presidente, — observou o Fernandinho com galanteria, fazendo uma mesura á marquezia. Os mais déram palmas.

— Fernandinho, veja lá! — disse D. Claudina com intimativa, - não inclua o nome da Forbes. Ou ella ou eu!

— Ó minha senhora, então porquê?

— Porque não é digna da nossa roda! — accentuou D. Claudina com desdem, franzindo com dureza os olhos negros. — Uma mulher que entra no Grandella!

— É verdade! E que não tem guarda-portão... — reforçou Eugenia com dignidade.

— Nem creado de mêsa! — acrescentou a Prazeres com desprezo.

O conego Ascensão meneiava a cabeça approbativamente.

Foi quando, bondosa e pratica, interveio a marqueza, a dizer:

— Mas, meninas, vejam... olhem que a Forbes costuma pagar os camarotes muito bem. E tem muitas relações.

— Deixal-o! deixal-o! Tenham paciencia... Ou ella ou eu!

— Ou ella ou nós!

A marqueza teve um encolher de hombros tolerante, emquanto, sempre grave e composta ao lado d'ella, a diaphana Leonor fixava as suas intransigentes companheiras com uma expressão admirada e compassiva.

Mas já os seus olhos sideraes eram solicitados por uma grande figura adunca que espectralmente

surdira, sem ruido tomando quasi toda a altura da porta, e cujo apparecimento o conego Ascensão se apressou a frisar, erguendo-se e dobrando a annellada cabeça grisalha com respeito.

— D. Prior, seja muito bem vindo!

— Que horas estas! — commentou tambem D. Claudina com doçura.

— Queiram perdoar, minhas senhoras, mas tenho andando no serviço de Deus.

— E portanto no nosso interesse... — sublinhou, sorrindo com intelligencia, o Ascensão.

Porêm o recémvindo, desgostoso da indiscrição, franziu reprehensivo a testa, fundamente cavada dos annos e aberta em repregos de severidade, em vincos de tristeza. Ao fundo das orbitas concavas sumiam-se-lhe, n'um retrahimento mystico, uns olhos sem côr definida, olhos baços e de cinza, olhos de odio e de

mysterio, cuja paropsia extravagante ainda era exaggerada pela grossura descommunal dos seus olhos de myope, solidamente plantados no nariz oblongo e palpitante, projectado como que na ancia de apprehender a significação das coisas. A bocca, marcada pelo traço amargo de dois sulcos longitudinais nos flancos, era despotica e altiva; completando e avigorando-lhe eloquentemente a expressão o querençoso avanço do queixo, a hieratica rigidêz de toda a figura, a inquieta gesticulação das mãos, o macerado tom de cêra dos malares desguarnecidos.

Evidentemente, era elle a individualidade dominante d'aquelle pequenino cenaculo beato e mundano. Todos agora, enleitados, emmudeciam, todos erguiam olhos de attenção e respeito áquella grande figura de commando; e com especialidade Leonor, cujo melindroso vulto medieval todo n'este momento, com alma a palpitar nos olhos,

parecia depender, respirar, viver da fascinadora influência d'aquella lugubre personagem, meditativa e dura.

— Vossas excellencias estão todos muito bem, aqui assim, não deixo de concordar... — tornava o recémvindo, em meio da casa e de pé. — Mas tão alheios do mundo!... E isto, enquanto uns fazem o bem, enquanto vossas excellencias exercem formosamente a caridade, é preciso que haja quem lucte, quem combata o Mal, não pela piedade, mas pela violencia, mas pela força. E este é o meu papel!

Dizendo, aquella aspera figura de padre militante espalmava com arreganho a emaciada mão sobre a batina e retesava a nuca com imperio. Enquanto continuava:

— Porque precisamos todos convencer-nos d'isto... por detraz de toda a sua bonacheirona tolerancia, a sociedade odeia-nos, quér o nosso

exterminio, o desprestigio crescente da religião. A abominada maçonaria deixou raízes indelevelis. Ah, mas nós somos os mais fortes, nós havemos de vencer!

E com calor crescente, desandando a passeiar pelo aposento, sempre sôb o olhar extatico de Leonor:

— São um bando de idiotas estes senhores liberaes, afinal. Gente sem moral e sem crenças, parece que a mesma diabolica tentação que lhes obscureceu as almas, lhes varreu de rôjo tambem o juizo... É vêr a celeuma enorme, os inoffensivos jogos malabares de palavras que elles fazem todos os dias nos jornaes! Quanto mais barafustarem, melhor... Ah! ah! — e tinha um rir inquisitorial. — Mais desimpedido e seguro nos deixam o campo para manobrar.

— Ora mas tambem, D. Prior, essas folhas jacobinas excedem-se, insultam-n'os... estão

usando uma linguagem livre de mais! — disse a marquezia.

— Eu ainda acho pouco. Deixe-os latir... Toda essa sacrilega algazarra não tem perante o Eterno a enternecida eloquencia d'uma oração! — E sacudidamente, voltando-se para o *Chico Parreira*: — Eu nem sei para que nos serve o senhor, que escreve nos jornaes?

— Faço o que me mandam...

— Quéro que irrite os nossos inimigos, que os provoque, que os açule. Dê-lhes a deixa para a descompostura. Quanto mais eles se excedêrem, mais se desacreditam, mais campo perdem!

— Ora, mas e a nossa dignidade?

— Já lhe disse que bravatas de energúmenos não chegam ao céu! — E depois d'uma pausa, suasivamente: — Ora venha cá... o amigo, que é um *sportman* distincto, não tem visto o trabalho d'estes nossos lindos e brilhantes cavallos

peninsulares? não observa como eles manejam as mãos, caracolando, arregaçando muito, mas avançando pouco em extensão?... Tudo aquillo é trabalho muscular perdido! Pois convêm-n'os que os liberaes procedam da mesma forma... E entretanto nós, de rastos, alcançaremos mais longe. Sempre assim foi!

— Em todo caso, — arriscou o Fernandinho, — açular os maus instinetos de certa ordem de gente afigura-se-me sempre mau.

— E elles, contra nós, o que é que têm feito? Não é o mesmo processo? Já lhes esqueceu o anno de 1895, o centenario de Santo Antonio?... Hão-de pagal-o! — E vociferando e soprando alto, com as mãos agitadas em ímpetos homicidas: — Nunca me hei-de esquecer de que, n'essa terrivel tarde da procissão, se escapei incolume, foi porque tive a coragem de saccar do meu *revolver* e atravessar resolute o Rocio, com elle

ameaçadoramente apontado á multidão... Ah, que o hão-de pagar! A desforra ha-de vir. Canalha!

Depois, repêso e moderando-se, o vehemente orador continuou:

— Note-se que tudo isto quanto eu proclamo e quero, todo este fogo sagrado de rebellião e de protesto, se destina a reverter em proveito da nossa santa religião. — E curvava a cabeça, de mãos cruzadas sobre o peito. — A mansidão sublime de Jesus foi bôa para os tempos primitivos, para essa éra privilegiada de virtude e de fé... Hoje porêm, Deus Nosso Senhor nos livre! hoje, para bem servirmos a religião, temos que inspirar-nos no Velho Testamento, seguir os exemplos vingadores de Jehovah. Aliás estamos perdidos!

— Ó D. Prior, por amor de Deus! — tornou amigavelmente o Fernandinho. — Repare que não

está a prégar no Varatojo ou em Setubal, mas discursando n'uma sociedade de senhoras.

— Deixe ouvir! — disse irritada Leonor.

— Oh, sei-o muito bem!... — tornou, sentando-se, o iracundo padre, com um risinho intelligente. — E isto que eu digo não é para que as senhoras o façam, mas para que o ensinem aos homens sobre cujo coração exercem preponderancia...

Então, n'uma simultaneidade de instinctiva suggestão, os olhares de D. Prazeres, de D. Claudina e de Olympia cravaram-se furtivos, respectivamente, no Parreira, no conego e no Fernandinho, que arpoava o bigode com delicia. Eugenia suspirou alto, fazendo sangue n'um dedo. E o bravo sacerdote, tendo finalmente surprehendido a scena, após uma pausa, continuou:

— Vejam, por exemplo, uma das coisas pelas quaes nós temos que trabalhar, rija e incessantemente, é o restabelecimento da liberdade de fundar e manter as congregações religiosas.

— Quem me déra! — murmurou Leonor.

— Nada como os conventos para afinar intelligencias, para apurar caracteres.

— Os frades deixaram tão má fama! — arriscou a matrona dos mitenes, havia muito tempo silenciosa.

— Fama immerecida. A sua pretendida immoralidade é uma invenção dos pedreiros-livres; a sua apregoada ociosidade, uma calúnia! Oh, os frades, apesar de tudo, têm sido os maiores e os mais profundos propugnadores do trabalho... é vêr a historia. Aqui em Portugal, d'essa tão lendaria e verberada ociosidade brotaram nas artes, nas sciencias e nas letras,

quantas glorias! E mesmo, pensando bem... a ociosidade é a grande escola! Dá toda a larga ao pensamento, emancipa-nos do despotismo nocivo da materia. Já consideraram n'isto?... O adormecimento physiologico dos sentidos dá-nos os sonhos, a sua narcotisação phychica faz-nos videntes. Se a podéssemos tornar absoluta, seríamos eguaes a Deus!

E, illuminadamente, o fino orador erguia ao alto os olhos fervorosos, com miniaturas dos dois bicos de gaz saltando-lhe nos oculos reluzentes; e sempre sôb a mesma expressão extasiada de Leonor, que de cotovelo na mêsa e a face longa deitada sobre a mão, o escutava embevecida.

— Mas o governo não quererá consentir... —
arriscou a marquezia.

— Ha-de querer... Não tem outro remedio!

— Duvido...

— Vossa excellencia verá... Pois ha nada mais logico, mais natural, mais indispensavel mesmo á salvação da nossa alma? ... Pois não é um absurdo que o homem, n'um momento de desespero, póssa commetter o crime de suicidio, que é o cumulo da cobardia, que é o maior attentado contra a vontade de Deus, e não póssa antes encerrar-se n'um claustro e ajoelhar aos pés de Christo, para lhe pedir lenitivo e consolação a suas maguas e dôres? Não seria isto mais racional, mais clemente, mais... humano? Sim, imparcialmente, digam lá!

Um murmúrio de admirativo assenso correu pela assembleia. A velhota dos mitenes cabeceava, o Parreira conteve um bocejo, Leonor tinha lagrimas nos olhos.

— Ora é por tudo isto, minhas queridas senhoras, que eu tanto tenho insistido pelo estabelecimento, aqui, d'um pouco de vida

contemplativa. Depois da caridade, façamos a oração. Trabalhem as mãos e purifique-se a alma. Não querem?...

— Sim, sim, D. Prior! Quando vossa excellencia quizer! — rompeu com decisão o côro feminino, o que fêz acordar de sobresalto a velhora, estremunhada.

— O altar já ahi está, — disse o conego Ascensão, levantando-se com difficuldade.

Foi direito a uma pequena porta que havia á esquerda, junto da cabeceira da mêsa, e abriu-a, enquanto muito prompta D. Claudina accendia a vela d'uma palmatoria nickelada, e todos com interesse se voltavam á nova direcção, deixando as cadeiras.

O conego empunhou a palmatoria e avançou na frente do rancho a alumiar. E então, na rigida nudez d'aquelle novo aposento, — uma pequenina sala, de paredes frias, e do tecto

amarello, todo estalado, pendendo e oscillando a colla em stalactites, — via-se ao fundo um bojudo altar de madeira, côr de rosa e branco, afilando para a base e de silvêdos rusticos nos bórdos, o qual lembrava os gongoricos mostradores das boticas de aldeira. Estava nú completamente, e apenas superiormente a elle se via suspenso na parede um grande retabulo de mosaico, figurando a *Annunciação da Virgem*, enquadrado n'uma preciosa moldura de castanho.

— Já não falta tudo, — disse da porta o D. Prior, desfransindo as palpebras com agrado. — O painel é lindo!

— É meu! — disse com desvanecimento a marquezia. — Ali onde vê, D. Prior, é uma das mais preciosas alfaias de minha casa... Passa por ter vindo bento, de Roma, quando foi da remessa da capella de S. João Baptista ao nosso magnificente D. João v. Já vê!

— Com effeito! É uma pura preciosidade. Muito lhe devemos, minha senhora!

E em gratas reverencias deante do vulto repousado e dôce da marquezia dobravam-se todos, excepto Leonor, cujos olhos extaticos se pregaram no bento retabulo com delicia.

— E o altar, amigo Ascensão, d'onde veio? — interrogou o Fernandinho, adeantando-se.

— Ora, imaginam lá! Desincantei-o em Oeiras, n'uma botica que estava fechada desde o tempo dos francezes.

— Então tem de ser benzido?

— Pois já se deixa vêr.

— Isso é comigo! — disse o D. Prior com emphase. E, avançando tambem: — Ó Ascensão, faz favor? alumie aqui... — Examinava com attenção. — Em bom estado se encontra elle, não a duvida.

— E é tão curioso! Tem uns ornatos lindos...

— observou com vivacidade D. Claudina, que aproveitára o momento para vir dobrar-se, muito exhibitiva, á frente do apreciado mostrador, com a linda mão espalmada no rebordo, avolumando sensual o farto amujo do seio piscando os olhos.

— Mas precisa, primeiro, d'um frontal.

— Não tem duvida, fica a meu cuidado... ofereceu a marqueza, endireitando com desvanecimento os oculos.

— Depois a banquêta.

— Offereço-a eu, — disse a frave dama dos mitenes.

— Eu dou as toalhas, — disse Eugenia.

— Bem, — acudiu Olympia, — pois eu farei os paramentos.

Affectuoso e sorridente em meio d'ellas, o D. Prior abanava approbativamente a cabeça.

— Muito bem! minhas filhas, muito bem!
Vejo-as compenetradas do verdadeiro espirito da religião, sinto-as ardendo n'essa pura e mystica fé, capaz de arredar montanhas, e esta santa convicção anima e conforta a minha alma... dá-me novos alentos para combater implacavelmente a impiedade. Muito bem!

— Eu cá então, — interveio comicamente o Parreira, derreando os hombros, n'uma attitude humilde, — eu sou incapaz de ajudal-os... Nem sequér sei ajudar á missa!

— E esteve em Campolide?...

— Escapava-me sempre!

— Mas eu já lhe disse: faça diatribes reaccionarias nos jornaes.

Seguidamente o D. Prior, erecto e rigido em meio do côro beato das mulheres, com os olhos de cinza cerrados beatificamente, o queixo avançado com decisão, a bocca austera, insinuava:

— Então já vêm, minhas senhoras, que para a sua piedosa adoração contemplativa terão aqui assim, além do requerido silencio e segredo, tambem o scenario adequado... nada lhes faltará! Uma por uma, virão aqui para dentro, invariavelmente cada noite, fazer a sua *Hora piedosa*, como eu lhe chamarei... Alheiam-se por completo do mundo, prostram-se de bruços deante d'este altar, concentram o espirito e chamam á sua alma com fervor a visita do Divino Esposo, para que Elle venha n'uma santa communhão espiritual encher-lhes a vida de claridade e o pensamento de virtude!

— Precisamos d'um traje especial? — observou D. Claudina.

— Pois está entendido.

— Tomára já! — suspirou Leonor com entusiasmo.

Porêm, d'esta vêz, a sua instinctiva exclamação foi acolhida pelas companheiras com frieza.

— E nós, os homens n'esse meio tempo que fazemos? — perguntou Fernandinho. — Temos tambem o nosso quarto de sentinella?

— Os senhores... vão-se embora!

Tinham voltado todos á sala da costura, mas agora não tornaram a sentar-se, antes, immoveis e de olhos fixos no D. Prior, aquellas curiosas figuras de dementados mysticos e espertalhotões precoces, dir-se-ia que esperavam qualquer coisa, — como que a ablução costumada da sua alma, a absolvição dos peccados do dia, feita por aquelle homem austero e superior, e a consequente sanctificação do seu destino.

— São então horas? — disse de pausa, sorrindo, D. Prior, que lhes comprehendêra a

attitude. — Vamos, tenham a bondade, minhas senhoras, de joelhos!

E erguia solemnemente os braços longos, com as fartas mangas pendentes, por sobre o confuso amontoamento d'aquellas galantes cabeças piedosas, que de roda d'elle se curvavam, submissas e constrictas, como pela noite um bando de aves em repouso. O Fernandinho e o Parreira dobraram o joelho direito do tambem, um pouco contrafeitos. O conego Ascensão, impando, cahiu em pêso no chão, fazendo amparo ao abdomen n'uma cadeira.

Mas já mellifluamente o D. Prior entoava, de mãos erguidas:

-- *In nomine Jesu Christi! Ego, Paulus, sum minister Christi...*

— *Quia a Deus fuit permissum...* — acolytou fanhoso, do fundo, o conego, com face apopletica do exforço que fazia em manter-se ajoelhado.

— *Ergo, ad Dominum clamavi pro animae
caram me statim prosternatis. Et omnia afflictio a
cobis, aud propter vos, causata reuerunt ex
abrupta.*

— *Amen!*

— *Veni ad nos, sancte spiritus! Reple tourous
corda fidelium, et tui amores in eis ignem
accende!*

Depois, erguia implorativamente ao alto os
olhos profundos.

— *Asperge nos, Domine! Benedicite nos,
Domine!*

— *Benedicite!* — repetiu o côro, n'uma
lamuriada plangencia, quasi chorando.

— *Oremus...* — tornou ainda com
solemnidade o D. Prior. E ficou-se de mãos
erguidas e olhos extaticos, monologando baixo
um rosario de palavras ininteligiveis com os
labios tremulos.

Quando D. Claudina, insoffridamente, soltou um pequeno suspiro de impaciencia, o D. Prior apressou-se então a deitar de alto, sobre o beato bando, a bênção, que a velha Gertrudes viéra colher á porta tambem, ajoelhada e com o gatito maltêz ao lado, n'uma attitude esphingica completando a scena.

Todos se ergueram depois, as senhoras batendo as saias, os homens limpando a calça com o lenço de assoar. — E cada um procurava, n'uma confusão, os chapéus, as luvas, os abafos.

Leonor entretanto, embevecidamente, e por mais que a irmã a acotovelasse, não arredava de junto do D. Prior. Queria pedir-lhe o que quér que fôsse, parecia que n'aquella definitiva consagração espiritual, lhe faltára ainda alguma coisa... A cada momento, ia para fallar e nada dizia; faltava n'este lance, á sua mentalidade subjugada, a força convincente e a energia de

palavra necessaria para se exprimir. Ha d'estas condescendentes humildades, sobretudo em materia de suggestão religiosa, que paralytam e embrutecem por completo, sem o diagnostico da demencia que as desculpe.

Por fim, como já todos tivéssem os olhos n'ella, cedendo ao pedo invencivel d'uma grande oppressão interior, Leonor cahiu novamente ajoelhada deante do padre attonito, e abraçava-se-lhe aos joelhos, sem mais poder conter a comoção, n'uma anciada explosão de suspiros e lagrimas, toda a arfar e a tremer.

— Mas que é isso, que tem, minha Leonorsinha?... — acariciava o padre com doçura. — Que é o que lhe falta? algum peccado a opprime? Quem lhe fêz mal?

E curiosas as demais faziam roda, sinceramente commovidas umas, abanando as outras a cabeça com espanto.

— D. Prior, perdôe-me... mas não estou bem!

— Que é que lhe falta então?...

— A sua bênção geral não me satisfez bastante, não a senti derramar o balsamo da paz na minha consciencia... Queria que me abençoasse agora, a mim, só a mim... olhando-me com paternal amor, impondo-me a mão sobre a cabeça, como dizem que Jesus fazia ás creanças e ás mulheres!

— Impossivel, minha filha!

E ante a desolada expressão da pobre hypnopatha:

— Prohibe-m’o a mesma religião... *Mulieres nee signo crucis sunt tangendae*... As mulheres nem com o signal da cruz se devem tocar!

E, subtilmente, o D. Prior esquivou-se, insinuando a sua longa figura negra por entre o grupo dos que saham.

IV

Gloriosa manhã de inverno, tépida e tranquilla, d'um sol brunido, trespasado de claridade e dando um córte estimulado ás coisas, como só os luminosos paizes do sul têm o privilegio. Mal a punicea esteira do sol lhe varreu o quarto, Leonor erguêra-se, enfiára um grande roupão liso, de musselina côr de rosas sêccas; n'um simples tórso, ao alto, cingrará os seus cabellos de oiro, seguros por uma fina açucena de prata; e depois de ajoelhada uns minutos no rendilhado genuflexorio de ébano, com um velho e barbaro Christo, de madreperola e oiro, na frente suspenso, procedia agora ás suas escrupulosas abluções matinaes, na pequenina alcôva ao lado. Houve um deliciado, um arrastado trinar da agua, o attricto molhado das escovas, o grumoso escorregar dos sabonetes, afagos brancos de

toalhas acamando a epiderme fumegante; e em seguida ella tomára um exemplar, encadernado em marroquim vermelho, da *Missão abreviada*, e com essa grosseira encyclopedia da superstição viéra meditativa sentar-se n'uma *chaise-longue*, desatando a lêr e como que a decorar, n'um embevecimento em que a sua melindrosa e fugidia figura tinha o hirto destaque d'uma santa de marfim, n'aquella frescura e recato virginal do aposento.

Era uma peça bem curiosa esta singela camara juvenil de Leonor. Occupava um dos extremos da casa, formando esquina; uma das faces sobre a rua, a outra deitando para o jardim. Dir-se-ia um como pavilhão isolado, n'um meticuloso arranjo feito para evitar toda a sorte de contacto entre o seu refugamento intransigente e as profanações materiaes do exterior. Verdadeira *turris eburnea* da illusão e do sonho, grandes pannos d'uma

finissima renda crême cahiam direitos, de simples varêtas nickeladas, e tomavam os vãos das janellas, esbatendo a luz, interceptando a vista; de sorte que nos supporíamos ali dentro n'um ineffavel *oasis* de repouso, a mil leguas da terra, em absoluto libertos das impurêzas da vida, se não fôsse, longe a longe, a perturbadora trepidação d'algun trem ou o vago arranhar dos rumores da rua... Vestia as paredes da discreta estancia um estôfo em côr de rosa attenuada, com grandes lirios brancos. Branco e sem brilho era tambem o rico rodapé *renascença* em volta, travado todo em miuditos caixotins com ornatos, até á maior altura dos espaldares das cadeiras. E brancas as molduras de duas soberbas gravuras da casa Goupil, figurando episodios conhecidos da vida de santa Germana, — o *anjo das donzellas*. E vinham a ser: de quando ella, escrofulosa e aleijadinha, mal coberta de andrajos, amparando a

sua miseria organica ás rugosidades d'uma fraga e fiando na roca, enquanto as ovelhas de roda tósam a herva, põe o melhor da sua fé e do seu entusiasmo no religioso fervor com que ás criancinhas, suas irmãs na desgraça, vae ensiando a doutrina e o santo amor de Deus; e quando finalmente, ouvidos os seus votos pelo Senhor, com os anjos a estender-lhe os braços d'um docel de nuvens, e rodeada por um côro de donzellas, ante os olhos espavoridos do pae ella agonisa no seu leito de garavatos.

Havia mais, no quarto de Leonor, uma estante, um guarda-vestidos, o leito, uma escrevaninha minuscula, em pau-rosa e ébano. E sobre esta, chamava a attenção uma linda estatuêta em bronze, assignada Dalou, — nada menos que a mesma santa pastorinha humilde, quando, interpellada pela madrasta que suspeitava ella levasse a occultas pão para os pobres, sólta o

avental das mãos, de olhos postos no céu, e cahe-lhe então do regaço, como á nossa Rainha Santa, uma mólhada de flôres! Mas é que tudo ali fallava d'ella. Como se a essa santinha resignada e triste, cuja breve existencia foi a mais penosa odysseia do abandono, Leonor houvésse confiado a guarda da sua innocencia e o recato da sua virtude. Não havia um movel, um pormenor, um utensilio domestico ou um primor decorativo em que invariavelmente a figurita illuminada e simples da pastora Germana não apparecêsse, com uma insistencia material que era a reflexa objectivação d'uma alma. Ahi apontava ella, absolutamente e sempre, em gravuras, aguarellas, medalhões, gêssos, bronzes, photographias, misulas, pannos bordados. Corria-se o quarto e tinha-se a sua biographia completa: os maus tratos da familia, a sua fome, o seu perdido isolamento pelos montes, a conformidade no infortunio, a comunhão

espiritual com o Bem Amado esposo, a catechese ardentes aos rusticos, o orgulho, a virtude, o extasis, os milagres. — Quér ir, d'uma vêz, á missa, e por inspiração divina espeta a roca no chão, chama as ovelhas, ordena-lhes que se deitem em volta da roca e d'ali não arrédem até que ella volte; pede, mais, aos anjos que lhe guardem o rebanho; parte confiadamente; e, quando volta da missa, lá encontra o rebanho socegado e unido como se fôsem anjos de presepio, ovelhinhas de algodão em rama. D'outra vêz, como, tambem para ir ouvir missa, tivésse de atravessar um rio cujas aguas durante a noite haviam subitamente engrossado, attinge, cheia de fé, a margem, avança para as aguas impetuosas, e mal que as roça com a fimbria do seu vestido, logo ellas abrem ao lado e o leito do rio, liso e enxuto, lhe franqueia a passagem ambicionada...

Assim, pela maneira como a lembrança da santa, sôb todas as fórmãs de exteriorisação, ali imperava, dominando, impondo-se, apontando, invariavel sempre e sempre humilde, por entre as *cretonnes* e as sêdas, por entre as toijas de avenca e as *begonias*, era evidente a mystica suggestão da sua figura na alma virginal d'esta creança. Até na pequenina estante, envernizada a preto, quasi todos os livros diziam d'ella, destacando dois volumes riquissimos em 4.º grande, d'um *chagrin* profuso de oiros, biographia apotheotica da santa offerecida pela Rainha. — Sentindo instinctivamente que a selecção moral se faz pelo isolamento, Leonor ao fechar-se, por uma ancia innata de perfeição, no religioso apartamento d'este seu *studio*, quizéra-se bem a sós com essa límpida alma de illuminada, tão proxima da sua, e em tudo o mais divorciava-se, quanto possivel, do exterior, refugiada para este extremo da casa meio

perdido na paz druídica do jardim, onde as alfarrobeiras, os aloendros e os carvalhos talhavam e vestiam perennalmente de sombra as ruas silenciosas.

E Leonor contemplava agora mais uma vêz, esquecidamente, cahido o livro no regaço, todo esse socegado arranjo de coisas puras, quando a despertou da sua innocente voluptuosidade um bater de nós dos dedos na porta, que a fêz estremecer. E logo a voz quente de Olympia:

— *Nhónhó*, estás a pé?

— Entra.

— Quéres almoçar? — E, entrada a porta, já o vulto esperto de Olympia sarilhava desenvôlto pelo quarto

— Quando chamarem, — murmurou Leonor com indiferença.

— É quando nós quizérmos.

— Então?...

— A mamã sahiu muito cêdo, dizendo que não esperassem por ella. E o papá, já sabes... é raro almoçar comnosco.

— Bem, deixa lá...

— Um arranjo assim! — exclamou Olympia n'um impeto de impaciencia, desandando para uma janella e erguendo a cortina.

— Mas o que tu te apoquentas! Como se a gente não devêssemos já estar acostumadas.

— Pois sim, mas has-de concordar que é muito triste! — E, fallando com intimativa, já Olympia saltára novamente para junto da irmã. — Andamos aqui sempre cada um p'ra seu lado... Que casa esta! Nas mais tambem será assim?... — Os seus grandes olhos negros molharam-se d'uma volupia íntima. — Ah, Leonor, deixa-me tu casar e has-de vêr o que é um *ménage* com ordem, um lar feliz!

— Sim, sim... — fêz Leonor, n'uma distracção que era a capa da sua incredulidade.

— Olha lá, a proposito... — tornou Olympia, agora com indignação, cruzando os dedos das mãos sobre o ventre, — e que me dizes tu áquella gatinha da *Liga*, hontem á ontem á noite? O silencio, os gestos, as caras d'elles quando a gente entrou?

— Evidentemente, fallavam de nós.

— E o assumpto, já se deixa vêr, havia de ser essa questão, esse escandalo aqui na rua, uma noite d'estas...

— Não sei de nada...

— Vergonhas sobre vergonhas! — disse Olympia, batendo o pé, baixando os olhos.

— O' filha, faze como eu... Ando tão longe de tudo isso!

E, sentada sempre, como para defender o espirito de taes miserias, Leonor mergulhava de

novo os olhos innocentes no livro, erguido do regaço.

Vagamente desconcertada por esta attitude, Olympia rodou, uma e outra vêz, pelo aposento, e porfim, n'um aborrecimento, tornando á porta:

— Bem, quando quizéres vêm d'ahi.

Leonor objectou, deixando descahir o pescoço longo e diaphano:

— Não tenho vontade nenhuma.

— Então hei-de almoçar sósinha?... — E com meiguice, tornando atraz: — Anda...

— Não vou, não... Chama o Luiz.

— Olha quem! Outro que tal! Esse está agora no somno primeiro. Não tens outro remedio senão vir fazer-me companhia.

Mas Leonor obstinava-se:

— Não vou! — E para rematar conversa, toda embebida na leitura: — Manda-me uma chicara de chá.

Então, sentindo-se ali de mais, Olympia ainda rompeu com impetuosidade, deixando o aposento:

— Isto não é p'ro meu genio! Tenho que dizer ao Fernandinho que ande ligeiro, senão um dia desarvóro!

Os grandes olhos verde-mar de Leonor traduziram uma piedade desdenhosa, para logo aclarada, quando se tornou a vêr só, por uma espiritual expressão, alheada e tranquillã.

Via-se que aquelle aborrecido episodio domestico roçãra indifferente, como tantos outros, pela religiosidade abstemial da sua alma. Se elle ficava tanto abaixo das suas preoccupações, era tão vil e tão mesquinho ante as cogitações ideaes do seu espirito! — Por um d'estes desvios triviaes na psychocologia das famílias, o temperamento e o character de Leonor divergiam inteiramente das qualidades que parecia deveriam ter-lhe transmittido os paes. Perderia o tempo quem

pretendêsse na ativa e dôce creança encontrar os mesmos stigmas degenerativos. Não era sem uma intenção, sem uma significação especial que iriaes scintillações do sol faiscavam nos seus cabellos e que a serenidade immaterial dos mares distantes bailava no seu olhar... Leonor era um eloquente phenomeno reversivo. Por uma regressão atavica bem natural, toda a somma de predicados bons que as suas gerações anteriores mais proximas haviam deixado ao desbarato, n'uma carreira descrasiante de dissipações e de vergonhas, reflorira agora, preponderante e austera, na sua alma, com uma elevação que era o timbre do seu orgulho e com uma impetuosidade que era a razão do seu triumpho. Desde os mais tenros annos. Muito creança ainda, já Leonor manifestava na sua quietação, no seu distanceamento, no seu mutismo as instinctivas opposições que haviam de marcar as relações do viver d'ella com o dos seus.

Emquanto a irmã pedia bonecas, Leonor não queria senão banquetas, thronos de santos, e em cada movel, com toalhas bordadas que ia furtar ás gavêtas, improvisava inflammadamente um altar. Nunca tivéra para os paes um lembraça, uma meiguice, um d'estes carinhosos abandonos que cimentam a solidariedade dos lares, porque não só significam uma perfeita concordancia de affectos, mas uma inteira e absoluta conformidade mora.

Chamavam-lhe o «bicho do buraco»; ella era simplesmente, n'aquella genealogia complicada de taras e vicios, uma tendencia para a harmonia, uma tentativa de regressão ao equilíbrio perdido. Reagira sempre contra certos exaggeros, dispensaveis *clichés* da moderna educação. Por exemplo, nunca poderá acostumar-se a tratar os paes por tu. Defendia-lh'o uma repugnancia instinctiva. Achava demasiada familiaridade, parecia-lhe uma falta de respeito, um modernismo

dissolvente. E o caso foi que a irmã, Olympia, n'este particular seguiu-lhe o exemplo, com sentida contrariedade dos paes, e troças e censuras das amigas.

Depois, á medida como a maturidade da razão lhe foi aclarando o conhecimento das coisas, na mesma desmoralisadora proporção crescia e definia-se a antinomia moral com os seus. Não podia abraçar, applaudir, observar de perto sequer ou acompanhar, aquelle viver atoadado e vazio, sem rumo certo, sem um fim, sem uma utilidade, charro como a trivialidade e immundo como a lama dos caminhos. E a sua convivencia forçada com uma sociedade que abominava, apavorava-a e aborrecia-lhe, como se fôsse uma cumplicidade. D'ahi a sua vida de isolamento, o seu aspecto altivo, a sua retracção por vêzes dolorosa, em que havia muito de desgosto, mas ainda mais de instinctivo orgulho. A consciencia do proprio

valor fazia-lhe vivissimamente deplorar o acaso do *meio* em que era obrigada a viver, como uma perola n'um monturo. E como não podia revoltar-se, ostensivamente indignar-se, exprobrar o que via e o que adivinhava, d'ahi a meticulosa adopção d'essa mascara de alheamento e indiferença, que era o rebuço convencional da sua dôr.

Mas a continuidade de esforço a que obrigava este disfarce, trazia-a n'um exaspero de sensibilidade que multiplicava destemperadamente o trabalho da sua vida interior. Vida toda de imaginação, de vehemencia e de sonho, revoando naturalmente para as coisas mysticas, para esse alado mundo do mysterio que tão deliciadamente aviventa e perturba o coração das mulheres. Fechava os olhos sentia-se nas nuvens... e em meio dos festins e dos bailes, era musica celeste a que então ouvia, eram anjos que

a transportavam ao refugio esplendente dos céus!- Mas a fôrma incoercivel dos seus votos, das suas aspirações, das suas preces, tinha de a apoiar n'uma direcção espiritual, tinha de a referir a qualquer objeto visivel; e essa função primacial e empolgante representava-a, no circulo elementar da sua vida, a figura dominadora e suggestiva do D. Prior. Este homem singular e inaccesivel, tão elevado de estatura como remontado de engenho, e de quem toda a gente lhe fallava com respeito, havia-se tornado para a sua alma excessiva e ingenua e objeto d'um culto, um motivo de adorção. Começára por ser o seu confessor e tornára-se-lhe gradualmente o symbolo material das suas piedosas revoltas, o vivo penhor da libertação da sua alma, a garantia que o Céu lhe offerecia d'uma transcendente vida melhor... No mais calido fervor das suas orações, na mais alada vehemencia das suas preces, quando pelo olhar

vago e perdido d'esta innocente alucinada perpassava o reflexo das religiosas visionações que lhe clareavam o cerebro, era então frequente que a negra figura adunca do D. Prior n'esses arroubos mysticos viésse confundida com as rondas de cherubins e as chorêas de anjos... Tambem se, quando recolhia tarde ao quarto, no silencio solemne das limpidas noites estrelladas ella vinha, nas janellas deitando para o jardim, assentar-se a contemplar com embevecida alegria a estrada luminosa dos céus, era ainda a figura inquisitorial do D. Prior que a retina projectava a dançar vagamente no espaço, como que a apontar-lhe o caminho; e então, fortificada por esta sagrada tutela, por este auxilio confiante, varriam-se-lhe por inteiro do espirito os miseraveis cuidados da terra, e a alma lá desferia vôo e perdia-se-lhe no vago sentimento do Infinito.

... Uma creadita havia encontrado, trazendo uma bandeja com o serviço do chá. E dispunha-se a esperar. Mas Leonor despediu-a com um gesto; e, levantando-se logo, foi correr-lhe nas costas o reposteiro, como para melhor garantir o seu isolamento. Depois voltou, com o olhar feliz, para a *chaise-longue*, e meio deitada, com a nuca apoiada no espaldar, palpebras cerradas, cabeça ao alto, e as mãos juntas como uma virgem morta, alheou-se novamente no seu extase tranquilo.

V

A condessa de Fiães tinha-se, com effeito, levantando um pouco mais cêdo que de costume, e tendo tomado o seu banho tépido, e friccionado depois o busto com a habitual brussa perfumada, chamou a creadita particular, que era uma cabelleireira eximia, e fêz uma *toilette* summaria e elegante, cobrindo uma capa, já de chapéu, com as luvas por calçar nas mãos.

Tomando pelo corredor que ia direito á escada, bateu levemente, ao passar, com os nós dos dedos na porta do quarto de Olympia, que ainda demorou a perguntar:

— Quem é?

— Sou eu.

— A mamã quér entrar?

— Não, filha.

— Eu ainda estou deitada. Mas ia abrir...

— Não, não... É só p'ra te dizer que vou sahir.

— Ó mamã! tão cêdo... — tornou Olympia, n'um bocejo.

— Não sou molle como vossês... Se eu não estiver a horas, almochem. Dize ao papá.

— Sim, mamã.

— Adeus!

E no mesmo instante desenhou-se no socego matinal da escada, de degrau em degrau, ao longo da passadeira, um estimulante roçagar de sêdas.

Chegada á rua, a condessa seguiu a pé, ladeira abaixo, caminho do Ferregial, onde enfiou pelo portão d'um alto prédio banal, de tres andares, forrado a azulejos côr de gemma de ovo. Logo o guarda-portão a saudou com um sorriso familiar, dizendo:

— Muito bom dia, senhora condessa... Para o terceiro, não é assim?

— Sim, meu caro Dyonisio.

O Dyonisio fêz sôar a sinêta em tres fôrtes repinicadas, emquanto a condessa atacava devagar a escada, cujo primeiro lanço era de mármore, ladeado de vasos de faiança com arbustos estiolados; depois um bico de gaz, um escarrador e um banco em cada patamar.

Em cima, no terceiro, já a concella e a pequenina porta estavam abertas. A condessa limpou os pésitos, inchoados e cheios, e, entrando, com a respiração alta e a mão a conter o seio:

— Adeus, Adelina.. Uff! venho cansada... Este meu coração... Não sei como a Claudina póde! — Depois, já no corredor, depondo a sombrinha: — Ella onde está?...

— A minha senhora ainda está recolhida... mas a senhora condessa póde entrar.

E Adelina afastava-se sorridente, deixando avançar a condessa, emquanto ia fechar a porta.

A apparatusa e esperta Claudina estava ainda com effeito no seu quarto de dormir. Com o corpo flexuoso e farto soerguido sobre o leito, o cotovelo nú enterrava-se no rico almofadão de pennas, e da sua redondita cabeça de ave, apoiada na mão, desprendia-se em ondas de tréva o cabello despreoccupado, apontando por entre as suas mechas voluptuosas a filigrana em marfim dos dedos.

— O' Henriqueta, és tu?... — disse ella, muito amavel, n'um moroso entreabrir dos labios.

— Sou eu, sim, minha preguiçosa.

— Com effeito! — tornou Claudina, n'um espreguiçamento languido, afagando com os lindos dedos o bistre peccaminoso das olheiras. — A que horas imaginas tu que eu almóço?...

— É que antes temos que conversar...

E immediatamente, como arrepêssa da indiscrição, a condessa abeirava-se do leito, collando os labios nos labios da amiga.

— Diabo! nem te vejo... — disse Claudina, erguendo um pouco mais o busto, todo em fartas ondas de peccado. — Olha, abre ahi essa janella.

Emquanto a condessa, obedecendo, puxava a si as portas d'uma janella de saccada, por onde entrou triumphante uma loira claridade, Claudina compunha as rendas do seu roupão de noite sobre a opulencia ondulante do seio.

— Ah, agora sim... — murmurou deliciada, piscando os olhos. — Mas, filha, senta-te. A que horas te levantáste tu então?... Acordáste com as gallinhas.

— Que demonio! — fêz a condessa, alongando os labios n'um gracioso trejeito de enfado. — Parece que fiz alguma coisa nunca vista!

— Eu cá por mim...

— Ah, não... que tu quando namoravas aquelle militar da marinha, não ias a bórdo ás cinco horas da manhã!

— Por isso tinha cinco annos de menos...

— E agora fazias a mesma coisa, se isso te dêsse gosto, se fôsse preciso! — corroborou a condessa com vivacidade, bamboando o busto, sentada na cama. — Deixemo-nos de caturreiras!

Claudina teve um sorriso tolerante, e pelos olhos humidos passou-lhe uma nuvem de saudade, esplendente de desejo:

— Eram outros tempos esses!

— Porquê!?!... Estavas casada havia bem pouco tempo, e tinhas teu marido em Lisbôa.

— Deixa lá isso... — murmurou Claudina, sacudindo a mão deante dos olhos, a enxotar recordações e a arredar conversa. E logo, muito curiosa, com a mesma patricia mão premindo o

ante-braço da condessa: —Mas que conversas dizes tu então?...

— Nada! não é nada... — atalhou Henriqueta, córando.

E saltou da cama para ir tirar o chapéu, deante do espelho.

Depois, n'um peganho de embaraço, a condessa voltou-se e veio aos torcicollos, outra vêz, para junto do leito da amiga, afagando ao de leve os moveis, os *bibelots*, passeiando pelo quarto os olhos distrahidos. E, sem vêr nada, parecia entretanto que se comprazia em observar aquella encantadora desordem: pelliças, enfeites, laços, flôres ao abandono por cima dos moveis estofados, o marmore do toucador semeado de joias e travessas do cabello, o espartilho n'uma cadeira, a bacia do lavatorio com agua, e ao lado do guarda-vestidos, aberto, um monte de saias no chão.

— Que estás tu a vêr?... — disse-lhe, sorrindo, Claudina. — Olha, hontem á noite vesti-me á pressa p'r'o theatro... e depois, vinha tão moída...

— D'onde? do theatro?...

— Pois d'onde havia de ser?... — E depois de cravar, com indizível expressão, na condessa os olhos pisados, em que havia quebramentos languidos de prazer: — Senta-te! — A condessa voltou a sentar-se á beira do leito, fransindo mais ao lado as preciosas cortinas de *indiana* crême. — Que segredos são então esses, minha cabecinha louca? — Henriqueta hesitava, n'uma procurada attitude de collegial, engelhando mimadamente os labios, mirando as mãos poisadas no regaço. — Vens pedir-me algum conselho?

Henriqueta abanou affirmativamente a cabeça. E a outra, n'uma grande sinceridade:

— Tomára eu quem m'os dêsse a mim... Ora não me encanites!

Mantivéram silencio uns instantes; um silencio eloquente, em que aquellas duas adoraveis almas perversas mutuamente se disséram a sua cumplicidade. Porfim a condessa, decidindo-se, n'um suspiro expansivo, assentando a mão nas mãos da amiga e cravando n'ella com intimativa os olhos:

— Olha lá... que idea fazes tu d'esse Armando?

— Qual Armando?...

— Aquelle loiro, córado, typo de homem de circo... não sabes? que está muito na frisa das Almeidas?

— Ah, sim, já sei... — disse Claudina com levissima ironia.

— Conheces-l'o?

— Muito pouco. Decerto menos do que tu...

— Ora essa! não te entendo...

— Sei que lhe chamam de Armando *Cebolinha* e pouco mais.

— Elle é viuvo, não é?...

— Diz que sim... Tu é que o não és, minha querida Henriqueta!

— Outra vêz! Estás-te deitando a adivinhar...

Claudina despediu fundo contra a amiga o seu astuto olhar de mundana, feito de experiencia e de maldade, e continuou:

— É viuvo da proprietaria d'uma grande fabrica de conservas que ha lá para Alcantara. D'ahi lhe vêm a alcunha.

— E os brilhantes...

— Já te presenteou com alguns?

— Tolice! porque m'os havia elle de dar?...

Nem eu lh'os acceitava!

— Mas acceitas-lhe a côrte...

— Eu!? — protestou theatralmente a condessa, de mão sobre o peito, forcejando por sustentar a astuta expressão do olhar da amiga.

— O' filha, p'ra que estás com isso?... É uma coisa sabida!

— Palavra!?

— Todos na sociedade o sabem... menos tu, pelo que vejo!

A condessa, desarmada, e tendo julgado inutil fingir por mais tempo, acudiu então, expansivamente:

— Pois sim, não direi que não... Elle faz-me um pouco de *flirt*, isso faz...

— Uma côrte desesperada!

— Não gósto d'elle... não é nada o meu typo.

— O que não impedirá que vás ter com elle quando sahires d'aqui...

— Quem te disse!?

— Tu mesma, minha tonta... sem o querêres!

— Pois enganas-te!

— Mesmo apesar dos brilhantes?...

Progressivamente estimulada, a condessa franqueava a Claudina os mais insalubres desvãos da sua alma, e toda dobrada sobre ella, quasi em segredo:

— Que, isto é, n'esse capitulo joias ha realmente uma coisa p'ra mim de appetite... e que me falta na minha collecção. São umas bôas esmeraldas. Se as apanho!

— Góstas muito?

— Ah, ando doida por ellas! Isso, sim, acceitava... Mas sem sentido nenhum! — Claudina teve um sorrisinho incredulo. — Dou-te a minha palavra! Não gósto d'elle, não é nada o meu typo, já te disse... O meu ideal seria um homem pallido, muito pallido, grandes olhos meditativos, com olheiras... a côr macerada dos sentimentaes... o que quér que fosse, impresso na

physionomia e manante da expressão, que nos anuncie e garanta o verdadeiro homem de paixão, o senhor natural da nossa alma, o arbitro do nosso destino!

— O teu ideal deve ser teu marido.

— E foi! — exclamou, n'um claro de sinceridade, a condessa. — Mas deixemos isso... digo eu também agora. O certo é que esse Armando não me larga!

— Há que tempos que eu sei...

— Mas também por enquanto, a verdade ha-de dizer-se... tem sido gentilíssimo. Nem uma palavra equivocada, nem uma proposta que me offenda.

— Todos começam assim...

— Ah, comigo perdia o tempo!

— Mesmo dando as esmeraldas?...

E as duas confidentes, trocando um olhar intraduzível, riram perdidamente.

— Não! não! mas nem mesmo assim... —
atalhou depois a condessa, n'um ensaio hypocrita.
— Qualquer dia desengano-o, verás! — Erguia-se
como n'um rebate de indignação. — Porque, p'ra
mais, tu deves-me conhecer bem... eu nem tenho
propensão nenhuma p'ra estas coisas. Serei
leviana, como dizem, mas juro-te que é por acaso!

— E eu então foi por uma aposta... mas nem
me lembra. A culpa teve-a meu marido!

— É verdade, como está elle? — disse
Henriqueta, voltando junto da cama.

— Bem. Espero-o d'aqui a quinze dias. Ai,
tomára-o já cá!

— Sério, sério?...

— Sou muito amiga d'elle!

Novo parenthesis de embaraço se abriu n'este
melindroso resvalar do dialogo das duas
desabusadas creaturas... como se a um inesperado
rebate de virtuosa isenção, lhes fizessem agora

pavor, quando avolumadas pela palavra, as perversas e indignas coisas cuja saborida recordação ellas no mais intimo de suas almas viciosas e egoistas recalcadamente conservavam.

— Crê n'isto que te eu digo, Henriqueta, — tornava Claudina, n'uma como confissão em que procurava attenuante ás suas faltas, - como tenho uma certa liberdade que muitas me invejam, assacam-me então toda a sorte de calumnias... E afinal que faço eu de mau?... Galanteios, distracções, alegres episodios de momento, dos quaes não fica, juro-te! no meu coração o mais ligeiro vestígio. Lembram-me tanto como a primeira camisa que vesti... Ao passo que o meu querido marido... oh, esse a todo o momento!... Tu comprehendes isto?... — E n'um suspiro de perversão inconsciente: — Sou muito amiga d'elle!

— Eu acredito, filha... — disse a condessa com dignidade. — Os homens afinal é que não nos compreendem.

— E não!

— Quérem um céu p'ra elles e um inferno p'ra nós!

— Como se obrigasse a uma moral diversa a differença do sexo. Dizes bem...

— Elles não se divertem, não fazem quanto lhes apptece, não governam o mundo conforme lhes apraz?... Pois deixem-nos p'ra nós alguma coisa, que demonio!

— Deixem-nos acceitar esmeraldas, não é assim?...

— Se uma mulher tem um desfallecimento, aqui d'elrei que se prostituiu!

— Não nos perdôam nada!

— E elles não se prostituem tambem a cada passo?...

— N’essa bandalheira da politica, sim...

— Não vendem as opiniões, não põem seu mais recato em almoeda a consciência, não alugam o pensamento a quem mais dê?

— Henriqueta, dizes bem! — apoiou com convicção Claudina.

— Ora eis ahi está! E desde o momento em que elles tomam p’ra si o exclusivo dos interesses e negocios do mundo, muito não é que nós reivindicemos p’ra nós... a sensibilidade.

— P’r’a qual não ha regulamentos, nem leis, nem codigos...

— Ai, filha! é a nossa desforra... — disse com recalcado ardor a condessa, cambiando com a amiga um olhar vingativo e frio como a lamina d’um punhal.

Depois rodou uns passos distrahidos pelo aposento, e, plantada novamente de pé deante de Claudina:

— Mas, vamos a saber, quando te levantas?

— O' Henriqueta, estou tão bem! — disse, n'um arrepio de mimo, Claudina.

— Poi sim, mas lembra-te de que me convidáste p'ra almoçar.

— E o teu homem dos brilhantes não gosta de esperar, bem sei... — completou Claudina, com a boca mordaz, piscando os olhos. E percutiu um timbre que tinha na banquinha ao lado. Depois, quando a Adelina entrou:

— Adelina, aprompta-me o banho.

— Sim, minha senhora.

— E d'aqui a meia hora em ponto, ouviste? o almoço na mêsa.

— Está bem, minha senhora.

A creadita partiu logo; enquanto Claudina se assentava no leito, e, de braços ao alto, desvendando a sua voluptuosa nudez até aos cotovelos mordidos de fossêtas de peccado,

acamava em lassas ondas o farto cabelo sobre a nuca. A condessa, do meio do quarto, encarava-a com agrado.

— Estás uma linda mulher, sabes?...

— Sempre assim fui...

— Se eu fôsse teu marido não te deixava tanto á sôlta, não...

Claudina sorriu, muito lisonjeada, e murmurou, com o olhar travêso:

— Tambem me achas o corpo atheniense?...

— Quem dizia isso?

— Era o tal militar, da marinha.

— E corpo atheniense que vêm a sêr?

— Olha, eu não sei... Lembra-me que elle, comigo nos braços e apontando as salsas aguas que ali a nossos pés marulhavam amorosamente, dizia então... ora espera... ah! dizia que se eu rompêsse d'aquella alva espuma na deslumbrante perfeição do meu corpo atheniense, então faria,

como deante não sei de que deusa, ajoelhar na minha passagem os pagãos maravilhados.

A condessa, com ar vagamente estúpido, abria muitos os olhos; ao passo que Claudina, também um pouco animalmente, e já de tibias suspensas fóra do leito, colhendo com as pontas dos pés as babuchas de setim branco, sublinhava com um gracioso encolher de hombros este contestado de desdem:

— Baboseiras!

— Teu marido nunca foi tão poetico!

— É prosaico de mais!

— Vê se me recommendas quando lhe escrevêres, — tornou a condessa; e com subtil malignidade: — Mas quando vêm elle?... E quando sahe para estas *tournées*, porque não te leva comsigo?

— O'Henriqueta, elle pôde lá! — A condessa sorriu. — Já te disse! Havia de andar todos os dias

nos seus negócios e eu encafuada no *hotel*?...

Assim, mais me vale aqui!

— Mas, e então a franceza?... — arriscou a condessa, quasi em segredo.

— Qual franceza!?! — exclamou Claudina, de salto em pé, aprumando-se e com sincero espanto.

— Pois não sabias?... É o que dizem!

— Mas dizem o quê?... Explica-te!

— Que elle leva sempre d'aqui comsigo uma franceza... que mantem ha tempos...

— Isso não pôde ser!

— A qual nunca o deixa ter pressa de voltar.

— Não me faltava mais nada... É a primeira vêz que tal oiço!

— Pois olha, arrependida estou eu...

— Não, até fizeste muito bem!

E exasperada, furiosa, as palpebras crêspas de raiva, vociferando monosyllabos inintelligiveis, Claudina agitava-se em passadas doidas pelo

quarto, com o roupão em desalinho. De repente pôrem, subitamente aplacada, sacudida com arrogancia a nuca, e n'um sorriso cynico:

— Ora! bem faço eu...

Seguidamente, muito attenta em frente do espelho, já n'uma derivante de vaidosas preocupações, olhava-se, distendendo o pescoço, avançando muito a face, e com a mão direita ao alto arredando o cabello da testa.

— Má cara tenho eu hoje...

— Não acho... — disse por méro cumprimento a condessa.

— Então eu não vejo! E lembrar-se a gente que temos de ser velhas... que o tempo é implacavel e anda tão depressa! — E, voltada para a condessa, com os braços cahidos n'um desanimo: — O' Henriqueta, é triste!

— Eu nem penso n'isso...

— Encerra-se n'um instante esta nossa estreita missão de agradar. E depois...

— Depois ralamo-nos de inveja pela belleza das filhas.

— Ainda bem que as não tenho! Mas em compensação, — tornava Claudina com amarga insistencia, voltando ao espelho, — olha — ... já vou tendo uns *pés de gallinha* menos maus.

— Isso combate-se muito bem...

— Sério! E como?... — exclamou Claudina com vivacidade, saltando p'ra junto da amiga.

— Não sabes?... Por meio da massagem. É verdade... Um methodo novo.

— São pantominices!

— Não são, filha. Eu fallo por mim... Tenho a tua edade, não tenho?

— Dois annos mais, se me faz favor...

— Pois seja... Então ainda melhor! Quéres ver esta beleza?... Apalpa. — E passava com

desvanecimento a mão pelas temporas assetidas. Não ha uma ruga, uma engelha. Podia-se-me escrever aqui!

— Ora ri-te lá... — pediu Claudina, n'uma desconfiança, com os olhos muito cingidos ao rosto da condessa; e, tendo esta obedecido: — É verdade! tens razão... nem aos vinte annos! Como operáste esse milagre?

— É um homemsito e uma mulher que estão estabelecidos ali na rua do Arsenal, proximo ao dentista.

— Não sabia...

— Ah, elles não annunciam. São pouco conhecidos. Mas que perfeição!

— Como é que fazem?... — insistia, grandemente interessada, Claudina, com as mãos na anca e os olhos espertos,

— Olha, a gente senta-se... ha um encosto para a cabeça; e depois o homem applica-nos aqui

dois dedos de cada mão, o indicador e o pollegar, e alternadamente aperta e estica a pelle, em movimentos compassados, ora acima, ora abaixo, ora repuxando aos lados.

— E dóe?

— Não... até é agradável. Porque, ao mesmo tempo, a mulhersinha com uma espécie de ventarola entorna-nos sobre a parte macerada do rosto uma sensação de frescura deliciosa.

— É curioso!

— Vae lá... — aconselhou a condessa, batendo generosa no hombro da amiga.

— Hei-de ir, hei-de, que infelizmente estou bem precisada. E o mundo é inexoravel contra a velhice... Os primeiros signaes de ruina são a nossa condemnação ao isolamento. Que horror!

— O remedio é a gente defender-se até aonde póssa, — tornou a condessa; e com um tom de

grande encarecimento na expressão: — Vae lá, anda! Eu sou amiga...

Deu meio-dia na pequenina pendula de crystal e oiro, sobre o contador.

— Meio-dia, já! Ai, meu Deus! e eu assim... — exclamou Claudina, como acordando. — Tem paciencia, Henriqueta, vou-te deixar... Não hei-de ir assim p'r'a mêsa.

Agora era a sinêta do pateo que tinha com força.

— Olha, é p'ra cá, — disse a condessa.

— Deve ser... — murmurou Claudina, n'um leve embaraço. E já sem pressa, ficou-se uns instantes, quieta, de ouvido á escuta, n'uma como expectativa que a interessava.

D'ahi a minutos, a Adelina á porta do quarto:

— Minha senhora, é o snr. conego Ascensão.

— Está bem, manda entrar... mesmo p'r'a sala de jantar. — E logo, com muita abundancia

de gestos, voltando-se para a condessa, a prevenir o seu espanto: — É d'uma pontualidade!

— O conego Ascensão! Também vêm almoçar?

— Vêm, sim...

— Não me tinhas dito nada...

— Foi uma coisa combinada hontem, de repente.

Com a expressão incredula, a condessa maneava em ar de censura a cabeça. Claudina acudiu:

— Contraria-te?

— Não... basta ser do teu agrado.

— Ficáste assim a modo...

— Ai, Claudina! Claudina! que não és franca para a tua amiga...

— Não, olha, a verdade, a verdade toda é esta... — tornava Claudina, um pouco atabalhoadamente, comendo as palavras. — O

conego passa aqui na rua quasi todas as manhãs, quando vêm da catechese...

— Catechisada estás tu...

— Não, sério... fica-lhe em caminho, sóbe... e uma vêz por outra, almoça.

— Escusavas de outra companhia.

— Depois, sabes? temos tambem que pôr a direito a escripturação da *Liga*, de que eu sou a thesoureira. Elle vêm-me coadjuvar.

— Ou és tu que o coadjuvas a elle?...

E dardejando um malicioso olhar á amiga, a condessa continuava bamboando significativamente a cabeça:

— Sim senhora, sim...

— Afinal não sei o que é que tu imaginas...

— acudiu Claudina, n'um começo de enfado, visivelmente embaraçada.

E, em meio da sua debil defêza, tinha um sorriso que era a irresistivel confissão da propria culpa. A condessa então insistiu:

— Porque não has-de tu confessar-me o teu fraco por esse bisarmão do conego? Eu cá fui mais franca... — Sem responder, Claudina olhava-a fixamente, com as palpebras frouxas, mordendo os labios. — Vamos, anda, minha dissimulada! dize lá... que *quindins* tem o homem?

Após uma pausa de deliciosa lucta interior, porfim Claudina, n'um impeto de sinceridade, apertando com volupia o braço da condessa:

— O' filha, não sei, não sei... mas é um homem tão bem acabado... — E n'um abandono de confidencia, quase em segredo: — Tão cheio de goso!

— Recorda-te o militar?...

— Excede-o!

— És uma mulher feliz!

— Mas olha que eu, a fallar a verdade, nem sei bem como esta coisa foi! Começou por elle me gabar as mãos...

— E acabou por tu lhe admirares... as prendas.

— Vae entretêl-o, anda!

— Não tens ciumes?...

E n'uma grossa risada, já junto da porta, as duas amigas despediam-se, passando a condessa ao corredor, enquanto, de dentro, Claudina fechava a porta e ia n'um consolado arrepio a tomar o seu banho.

Na sala de jantar o conego Ascensão, ainda de pé, deposéra sobre uma pequenina mêsá axoroadá um rôlo de papel almasso; e passeava, mais uma vêz, um olhar familiar e indifferente por todo aquelle emmolduramento grave de *boiseries* de preço, altos moveis em solido carvalho do norte, profusamente entalhado, pratas, porcelanas,

velhas fianças andaluzas e do Rato, e modernas da Alsacia; *stores* polychromos de bambu deantes das vidraças; e entre plantas de estufa um grande viveiro, contra cujos arames doirados vinha debater-se, chalrando, a passarada.

O conego, mal viu a condessa entrar, correu muito affectuoso a estender-lhe a mão, que ella fêz a menção de beijar, n'um gesto contrafeito. Porém elle, com galanteria, escusou-se, dirigindo á condessa phrases lisonjeiras, no fundo aziumadas, via-se, por um ligeiro travo de contrariedade.

Entretanto, a disfarçar, disse que estimava immenso vê-la ali; que era preciso, para ter a honra e a dita de a encontrar, vir a casa das amigas d'ella. E, besbelhoteiramente, tambem logo a condessa aproveitou para indagar do conego se elle vinha a esta casa muita vêz. Ao que elle, discretamente, — que raro... apesar de ter ali

perto, em S. Paulo, a catechese, aonde vinha todos os dias.

— Era então natural que passasse também, todos os dias, por aqui...

O rubicundo e opado rosto do reverendo, tão facil em aquecer, fêz-se côr de lacre; e com os olhos duros:

— Não, minha senhora. Deus me livre! Não que a snr.^a D. Claudina não tenha insistido, mais d'uma vêz, comigo...

— Ah!...

— Mas eu é que não quero... não devo. E hoje mesmo, se subi...

Apontava o rôlo de papel, explicando — que eram as contas da *Liga da Costura*. E, a proposito, ia lastimando que a condessa nunca houvesse assentido a entrar para uma confraria de tão santos e caridosos intuitos. Ella objectou que era uma aggremação muito mesclada, havia por lá gente

de todas as castas... não lhe cheirava bem. Ao que o conego, gentilmente, — que cada um era o que era... no serviço de Deus não havia escolhas... e que o diamante nada perdia do seu valor, mesmo afundado na lama.

Riu muito a condessa, ao galanteio; e sentada junto do viveiro, desfolhando com procurado garridismo uma camelia que tomára de cima da mêsa:

— E depois, olhe, sabe, reverendo Ascensão? não me leve a mal... mas não pôsso aturar aquelle D. Prior!

Nos pequeninos olhos azues do conego fuzilou um relampago de alegria. E, a prolongar o seu regalo, apressava-se a inquirir:

— Mas porquê?...

— É muito pretensioso, muito hirto, não deixa fallar a gente á vontade...

— Em compensação, falla elle muito bem!

— Deixal-o! Não pôsso... que quér? não pôsso! Com aquelle queixo, aquelles oculos... É muito feio!

— Mas com todos esses defeitos, senhora condessa, elle conquistou e mantêm, n'um certo *meio*, uma superioridade e uma influencia singular! Não sei como...

Distrahidamente, a condessa atirou para dentro do viveiro o pedunculo desguarnecido da camelia, e ria-se do timorato bater de azas e dos assustados pios do bando alado, que este seu simples gesto determinára. E foi quando o conego, animando-se, no favoravel ensejo que a innocente diversão da condessa lhe offerecia, se sentou deante d'ella e insistiu:

— Não sei como explicar, não... realmente não sei!

Quasi machinalmente, e sem o olhar, a condessa corroborou:

— É um padre muito á antiga!

— Um moralista rotineiro!

— Em vêz de attrahir a gente, repelle-nos...

— Teria dado um soberbo Inquisidor.

— Isso, isso... Assim faz-me mêdo!

— Ah, não tem duvida nenhuma... Esse homem duro e implacavel, que tem subido espezinhando os outros, foi serodiamente gerado... veio tarde de mais ao mundo... é um descuido feliz da Natureza! Nem de outro modo se explica a ferocidade, a intransigencia quasi irracional da sua doutrina, atrasada, em relação á logica evolução social, de bons sessenta annos.

— Seiscentos, direi eu... É um solemme maçador!

— Não é nada o meu systema! — confirmou o conego com desdem; mas de repente, sentindo-se colhido, pelo olhar fixo e subtil da condessa, em flagrante estadeação da sua inveja: —

Entretanto, repito, minha senhora, o D. Prior tem qualidades que eu muito admito... a tenacidade, a illustração, a severidade, a eloquencia...

— A virtude...

D'esta vêz, o cônego não ouviu, erguendo aos caixotins florentinos do tecto hypocritamente os olhos.

Mas, insaciavel, a condessa:

— Elle é muito austero, não é?...

A grossa caluba do conego congestionava-se, porque não havia meio de elle desarredar a vista d'aquella opportunistica admiração do tecto.

— Sabe d'aquella historia d'uma grande paixão contrariada?... — prosseguiu Henriqueta.

O Ascensão, sempre alheado, tamborinava com as grossas mãos nas côxas. E a condessa:

— E, depois, a subsequente revolução moral que se fêz em todo o seu ser?...

— O residuo do temperamento ardente lá havia de ficar...

— Não acredito! Aquelle homem é uma alma amortalhada em vida!

— O que não impede que, apesar d'essa tranquillizadora segurança, vossa excellencia não queira aproximar-se d'elle.

— Está enganado, meu caro conego, eu não quero mal nenhum á *Liga*... E a prova é que lá andam as minhas filhas.

Logo o conego, aproveitando habil a deixa:

— Ah! e, sinceramente, não podia vossa excellencia ser melhor representada. São, em toda a extensão, duas verdadeiras joias.

— A mais nova é um pouco levantada.

— Oh, a Olympiasinha... é um appetite!

— Tem uma inclinação estúpida, que não me agrada!

— O Fernandinho?

— É um viciosito... póde ser a desgraça d'ella!

— Ora, senhora condessa, rapazes...

— Não sabe que elle tem ahi uma inclinação antiga?

— Sim, minha senhora... antiga em todo o sentido.

— Podia ser mãe d'elle... É incrível!

— Mais um argumento para o pobre rapaz casar breve.

— Mas os dois diz que são inseparaveis!

— Tudo isso acaba... E ninguem como a Olympiasinha para fazer o milagre.

— Eu sei lá! — gemeu, com sincera preocupação, a condessa; e depois d'uma pausa, erguendo-se: — Já os mesmo cuidados me não dá Leonor!

— Oh, essa é uma santa! — confirmou o conego, erguendo-se tambem.

— Que genio tão particular! Tem um defeito...

— Aquelle anjo?...

— Sim... admira doidamente o D. Prior!

— De quem fallas tu, minha tonta? — interveio com vivacidade Claudina, entrando agora na sala. Da tua Leonor? — E, enquanto apertava a mão ao conego: — É uma fascinação espiritual... nada mais digno de respeito. Tomára eu ser capaz d'um sentimento assim!

Depois, avançando com uma desenvoltura, deliciosamente envolta n'uma fina *matinée* lilaz, com lacinhos de setim da mesma côr e a frente inchoada de rendas:

— Mas as coisas espirituaes não são decerto o assumpto mais agradável para estomagos vasio. — E á cabeceira da mêsa, chamando com a mão direita: — Henriqueta, p'r'aqui... O conego já sabe... — Então, quando viu este tomar e logar na

sua frente, sentou-se, e, voltada para traz, ao
creado, que se perfilava a distancia:

— Vamos a isto!

VI

Entretanto, este seu ultimo amoroso desengano com a Paixão trouxéra á devastada alma do conde pundonorosas reacções a proposito, estragos bem salutaes... Evidentemente, aquelle espertar tão matinal, tão fóra dos habitos d'ella, depois, demais a mais, das carinhosas solicitações da vespera, fôra um expediente grosseiro da burlona para se vêr livre d'elle. Começava a conhecel-a... Sahia-lhe com'as mais, afinal... — Pois seria a ultima mulher a zombar d'elle! — promettêra a si mesmo, solememente, ao cabo de mais um tormentoso dia e uma noite de desfibrinante analyse interior. — Estava breve a fazer cincoenta e quatro annos, sentia-se gasto, estropiado, inutil... Apesar das suas conquistas antigas, de toda a sua retumbante fama de elegancia, de toda

a sua influencia e todo o seu dinheiro, olhava agora para o passado e reconhecia que fôra sempre um eterno ludibriado da sorte! Contavam-se-lhe pelas aventuras as desillusões, os desastres, as vergonhas. Um verdadeiro suicidio moral. — Era demais!

E prometeu-se, pela centesima vêz, proposito sincero de emenda; com vehemencia protestou que passaria a fazer vida nova... agora, por escarneo, já no calcanhar da vida! Os seus maus instinctos, as suas predillecções insalubres, os seus vicios extemporaneos e ridiculos, havia de ter força e coragem finalmente para algemal-os na mais funda reluctancia do seu querer. E deixar-se de viver tão só... que esse pernicioso isolamento era o conselheiro dissolvente que o perdia. Nada, nada, outra vida! Voltaria a aproximar-se do grande mundo, da gente da sua roda, avivando relações que eram prestimosas, no fim de contas,

rodeando-se da sociedade naturalmente sua igual, e de que ha tanto tempo o trazia deploravelmente arredado a bandalheira sem fim da sua vida!

Então, para principiar, e como se estava proximo do Carnaval, lembrou em casa darem um baile, — um d'aquelles seus celebres bailes annuaes de outros tempos, que tão alto levantado haviam o prestigio mundano do palacete da rua da Emenda. A condessa apoiou logo com calor, bem como Olympia. Leonor não manifestou opinião. Só o irmão é que oppôz suas objecções, concluindo por pedir que o avisassem ao menos com antecendia, porque queria sahir de Lisboa, quando fôsse essa maçada.

Os convites fôram profusos e a decoração das salas ricamente preparada a primor. Quinze dias antes, já em todos os aposentos do andar nobre ia uma azafama doida. Não tinha um minuto de descanso a condessa, commandando um batalhão

de creados; a cada momento os decoradores e estofadores se cruzavam na escada com as costureiras e modistas; entrava mobilia nova e sahiam objectos partidos; e frequentemente o conde, aturdido, sahia tambem, a furtar-se a ruidos com que os seus nervos extenuados não podiam, dizendo — que aquella confusão lhe fazia mal á cabeça.

Depois, nas proximidades da festa, os jornaes elegantes déram prolixa descripção do arranjo das salas, bem como das marcas do *cottillon*, mandadas vir de proposito. E n’essa segunda-feira gorda, assignalada por uma das mais ruidosas diversões d’aquelle inverno, já ás nove da noite a rua da Emenda e immediações regurgitavam de gente, — curiosos, transeuntes, cocheiros, vadios, e por entre elles, vagarosamente, a escovada fila dos convidados, o que equivale a dizer, toda a escumalha doirada da alta vida lisboêta. Alguns

policias regulavam o transito, sornamente, de luvas calçadas. Garotos apregoavam jornaes. E ao longo da rampa o vasto prédio, flammante e massiço, ostentava a imponente fieira das saccadas rutilando como um collar de pedraria.

No atrio, uma opulenta profusão de arbustagens luxuriantes vestia e enredava as paredes e o grande vitral da escada n'um emmaranhamento tropical. Vegetações espessas de *rhododendrons* entrelaçavam os verticillos baços e numerosos das suas folhas, em circulo, com a folhagem alargatada, sarapintada a ovo e reluzente, de *aucubas japonicas* possantes, a termos que assim forravam toda a vasta quadra d'um estôfo caprichoso, vivo e fresco, acolchoado patriciamente de camelias. E á frente d'este revestimento bracejante, a cortar-lhe a severidade do verde-retinto, distribuam-se com arte os *agaves*, de largas folhas, ponteagudas e gordas,

d'um tom glauco e arrogante, ouriçadas algumas de espinhos; as *cycas* harmoniosas, espirrando da base n'um jacto de longas folhas, pennadas finamente, as interiores erectas e muito tenras, as exteriores debruçando-se, côr de ouro velho, em curvas que dirieis musicalmente graciosas; e as *begonias*, as *primulas*, os *aloes*, alguns formosissimos, mosqueados de velludo, suspendendo ao alto das suas hastes alongadas, pequeninos pingentes campanudos de coral.

Rentes com os quatro angulos, erguiam-se té muito ao alto, estioladas e nostalgicas, algumas *musas* de preço, todas dobradas na sua languidêz de filhas ardentes do deserto, com quatro ou cinco folhas apenas, esfiampadas e doloridas, e entre ellas o involucro dos fructos, pendendo rôxo, carnososo, enorme como um coração hypertrophiado.

Para o centro fôra trazida uma taça de marmore, rodeada de *orchideas* complicadas, de preciosos *jetos* arboreos, de miniaturas de *araucarias*, detalhadas e miudinhas como um mimo de joelharia, e de elegantissimas *pitcarnias*, que com offereciam, ás senhoras que passavam, primorosos leques digitados, - d'um bello verde macio as varêtas, e nos bórdos uma tenue pennugem capillar, branca e fluctuante. E d'este pedestal sadio de verdura emergia, em carinhoso destaque, um marmore alvissimo de adolescente, sobraçando uma amphora d'onde a agua escorria n'um murmurio brando.

A luz que jorrava do alto, de quatro grandes globos de incadescencia, muito fria e clara, nimbava de prata as empoadas cabeças que passavam, metallisava a folhagem das plantas, e como que immobilisava todo o recinto n'um quietismo lucido, em meio do qual

murmuradamente vibrava apenas o reflexo da agua da taça, tremulando, como uma trança de luar, ao longo dos quadris da estatua, amorosamente... E ao longo da magestosa escadaria secular, os convidados, golfados sem cesar dos trens, iam subindo vagarosos e solemnes, vendo a sua imagem, gradualmente, a crescer e a ganhar em elegancia no immenso espelho do patamar intermedio, enquanto as pequeninas palmeiras *cocus*, enfiadas por toda a rampa, se debruçavam com galanteria dos seus vasos de faiança reluzente, como que a espreitarem e querendo beijar os pés das damas que passavam...

Entretanto, logo na primeira sala em frente, — puro estylo seculo XVIII, — o conde, muito polido, floridente, alindado com ingredientes de toucador e rosto, e o invariavel *loup* d'um sorriso convencional ajustado á sua mascara de ruina, tinha para cada convidado uma phrase apropriada:

— Ó viscondessa! meu caro visconde...
Surprehendiam-me, se não me viessem!

Depois, ao presidente do conselho:

— Snr. conselheiro, que honra!... Nem o peso dos mais transcendentos cuidados da governação lhe faz esquecer os devêres da cortezia.

E o ministro, emendando, muito conspicuo:

— Da cortezia, não, meu caro conde... Diga antes, da consideração e da amizade.

— Ha-de ter o seu *chist*, prometto.

— Muito obrigado!

Depois, quasi a seguir, ao *Chico* Parreira que chegava, um pouco acanhado, entregando a um creado o sobretudo verdoengo:

— Seja bemvindo, meu walsista!

E o pretensioso rapaz, quasi fulminado, não achou que responder áquella amabilidade, perante o seu vaidoso criterio offensiva... «Meu walsista!» Era então este, perante o mundo, o seu

melhor titulo de recomendação... d'elle, o moço entusiasta, o esperançoso escriptor, o critico, o poeta, todo enlevado em sonhos de gloria, todo embebido na crença triumphante do futuro?... «Meu walsista!» A elle, o vehementissimo cultor do espirito, que tinha dois livros de versos publicados, com lindas capas exoticos, e meia duzia de dramas historicos na gavêta, irmanavam-n'o ao primeiro parvo adorador de Therpsychore. Em vêz de lhe pedirem versos para um album, eram capaz de o convidar para algum *pas de quatre*. — Um desafôro assim!

Seguiu contrariado, nervoso, para a sala immediata, — arranjada ao gosto D. João v, — e a cuja entrada a condessa, magnifica de *pose* e muito insinuante, — de setim *broché* azul claro e rendas crême, na frente um *panier* riquissimo de velludo *cardinal*, bordado a oiro, e na cabeça, orelhas e collo uma *parure* deslumbrante de

esmeraldas, — reeditava em edição diamante para as suas hospedas da noite os cumprimentos do marido.

Pois também esta, mal viu o Parreira, pressurosamente:

— O' Parreirinha! como está? Já me tardava. Ainda bem! Olhe que temos que marcar o *cotillon*.

E o Parreira, curvando-se grato, sentia o intimo desejo de abalar d'ali.

A este tempo a multidão era já enorme, compacta, estonteante. Um perfume capitoso a essencias caras insinuava-se pelos nervos, embebedava os sentidos. Havia um grosso marulhar de vozes, a capricho cortado pela aravia estridula dos mascaras, muitos dos quaes partiam a correr de junto da condessa, que não conseguira reconhecê-los, e esfusiavam por aquella onda compacta de gente em casquinadas de alegria. O negro luzente das casacas, a guizalhada petulante

dos *pierrots*, o brilho esturdio dos *costumes*, o oiro fulvo das fardas, a macia opalescencia das espaduas nuas, deslocavam-se, introvertiam-se agitavam-se e succediam-se balanceadamente, n'uma incoherencia phantastica, n'um rythmo extravagante de sonho oriental. Do alto dos estuques rendados, o gaz, palpitando alegre e turbulento tambem, dava um intenso destaque de vida ás cabeças e aos bustos, que como que ampliava n'uma aureola, e penetrando de acaso por uma ou outra clareira d'aquella grande massa movediça, lá ia papejar docemente, já em attenuados brilhos, na *devanture* d'uma saia, na corrente d'um relógio, n'uma gran-cruz, n'um leque, n'um anel. E por sobre tudo isto um borborinho de festa sobrenadava, lembrando o murmúrio alegre do oceano, metallizado e luzente, em dias mansos de sol.

E já agora o Parreirita, empolgado rapidamente pelo *meio*, principiava a achar bom, a deliciar-se. Nunca tinha assistido a um baile assim! Era o primeiro. E com gosto verificava ser realmente bello o *grande mundo*, no fim de contas! deixar lá fallar os invejosos... Ali, n'aquella meia-tinta galante, as paixões esmoitavam as arestas, as almas adelgaçavam... e, envergonhada a si mesma, a bestialidade humana punha mascara tambem. A perversão, a sensualidade, o vicio, toda a enliçagem ruim da vida, calçando luva de oito botões ou moldadas n'um *corset* elastico, passavam assim e armavam commodamente á consideração e á evidencia, n'um verniz de hypocrisia que era o segredo da sua impunidade. Fartos *motivos* para estudo, ricas notas para o 2.º acto do seu drama, OS PINOLAS DA CÔRTE, elle ia, seguramente, surprehender ali!

Entretanto, enquanto assim philosophava, dava-se a pêrros para o consciencioso desempenho da sua missão de informador do *carnet* do *Illustrado*. A cada momento, quando se sentia mais a recato em meio da embarulhada onda da multidão, saccava do lapis e do papel, e sentava-se, acoitando-se rapido no primeiro latibulo onde pudésse por instantes annullar-se, a olhar e a escrever.

Mas lá o surprehendia de repente, n'aquella subalterna funcção, algum conhecido, o que o fazia córar. Ou, então, eram as senhoras que com o seu olhar esperto o lobrigavam de longe, e ahi vinham logo passar por deante d'elle em pausado andar de procissão, arqueando n'um donaire o busto, rastolhando com solemnidade as caudas.

O Fernandinho veio adonde a elle e levou-o para o salão de baile. Queria-lhe mostrar uma trigueirita com quem andava, n'aquella noite,

entretido, e de caminho pedir-lhe que o avisasse mal Olympia apparecêsse. Mas o Parreira escusou-se delicamente... Queria vêr tudo bem, tinha de fazer o jornal uma resenha completa. Estava compromettido, precisava o campo livre. E mesmo, além d'isso, — segredava elle lambisqueiramente, — aquella qualidade de redactor das salas, estava percebendo não deixar de ser tambem um degrau muito soffrivelmente vantajoso para o accesso ao amor...

A actividade do conde é que não conhecia limites. A quem tratásse de medir-lhe bem o intimo alcande, ella chegava a metter dó. Era uma caça desapoderada á consideração e á evidencia. Era o jogo interesseiro e servel d'um homem desvalorisado moralmente, um transviado no caminho do bom conceito social, que a todos os pretextos, a todas as pessôas e condições se agarrava, no aferrado empenho de alcançar a

reabilitação. Distribuía-se, dispersava-se alegremente, como um expatriado que torna aos queridos logares e affeições de outro tempo. A um dava calorosos apertos de mão, que pareciam a sôfrega aceitação d'uma esmola, a outro dirigia diminutivos familiares, a outra batia na espadua amigavelmente. As suas faces derrancadas tinham clarões de alvoroço. E perante aquelle transbordar de effusão, tão pouco nos habitos do conde e um tudo-nada deprimente, sem descanço e sem medida, os outros homens, em geral tão bons como elle, tinham attitudes ostensivas de desdem, abotoavam-se sobranceiros n'uma reserva toda de hypocrisia, ou de distrahida e humilhante tolerancia.

O que dava origem a pontas de dialogo como esta:

— O' meu querido amigo! Ha que tempos que eu não tinha a honra...

E é verdade... — accentuava o intrpellido, alongando os labios.

— Eu logo vi que não me davas o desgosto de faltar! — O outro dobrava-se, n'um sorriso complacente; e o conde a insistir: — Só assim me seria dado o prazer de te vêr!

— Sim! andamos por sítios tão differentes...

E o conde, vexado e humilde, encarava com espanto a meticulosa creatura que por esta fórma lhe fallava, — um gordote e grisalho solteirão, com cinco amantes, e seu antigo e folgaçado companheiro por quantas bohemias desgarradas de amor!

Mas passava-lhe ao lado um conhecido industrial, que fallira em tempo, ao depois fundador d'um banco que durará oito dias, e a quem o conde por essa occasião déra muitas vêzes de jantar, emprestando-lhe até, para elle se tornar a estabelecer, grossa somma de dinheiro.

— Adeus, meu caro Migueis! Então esse negocio?...

— Felizmente, bem.

— Nunca mais apareceu...

— Moramos longe.

— Ora! quando ha vontade, do longe se faz perto...

— Vossa excellencia bem deve calcular que eu não tenha poucos afazêres... — objectou o impertigado industrial, n'uma affectação cerimoniosa, arrastando com tão inopportuna frieza aquella «excellencia», que o conde estremeceu n'uma contracção de arrelia.

Mas ainda tornou, affavelmente:

— Bem, muito estimo as suas prosperidades.

— Obrigado a vossa excellencia!

— Qualquer dia lá vamos, eu e as pequenas.

— Quando vossa excellencia quizer!

E era sempre, a cada nova tentativa do conde, aquelle invariavel qualificativo de cerimonia a afastal-o, n'uma parada de respeito. Até que, com uma grande mesura, o grosso Migueis se distanceava, deixando pregado no mesmo logar por uma dolorosa decepção o conde, seu antigo companheiro de collegio.

Mais feliz do que elle a condessa. Esta via-se a todo o momento rodeiada por uma attenciosa e galante sociedade. Os adulares e as rivaes. Os que lhe incensavam a belleza e as que lhe esmiuçavam as *toilletes*. Prendia sobretudo as attenções, incendia os olhares e ironisava as boccas, o magnifico adereço de esmeraldas, - delicioso pretexto a um maligno segredar de picantes commentarios. Entretanto, este patente zumbir de escandalo, que, de grupo para grupo, seguia a condessa como um rasto de peccado, não alterava a invariabilidade dos amaveis sorrisos

convencionaes, que eram nos homens o passaporte egoísta d'uma esperança, e nas mulheres a attenuada exteriorisação d'um despeito.

Porêm a condessa, alta mundana como era, em meio de todo esse nutrido e perigoso tiroteio, mantinha uma correcção perfeita. Conhecendo-se instinctivamente a rainha da noite, mantinha com magestosa elegancia a sua linha inalteravel, illuminada do mais adoravel bem-estar, com os seus grandes olhos de velludo aquecidos por um encanto ingenuo de vaidade. E como expediente habil de defêza, evitava subtilmente os dialogos, dirigia-se em globo aos grupos:

— Perdoarão, minhas amigas, se em certo modo as obriguei a virem a esta semsaboria...

— Ó condessa! não diga isso...

— Que heresia!

— Está uma festa esplendida!

— Feérica! — exclamava o Parreira.

— Olympica! — ajudou o Fernandinho.

E logo uma trocista voz do lado a commentar:

— «Olympica» sem *calmebur*?...

O Fernandinho córou, e todos riram; de roda da alhejada impassibilidade da condessa, que fingiu não perceber a allusão ao namoro da filha. E, depois que a galhofeira onda passou:

— Entretanto, creio que não tivémos uma idéa muito má... Com S. Carlos prestes a fechar...

— Sim, onde havia de a nossa *jeunesse dorée* encontrar as figurinhas suas dilectas? onde continuarem as suas tradicionaes côrtes de amor?

— Não digo tanto... Mas conversam, têm occasião para trocar phrases, impressões...

— Quer dizer, continuam os nossos corações em perigo! — disse com ar galanteador um jovem, bilioso e curto, de faixa de deputado.

— Em perigo, não sei porquê... ou por quem?... — murmurou com singular expressão a condessa. E de repente, vendo entrar, fascinadora e imponente, D. Claudina: — A não ser... vejam... agora sim... a não ser pela minha rica amiga que chega! — E correndo a ella e beijando-a com terna effusão: — Claudina! meu amor, como estás?... Isto são horas?

A condessa afogava assim, n'este destemperada e excessiva explosão de ternura, o seu indominavel despeito perante a rival.

Porque vinha realmente encantadora a entusiasta admiradora do conego Ascensão. Trajava um grande e simples vestido liso, de velludo côr de ameixa, de ampla cauda em leque, apenas com a orla do decote debruada de perolas. E tendo beijado a condessa, e ao mesmo tempo, n'um relance, observado as esmeraldas, afastou-se rapidamente, marchando por entre a multidão

com altiva elegancia, dentro d'aquella sóbria e rica tunica, cujo tom severo emprestava á opulencia cálida do seu busto um soberbo ar de magestade; emquanto, como um symbolo de realeza, ao alto dos cabelos se lhe balouçava rythmicamente, sobre uma flôr de lys de brilhantes, uma grande pluma branca.

Mas já não a largava esse pequenino e redondo deputado, de coração inflammavel, ainda ha pouco gravitando na orbita de attração da condessa, e que agora ia pondo todo o seu desvanecido cuidado em acompanhar, lado a lado, como qualquer coisa de indispensavel ou de querida, esta grande mulher appetitosa, que accendia ao passar um grosso murmurio de desejos. E ella fingia attendel-o, complacente, emquanto o minusculo peralvilho, esticando as pernas, lhe ia dizendo banaes lisonjas, muito vaidoso e alegre, com toda a viciosidade do

temperamento saltando nos seus rasgados olhos em amendoa, com toda a chatinice do character expressa no seu penteado burocrata, — cabello negro muito lambido, bandós e risca ao lado.

Por esta fórma os dois, tendo percorrido os tres salões da frente da casa, passaram em angulo recto pela sala de jogo, um gabinete de leitura e a sala de bilhar, e entraram finalmente, ao fundo, no salão destinado á dança, o qual fôra improvisado na sala de jantar da casa. Era esta a unica que ao effeito se prestava, pelas suas dimensões.

Porque o palacête dos condes de Fiães, não obstante ser um vinculo antigo de familia, muito havia que perdêra o character inteiriço e puro das suas tradições. Fôra soffrendo gradualmente, de geração para geração, o desbarato. Té que finalmente a inercia do conde, e, estimulado por ella, o genio turbulento e vário da mulher, haviam acabado de reduzir aquelle meticoloso ninho

antigo, — de glórias que eram reliquias, de lembranças que eram poemas, — quasi a um d'estes prédios faustuosos, mas frios, em que o desapêgo do *home* é completo, resentindo-se do cosmopolitismo ao semestre, da ausencia de recordações ligadas ao lar indissolúvelmente, e cuja crescente invasão está formando o fundo e o mal da nossa sociedade.

Hoje, o elegante palacête da rua da Emenda era um casarão muito amplo, mas, tirando a escadaria e o gabinete de trabalho do conde, o mais sem uma nota typica, — um mesclado atafulhamento de coisas preciosas, para ali dispostas exhibitivamente e atiradas, como n'um bazar, á attenção dos outros, sem *cachet* de família portanto, sem ar caseiro, sem este adoravel cunho intimo que dá a physionomia, a moral, a estabilidade dos interiores a sério, esses que

melindrosamente sentem a mantêm o respeito das suas ligações e o amor da sua raça.

Assim, para a apparatusa improvisação do salão de baile fôra revolvida por completo a casa de jantar. Haviam desaparecido os grandes armários e aparadores florentinos, de carvalho e bronze, com as suas pratas e louças ornamentaes; mas nas paredes ficaram suspensos scintillando os *cloisonnés*, as faianças, os esmaltes e os pratos do oriente. Quatro *dracaenas* gigantes, aos quatro angulos, aprumavam muito alto os seus pennachos marciaes, verde-retintos, e tinham os caixotes occulos por amplas talhas do Japão. Circuitando a sala, em duas filas paralelas, junto ás paredes, havia longos *divans* em *reps* de sêda, côm de oiro velho; mas tambem com elles entremeiavam as cadeiras *vieux-chêne*, de alto espaldar e columnellos torcidos, que faziam parte da mobilia habitual da sala. Tres grandes lustres

de crystal alumiam o recinto. A um recanto, tocava um *quartetto* de corda. E ainda o soalho ficára vestido por uma espessa alcatifa, toda em ramagens, que prendia os pés dos que dançavam.

Quando Claudina ali entrou, ao centro da sala, n'uma pequena clareira mantida a custo entre a desordenada onda da multidão, alguns pares dançavam com dificuldade. E junto á parede do tampo, mesmo na cabeceira da sala, as damas da primeira aristocracia formavam circulo á parte, voltando ligeiramente as costas, n'uma desdenhosa extremação do resto da sociedade.

Fôram logo direitos a este pequenino circulo primacial os grandes olhos macerados de Claudina. Ardia n'elles, bem claro e imperioso, o empenho por forçar a entrada n'aquelle reducto difficil... Mas, pesquisando com viva attenção, - a bondosa e dôce marqueza, sua illustre presidente na *Liga*, não estava lá! Não conhecia nenhuma das

outras. Não havia meio... — Mordeu os lábios, sofrendo a impaciencia, e, a illudir o seu despeito, disse sacudidamente para o inseparavel galan:

— Aproveitemos a musica, quér?...

E no mesmo instante atirava-se esquecidamente ao turbilhão, redopiando, com um venturoso deputado em biscos de pés, no rythmo languido d'uma walsa.

De roda os *mirones*, avidamente, observavam-n'a. Um notava-lhe a significativa côr do vestido.

— Não vês esta impudencia? Como escolheu uma côr canonica?...

— Então! ao menos é franca.

— Era melhor uma tabolêta!

— E que affectada simplicidade, não vês?...

Quasi nem uma joia!

— Pois naturalmente... A trazer pedras, só se fôssem amenthistas, e essas hoje não são finas.

— Mas este Galrãosinho atira-se-lhe... Como se liga assim o sagrado ao profano?... Ella, a graciosa eleita d'um dos servos do Senhor, abandona-se por esta fórmula a um representante da nação?

— É pela lettra da Concordata!

Tambem, um pouco mais longe, nas bancadas das senhoras, a loirita Prazeres, observando Claudina com azedume, segredava para uma amiga:

— Nem sei como ella veio... Tem o cunhado a morrer...

— E é que realmente lhe faz muita falta!

E ambas riram maliciosamente sobre esta allusão cruel.

Claudina porêm, mal terminou a walsa, voltou inquieta ás primeiras salas, no vivo empenho de descortinar a condessa. Accelerava-lhe os passos um sentimento de mal reprimida aversão. —

Queria voltar a vê-la e certificar-se bem... Então sempre o Armando... Desafôro! — A ciumenta visão das esmeraldas ficára-lhe, a fogo, na retina. E, confundida com ella, vinha tambem, estimulante e inflexível, a figura joalhada de Armando, com a lenda de todas as suas prodigalidades e a deslumbrante fascinação dos seus brilhantes.

Porque Claudina requestára-o razoavelmente em tempo, n'um frio calculo interesseiro, aquecida apenas na cubiçosa esperança de alcançar d'esse prestigioso nababo alguma prenda de preço. E, parallelamente, elle cortejára-a com uma certa insistencia; chegára mesmo a gabar-lhe, mais do que uma vêz, as mãos, tendo, por exemplo, phrases significativas como esta; — que maravilha de deos! São dignos dos metais mais raros e preciosos!

— Mas por infelicidade nunca o impostor chegára a pôr em pratica esta formula lisonjeira de apreciação. O platonismo dos seus votos não chegára a entender-se com a avidêz dos desejos d’ella... E, entretanto, outras distracções tinham vindo que a arredaram de pensar mais n’aquella futilidade.

Pouco depois, diziam-lhe, e ella tinha occasião de verificar, que Armando galanteava decididamente a sua intima amiga, condessa de Fiães. Não fizéra maior reparo. Nem tinha que extranhar, porquanto as suas ephemeras pretensões haviam findado; nem havia porque sentir inveja, pois certamente os resultados materiaes colhidos pela condessa seriam tão deploravelmente escassos como os d’ella... E n’esto philosophico arrazoado egoista se ficára, resignada sobretudo e contente depois que, n’aquelle almoço, em sua casa, ella mostrára á sua

amiga Henriqueta que estava ao facto de tudo. Mas agora n'este noite, de repente, a diabolica scintillação d'aquelle magnifico adereço reavivou-lhe as pomposas tentações antigas. E crispou-se-lhe a alma, pelo exito da amiga, n'uma raiva de vingança, n'uma furia doida. Este inesperado e magnifico successo trouxe-lhe em exasperado relêvo ao espirito, n'um esticção de aspero ciume, n'um insoffrido contraste, a lembrança dos seus cobiçosos planos falhados. E, consequente, tudo agora era revolta e odio, onde anteriormente não houvêra mais do que um desdem tolerante. — Um adereço esplendido, aquelle, não tinha que vêr! E completo, tinha-lhe parecido... Precisava verificar, tornar a vêr-a bem, a essa desavergonhada... pois ainda lhe parecia inverosimil tamanha somma de impudencia! — A ambição e o despeito avolumavam-lhe agora esse simples peccado venial, como se fôra o maior dos

crimes. Nada! seguramente as relações da condessa com Armando eram para ella uma dupla affronta. Signficavam da parte de Armando uma humilhação, da parte da condessa uma perfidia. — Um adereço d’aquelles! valia contos de réis... Ella tiraria a deforra!

E tudo era portanto alongar pela apparatusa successão das salas ferinamente a vista, a tentar descobrir qualquer primeiro indício que pudésse ser base ao seu plano de vingança. A principesca dadiva de Armando á condessa congestionava-lhe a nuca, punha-lhes frios de desespero na raiz dos cabellos. Tomava-lhe proporções d’um rombo feito a ella mesma... Precisava de se vingar! — Mas como? que ia ella fazer?... Procurar malquistal-os, desunil-os já de começo? inutilisar, pouco mais do que á nascença, a banalidade de mais uma ligação adultera? Não! que isso agora, depois do mal feito das esmeraldas compradas,

seria um expediente idiota... Pelo contrario, tiraria uma desforra ruidosa, fallada... E, a occasião era excelente... seria já, n'aquella mesma noite, ali! Havia de aproximal-os, unil-os bem intima e confiadamente, e então fazer incidir sobre elles as attenções, por fórma ou em condições taes, que fôsse inevitavel a reprovação convencional do mundo... as comminatorias iras da sociedade e talvez a obrigada separação do marido. — Que elle o conde era, n'esse particular, um homem bem delicado e condescendente... Como o seu... Mas o ardil residia em conseguir que o caso revestisse immoderadas proporções de escandalo! Não teria o conde então remedio senão assumir a sério as responsabilidades do papel!

E, exasperada e implacavel, Claudina procurava, procurava sempre, com o pescoço alto e o olhar duro e inflexivel, tendo despedido o Galrãnsito, sem responder ás galanterias humildes

que a flanqueavam na passagem. Por fim... Lá estava a condessa! no *boudoir* entre o bilhar e a sala de jogo, em meio d'um grupo de amigas, resplandecente e amavel, n'um perennal sorriso. Mas o Armando! o Armando é que não havia meio de o vêr...

Passou, n'este momento, ao lado de Claudina o marido, — um athentico burguez, de repousado abdomen, barba grisalha em colleira, a face variolosa, os pés podagricos muito arrastados. E logo ella lhe disse, o menos sêccamente que poude:

— Ah, ainda bem! Chegou agora, Themudo!

— Agora mesmo, *didi*.

— Com effeito!

— Ah, se eu tivésse as tuas pernas!

E, pêrramente, o gottoso industrial arrastava mais um passo, fransindo dolorosamente os olhos pardos.

— Viu já por ahi o Armando das conservas?
— tornou, tomando-lhe o braço e levando-o, a mulher.

— Eu, não... Nem, a fallar a verdade, tenho reparado bem.

— Logo vi! Mas então o que é que o sr. vê? para que é que repara? para que serve?...

— Ora essa! admiras-te?... É a coisa mais natural!

— Pois é preciso enconral-o, esta noite, já... percebeu?

Themudo abria uns sinceros olhos de espanto.

— Estás doida! Pois que interesse me póde agora merecer o homem?

— Mas merece á condessa! á dona da casa.

E já n'uma curiosidade maligna, todos aos pulinhos, o marido:

— O quê! mas como é isso?... Dize lá!

— Oiça... É que a Henriqueta teima em como o homem não vêm, e eu apostei em como vinha!

— Sempre apostas! sempre apostas! — lamuriou com severidade o marido. — Que mania!

— E então?... Esta agora faz algum mal? — atalhou com graciosa perversão Claudina.

— Esta, não... porêm aquella tua celebre imprudência... Os meus peccados! — E o Themudo levava desolado as mãos á cabeça. — Que eu ainda não sei bem como isso foi!

— Nem isso vêm agora p'r'o caso! Deixemos em paz o passado... — murmurou Claudina com meiga intimativa, pendurando-se languidamente do braço do marido. — Do que se trata agora é de pregar uma pirraça á Henriqueta.

— Fazêl-a a perder a aposta? — acrescentou o Themudo, rindo alvarmente, já convencido.

E, com prompta imprudência, a mulher:

— Tal qual! Quér ser meu parceiro no jogo? quér-me ajudar?...

— Ó filha! pois não sou eu o teu parceiro natural, legitimo?... Vamos, dize lá!

— Bem, então, enquanto eu procuro por um lado, o meu amigo fareja p'r'o outro. Bata-me bem essas salas! Eu farei o mesmo... E depois, aquelle de nós que primeiro dér co'a caça, conduz por qualquer fórma o homem e pespéga com elle ali, junto da condessa, para a convencer! Vae feito?...

— Sim, meu amor.

— Então, ande, mêxa-se!

E, tendo applicado uma palmada de impulso na derrancada espadua do marido, Claudina ficou um momento olhando, n'um rir perverso, o seu trabalhoso e inquiritivo rastejar pelas salas.

Breve foi a diligencia do tropego velho corôada do melhor resultado. Não levou muito

tempo que elle não encontrásse, n'um dos apertados cordões de gente, junto a uma porta, esse esquivo e cubiçado Armando, typo moreno de conquistador feliz, especie de *El Dorado* ambulante posto em praça, fazendo, perante as suas rutilas tentações e o seu olhar promettedor, capitular as mulheres em cuja consciencia a vaidade podia mais do que a virtude.

E não vinha só. Acompanhava-o amavelmente o conde, muito profuso de gestos, n'um ingenuo excesso de atenções que a assistencia sublinhava de ridiculos commentarios. O proprio Themudo, quando tal viu, teve um regalado sorriso, feliz por encontrar, n'uma tão patente evidencia, aquella consoladora camaradagem de predestinado. E aproximou-se dos dois.

Entretanto, Armando e o conde vinham avançando vagarosamente pelos grupos, que lhes faziam praça em pequeninos acotovelamentos de

troça, bordando de escarninhas anotações aquella truanesca intimidade. Alguns, mais petulantes, dirigiam-se-lhes ás claras. Assim, um *dominó* negro mettia a cabeça entre os hombros dos dois, e com a voz em falsête:

— Pósson-me chegar sem perigo?...

Tambem um *polichinelo* desatava a dançar deante d'elles, batendo com uma das mãos na outra e cantando o sabido estribilho do *Barbeiro*:

Figaro cá...

Figaro lá,

São dois amigos

Di calitá!

Instinctivamente regosijado, o marido de Claudina tinha agora o passo leve e astuto. Armando sorria, no seu intimo envaidecido. Só o conde, ligeiramente pallido, emmudecêra... No momento exacto em que lle ia, grotescamente, chamar as atenções de Armando para o

magnificante adereço da mulher, rasgou-lhe o espirito, como um relampago de ignominia, uma suspeita terrivel! Os commentarios, as meias revelações, os expressivos gestos, as esfusiadas de troça que, durante toda a noite, e agora mais do que nunca, o assetteavam, eram bem significativos. Constituiam talvez um aviso salutar. Queriam vêr que era d'ali que vinha o perigo?... O mysterioso *D. Juan* d'aquella inolvidavel noite fôra talvez Armando! Pois não era o que todos implacavelmente lhe estavam dando a entender?... E elle tão pulha, elle tão parvo, que ainda em cima, por supremo escarneo, ia ali assim afagando e cumulando de attenções o algoz da sua reputação, o executor da sua vergonha!

Quando este clarão de tardia dignidade lhes cruzou a consciencia, o conde ia perdendo os sentidos. A razão turvou-se-lhe, os olhos

metallisaram-se-lhe. Voltou-se para o companheiro n'um movimento brusco, que a debilidade impulsiva dos seus nervos exhaustos tornaria aggressivo, se não fôsse a intervenção, a tempo, de Themudo, o qual, trazendo bem presente a recommendação da mulher, cingia Armando com effusão, n'um affectuoso abraço.

— O' meu caro Armando! como vae?...

— Adeus, meu Themudo! Eu, bem... e sua mulher?

— Optimamente. Invejo-a!

— É uma radiantíssima compleição!

— Bem, bem... ficam muito bem os dois! .. disse n'um relance o conde.

E no mesmo instante afastou-se. Obsessiva e asperamente, n'uma intensidade quasi dolorosa, voltará a assediar-lhe o espirito e a tazer-lhe lume ás temporas, latejantes de raiva e de vergonha, a affrontosa recordação d'aquella violenta noite de

dezembro passado... o tardio e mysterioso apparecimento da mulher, as suas desculpas titubeantes, aquelle criminoso vulto fugindo, a destemperante scena, na alcôva, entre os dois... Fôra um mysterio este que desde então ficára, de quando em quando, a queimar-lhe como chumbo derretido a alma, a dissolver-lhe a existencia n'um charco de ignominia! — Era o commendador Soares, tinha dito a condessa... Ah, mas o commendador estava ali! Exactamente! Ia buscá-lo... Porque não havia de verificar, tirar agora a limpo a coisa?... — E o conde partira rápido de ao pé de Armando, a vociferar e a tremer, como que agarrando-se ainda a este ingenuo simulacro de illusão, que estupidamente implorava á sorte lhe fornecêsse; e ao mesmo tempo, no apavorado acobardamento de vêr-se obrigado a reconhecer que era esse marmanjão arrogante, que elle

confiadamente trazia a seu lado, o pôlo ultrajante da sua desgraça!

Quando se viu só ao lado de Armando, logo Themudo, com desusada vivacidade, tomou o lugar do dono da casa. E depois de varias perguntas banaes:

— E então a condessa, ainda lhe não falou?

— Não me foi possível por enquanto descortinal-a, em meio de tanta gente.

— Ah, por isso... — E, passando a mão pela colleira da barba prateada, o Themudo erguia ao céu os olhos, n'um risinho esperto.

— O que é?... — inquiriu Armando com interesse.

— Por isso ella, ainda agora...

— Ainda agora o quê?...

— Perguntou-me, com o ar turbado, se eu já o tinha visto. — Armando encarou desconfiado o velho, que insistiu: — Palavra! — E n'um tom de

intimidade, tomando-lhe o braço e insinuando-se com elle pela multidão: — E não só a mim, mas a toda a gente! É uma denunciação em fórma... Eh! eh!... Tem dado que fallar!

E, em attitudes angulosas de simeo, o redondinho velho ria muito, deante de Armando, que parára, um pouco contrariado.

— Diabo! — dizia este, n'uma hesitação. — Tudo isso são razões para eu agora a não vêr... Isto, as mulheres... Se adivinhasse, nem tinha cá posto os pés!

— Ainda era peor!

— É desagradável... Estando eu nas melhores relações com o conde...

E, cautamente, o pulhastra lançava precaviados olhares em roda, na pavida recordação da violenta scena nocturna, ainda não muitas semanas antes, ali mesmo na rua.

Depois, arrefecido n'um movimento prudente:

— Eu vou-me mas é embora!

O pobre Themundo teve um calafrio, e logo contrariou, com intimativa:

— Qual! não me faça isso.

— É o mais sensato.

— Parecia mal! Que haviam de dizer?... Eh! eh!... Então é que toda esta gente fallava... Deve ao menos cumprimental-a, apresentar-lhe os seus respetos. E ella que o merece devéras, esta noite! Está deslumbrante... Que magnifico adereço!

— Sim?... Pois tambem eu quero vêr!

A petulante vaidade de Armando não resistia á tentação de ir pessoalmente verificar o effeito magnificante da sua dadiva.

Deixou-se por isso conduzir, por entre o pressuroso redopiar das caudas de andorinha dos credos, que tinham começado a servir a ceia

volante. E assim, n'esta deualidade antinomic de funcções, mas sempre unidos, os dois caminharam uns minutos sem trocar palavra, direitos ao gabinete de leitura improvisado em *boudoir*, — um aquecido no empenho absorvente de obedecer á mulher, o outro embalado na inconsciencia feliz do seu destino.

Quando a condessa os apercebeu de longe, uma imperceptivel luz de saborido alvoroço lhe clareou a expressão. Mas foi um momento. Logo reconsiderou; e como que sacudida então por um mau presagio, passeiando um vago olhar pela sala e erguendo-se, disse para o grupo que a cercava:

— Entretanto, meus caros senhores, minhas queridas amigas, perdõem-me... A sua companhia é-me sobremaneira agradavel, mas a dona da casa, n'uma noite d'estas, não póde dispôr de si.

— Era sobremodo grato ao nosso egoismo podermos conserval-a aqui, ao menos mais uns instantes... arriscou alguém do grupo.

— Obrigada pela amabilidade, mas... — insistiu com delicadeza a condessa, fazendo menção de se afastar.

Todo o seu empenho era evitar um encontro com Armando, o que seria, — já o tinha percebido, — para aquella sucia um appetitoso thema de maledicencia. — E elle tinha-lhe jurado que não vinha, e afinal... Era um imprudente! — Já não teve pois tempo de pôr em practica o seu desejo; antes, ao primeiro passo que arriscava em direcção a uma das portas da sala, ahi tinha a condessa deante de si o marido de Claudina e Armando, que muito reverenciosamente, tendo ouvido as ultimas palavras de Henriqueta, arriscava com doçura:

— Perdão, senhora condessa... mas eu também sou dos que advogam o exclusivismo desejado por estes senhores... exclusivismo aliás bem justificado, que eu venho reforçar com o meu pedido.

E, galantemente, dobrava-se e beijava a tremula mão da condessa; ao passo que logo também o marido de Claudina, querendo segurar a situação:

- Então aonde é que vae, condessa?... Que quér isso dizer, agora, quando nós chegamos?

— Mas se eu tenho convidados... Hoje pertença a todos. É o meu dever.

— Pelo contrario, condessa... Elles é que têm o dever de aproximar-sem de procurarem v.exc.^a

— Pois certamente!

— É a sua natural funcção de astro... attrahir-nos! — balbuciou Armando, n'uma subita

esthepatia amorosa, fitando muito a condessa, já desdenhoso de todas as conveniencias, esquecido de todo o perigo. E, mirando desvanecidamente as esmeraldas: - Mas que belleza!

— Tenha juizo! — segredou-lhe a condessa n'um relance.

— Volte a sentar-se. Peço-lhe eu! Então? ...

Depois d'uns instantes de hesitação, colhida n'um embaraço que no fundo a lisonjeava, a condessa voltou a sentar-se no mesmo rico *diran* de velhos setins orientaes, mas vagamente apprehensiva, de olhos tristes. — Não sabia que adivinhava! — Armando seguiu-a. E perante esta reveladora aproximação, os mais, discretamente, n'uma maligna isenção, n'uma delicada resserva escorrendo ironias, fôram a grado afastando-se; e dava o exemplo o grosso e grisalhão Themudo, todo aos pulinhos, muito contente.

Claudina, de longe, seguia o movimento com regalado interesse. E então veio, muito ladina e insinuante, intrometter-se nos grupos que se distanceavam da condessa; e estimulava esta debanda hostil, incitando os mais indiferentes, apontando escarniqueira o flagrante *ducttino* do *divan* aos mais inertes, gesto a um, brejeiro esgar a outro, a outro algum picante segredo de sarcasmo; de sorte que com a sua diabolica propaganda em poucos minutos conseguiu abrir, e progressivamente alargar, de roda da condessa e de Armando, um circulo de apartamento, que começando por ser um como que vacuo de respeito, acabára por converter-se n'uma clareira de escandalo.

E depois, de camada em camada, excentrica e disciplinadamente, como um desdobrar, na agua, de ondas em contacto, — esse irritante movimento de repulsa alastrou pela multidão. Cada um vinha,

e como, chegado a qualquer das portas do *boudoir*, visse os outros recuando, instinctivamente recuava tambem. Não sabiam bem pelo quê... mas, passivamente, obedeciam e imitavam os mais, levados n'este suggestivo imperio, especie de sismographia animada, das grandes commoções collectivas. E só depois então é que perguntavam, com uma ruindade essencial no rosto, de que é que se tratava?... E d'aqui resultava, implicative e crescente, um malicioso rosnar, um grande zumbido de troça.

O desdobramento d'esta estrategia perversa de Claudina chegou a termos que, para o fim, os ultimos que sahiam do *boudoir* já vinham em bicos de pés, e até alguns, de dedo imperativamente erguido deante dos labios, como que pretendiam impôr silencio á multidão, — como se se tratasse d'uma doença ou d'um crime.

Dentro de um pouco, pois, Henriqueta e Armando estavam quasi que sós dentro da sala. Mas bem se lhes dava a elles d'isso! Inteiramente possuidos um do outro, n'aquelle ineffavel momento a vida resumia-se-lhes na mutuidade afogueante do seu desejo, e a humanidade e o mundo deliam-se e annullavam-se por completo na escandecida nevoa de illusão que os envolvia... Alheios em absoluto do exterior, e tendo começado por se exprobrarem reciprocamente a sua imprudencia, agora, pelo contrario, cada um se entregava, n'uma doida e cálida expansão, á confidencia ardente da sua emoção, á immoderada febre do seu desvairo.

Parêlhamente, no extremo opposto da sala, desdobrava tambem para o estuque azul e branco do tecto as suas comedidas volutas de galanteio, mas este nos limites permittidos pela decencia e a

Carta, um singelo e pacato dialogo amoroso entre Olympia e o Fernandinho.

Entretanto, em meio do vago sibilar dos comentarios, saltava perceptivel um ou outro caustico achincalho.

— Aonde vaes tu?... Para traz! Não profanes a consagrada mansão do idyllio.

— É verdade... E idyllio para duas gerações, segundo vejo.

— É um braço de familia!

— Psciu! Nem pio... Aqui ninguem abre bico, a não ser em verso... Estamos na Ilha os Amores!

— Ou no bosque de Cynthera?...

Mas, de repente, um grande sussurro... Acotovelamentos, importunas deslocções na onda, um irritado crescer de vozes, e alguns grupos chofrando novamente, de roldão, para dentro da sala. A condessa, como desperta d'um sonho, estremeceu, levou então as mãos aos olhos,

que alongou n'um receioso alarme por sobre a multidão. E immediatamente tornou-se livida; amparou-se com a mão esquerda ao *divan*, e com a direita ergueu o leque a esconder o rosto, enrodilhado de angustia... Armando, que tinha seguido a direcção do olhar de Henriqueta, esse ergueu-se de salto, empallidecendo tambem. — É que vinha avançando para eles com rompante vivacidade, n'um patente ar de ameaça, nada menos que a figura devastada e inquieta do conde, com um velhinho ao lado, pequenino e herpetico, totalmente calvo, mas orelhas sarça de cabellos. E este era o commendador Soares! o mesmo que a condessa déra como seu companheiro occasional, n'aquella terrivel noite de surpresa... E ella que o não prevenira! Nunca mais lhe lembrára... Ia tê-las bôas!

Agora Henriqueta, reconhecendo a impossibilidade de evitar o encontro e adivinhado

a cruel intenção do marido, aprumou-se corajosamente no *divan*, deixando cair o leque, e contrahi os cilios, na certa previsão d'uma scena desagradavel.

De relance o marido, apenas a avistou, trouxe-lhe ao pé o commendador, que, com um risinho velhaco:

— O' senhora condessa! finalmente...

— Adeus, meu caro commendador!

Numerosa comparsaria, que viéra na cauda dos dois, rodeiava o grupo. Armando abanava-se com a *claque*, de orelhas muito afogueadas.

— Ha que tempos que eu não tinha a honra...

— tornou, implicativamente, o commendador para a condessa.

— Sim, é verdade... - balbuciou Henriqueta, grandemente embaraçada. — Que, isto é, ainda não ha muitas semanas...

E fêz pausa, na absurda esperança de que o commendador, adivinhando-lhe a intenção, a auxiliasse. Mas elle, sem fallar, mantinha o mesmo risinho malicioso e ignorante. E o conde cravando os seus olhos de inquisidor alternadamente nos dois. E a comparsaria crescendo á roda. E Armando escoando-se subtilmente...

Henriqueta ainda insistiu para o commendador:

— Aquella noite... não se lembra?

Mas logo o conde, com o olhar rancoroso e a expressão recalcada e fria:

— O commendador acaba de me dizer que não!

— Ora essa! — quis sustentar, com admiravel impudencia, a condessa. — Não era o commendador!? Pois olhe, ia jurar!

— Que ignobil comedia! — disse-lhe entre dentes o marido. E voltando-se brusco para o lugar onde vira Armando. — O cobarde valdevinos d’essa noite foi... foi...

Porêm, como Armando tivésse discretamente desaparecido, aqui ficou falhadamente interrompida a apostrophe, e essa theatral indignação posta em suspenso burlescamente.

De roda, algumas casquinadas mas travêssas romperam a frouxo, logo cobertas por um repuxado pigarrar de troça. A mesma condessa teve um sorriso branco, levando a mão á testa, desviando os olhos... E de longe, no vão d’uma das portas, lá estava novamente, vibrando n’uma alegria cruel, feita de inveja e odio, a figura apparatusa e dominadora de Claudina, commandando uma roda de amigas que cravavam todas no compromettido grupo da condessa seus escarninhos olhos de mysterio.

VII

Esta terrível noite do baile, preparada com tamanho esmero e tão auspiciosamente bem começada, veio assim ainda mais aziumar a devastada alma do conde d'um travo de amargura... No seu tardio sonho de reabilitação, imaginária elle aquella festa como devendo de ser o traço salvador ligando o seu remotissimo passado de innocencia com o premeditado arrependimento no futuro. Ia voltar á honestidade, á tranquillidade, á ordem, á carinhosa attenção dos seus e á consideração convencional do mundo. Que salutar impulsão a sua, que generoso plano redemptor! — E afinal viéra a fatalidade e arranjára-lhe aquelle escarneo imprevisto de situação... Já não havia meio de encontrar nos laços de família solidariedade bastante que o amparasse... e os extranhos tinham vindo alli

assim mesmo, convidados, implorados por elle, a sua propria casa, colher a confirmação publica e evidente da affrontosa vergonha do seu viver!

Que queria dizer tudo isto?... Então já não podia um homem pôr um pouco de sinceridade, de amor e de crença na regressão ás coisas nobres e salutaes da vida? Então a sorte ia feita de collaboração com o inferno, para baldar n'este sentido os mais santos exforços, as mais puras intenções?... Canalha de sorte a sua! Para que servia, n'esse caso, a consciencia, especie de appendicite moral, nociva e inutil, no duodeno da vida?... Que vantagem poderia colher-se do bem querer, se o azar vinha e punha um travão traiçoeiro aos mais limpidos impulsos da vontade?... Sim! se a vida humana tinha de ser um esterquilíneo, se os destinos mais intencionalmente bem encaminhados haviam de reduzir-se a esta fatalidade de transigencia com o

Mal, a esta ignominiosa sujeição perante o peccado, então, — bem fizéra elle, afinal! — não valia a pena reagir. Deixar cada um correr a instinctiva orbita do seu fado... Nem havia propriamente bons nem maus; mas felizes ou infelizes. E, em absoluto, bem considerada, a Moral era isto: um conflicto fortuito de circumstancias, a convergencia d'um certo numero de factores, mais ou menos convencionaes, de apreciação, os quaes se erguiam para uns em throno de apotheose, e para outros cavavam-se n'um abysmo de ignominia... Como e elle!...

E, logicamente, o conde, levado a reconhecer que pertencia a este segundo grupo, enregelava n'um frio de morte, estremecia... — Estavam, a esta hora indecisa da manhã, apagados por completo os ultimos clamores do baile, que desatára por fim n'uma bambochata sem freio e

sem medida. Tinham os creados fechado os salões, apagadas luzes. Cada convidado retirára com o seu fundo essencial de maledicencia repleto, e com o estomago contente. De sorte que, n'aquelle momento dôce de repouso, elle estava a vêr que, entre tantas dezenas de creaturas, fatigadas e felizes, elle era talvez o unico para quem o leito se tornava um suplicio, o unico que tinha o espirito desperto e a alma inquieta! Esmagador sarcasmo do destino!... Com os nervos lassos e o cerebro fustigado pela choldra estonteante d'aquella festa, que quasi resvalára a orgia, os velhos teriam adormecido n'uma beatitude esgoista, e as mulheres e os novos por ventura revendo alguma voluptuosa emoção de amor... Ali mesmo em sua casa, debaixo do mesmo tecto, todos tambem descansariam suavemente: Olympia parecendo-lhe talvez, n'um sonho de luar e oiro, que escutava ainda as ultimas

palavras do namorado; Henriqueta... oh, essa não podia deixar de ter a imagem ignobil d'esse conserveiro Armando a aquecer-lhe o coração! E elle via os dois, n'um scenario de fogo, dialogando, amando-se... E esta incomportavel idea torturava-o, sublimava-lhe a sensibilidade em calores paroxysmicos de febre, não o deixava um instante!

Finalmente, a sua querida Leonor... E a esta perturbadora lembrança, confrangido e pequeno, o conde estremeceu de novo... Mas agora era um tremer de contricção e de angustia, era uma enternecida tremura infantil que o tomava. Perante essa angelical figura, adelgada á força de castidade e ideal, abatia-o um grande acobardamento de mêdo e de vergonha. — Com que cara havia de elle tornar a apparecer-lhe... a esse anjo!? — A grande e esquivada estatura moral da filha sua dilecta, como um vivo anathema,

intimidava-o. Do fundo latrinario do seu abysmo, a alma sobresaltada retrahia-se-lhe no apavorado pejo de que a pureza implacavel de Leonor o surprehendêsse em toda a torpe degradação da sua vida! Não... seguramente não poderia d'ora ávante defrontar-se com a luminosidade cerulea do seu olhar; porque esse olhar, imperceptivelmente que fôsse, havia de, ou condemnal-o, ou desprezal-o... e esta piedosa abominação temia-a elle mais que o juizo de Deus! mais que a sua condemnação por toda a Eternidade! Por isso quereria, n'aquelle duro momento, annullar-se, desaparecer, morrer... — Pedia-lhe mentalmente perdão, fransia dolorosamente as palpebras, para a não vê... dobrava-se todo e mergulhava a cabeça nos lençoes, parta que ella o não visse! Os outros irritavam-n'o, concitavam-lhe no coração em revolta sentimentos de tédio, repulsa ou odio; a

prestigiosa superioridade de Leonor acobardava-o, esmagava-o n'um cruciantissimo remorso.

E estava então fatalmente reduzido áquillo! Elle que fôra o da idea, elle que apellára para o baile como um começo de redempção, sahira d'ali com um estigma indelevel... Indelevel, sim, e impossível de evitar para o futuro! Até áquella noite fatal e decisiva, poderia elle ainda passar desculpavelmente um traço de ignorancia sobre os presumidos erros da mulher. Segredavam-se pequenos escandalos, constavam varias coisas deprimentes, corriam boatos de achincalho; mas certo, averiguado, publico nada havia. E elle, conde, poderia não saber... E é que realmente não sabia! Nunca lhe déra para averiguar. Porêm agora... — O conde tinha calafrios, saltava agitadamente na cama, cujos lençoes lhe pareciam tecidos de agulhas. — Agora, depois d'aquella sua desastrada acareação com o commendador

Soares, elle e todos quantos tinham vindo grupar-se á roda, haviam ficado percebendo. Trouxéra elle o commendador como uma justificação, e ficára uma tabolêta! Mais que certo... Não que elle bem vira depois, constantemente, o modo escarniqueiro e humilhante como todos o olhavam... perversos das mulheres. Era agora, declaradamente, um predestinado mais! Nem podia allegar ignorancia, nem conservar mais tempo o mundo illudido. E fôra o que ele ganhára, no fim de contas com a tal sonhada aproximação da sociedade! Julgando salvar-se, inutilisára-se... Perdido agora sem recurso! Fizéra d'aquella presumida roda de amigos um implacavel tribunal mundano.

De fôrma que, na atormentada analyse da sua situação, este escanzêlo moral ia até querer retroceder sobre o que se passára, arrependia-se... Porque não fizéra elle, agora, como das mais

vezes? que lhe importava lá?... A sua grande bondade essencial, a que repugnava toda a acção violenta, todo o conflicto que pudesse redundar em prejuizo alheio, conjugava-se-lhe com a inercia do temperamento e com a tarada lassidão dos nervos, para o apararem n'uma sorte de bandalheira desculpa oportunista, que o confortasse. E então renhia... que dos desvarios peccaminosos da mulher tinha elle o boato alarmante, havia muito tempo, mas com dolorosa repugnancia sempre em apurar a verdade... e ia vivendo. Porêm, d'esta vêz, quiz fazer de Catão e enterrou-se na lama!

Ia já alta a manhã, já a orla doirada do sol lhe debruava a janella, e o conde não deixava de marruar na mesma implacavel idea, sem animo para deliberar, sem socego para dormir... A confirmação publica do mau porte da mulher apparecia-lhe sobranceira a todas as

considerações e cortava-lhe todas as evasivas, enresinando-lhe as palpebras, calcinando-lhe o cerebello, sacudindo-o de nervosas impacencias, frustrando-lhe todos os raciocinios. Não tanto pelo facto em si... Era um homem razoavel... Acostumára-se, havia muito, a envolver no gelo da mais soberana indifferença a mulher, para que lhe déssem brioso rebate na consciencia quaesquer seus peccadilhos sensuaes. Como não a amava, não tinha tambem a bruta pretensão de a obrigar a amal-o. Desde o momento em que elle voluntariamente desertára d'aquelle coração, no fundo arido e banal como o tédio, que lhe importava a elle que tivéssem passado a habital-o A ou B?... Mas o terrivel fôra agora a proclamação official do escandalo! — Tinha de tomar uma resolução, optar por uma attitude. Se não lh'o exigia a dignidade, impunha-lh'o o mundo. Mas o que havia de ser?... Qualquer

coisa, fôsse o que fôsse. Comtanto que entre elle e a condessa se modificassem ostensivamente as condições do seu viver comum. — Mas e a casa, e os bens, e os filhos?... — A contingencia material de todas estas difficuldades e delongas, acobardava-o, dava-lhe oppressões de pezadêlo, calcava-lhe o thorax em constrictões de asphyxia.

E então punha-se afincadamente a pensar em tudo quando se passára, reconstituindo, revivendo as scenas. Procurava com ancia attenuantes, tudo quanto pudêsse ser-lhe apoio á commoda perpetuação da sua inercia, tudo quando lhe permittisse, decentemente, deixar de proceder... Mas se as indicações eram todas contrarias! Com desespero reconhecia que não tinha para onde appellar! Pelo contrario, quanto mais as recordava, mais concludentes e esmagadoras lhe saltavam as provas da sua completa exautoração moral... Por exemplo, e sem fallar na desenfreada

pagodeira em que depois desandára tudo aquillo, — agora lhe lembrava muito bem! — tendo-se encontrado com o marido de Claudina, logo uma esturdia roda de rapazes, ao vêr os dois de braço dado, rompêra n'uma grande estralada de palmas, fazendo-lhes uma ovação de troça. E como o conde estacásse, n'um aprumo de indignado espanto, então os estroinas derivavam simulando que os applausos eram para um dos pares que valsavam. Mas que trahia-lhes o escarninho intento a chufa expressiva do olhar! — Era um homem arrumado! Que havia então de fazer?...

Quanto mais Edmundo renitia a pensar n'este problema obsidiante, mais lhe fugia toda a hypothese de solução. Abria os olhos enresinados, e aos vêr a clara luz do exterior, essa implacavel onda de realidade que chamava ás miserias da vida, um doloroso exaspero voltava a sacudil-o...

Tornava a amortalhar-se nos lençoes e furtava toda a sua sensibilidade ao horrivel inquerito da consciencia, sem capacidade de acção e como que com medo de viver.

E as abstrusas, as doidas e inchoherentes coisas que então lhe lembravam! — Se elle pudésse desabafar, romper, abrir-se com alguém... alguém que tivésse alma para o comprehender, que fôsse capaz de irmanar-se no mesmo sentir, de verter o balsamo da piedade sobre a cancerosa chaga da sua vida! Mas quem?... Entre os homens, corria a escala de amigos, e não achava. Tudo uns egoistas, uns brutos; nem consciencia, nem delicadeza. Talvêz que intercedendo perante as mulheres... E alguma haveria?... Só qualquer espesinhada e solitaria creatura, tendo, como elle, a triste experiencia das miserias da vida. — E foi como, na desvairada

obnubilação do seu espirito, lhe acudiu de repente á idea o recurso de ir contar tudo á Paixão!

Pois que duvida tinha! — pensava elle então, afervorando no ignominioso expediente. — Era ella uma mulher de coração e experiencia, era uma pobre alma, pelo soffrimento e as humilhações, irmã gemea da sua... A unica talvez capaz de o entender... Saberia suggerir-lhe carinho e dó, a essa dôce e impulsiva rapariga, tão caritativa, tão dadivosa sempre para a pobreza... que dava tudo quanto tinha, — a algibeira d'elle que o dissésse... que não podia vêr junto d'ella ninguem infeliz. E que afinal era sincera amiga d'elle, — tinha as provas! O extranho contratempo d'aquella arrehiadora manhã fôra satisfatoriamente explicado. E com que abundancia de deliciosas compensações, depois! Estava pois decidido, ia desabafar com ella. Tinha um genio desigual, mas no fundo era uma

excellente rapariga. Que ella ainda anadava um pouco resentida com elle. Oh! mas, apesar d'isso, como era um bello e generoso coração, que dôces palavras de conforto ella não saberia dizer-lhe! Até como que já lhe sentia antecipadamente os effeitos, — conhecia-a bem... Que voluptuoso narcotico á exaltação insalubre do seu cerebro elle não iria encontrar na perfumada frescura dos seus braços! Ia ser mesmo um magnifico pretexto este para lhe reconquistar, por uma compassiva sympathy, o coração esquivo. — Não tardava lá!

E, por completo empolgado por esta canalha impulsão, pela crença na efficacia d'esta therapeutica de opprobrio, dispunha-se o conde a vestir-se, quando duas pancadas familiares lhe sôaram á porta do quarto.

— Quem é?... — perguntou elle, surprehendido.

— Edmundo, sou eu... — disse de fóra a condessa, com a maior naturalidade.

— Henriqueta! és tu!? — exclamou, assombrado, o conde.

— Estás doente?

— Eu, não... Porquê? ...

— Cuidei... A estas horas, passa do meio dia, inda na cama...

— E então! Como a noite foi muito bôa... Ora o disparate!

— Mas queres alguma coisa? vê lá... — tornou, com a mesma impassibilidade, Henriqueta, ameigando n'um bem simulado carinho a expressão.

— Não quero nada, deixa-me!

— Estavamos em cuidado...

— Vou-me vestir.

— Então avia-te!

— Hei-de aviar-me o que eu quizer!

— Não, ouve... é que temos coisa grave, muito grave, a tratar!

— Sério?...

— Palavra... Avia-te, anda!

— Ora vae-te bugiar!

E sobre esta phrase sacudida, o conde voltou ao anterior silencio, mas começando entretanto machinalmente a vestir-se. Prolongava-lhe agora o doloroso desconcerto da noite, esta imprevista attitude, tão absurda de impudencia e audacia, da mulher. — Pois como é que ella, depois do escandaloso episodio do baile, era a primeira a dirigir-se-lhe e vinha assim, tranquilla e levemente, pretender fechar um parenthesis de esquecimento e perdão sobre o passado!? Coisa grave, disséra?... Mas que coisa?... Seria verdade, ou apenas um expediente banal para o attrahir?... — Em todo o caso, a curiosidade, na consciencia combalida e fruste do conde, foi mais forte que as

reações pundonorosas. D'ahi a um quarto de hora, já elle, no seu gabinete, estava sentado junto da condessa.

— Decididamente, meu caro Edmundo, — disse logo Henriqueta, mal viu entrar o marido, — parece que entrámos n'um regimen, pegado e constante, de surpresas...

— É verdade, é... — balbuciou o conde.

E dobrava, contrafeito, o busto, mettendo as mãos entre os joelhos. Uma grande cobardia moral o tomava, de entrar em explicações n'aquelle momento, sobre as scenas da noite anterior. E a condessa tambem decerto o não o ia fazer: conhecia-a bem... De sorte que o melhor seria, por emquanto, procurar imitar d'ella aquele cynico alheamento, sobre o irritante e vergonhoso assumpto. Por isso:

— O que temos então?... — tornou elle, com frieza.

— Uma grande novidade!

— Dize lá!

— Adivinha...

— Vamos dar ámanhã outro baile?

— Asneiras!

— Vê lá, se queres...

— Em quarta-feira de cinzas!

— Apareceu-te o primeiro cabelo branco?

— Tomára eu... — balbuciou com singular expressão a condessa; e logo, n'um imperceptível suspiro: - Não se trata de mim, porêm da nossa filha Olympia. — O conde aproximou-se da mulher abrindo muito os olhos. E, meneando o busto, a condessa: — Aquella sonsa!

— Que fêz ella?...

— Tem as coisas mais adeantadas do que eu suppunha. Tem um noivo... vê tu!

— Estás doida!

— É o que te eu digo!

— Isso são restos da allucinação do baile!

— Não são tal... Acabou ella de m'ó vir dizer
ha bocado.

— Essa agora! Tão depressa, tão cedo... — E
o conde erguia-se, n'um repellão de impaciencia.

— Não póde ser! não tem geito nenhum!

— Não sei se tem, nem se não tem...

— Mas que especie de mãe és tu, no fim de
contas? — clamava exasperado o conde,
estacando de braços cruzados, deante da mulher;
e, como esta não respondêsse, desatava a medir
nervosamente o aposento. — Dás-lhes uma
liberdade excessiva!

— Ora essa! dou-lhes a liberdade compativel
com a sua educação, com a roda em que vivemos.

— D'isso me queixo eu!

— Bem, quéres ou não quéres ouvir?

— Vamos! dize lá.

— O noivo não está para demoras, e, — aqui, é que vae a novidade! — vêm pedil-a hoje.

— Pois naturalmente! — rompeu o conde com amarga ironia. E encolerisava-se: — Mas, vamos afinal a saber, esse atrevido é?...

— Ó Edmundo! atrevido, o Fernando... — corrigiu a condessa, n'um sorriso complacente. — Não digas isso... Coisa mais natural!

Perplexo, o conde immobilisára-se n'um silencio de contrariedade. A mulher tornou:

— Que dizes? que achas?

— Não póde ser! — E ante o olhar de surpresa interrogação da condessa, elle insitiu com firmeza: — Nada, não! não póde ser!

Agora era a condessa que se levantava tambem; e, mostrando não ter percebido:

— Ora essa! Estás doido? pergunto agora eu!

— Que diabo! até nas mais remotas, nas mais triviaes e simples coisas parece andar o destino conspirado contra mim!

— Homem, mas explica-te... que mal te fêz o rapaz?

— Parece que o não conheces.

— Um pouco estroina...

— Isso, isso... por ahi!

— Ó filho, é um rapaz... Vossês tambem não dão desconto a nada!

— Ha coisas perante as quaes a gente...

— Estroina! E és tu, Edmundo, és tu que fallas por essa fórma!

— Henriqueta! por amor de Deus... — atalhou o conde, — não entremos n'esse caminho. Aliás, eu seria tambem levado a esmiuçar os motivos da tua condescendencia...

A condessa mordeu os labios, n'um despeito, desviando os olhos. E então, subitamente

aplacado e quasi affavel, ao verificar a correctiva impressão da sua ameaça, voltou o conde a sentar-se e accendeu um charuto:

— Ouve, Henriqueta, o mal não está tanto em ser estroina. Podia o rapaz ser um estouvado, um bohemio, podia andar desbaratando um pouco a sua mocidade, n'este tributo forçado que todos nós pagamos á vida. Nada tinha isso: materia corrente... Mas não havendo ligações, compromissos.

— Não sei...

— Ha ahi uma coisa que o prende demasiado.

— Como a ti... — atalhou com impertinencia a condessa.

— O que tu quizéres! — retrucou o conde, sem azedume; e, baforando o fumo do charuto para o ar, com a maior tranquillidade: — Tu sabes muito bem que o Fernando tem ahi uma mulher...

— Ora! uma creatura com perto de cinquenta anos.

— Mas com quem elle vive ha muito tempo.

— Á falta de melhor...

— Faltavam-lhe a elle ahi mulheres! D'esta, dá todas as demonstrações, mesmo exteriores, de que a estima devéras.

— Pois sim, mas tu comprehendes muito bem... agora, casando, com uma rapariga nova e bonita...

— Bonita é que ella não é.

— O' Edmundo! não é bonita a nossa Olympia?... És capaz de dizer isso? Que melhor querias tu?

— Sou muito amigo d'ella, mas o amor de pae não me cega a ponto...

— E estás então sempre a dizer que ella se parece comigo!

— Cega-me o amor de pae, n'esses momentos... — não se poude ter o conde, que não dissésse, n'um sorriso que era uma capitulação.

A mulher sorriu e inclinou desvanecidamente a cabeça, lisonjeada:

— Em summa, não sei lá que especie de ligação é essa do rapaz com a mulher; mas sei que ella é velha, e, demais a mais, pobre...

— Ahi está! ora eis ahi está! — exclamou o conde com vivacidade, tornando a erguer-se. — N'esse particular da pobreza d'ella é que se funda o meu receio.

— Mais uma razão p'ra elle a deixar.

O conde teve um riso malicioso, e n'um gesto de desdem, fransindo as palpebras preguiçosas:

— Sempre és muito innocente!

— Não é o que se está vendo, todos os dias?

— Era o que se via, era... antigamente. Porém hoje! Quando eu era novo, lembra-me muito bem,

era uso corrente: os rapazes contrahiam ligações matrimoniaes com respeitaveis damas, que tinham já aposentadoria larga no amor, porêm adubada com muito bom dinheiro, para brindarem com este as amantes... novas e bonitas. Ora hoje a regra é exactamente a contraria!

— Que idea, Edmundo! Póde lá ser!

— Quéres que te cite exemplos?

— Mas que juizo tu fazes do rapaz!

— Acredita que é infallivel, ia jurar! Leva-nos a filha, com o dote; e tempos depois, á força de desgostos e incompatibilidade moraes, a pobre Olympia terá que voltar para adonde a nós... mas o dote é que não volta!

— Ora!

— Esse terá sido sollicitamente canalizado para o regaço da outra... Tão certo!

- Fazem-se escripturas!

- Tudo se illude!

— Mas então que tencionas tu dizer ao rapaz?

— Elle sempre vêm?

— Hoje mesmo, já te disse!

— Digo-lhe... digo-lhe... — tartamudeava o conde, n'um embaraço. — E de repente, atirando fóra o charuto: — O melhor é eu fallar primeiro com ella!

— Anda almoçar.

— Pois sim... e entretanto sondarei a profundidade d'essa paixão!

E ria sarcasticamente. Ao que, agastada, a condessa:

— Fizéste-te assim, parece impossivel! Dos mais puros sentimentos zombas... Que differença de quando me fazias a côrte!

— Não quererás dizer que foi suggestão do teu convivio esta mudança... — disse o conde com friêza; e logo, a adoçar o effeito da insinuação: —

Mas anda, chama a Olympia. E eu estou com fome.

Como a grande sala de jantar do palacio fôra resolvida por completo, n'aquella sua forçada adaptação na vespera, a sala de baile, n'este dia a familia do conde comia n'um pequeno gabinete, de estuques imitando obra de talha e com um alto *lambris*, de carvalho lavrado, antigo gabinete de trabalho do conde, quando este pobre naufrago moral ainda nutria ambições e tinha vontade. Mas n'este momento, aquella austera e rica decoração, preparada outr'ora como condigna moldura ao pensamento, mais parecia o antecipado amortalhar d'um cadaver. Tinha um vago ar de camara mortuaria, com o tom escuro das suas *boiseries* em que as arestas da baixella luziam, fazendo lembrar catafalcos gottejados de prata, e as linhas lividas dos cobres, muito limpos, lembravam brandões accêsos.

O conde sentou-se, sósinho, á mêsa, e pouco comeu, afinal. Resentia-se da noite mal dormida. Abatia-o uma fadiga incommensuravel; e o seu perfil desmanchado e gasto, o seu rosto apelhancado, os olhos mortaes, os labios brancos, tomavam agora ali á mêsa, na brumosa luz que vinha do exterior, na parcimonia absorvente de côr, das paredes e dos moveis, em que o castanho e o negro predominavam, o que quér que era de derrancado e lugubre, sulcados de vincos prenunciando a morte, marcados de inexoraveis livôres de ruina.

Sempre com o problema do futuro no cuidado, arrumou enfasiado o prato, ainda com um resto de costellêta, e mandava que lhe servissem o café, quando, acompanhada pela mãe, entrou na salinha sua filha Olympia, redondinha e pequena, saltitando. E, sacudida por um visivel embaraço,

salvou n'um relampago o espaço que a separava do conde, a quem beijou com carinho.

E elle, mandando-a sentar:

— Anda cá, minha sonsinha... Então hontem?

— Eu gostei... — disse Olympia com simplicidade, baixando os olhos.

— O que eu quero é vê-las contentes.

— Papásinho é amigo, bem sei... — tornou Olympia, com a covinha graciosa do queixo encrespada de mimo.

— Mas então, dize-me cá... temos novidades a teu respeito?

A face morena de Olympia aqueceu, enquanto a condessa, que se sentára tambem, fazia signal ao creado para que se retirásse.

— Anda, filha, sê franca... — disse ella para Olympia.

Olympia então, depois d'uma pausa, sempre de olhos baixos e torcendo muito as mãos:

— Eu, a fallar a verdade... Elle disse-me para prevenir...

— Pretende a tua mão?

— Tem esse mau gosto.

— E tu gostas d'elle?

Olympia, n'um sorriso simples, encolheu os hombros.

— Não, mas dize lá! — insistiu o pae.

— Papá, nem sei bem... mas gostar, gostar...

— Então, vê lá!

— Nem ella sabe do que gosta! — interveio a mãe.

— Acho um rapaz agradavel, fino, educado. Estou que o resto virá depois!

E d'esta vêz Olympia, erguendo os olhos, cravou com singular intenção no pae as suas grandes pupillas negras, molhadas de desejo. O pae tornou:

— Esse teu vago sentimento de *sympathia*, filha, não é bastante. Vê lá, pensa bem... não me sejas apressada.

— Não tenho que pensar. Mais hoje, mais amanhã, entendo que ha-de ser o mesmo.

— É o acto mais sério da nossa vida!

— É uma coisa que tem de ser! — tornou, com ar decidido, Olympia.

E o pae para a condessa, com espanto:

— Não vês a decisão com que ella falla?

- Qualquer outra, na situação d'ella, fazia o mesmo.

Então Olympia, vendo que tinha por si a mãe, e para libertar-se da terna inquirição em que o olhar solícito do pae continuava a envolvê-la, explicou singelamente:

— Isto não é pelo meu grande amor ao Fernando... Ah, isso não é! juro-lhes... Mesmo esse mysterio do amor é coisa que eu por

emquanto não compreendo... Mas porque não hei-de eu fazer a vontade ao rapaz? Se embirrásse com elle, era outro caso; mas, pelo contrario, eu até não desgosto, e então... Pois não é o nosso destino unico, fatal, essa obra do casamento? ... Não nos educam, não nos preparam exclusivamente para isso?

— As que precisam.

— Os pães não são eternos. E depois?...

O conde cofiava o bigode e mordia os labios, perplexo deante d'esta firmeza de logica da filha, que a condessa sublinhava com approbativos meneios de cabeça, mudamente. Por fim, elle, entre carinhosas pausas:

— Não extranhes tu estas minhas observações. Não são dictadas pela preocupação egoista, que aliás seria natural, de te conservar comnosco. Inevitavelmente... bem sabemos, bem o sentimos já, n'este momento... todo o nosso

meticuloso amor pelos filhos vêm a converter-se em regalo e prazer dos outros. Mas, em summa, já que temos que te perder, que seja isso ao menos com a maior somma possível de garantias para a tua felicidade.

— Ora pae, a felicidade... quem sabe lá no que ella consiste?

— Tens tanto tempo deante de ti!

— De que serve espaçar um acto a que naturalmente todos vamos dar?

— Tem argumentos para tudo um coração virgem e moço, como o teu! — exclamou, desvanecida, a condessa, beijando com effusão a filha.

O conde aproximou-se mais da filha, interessado e affavel, com toda a sua grande bondade manante da expressão, n'uma ternura e num familiar abandono que já estavam

desacostumados de lhe vêr. E com a alma nos olhos, demoradamente:

— Minha tôla, ouve cá... Tudo quanto te digo é para teu bem. Não te aconselho a que não cases. Mais cêdo ou mais tarde...

— Antes cêdo do que tarde, papá.

— Mas para que é essa pressa, se não o amas?

— Talvêz por isso mesmo!

O pae e a mãe de Olympia olharam-se com espanto; emquanto a filha, maliciosamente, a explicar:

— Sim, para vêr se depois, com a convivencia... n'um viver mais intimo, conhecendo-nos melhor...

— E se se dá o phenomeno contrario?

Olympia, colhida de improviso pela objecção, cerrou os olhos, ficou silenciosa um instante; mas logo encolhendo os hombros e fitando com singular expressão os paes:

— Ora adeus! ha tanta gente com quem isso acontece...

— Sabes lá!

— Então eu não vêjo, então eu não oiço contar?... Por exemplo, cá nas nossas relações... côrro a roda e quasi não véjo outra coisa!

— Ó Olympia!

— É o mais trivial... Todos se queixam, mas lá vão vivendo!

— Mas é uma desgraça!

— O papá que o diz, lá o sabe...

Henriqueta tremeu, pela instinctiva justiça d'esta insinuação; enquanto, vexado, o conde abatêra a cabeça sobre o thorax, cavado de ruina. E por fim, ao cabo d'uma pausa de embaraço, a condessa disse, n'um insoffrido impulso, erguendo-se:

— Olympia, anda d'ahi!

— Esperem... — atalhou o conde com imperio. E, sentado sempre, agora afagava a mão da filha entre as suas. — Tu sabes, no que eu disse ha pouco, não fallava por mim...

— Ó papásinho, então eu não sei?... — obtemperou com hypocrita affectação a filha.

— Mas, bem vês, conheço demasiado o mundo... O triste privilegio de quem é velho.

— Velho, não no amor pelos seus...

— Obrigado, pela justiça que me fazes! — murmurou, enternecido, o conde; enquanto Henriqueta deixava escapar um irremprimivel suspiro de enfado.

— Mas creia que lhe pago na mesma moeda! — tornou a filha.

E atirou-se o collo do conde, cingindo-lhe o pescoço nos braços, rociando-lhe a face de beijos.

— Estão bonitos, sim senhor... — commentou, trocista, a condessa, refugiando-se,

aborrecida, no vão da janella, a olhar vagamente o exterior.

Entretanto, para a filha o conde, com ternura:

— Pois sim, mas apesar d'isso, quéres-me deixar... e por quem te não saberá apreciar como mereces.

— Elle aprenderá! — disse com arrogancia Olympia, o busto erecto, os olhos scintillantes.

— Com que confiança dizes isso! Estás segura do seu amor?

— Se estou! N'esse ponto não ha duvidas... Assim eu gostásse d'elle!

— Olha que a vaidade é má conselheira...

— É coisa que eu não tenho...

E como Olympia, a acompanhar a mãe, se dispunha a sahir da salêta, o conde fitou-a desmoradamente, com enternecido orgulho, murmurando:

— Deus te faça feliz!

Depois, de repente, com amorosa inquietação, deixando a mêsá:

— Olha lá, e a Leonor? ... Ainda a não vi hoje.

— Não sei, papá.

— Ella não sabe da sua obrigação?

— Almoçou no quarto, ainda nem a vi...

— Sabes d'ella, Henriqueta?

— Supponho que sahiu, com o irmão. P'ra onde, não sei...

— Bonito! É curioso isto! Eu já esperava... Em casa nenhuma se vê, senão na minha! — exclamava o conde, encolerizado, todo n'uma excitação que infundia piedade, medindo a passos largos o aposento, as mãos nos bolso, esfarrapando o bigode com os labios tremulos.

— Mas isto o quê!? — retrucou com impertinencia a mulher, voltando-se.

— Nunca sabemos uns dos outros, cada um faz o que quér!

— Tomamos o teu exemplo.

— Não se me dá conta de nada!

— Pois se tu nada queres saber!

— Venho eu, vêm o chefe da família almoçar, e numa de vossês aparece... ninguém se importa, ninguém faz caso!

— Essa agora! — tornou, sinceramente indignada, a mulher. — Pois não nos tens tu dito mil vêzes que á mêsã não queres que te incomodem, que gostas de comer só?...

— Isso é quando tenho coisa maior que me preocupe; quando me levanto, como hoje, com esta saburra de estupidez na cabeça...

— Ninguém póde adivinhar... Só se mandares fazer, e puzéres á porta do teu quarto, uma especie de camaroeiro que nos annuncie, cada manhã, os acessos do teu bom ou mau humor.

E Henriqueta fitava o conde despejadamente; emquanto este continuava a passeiar agitado, e,

n'uma vaga humilhação e um pouco áparte, Olympia fixava alternadamente nos dois os seus grandes olhos maliciosos.

Por fim o conde, mais aplacado, parando:

— Mas então, sério, sério, não suspeitas para onde fôssem?

— Naturalmente, a Xabregas, ás *Commendadeiras*, onde havia hoje catechese pelo D. Prior.

— Que mania de beateiro se lhe pregou!

— A culpa é toda nossa, de mais ninguém! Devíamos ter atalhado o mal a tempo.

O conde, meditativo e triste, n'uma grande perplexidade, aventurou:

— Mas como, se aquillo é talvez a sua vocação? ...

— Ah, com a Leonor não contem por muito tempo! — acudiu Olympia com vivacidade.

— Como sabes tu isso!? — exclamou o pae, n'um sobressalto.

— Tem-m'o ella dito muita vêz. Ainda hontem... Qualquer dia encerra-se entre as quatro paredes d'uma cella, para não mais de lá sahir.

— Estás doida! — gritou o conde afflictivamente.

— Verão... Ella abomina o mundo!

— Mas não abomina a familia!

— A familia... — commentou Olympia, na ponta dos labios. E, sacudindo os hombros, com um sorriso: — Encontramo-nos no céu, depois...

— Todos, todos me deixam! — lamuriou o conde, n'uma explosão de angustia, cahindo amarfanhado sobre um *fauteuil*, ao canto da sala.

E então, pela primeira vêz na sua vida, a condessa notou com piedoso espanto que o marido tinha os olhos molhados de lagrimas.

Fêz signal á filha para que os deixásse, e, muito de manso, foi sentar-se junto do marido. Aquella subita e imprevista emoção do conde enterneceâ-a... Nunca o vira sôb aquelle aspecto soffredor e humano. Surprehendia-a, infundia-lhe uma impressão tocante de sympathia e carinho, esta serodia explosão de sensibilidade por parte d'um homem cujo irreductivel egoismo nunca lhe déra margem a piedosas attenções pelos outros. Pelo contrario, o conde acostumára-a a ella, acostumára os filhos, a um desapegado viver que era a formula de negação mais completa de todas as affectuosas ligações da alma. E agora era elle mesmo que, n'uma especie de arrependida regressão ao passado, queria reatar esses laços e reavivar em torno de si esse espiritual lume do amor familiar, que, uma vêz apagado, não ha meio, nunca mais, de renovar depois!

Mas, em seguida a esta sensação de piedosa
extranheza, e n'um começo de reacção, o primeiro
e instinctivo movimento da condessa foi de tédio.

— Inexplicavel tonteria! — pensava. Essa
gente com quem elle mais se tinha gasto, que lhe
havia sugado a melhor porção dos seus havêres,
dos seus affectos, da sua vida, essa que o aturásse
e consolásse agora... pois era quem tinha
obrigação de amparar na quéda, de aviventar no
crepusculo, o astro de cuja orbita arrogante e feliz
havam acompanhado a trajectoria, pela vida fóra.

Entretanto, como o conde, quebrado de
angustia e com o craneo apertado nas mãos
crispadas, parecia soluçar vagamente, Henriqueta
aventurou com carinho:

— Edmundo... mas tu que tens?

— Eu, nada...

— Estás descontente connosco?

— Estou descontente comigo mesmo!

— Porquê?...

— Pela maneira estúpida e brutal como tenho esbanjado a vida!

A condessa, sem nada contestar, teve um leve suspiro, desviando os olhos.

— Não fallo agora de ti... Mas os nossos filhos, não vês?... fiz d'elles uns sêres indifferentes, extranhos... quasi inimigos! Até parecia que me envergonhava de me encontrar com eles!

— O que ahi vae!

— É verdade, é! E o premio ahi o tenho... O Luiz sempre perdido pelos bordeis... e as minhas duas filhas, uma refugia-se no mysticismo, a outra atira-se n'uma inconsciencia aos braços do primeiro galan que a requestou!

— Que queres?... É um pouco falta de pensar.

— Não! não é... É o começo da minha expiação!

E, com infinita amargura, o conde torcia entre os dedos em febre as palpebras molhadas.

— Vejo-me assim condemnado a ficar só, estou a vêr... Será o epilogo natural!

— Não me tens a mim?... — disse, n'um tom que procurou tornar sincero, a condessa.

O marido, cheio de espanto, ergueu para ella os olhos amauroticos; e depois de a fitar com fulminadora insistencia, uns segundos:

— Tu!?! Como hei-de eu contar contigo? ... Nunca me fallas verdade!

E esta phrase foi batida n'um tão sincero e cruciante movimento de censura, que a condessa, indominavelmente, ergueu-se, sem atinar com a resposta. Depois, a derivar o embaraço:

— Bem, mas afinal, se o Fernando viér?...

— Ah, eu cá não lhe fallo! — rompeu com vivacidade o conde, levantando-se tambem.

— Não, isso é que tens de lhe fallar por força!

— Recebe-o tu.

— A ti é a quem compete.

— D'essa me livrarei eu!

— Então recusas?

— Não, mas vou sahir...

— O' Edmundo! isso não é digno, não é proprio, não é decente.

— É uma coisa bem natural.

— Depois de estares avisado, mal parece...

— Tu fazes muito bem as minhas vêzes. Dá-lhe as desculpas que quizéres. E, quanto ao casamento, consente p'ra já, ou addia a coisa mais para o deante... como entendêres. Dou-te carta branca.

— Isso não tem geito nenhum!

— Vossês não passam bem sem mim, p'ra tudo o mais? Pois façam agora o mesmo!

E tomou direito á porta.

— Ouve! — insistiu a mulher, cortando-lhe o passo.

— Não tenho nada que ouvir!

— Olha que eu recuso!

— Á vontade...

— Mando-o cá vir outra vêz!

— Faze o que quizéres, não tenho nada com isso! Á vontade... vão, abalem, deixem-me, deixem-me todos! — E rompendo impetuoso para o corredor: — Adeus!

VIII

Passados minutos, chegava o conde á porta da sua tão conhecida casa da rua dos Mouros. Como era dia, a porta da rua estava aberta. O conde subiu logo o lanço da escada, rectilinea e estreita, e tocou ao primeiro andar. Ninguém respondeu. Tornou a tocar; o mesmo baldo resultado. E elle então, nervoso e impaciente, com um calor de arrelia a escaldar-lhe as fontes, tornou a increpar-se por aquella sua estupidez sem exemplo, de se não haver munido ha mais tempo d'uma chave e fechadura ingleza. — Já não lhe succedia esta coisa desagradavel e irritante... ter de estar, de cada vêz, á espera de entrar por favor, e como um hospede, n'uma casa de que elle era afinal o absoluto dono e senhor! Que ridiculo, se a vizinhança percebia! Era bem feito! — N'uma sacção de exaspero, tornou a tocar. Inutilmente!

Na teimosia allucinatoria da sua alma, este episodio vulgar e burlesco exaggerava-se; era uma contrariedade assumindo as porpoções d'uma desgraça. Ante aquella pequena porta encardida, cerrada implacavelmente, era-lhe forçoso reconhecer a impossibilidade de realizar n'esse momento a canalha impulsão que o trouxéra ali; e esta certeza mais o enardecia, mais forte lhe fazia sentir o imperio do seu capricho doentio. — Queria desbafar com a amasia, vinha desdobrar perante a indiferença, mercenaria e boçal, d'aquella creatura de ganhar, o abandalhamento, a miseria patibular da sua alma, a viscosa podridão em que se lhe ia dissolvendo a vida... Mas, agora pelo menos, tornava-se-lhe impossivel! — E, batida contra esta evidencia de azar, a sua absurda obstinação estimulava-se. — Nada, tinha que ser por força! Seguramente, já não podia sahir d'ali sem se abrir com ella... sem saber ao que teriam

ido! E nem queria que a vizinhança dêsse por semelhante fiasco! Mais valia esperar...

Arrastado por esta logica deprimente, dispunha-se o conde a aguardar passivamente, ali assim, em pé e sumido com a parede, o regresso da sua amante, quando em baixo, ao rez do chão, se abriu uma porta junto ao patim da entrada, e uma besbelhoteira cabecita de mulher assomou, aproando o esguio queixo ao alto e arregaçando as narinas, n'um geito felino, emquanto as palpebras se lhe alongavam e fransiam, muito juntas, a affirmar-se, com a mão apoiada no alizar e o lenço branco de sêda cahido sobre a nuca.

— Ah, é v.ex.^a, sr. conde?... — exclamou ella, mal reconheceu Edmundo, com hypocrita respeito.

— Sou eu, sim... não ha novidade, — pigarrou o conde, de cima, n'uma grande humilhação.

— Peço desculpa, mas como ouvi bater tanta
vêz e podia ser coisa de cuidado...

— Nada, não... Era eu!

— A Paixãosita sahiu.

— Mais a Joaquina, bem sei... Ella tinha-me
dito, — acudiu logo o conde, a arredar, por um
rebate instintivo, a hypothese d'uma ignorancia
que seria uma vergonha.

— Pois naturalmente... — arrastou, com
ironia impagável, a cinisga de baixo.

— Mas eu é que calculava que não se
demorássem tanto.

- Elle de manhã veio ahi assim um moço..

— Ah, veio!?

— Supponho que de casa da cunhada...

— Qual! Da cunhada não podia ser... Estão
de mal.

A mulher do rez do chão teve um sorriso
intraduzivel. E n'um leve desdem:

— Ou seria de qualquer outra parte. E foi talvez o que a fêz sahir...

— Diabo! logo agora, que eu tanto precisava fallar com ella!

— Pois então, se v.ex.^a se quér dar ao incomodo de descer e utilizar-se... — E, dizendo, a maxeriqueira empurrava largo para traz o batente da sua porta. — A minha casa é insufficiente, mas pobresinha como é...

Vexado, o conde adeantou-se, a agradecer:

— Nada, não... Obrigado!

— Olhe que era melhor, sr. conde! Que, isto, mal parece estar assim a insistir tanto, eu, uma pobre de Cristo... Mas sempre v.ex.^a estava sentado. E quando ellas entrarem, a gente dá fé.

— Não... ellas não se demoram. Não vale a pena!

O conde defendia-se contra a transigencia, presentindo que, n'aquella sua situação, o

acamaradamento familiar com os vizinhos mais lhe agravaria a humilhação.

Mas o pior era que também agora, por cima, no segundo andar, uma outra porta se abria, junto á humbreira da qual, muito acobardado e sem voltar, o conde adivinhou o apparecimento d'uma segunda figura, tão odiosamente indiscreta e prazenteira como aquella que o chamava.

— Então! — insistia a primeira, com doçura. — Eu até tinha muita honra!

E foi quando o conde, na intenção de furtar-se ao indecoroso lance:

— Pois bem, amavel vizinha, aceito!

Descendo a escada, entrou então, á esquerda, n'uma pequena sala aciadita e simples, toda a escaiola côr de gemma de ovo, com frisos azues e vermelhos, pelas paredes oleographias mediocres, reproducções de sabidas aguarellas de Perêa figurando toureiros, mobília tôsca de palhinha, o

soalho irreprezivelmente esfregado, um candieiro de suspensão ao centro da casa. Nas duas janellas que davam para a rua, havia singelas cortinas de cassa branca, grosseiros pannos de *crochet* recatavam a porta de vidraça da alcôva, — correspondendo exactamente, por baixo, á alcôva da Paixão, — e um panno de *crochet* igual cobria totalmente, assento, braços e espaldar, do canapé á esquerda da porta de entrada, com almofadas de *reps* azul e applicações bordadas.

O conde sentou-se n'este canapé; e em frente d'elle, depois de ter cerrado a porta, veio solicita accommodar-se, n'uma cadeira, uma mulher dos seus trinta annos, esguia e esperta, no rosto mortificado de *papyrus* velho, accusando os progressivos estragos do estiolamento caseiro, pronunciadamente estrabica e com um lume febril e inquietante ardendo nos seus grandes olhos de nevrotica, pouco accentuado o nariz, os labios

longos e finos como um rasgão, lenço branco de malha de lã, cruzado sobre o peito, avental branco também, e os braços em cruz a occultarem as mãos nos sovacos.

Para cortar o embaraço da situação, apressou-se o conde a fallar:

— Tudo isto é por eu me não ter resolvido ainda a pôr lá em cima uma fechadura ingleza!

— E olhe que ás vêzes, sr.conde... — insinuou a sua interlocutora, n'um meneio de cabeça que era uma censura.

— Ella até já me tem pedido!

— Pois então faça-lhe a vontade! — tornou a besbelhoteira, n'um sarcasmo tão patente que o conde córou, desviando os olhos.

E depois d'uma pausa de incerteza, elle, com uma tremura de anciedade nos labios funebres:

— Diga-me cá... A Paixão faz-lhe bôa visinhança?

Discretamente, a mulher emmudeceu, baixando os olhos, com um risinho mysterioso. O conde insistiu:

— Não, diga... seja franca! Peço-lhe!

Então a estiolada cinisga, accentuadamente, como quem toma uma resolução, assentando com força as mãos nos joelhos e inclinando o busto á frente, n'uma expiração perversa:

— Ó sr.conde! a fallar a verdade, lá muito bôa não é...

— Porque é que diz isso!? — atacou com vivacidade Edmundo.

E ella, muito dulcerosa, de olhos no chão outra vêz:

— Por amor de Deus, não se zange v.ex.^a!
Então não digo nada...

— Não zango, não. Nem tenho de quê... Isto é simples curiosidade.

— É que eu não gósto de comprometter
ninguem...

— Nem aqui ha que comprometer, supponho
eu...

— P'la sua saude!

— Vamos, falle!

A perversa creatura pôz-se de salto em pé, e
muito firme deante do conde, com uma intimativa
odienta e as mãos nos bolsos do avental:

— O sr. conde perdoará... mas ella o que é, é
uma grande desavergonhada!

E rodou rapida nos calcanhares, a deixar que
a perfida insinuação produzisse todo o seu effeito.

No primeiro impeto de humilhação e dôr, o
conde fizéra-se livido e mordêra os labios. Mas,
quando a interlocutora, tendo attingido o extremo
da casa, se voltou, já elle tinha composto n'uma
superioridade tranquilla a expressão; e,
forcejando sorrir:

— O que ahi vae! ... Mas que mal lhe fêz a rapariga?

— A mim nenhum, felizmente!

— Pelo seu modo de fallar, parece...

Mas, outra vêz parada deante do conde, ella arrastou, n'um humilhante ar de piedade:

— Mal empregado! Isto até é uma consciencia... Um sr. tão bom, tão principal, enganado assim!

— Mas enganado em que sentido?... — exclamou logo o conde, n'um aspero sobressalto, erguendo-se.

E ella, vendo-o finalmente exasperado, sentou-se por sua vêz, e, muito mansa:

— Ora! em que sentido ha-de ser?... Ponha v.ex.^a na sua ideia o peor, que não anda longe da verdade!

— Essa agora!

— Ferve-me o sangue cá dentro, palavra! Não pôsso! Se não fôsse cá o meu companheiro tirarme isso da idea, acredita v. ex^a. que já o tinha avisado.

— Atraçôa-me então!?

— O' sr. conde, eu sei lá... Bem vê que eu não lhe entro das portas p'ra dentro.

— Mas mette lá alguém?... Algum homem?

— Não é um homem... são homens! Alli não ha escolha; homens e mulheres! Uma bicharia damnada!

— Não é possível!

— Ainda a noite passada... Que inferneira que ahi foi, até pela manhã!

O conde arregalava muito os olhos e deslocava-se, com inacreditavel agilidade, pelo aposento, positivamente desorientado.

E a implacavel cigorêlha, sentada e mansa, a estimulal-o:

— Que eu devia-me calar... mas o meu estomago nunca foi p'ra estas coisas! Não pôsso, endurecem-se-me os nervos e hei-de de ser sempre pela verdade! — Suspirava hypocritamente. — Ai, mas os bons, é isto, sr. conde... é uma palavra bem certa! são os mais apalpados pela desgraça.... Ahi está o meu homem, que, mal comparado, é um santo assim como v. ex.^a. Pois não ha meio de levantar cabeça! já está outra vêz desempregado.

— Mas que especie de gente é essa?...

— Desempregado vae p'ra seis mêzes... um bom artista como elle é! Imagine...

— O que eu não imagino é quem pôssam ser esses homens e essas mulheres...

— Emfim, emquanto houver uns trapinhos p'ra empenhar...

— Pois a senhora não os conhece? ...

— O sr. conde, se quizésse, é que nos podia fazer a esmola de o arrumar... Pouco que fôsse!

— Sim, sim... arrumo tudo o que vossemecê quizer! Mas isso depois... Agora, diga-me o resto, co'a bréca! diga tudo! Não tem outro remedio...

— E voltava a sentar-se na canapé, todo dobrado para a maligna confidente, com o olhar incendiado e as mãos virgulando impacientes.

— É que vêm quasi todas as noites p'ra ahi assim uma choldra... — confidenciou ella. — E depois ha guitarradas, batuques, embebedam-se...

— Ella não! Eu logo vi que não era possivel! — atalhou o conde, n'uma alegria triumphante.

— Assim me Deus salve!

— A Paixão não bebe vinho!

— Ora, não bebe...

— Não bebe, não! Então eu não sei?... Só em casos muito extraordinarios!

— Pois eu também não digo que seja ella...
Mesmo ella só é que não podia ser!

— Então porquê?...

— Pela quantidade! Pergunte v. ex.^a á Joaquina. As vêzes que ella desce e sóbe essa escada, coitada! Não faz senão entrar e sahir, a caminho da taberna!

— Decididamente, vossês põem-me doido!

N'este instante, sôou com força a campainha no primeiro andar.

— Tocam lá em cima! Quem será? ... — disse com impeto o conde, saltando em pé.

Mas já, mais prompta do que elle, a serigaita abriu a porta e clamava para a escada:

— Não está lá ninguém. Anda cá, rapaz! Tu que queres?...

Grossas passadas pesaram na escada, e um marçano boçal contou na salêta, com um papel na mão. — Era a conta da mercearia: conta do mêz

passado, ainda por pagar. — O conde, depois de invocada, e confirmada pela vizinha, a sua qualidade de amante official da freguêza, obteve do marçano o rol, que esmiuçava com aterrado espanto. E leu alto:

— *Termo tinto*, duzentos e dez litros. *Collares dito*, cento cincoenta e quatro litros. *Abajado*, seis garrafas... Santo Deus! são quasi duas garrafas por dia!

— Ahi tem v. ex.^a!

— Eu pérco-me! eu damno-me! eu endoidêço... Seguramente, estou sonhando!

E o conde ficou então, uns minutos, preso de confusão e mudo de indignado assombro, com os olhos sobre o papel e a cabeça apertada na mão convulsa.

Por fim, surprehendendo a attenção aviltante com que, immoveis, a mulher e o garôto o encaravam, — ella com um sorrir de achincalho,

elle com uma avidéz interesseira, — puxou da carteira, pagou; e com recalçado rancor, guardando a conta:

— Ha-de-m'as pagar! Eu lhe direi!

Ao sahir, o marçano cruzou-se, na porta da salêta, com a visinha do segundo andar, a qual, não tendo podido dominar a impaciencia, acabará por descer a escada, e agora, mettendo o rosto implicante á porta:

— Precisam alguma coisa?...

— Ah, é a sr.^a Felisbela?... Entre, entre, faça favor! Ainda bem! Ora ahi está quem não me deixa mentir...

A sr.^a Felisbela era uma forte e bem anagoada mulher, dos seus cincoenta annos, com uns olhitos de azeviche, implacaveis e matreiros, no rosto cafreal, o ventre alpinado, mãos de saurio e modos de colareja.

— Então que ha, menina Dôres?...

— Faça favor, diga aqui a este senhor quem é a Paixão!

— Oh! Isso é uma prenda...

— Vive, ou não vive, ella n'uma pagodeira constante?

— É uma grande bêbeda!

— Calem-se! calem-se! — gritou, de mãos nos ouvidos, o conde, correndo a refugiar-se no outro extremo da sala.

Mas a implacavel matronaça, com justiceiros modos, perseguia-o:

— Até é uma vergonha p'ró sr. conde, dar-lhe attenção... fazer-lhe o bem que lhe faz!

— Ai! com licença, que tenho a panella ao lume, — atalhou a Dôres, n'um sobressalto.

E, certa de que ficava bem subsituída, rodou veleira para o corredor. Enquanto, simultaneamente, a Felisbela, que tinha tomado bem a deixa:

— Mas isto é uma coisa sabida ha muito tempo, aqui na rua, por toda a gente... Só o sr. conde é que o ignora!

— Bem, seja assim... — condescendeu, relativamente applacado, o conde, em cujo animo a curiosidade sobrelevava agora ao despeito. — Mas vamos lá então a isso por miudos: quem são os frequentadores habituaes d'essas saturnaes baratas?

- Olhe, sr. conde, certos, certos, são: em primeiro logar, a cunhada...

— Estão de mal!

— Qual! Ainda a noite passada ella ahi esteve... E dava cada urro, pae da vida!

— Aquella trampolineira...

— Com ella, é claro, vêm logo, ou vêm depois cá ter, quando tem serviço, o marido, o irmão da Paixão, que é correio de ministros. Este sae quasi de todas as noites em braços dos amigos, lastrado

até cahir... E vêm também, invariavelmente, um tio d'elle, trôpego e zorato... ai, este é muito reinadio! Ainda a noite passada, p'ra que lhe havia de dar, ao alma do diabo?... Foi para a varanda das trazeiras, fazer indecencias!

— Que mais?...

— E ha então um rapazote, um rapazote... bonito que elle é! contra-mestre da armada ou coisa parecida... que esse, entrar o vêjo eu... mas nunca dou fé d'elle sahir! — E, ante a expressão dolorosa e transtornada do conde, derivou: — Aquillo ficará por lá co'a Joaquina...

O conde agora, dobrado e immovel a um canto do canapé, como sossobrado a um grande aniquilamento moral, emmudecêra. Não achava uma expressão para a sua dôr... o rosto cavacado e revôlto parsiára-se-lhe n'uma exasperada contorsão de ruina. Um formidavel desmoronamento interior lhe resolvia a

consciencia, sem que á sua mascara, devastada e fruste, a mais ligeira vibraçãõ subisse, d'esse pavoroso cataclismo de raiva e de vergonha.

N'um instinctivo regalo interior, a Felisbela observava-o. E n'este momento vexatorio de silencio, ouviu-se distinctamente um remexer de refogados na cosinha.

Por fim o conde, com uma voz absolutamente calma, como se fôsse tambem um commentador alheio da sua propria desgraça:

— Abusam d'ella, é o que eu vejo. Tem bom coração... vêem p'ra ahi assim...

— Será, será... — remoia, ironica, a Felisbela.

— O que eu admiro é como ella tolera esses excessos, uma rapariga bem educada!

— O' sr. conde!

— Nunca foi mulher de palavradas...

— Vossa excellencia está a caçoar co'a gente!

— E, toda indignada, para a Dôres, que voltava,

limpando as mãos: — Então, visinha Dôres, não vê isto!? Bem educada, a Paixão!

— Pelo menos, deante de mim...

— Mas que homem tão cego! — acudiu a Dôres, n'um meneio piedoso de cabeça.

— Havia de v. ex.^a estar em minha casa, — tornava a outra, — em dia em que ella tenha costureiras!

— Ora, é quando está co'a sua gente!

— O sr. conde sabe, — tornava a matreira de cima, — alugo quartos, é do que vivo. E isto é uma gente que está sempre a mudar. Pois as meninas de baixo, em lhes cheirando a rapazinhos no meu andar, estudantes, ou o quér que seja, já ninguem tem mão n'ellas, já não param na galhofa. E a Paixão é a peor! Ainda não ha muitos dias, estavam ellas a acabar um vestido de noiva...

— Mas a Paixão não precisa trabalhar!

— É para espairecer, para não esquecer o officio... Pois viéram pr'a varanda; e vae uma dizia que a noiva já não ia honrada... mas isto pelo claro! E vae outra, em quem estavam a provar o vestido: «Ah, sim? então põe aqui chumaços.» E indicava o ventre e os quadris. E uma terceira exclamava: «E se lhe dão as dôres na igreja?...» E sobre isto uma grande galhofa! Depois é que foi discorrer... Tudo o mais á proporção!

— Mas isso assim é insupportavel!

— Com perdão de v. ex.^a... vontade não nos tem faltado, de fazermos um abaixo assignado para as pôr d'aqui p'ra fóra! Mas ha uma coisa que nos mette respeito...

— Cá por mim...

— A coisa é outra...

— É que... o sr. conde bem sabe... a cunhada falla com um dos maioraes da policia!

N'este momento, uma voz rouca e mal humorada regougou da porta:

— Diabo! tanta fallacia... Temos aqui arraial?

Era o dono da casa, o Seraphim, typographo, que, entrando e arremessando p'ra longe a boina surrada:

— Raio de vida!

— Ó Seraphim! olha quem aqui está... — acudiu logo a amasia, n'uma intimativa afflictiva, premindo-lhe o cotovêlo.

— Ah! é o sr. conde de Fiães, não é?... Peço desculpa... Isto a gente anda cá ralada co'a sua vida!

— Ora essa... — balbuciou o conde, vexadissimo, levantando-se. — Eu é que tenho que lhe pedir desculpa, por ter abusado talvez da hospitalidade que tão gentilmente me offerecêram... e com tanto que aprendi!

— Hum! déste á lingua demais, quérem vêr?...

— resmuneou para a Dôres o recémvindo.

— Prestou-me um grande serviço! —
explicou o conde.

— E em paga, tu verás! vae-te arranjar collocação! — acudiu com carinhosa vivacidade a interpellada, roçando-se pelo amante.

Pelos olhos apagados e a face livida d'aquelle tuberculoso incipiente perpassou um clarão incredulo. A Dôres insistiu:

— Não, palavra! tu verás...

Vaga e urbanamente, já de mão no fecho da porta, observou o conde:

— Isso na typographia d'um jornal não deve ser difficil.

O Seraphim teve um sorriso altivo. E com um desdem protector, a Dôres:

— Agora n'um jornal! O meu homem... não é por elle me pertencer... mas é um artista de

merecimento, quér outra especie de trabalho. Mesmo essa obra dos jornaes puxa muito demais do peito... está prohibido pelo medico. Senão, isso arranjava a gente!

— A Imprensa Nacional é que me convinha... Ou assim qualquer empreza.

— Se o sr. conde quizésse! Faz-nos essa esmola, sim?

— Vamos a vêr...

— Mas isso é de vontade?

— Então não é?... — obtemperava o conde, já fora, no patim, com visível tédio. Para mais, estou-lhes muito grato. Pois sim! vamos a vêr... Adeus!

E, rapidamente, sumiu-se rua abaixo; enquanto para a mulher o Seraphim, atirando a porta com violencia:

— Ainda tu te fias n'esta sucia!

IX

Leonor havia, com effeito, sahido com o irmão, logo de manhã. E os dois foram tomar, ao Camões, um *coupé* que os transportou a Xabregas.

Era esta uma resolução assente de Leonor, que, na vespera, todo aquelle mundanismo irritante do baile mais lhe afervorára. Tornava-se-lhe indispensavel um banho lustral de graça divina.

— Catechese e confissão. — O Luiz, prompto sempre, acompanhal-a-ia.

Este ia, amadornado e somnoloento, ao conta da tipoia, n'uma retracção instictiva de noctivago, tendo puxado a alça, a subir a vidraça, por causa das correntes de ar, e descido sobre ella o *store* de tafetá verde, porque não podia suportar a muita luz. Ia contrariado e azêdo, via-se, desviando da irmã os olhos, vincando a testa. —

Que só ella, a sua querida irmã, o obrigaria áquella estopada! Por vontade d'elle, estaria ainda na cama; tinha-se deitado ás 5 da manhã... Afinal, ia agora alli, com ella, p'ra quê?... Pr'a deixar á porta e retirar com a cara d'asno, porque nas taes *Commendadeiras* não podia elle entrar! Nem saudades!

A irmã, muito affectuouosamente, tomava-lhe as mãos e agradecia-lhe. Toda de preto, uma tenue mantilha de renda assentava no seu fino cabello côr de oiro velho, apartado ao centro, como o das *Virgens* de Murillo, e corrido singelamente lados em dois bandós. E, voltando ao irmão os limpidos olhos verde-mar, muito contentes, dizia-lhe carinhosas palavras, n'um espirital abandono, todo reçumante de ternura e illuminado de esperança. — Que nunca elle se arrependêsse de fazer bem! Os serviços desinteressados eram os unicos com premio no céu. Nada lucrava elle

directamente em aquelle forçado passeio matinal; mas lucrava ella, a sua querida irmã! que ia dar satisfação a um dos votos mais ferventes da sua alma... E elle, acompanhando-a, dando-lhe ensejo á execução d'um dever para ella essencial, teria n'essa evidencia o mais legitimo prazer para o seu coração affectuoso e bom!

Vagamente enternecido, Luiz apertava tambem a mão de Leonor, encarando-a um instante:

— Mas tambem p'r'o que te havia de dar!

— Que queres tu, meu amigo?... Se eu em volta de mim não vejo senão coisas desagradaveis! É tão triste, tão cheia de nôjo e repulsão a terra, que o meu coração assustado desvia d'ella os olhos e ergue-os n'uma supplica de libertação ao céu!

Com uma expressão material e sceptica, o irmão voltou a encaral-a, e disse depois, encolhendo os hombros:

— Emfim, tu lá te entendes com essa madureza!

E tornou a descahir aborrecidamente para o canto do coupé, n'uma indefinida tristeza, abandonadamente, — enquanto pela retina distrahida lhe passavam indifferentes, a correr, as successões banaes dos grandes armazens do rio, carvoados e poeirentos, batidos de bravas sonoridades a que a proximidade da agua augmentava a ressonancia, com os portaes golphando pilhas de vasilhame e saccaria para as carroças alinhadas á beira do passeio.

Por fim, transposto um grande edificio de reconstituição querendo ser *manuelina*, o *coupé* rodou ao longo d'uma extensa e lisa fachada, pintada a oca, e tendo a sua monacal monotonia

cortada apenas, a quando e quando, por esguias frestas gradeadas. Ahi, parou junto a um grande portão vermelho, de fortes almofadas de castanho, com um ralo de ferro ao lado, e um cordão de campainha, que Luiz, apeando-se de salto, puxou com força.

Logo o portão se abriu, e uma feminina cabeça appareceu receiosa a espreitar, envolvida no obrigado capêllo freiratico, o pequenino rosto lymphatico muito cheio de rugas, e intraduzivel a verdadeira côr dos olhos, por traz d'uns oculos denotando myopia accentuada.

Mal que viu um homem, o seraphico rosto da madre porteira teve uma contracção hostile. Mas Leonor tinha saltado do trem, logo em seguida ao irmão, e avançou a mostrar-se, para ser reconhecida. Então a porteira sorriu, muito affavel, abatendo a cabeça humildemente. E Luiz para a irmã, muito enfastiado:

— Então, até quando?

— D'aquí a duas horas, — disse-lhe a irmã, já com um dos pés dentro do edificio.

— Vê lá, não me faças esperar!

— Não, não faço... até logo! — tornou Leonor, dando-lhe a mão, n'um sorriso.

E sumiu-se n'um instante; enquanto o grave portão, ciosamente fechado, batia com estrondo nas bochechas do rapaz, que n'um irreprimivel movimento de rancor tornou novamente ao trem, commandando ao cocheiro:

— Bate p'r'o Arieiro, anda-me!

Dentro do vasto e monotomo casarão reinava um silencio tumular, uma austera paz religiosa, feita de hypocrisia e de virtude. Havia, primeiro, um alto e penumbroso vestibulo lageado, nú como a Morte, retumbante de extranhas resonancias. A seguir, o claustro, amplo e singelo. Em duas das suas quatro faces, a toalha de oiro do sol escorria

serenamente, accendendo scintillações discretas nas vidraças, e arrancando reverberos metallicos dos aloendros e loureiros que rompiam de anemicos monticulos de terra, estrangulados entre o lagêdo. A um canto, sôb a abobada, havia um nicho envidraçado, dentro do qual resplendia uma pequenina Senhora da Conceição, em barro, com uma lampada na frente, perennalmente accesa, bamboando ao vento no vertice d'um braço rudimentar de ferro, vestido de *herva da fortuna*. A trivial arcaria dorica, em torno, era pintada a oca tambem, com os intervallos entre os arcos embasados por singelos rodapés de cantaria em que vicejavam flôres. Só o arco central de cada face, completamente livre, dava accesso ao interior. Aqui, pelas paredes, havia um alto revestimento de azulejos seculo XVIII, com scenas biblicas e caçadas, muito bem conservados. Varios crucifixos de pau santo alternavam com

grades que pareciam de enxovias. E, a outra das quinas, havia uma interessante capelinha *renascença*, da Senhora das Dôres, com um Menino Jesus vestido á Luiz XV, e, a uma scena de Calvario, os centuriões de chapéu armado.

Tenho beijado affectuosamente a mão á madre porteira, Leonor deixou logo o vestibulo e avançou em diagonal pelo pateo interior do claustro, como quem pisava terreno muito seu conhecido. Então, á direita, encontrou uma porta de grossos alizares trabalhados, com um pequeno frontão de cantaria, abrigando um busto de Christo, que mostrava amorosamente o coração chagado. Era a entrada para a igreja. Leonor empurrou um dos batentes e avançou pelo vasto templo, cuja meia-tinta de crepusculo entrava como um balsamo nas almas e espiritualisava as coisas. Tambem ella parecia espiritualisada agora, transfigurada... A transparencia sideral dos seus

bellos olhos garços como que se apurára, — tal como nos reconditos mysterios do seio da terra a crystallisação secular das pedras finas; o pescoço adelgado e esguio erguia-se-lhe n'um vôo, todo na sua ancia transcendente do Infinito; as mãos juntavam-se em ogiva, n'uma prece, commovidamente; os labios tinham a contracção linear dos extasis sobrenaturalmente dôces; e n'esta enlevada uncção de todo aquelle sêr melindroso e puro, n'esta sua mystica fuga para o *Além* ignorado e immaterial da vida, as suas roupas tinham rugidos brancos de azas, e as suas passadas eram leves e deslises como o perpassar dos anjos nas nuvens.

Leonor seguiu direita á capella-mór e ajoelhou no degrau do arco cruzeiro, apoiando-se á grade de pau santo. O templo estava deserto; e na grave meia-tinta d'aquella solidão, n'aquelle silencio de abandono e de morte, subiu por momentos o

compenetrado e fervente ciciar d'uma prece. Depois ella persignou-se, ergueu-se, e, voltando-se, viu que mão amiga lhe acenava, lá do fundo, da banda interior das negras rotulas que tapavam o côro. — A superiora que a chamava.

Tomou á sacristia, e d'ahi, subindo uma escada em helice, entaliscada na espessura paradoxal da parede, n'um momento attingia o corredor d'uma das salas do convento, grandemente esmadrigado, apesar da solicitude dos rebôcos e remendos constantes, escassamente alumiado por uma grande janella gradeada, no tôpo, superada por um Crucifixo, e todo rasgado em portas de pequeninas cellas com guardaventos, algumas com capachos e esteiras na soleira.

A meio do corredor, encontrou-se a loira irmã da Olympia com a superiora, — uma grande anciã, de oculos de aro de oiro e lisos bandós

grisalhos, da cinta pendente um rosario de grossas contas de madreperola.

— Minha querida Leonor! então como vae?... Bem, graças ao Senhor, não é assim?

— Sempre a mesma coisa. E vossa excellencia?

— Como se vê, meu anjinho. — E beijava-a. — Logo vi que não faltava! — Leonor baixou os olhos. — Tratar da alma, não é assim?

— É o nosso dever primeiro.

— Ora, mas a alma d'uma santinha d'estas que grandes cuidados ha-de querer?

E dava-lhe com a mão affectuosas palamadas na face, ruborisada de enternecido jubilo.

— Todos somos peccadores, madre Purificação...

— Bem, venha d'ahi até a minha cella. Para o côro é cêdo.

— Então o D. Prior?

— Ainda não veio. É cêdo, minha querida, repito.

— Antes assim. Mas eu não sei que tinha em mim, que todo o tempo me parecia pouco! Não o queria fazer esperar.

— Quando elle chegar, eu logo tenho aviso. Venha.

Então as duas seguiram vagarosamente, mansas e apagadas como duas sombras, ao longo do corredor deserto, — Leonor aconchegando de instincto a capa sobre os hombros friorentos, a superiora agitando na mão tremula uma campainha, signal para que as recolhidas se conservassem nas suas cellas, porque ia passando ali uma pessôa extranha.

Ao cabo do corredor, havia uma grande varanda, voltada ao sul de pilares de pedra e balaustres, alegrada pela decoração festiva de alegrêtes com plantas trepadeiras e gaiolas com

canarios. A um lado, via-se ainda uma machina de costura e varias peças de roupa branca em desalinho, que se conhecia bem haviam sido deixadas na occasião. Contra a parede, notava-se um carcomido tryptico, em nogueira, como uma pintura bysantina, bastante rudeimentar; e, no tópo da varanda, como protegendo-a, avolumava, negro e enorme como uma visão de pesadelo, dentro d'um nicho envidraçado, um Senhor dos Passos de dimensões colossaes.

Leonor avançou ao parapeito da varanda, um instante, a olhar vagamente o movimentado panoramana desenrolado para lá da cêrca, — um vigoroso zumbir da vida, circulando n'uma chaotica profusão de telhados de zinco e chaminés de fabricas, debruada, em baixo, pela mansa esteira nickelada das aguas do rio. A madre Purificação, essa, a distancia, com a mão em pala á frente dos oculos de oiro, não ousava aproximar-

se, na instinctiva incompatibilidade entre a intrangencia dos seus votos e aquelle traço de união profano, do convento com o mundo exterior. Mas, quando Leonor voltou adonde a ella, disse-lhe beatificamente, defendendo sempre os olhos:

— É muito soalheiro aqui, não é?

— É uma delicia!

— É o nosso desafogo... As educandas gostam muito!

Porêm, mal que proferiu estas palavras, a superiora apressou-se a subir uma pequenina escada, denegrada do tempo, que, mesmo no flanco da varanda, havia, arrimada á parede, e a qual terminava, em cima, n'uma especie de mirante, de que a madre Purificação fizera a sua cella. — Totalmente envidraçada nas suas quatro faces, com cortinas de cassa moderando a luz do exterior. A um canto, um singelo catre, de colcha

branca de algodão, tendo ao lado um genuflexorio de pau santo. Innúmera quantidade de pequeninos retabulos, na escassa nêsga de parede que corria sobre as vidraças, com lythographias de santos, algumas coloridas. Um pequeno contador de pau santo, e uma mesinha de costura do mesmo estylo, fronteiros a uma commoda enorme, de castanho, com caixotões almofadados, tendo o marmore florentino do tampo coberto por uma alva toalha de renda, e, em cima, um relicario de fórma pyramidal com varias esquirolas milagrosas, e, sôb uma redoma de vidro, um preciosissimo crucifixo italiano, de marfim. E, ao lado do lavatorio de ferro, numa linda concha de faiança do Rato, com agua-benta, e n'esta mergulhado um raminho de oliveira.

A superiora, mal entrou, poisou sobre a commoda a campainha, cujo religioso alarme se tornára ali desnecessario, e, sentando-se,

levemente fatigada, n'um dos escabelos estofados que marginavam o aposento:

— Sente-se, meu anjo!

Leonor, gravemente, obedeceu.

— Então, diga-me, — tornava a madre Purificação, muito insinuante, — esta sua vocação é uma coisa bem lá de dentro? Não ha razão forçada que a isso a obrigue?

— Não ha, minha senhora... juro-lhe.

— Não jure, que é peccado! Basta-me a sua palavra.

— Para mim não ha, não comprehendo, não desejo outra vida melhor!

A superiora abanava com satisfação a cebaça, contemplava-a embevecida. E Leonor, com a face virginal levemente afogueada, dilatados os labios n'uma expressão de beatitude e os olhos translucidos incendidos de prazer, tornava:

— Cada vêz destesto mais o mundo! A sociedade fere-me como pontas e agulhas... Que repulsão, que horror! O meu mundo, o meu futuro, a minha vida é aqui!

— Bemdito seja Deus! A minha Leonorsinha é uma d'estas almas eleitas, tocadas do Senhor pela sua graça. Ainda bem! ainda bem!

— Meus paes não me pódem ouvir fallar assim...

— É natural!

— Mas isso a mim pouco me faz. O meu futuro está traçado. E quem soffreu, soffreu!

— Muito bem, minha filha, muito bem!

Leonor, com os olhos rasos de agua, agradecia. Enquanto a superiora:

— Que raro e excepcional exemplo, em meio do materialismo de hoje! N'uma família como a sua... É um milagre do Senhor!

E, dizendo, a priorosa erguia as mãos e fitava no tecto hypocritamente os olhos. Depois tornou:

— Pois é resolver-se, quanto antes... não vá ás vezes o démo...

— Ah, isso não vae! descance.

— Ora, eu sei lá, filha... É fazer hoje a sua confissão geral...

— Se Deus quizér!

— E depois, conforme o que o nosso bom D. Prior lhe aconselhar... É não ter uma hesitação!

— Confio muito n'elle.

— E deve, Leonorsinha, deve.... Oh, que homem! que santo! É uma grande intelligencia. O que elle dissér é uma escriptura.

— Mas virá elle hoje?

— Ah, isso vêm, com certeza... posso-lhe garantir.

E com um sorrisinho malicioso a superiora, aproximando-se de Leonor e poisando-lhe a mão no braço:

— Vêm por força. Tem ahi tambem á espera d'elle outra pessôa... uma penitente!

— Sim?...

— É verdade... Miserias da vida! uma historia bem curiosa.

— Quem é? quem é?...

— Olhe, é bem conhecida.

— Diga lá! Não sei...

— A Pereirinha... a casada!

— O quê! a Elisabeth?

— Essa mesma!

— Oh, meu Deus! mas que fêz ella então?

— Pelos modos, minha filha, coisa que o marido não póde perdoar...

Leonor baixou pudibundamente os olhos, enquanto a superiora, agora de pé e progressivamente animada:

— É pôr alli os olhos... Santo Deus! estas educações de agora...

— Mas elles adoravam-se.

— Era o que constava... sim, era o que eu ouvia dizer ás pessoas que vinham por ahi. Mas aquelle cunhado...

E ao deixar cahir esta ultima insinuação, os pequeninos olhos pardos de superiora, mesmo atravez dos oculos, accusavam uma alegria perversa.

— Serão calumnias... — observou Leonor.

— Qual calumnias, filha! A Leonorsinha é uma santa alma, julga as outras por si... Calumnias... Antes o fôsem! Mas o que havia a esperar d'uma menina creada em toda a liberdade, sempre de volta com os primos? E do irmão do

marido, educado em França, um homem sem religião!

— Parece impossível! Sim, e agora me recordo, minha mãe outro dia fallou muito com a D. Claudina a esse respeito, mas eu não dei maior attenção.

— Nem devia... Não são coisas para uma menina da sua condição, da sua idade.

— Mas, afinal, já que fallámos n'isto, diga-me vossa excellencia, o que é que houve? que vêm ella aqui fazer?

— Provavelmente, viver p'r'aqui... p'ra todo o sempre. É o que me dizem... — E a priorisa tornava a encolher os hombros. — Pelos modos, o marido surprehendeu-os, em condições taes que nem se poude evitar a separação, nem o escandalo. Os creados ouviram, viéram p'ra fóra contar... Uma desgraça!

— Faz-me pena...

— Tambem a mim. Que eu cá me estou certa que, mais cedo ou mais tarde, e depois da prestigiosa intervenção de D. Prior, os dois tornam-se a juntar... O Pereirinha é doido por ella.

— E ella por elle!

— Mas, em summa, o certo é que ella p'r'ahi veio ante-homem, e foge de nós todas e não quér fallar a ninguem... Dei-lhe cella na *ala do silencio*. Não se deve irmanar com as outras: é uma creatura de peccado.

— Pobre Elisabeth!

N'isto, a sinêta do claustro retiniu tres vêzes. Ao que logo a superiora:

— Ahi está elle!

E n'um alvoroço Leonor apressou-se a descer a escada.

O D. Prior tinha já transposto o claustro e subira, internando-se no côro. Ahi se dirigiram

logo a priora e Leonor, a quem foi difficil, no primeiro momento, aperceber e destacar a figura longa e angulosa do padre, em meio d'aquelle ambiente bafiento e triste, onde dançavam sinistramente as sombras.

Havia dois renques de altas cadeiras almofadadas, de carvalho, denegridas, roídas de caruncho, com monstruosas *facies* de animais mythologicos, entre uma apoplexia de ornatos, rematando os espaldares, e admiraveis cabeças caricaturaes protuberando atrevidamente, nas pégas dos assentos. Para cima, nas pobreza das paredes caiadas, com camadas negras de pó accusando as suas bossas de ruina, pendiam grande porção de retabulos, alguns em preciosas molduras de talha, escalavradas do tempo e figurando *moticos* sagrados, na maior parte completamente ennegrecidos. Ao centro do côro, erguia-se um elegante suppedaneo, com um

missal aberto. E ao fundo, fazendo frente á esguia fresta, unica que entornava luz sobre este indeciso montão de coisas lugubres, era o espaço totalmente fechado por grossa gradaria de ferro, negra tambem, d'uma solidez hostile de masmorra, — para além da qual se abria, vasta e profunda, a vaga solidão da egreja, em brilhos macios de azulejos reflectindo a luz agonisante das lampadas que ardiam deante dos altares.

Do lado interior do côro, ladeavam esta grade duas grandes estatuas em pedra, coloridas e de tamanho natural, — a Virgem da Conceição e Santa Maria Magdalena, — ás quaes a soturna meia-tinta do recinto ampliava giganteamente as dimensões e emprestava um como que arremêdo phantastico de vida.

Ao lado da imagem da Magdalena é que o D. Prior ajoelhára, voltado ao altar-mór do templo. Quando a priorosa e Leonor chegavam perto,

benzia-se elle e levantava-se, sacudindo os joelhos. Leonor beijou-lhe commovidamente o annel, enquanto a madre Purificação, pondo os dedos em pala adeante dos olhos piscos :

— Muito bons dias, salve-o Deus, sr. D. Prior!

— Que a graça do senhor seja comnosco! —
respondeu elle, curvando-se, humildemente.

— Mais do que nunca era hoje reclamada aqui a sua presença.

— Eu sei...

— Como! Adivinhou ?

— Sei que mais do que uma pessôa necessita hoje aqui, dentro d'estas sagradas paredes, do meu soccorro espiritual.

— É singular! Eu nada lhe mandei dizer.

— Foi inspiração do Divino Espirito Santo —
disse embevecidamente Leonor, contemplando o padre com carinho.

O D. Prior sorria beatamente, de braços cruzados e as mãos occultas nas fartas mangas da batina, baixando os olhos. Ao tempo que a prioresa, indicando Leonor, cuja cintura cingiu ao de leve com a sua mão de cêra:

— Uma d’ellas, está sabido, é aqui o nosso anjinho.

— Uma das mais precisosas eleitas do Senhor!
— disse com emphase o padre, baixando com singular expressão, e da profundidade macerada das orbitas, o seu enigmatico olhar sobre Leonor, que córou ligeiramente.

— Ah, e estou convencida que sim! — tornou a prioresa com ternura. — Ainda ha-de ser gloria e lustre d’esta casa! Assim Deus me dê vida e saude para o poder confirmar... Santinha! Veja esta candura, esta perfeição, sr. D. Prior... Até era mal empregada no mundo.

— Nós a salvaremos ...

— Pois não é tal qual a santa imagem d'esta nossa Maria Magdalena, com os seu cabellos de oiro e os seus olhos da côr do mar?

— É... — observou o padre. — Menos no peccado.

Leonor agradeceu mudamente, n'um olhar intraduzivel.

— Mas o que mais temos então? — voltou para a madre superiora o D. Prior. — Trata-se d'uma grande peccadora, uma peccadora confessa e reconhecida, não é assim?

— Infelizmente!

— Com que infinita magua a minha alma se vê obrigada a descer até estas desgraças! Triste missão a nosssa!

— Ora, D. Prior... quanto mais encarniçada é a lucta com os espiritos ruins, tanto mais saboroso e compensador é tambem depois o exito da victoria!

— Emfim, a nossa missão é esta... humildade e abnegação, desinteresse e sofrimento.

— Quér que a mande chamar?

— Não... deixemos o menos agradável para o fim. O natural seria, com effeito, eu começar por essa senhora, e, depois da severa analyse das suas faltas, proceder á ablução da minha alma conservando com esta creança. Mas um tédio invencível me prende, Deus me perdôe! Começaremos por aqui. Depois, depois...

— Bem, então ahi os deixo, na santa paz do Senhor... — disse a madre Purificação, curvando-se e sahindo ligeira, depois de ter vindo fazer sua genuflexão junto á grade do côro, voltada para o altar-mór.

Leonor, que ficára agora só com o padre, n'aquelle frio ambiente crepuscular, n'aquella atmospheria de respeito, mantinha-se, de pé, immobilizada junto á grande e dôce figura de

Magdalena, tomada d'um indizível enleio religioso, erguendo extaticamente ao céu os olhos e juntando as mãos n'um grato e feliz inebriamento, cortado de vagos estremeções de receio... — Estava, emfim, protegida e amparada, ali, n'esse logar santo para onde irresistivelmente a chamava a vocação, no ponto de passagem do mundo para a solidão, no termo da vida, no limiar do tumulto... e uma indefinida angustia agora a tornava, sobranceira ao seu desejo, uma como que vertigem do *Mysterio*, ao sentir-se emfim tão proxima do grave e formidável problema!

O D. Prior, mansamente, tinha passado para junto da grade do côro um escabelo e sentára-se, n'uma attitude discreta, evitando a luz, as prégas das esguia batina negra esfumadas e perdidas no esbatimento vago da penumbra. Pôrem, mesmo n'esta parcimoniosa cumplicidade da luz, via-se que qualquer intensa preocupação anormal ainda

mais lhe cavava ascetica tristeza dos fundos sulcos habituaes da testa.

E, como Leonor continuásse immobilizada a distancia, com o seu adoravel ar de enleio, elle disse-lhe docemente:

— Então, minha filha, venha cá... Conte-me as suas penas, abra-me o seu coração. Conserve com seu amigo.

A gentil filha dos condes de Fiães aproximou-se, em passos timidos, com a nuca dobrada, os olhos baixo, e o seio virginal arfando n'uma casta e inefeval anciedade. Emquanto o padre:

— Quér-se então confessar?

— Sim, D. Prior...

— Ora, mas confessar-se de quê?... De que poderá ter que accusar-se o seu coração sem maldade, a sua vida sem macula?

— O meu confessor julgará ...

— Emfim, esta sagrada obrigação, imposta pela Igreja, já está hoje muito longe de ter os rigores e a terrorista feição antiga. D’uma horrível visão do Apocalypse, que era, passou a ser, para as almas bôas e constrictas, o alimento espiritual da existencia, o nosso *oasis* de felicidade e de perdão em meio das amarguras da vida terrena.

— É a essa felicidade, a esse perdão, a esse repouso que eu aspiro.

— Vamos então a vêr ... Venha cá. Vamos, ajoelhe aqui ao pé de mim.

Leonor, commovida e trémula, prostrou-se de joelhos diante do padre, peito a peito, muito junta, com melindroso busto quasi entalado entre os joelhos d’elle, e a loira face quasi tocando-lhe no regaço. Então, um instantanea scentelha de peccado faiscou nas orbitas concavas do D. Prior, que se arredou bruscamente... E depois, recobrada a sua compostura solemne e

readquirido aquelle seu ar dominador e indecifrável, ergueu ao alto, como n'uma invocação, os olhos, e com as longas mãos, projectadas á frente, corôando protectoramente a cabeça auroral de Leonor, disse-lhe a meia voz :

— Faça o seu acto de contricção.

E emquanto ella, n'um atropellado galopar de palavras, entrecortadas e trémulas, murmurava timoratamente a sabida oração da infancia, marmotava o padre tambem, com a indifferença machinal da profissão, varias phrases em latim. Quando ella terminou, o D. Prior repetiu:

— Agora a confissão.

Leonor, compenetradamente, obedecia; e elle, com dignidade e doçura, abençoava-a. Depois, com paternal familiaridade:

— Agora, conversemos ...

Foi quando Leonor, erguendo as palpebras confiantes, teve uma pequena expiração de allivio

e como que interrogou com o olhar confessor, que a fitava com uma expressão confortante e carinhosa.

— Promette dizer-me toda a verdade, não é assim?

— Prometto.

— Submetter-se inteiramente aos meus dictames, seguir á risca as minhas instrucções, os meus conselhos ?

— Sim, D. Prior.

— Tudo isso porque reconhece em mim a autoridade absoluta de vigario de Christo, de mandatario supremo do Senhor ?

— Sim, meu padre ...

— Ora muito bem ! Pois esse mandatario já não é hoje, conforme ainda ha pouco lhe disse, um carrasco, um barbaro executor. Não, minha filha... Tem em mim, não um acusador, mas um irmão. Prompto a ouvir a narração sincera das

suas faltas, se é que as tem... e a conhecer os desmandos e agravos da lei moral, acaso commettidos por si e pelos seus, não com o fim de os exaggerar rancorosamente perante o Eterno, mas para em beneficio d'elles alcançar, por via de todo o possível attenuamento, a benignidade e o perdão.

Leonor escutava em silencio, n'uma perturbada vibração de todo o seu sêr, este unctuoso sermonario, que o D. Prior lhe vertia no ouvido, carinhosamente. E, — phenomeno singular! — se a embevecida creança acaso erguia, n'um grato movimento, ao confessor os olhos, logo este, n'uma contracção que direis de pavor, arredava os seus, que, não obstante, momentos antes, se compraziam no demorado exame do arranjo dos bandós virginaes da confessada... Seguidamente, abatia ella, na sua religiosa preocupação, a face, e no mesmo

instante o olhar inquisitorial do padre voltava a debruçar-se sobre essa linda cabeça, nimhada e diaphana como a das santas, fragrante de castidade e anreolada de virtude.

O padre continuou:

— Comece, pois, por dizer-me, com absoluta franqueza, Leonorsinha... ama seus paes?

— O mais que é possível!

— E respeita-os por igual, não é assim?

— Muito!

— Respeita-os tanto quanto os ama? —
Leonor teve uma hesitação. — Veja bem...

A confessada debateu-se por instantes n'uma amarga lucta interior, e depois, com lagrimas na voz, sacudindo os hombros, disse a custo:

— P'ra que hei-de eu dizer que sim!

— Faz então sua diferença?...

— Mentia, se lhe dissésse que não!

— N'esse caso, — insistiu o D. Prior, com um lampejo de triumpho a bailar-lhe nas orbitas profundas, — é porque algum motivo ha, imperando na sua consciencia...

— Isso ha!

— E que lhe faz, perante ella, diminuir no seu conceito a veneração, o respeito incondicional que quereria votar áquelles a quem deve o sêr!

Leonor abateu mais a cabeça, retrahindo-se, n'um pejo instinctivo, n'uma grande confusão interior. E o padre insinuou-lhe ao ouvido, muito descahido sobre ella, a termos de com o sôpro perverso das palavras lhe agitar alguns breves cabellos errando sôltos sobre a tempora:

— Elles vivem mal? dão-lhe maus exemplos?

Leonor não ousava responder.

— Diga! — insistiu elle. — Diga a verdade!

— São meus paes...

— Embora! Pae de nós todos é Deus, e perante elle não ha considerações que valham... Dão-lhe maus exemplos, não é assim?

E ella, finalmente n'um monosyllabo de agonia:

— Dão!

— Eu já o sabia... — continuou implacavelmente o padre. — Nem é segredo para ninguem que os condes de Fiães levam uma vida de desperdicio e de escandalo, tão ultrajante para o respeito devido a Deus, como digna de censura e anathema perante os homens!

— D. Prior, então! — exclamou, grandemente afflicta, Leonor. — Em vim aqui para me confessar, e não para promover um libello contra meus pobres paes, que nem sabem, n'este momento...

— Temos que começar por aqui... é forçoso!
— atalhou o padre com imperio.

Mas, na violenta vibração de indignada angustia que saccudira o corpo subtil de Leonor, a negra mantilha de renda desmanchára-se; e ella então, n'um geito simultaneo das duas mãos, abateu-a sobre hombros, deixando inteiramente a descoberto a admiravel abundancia e a maravilhosa fluidez do seu cabello de oiro, cuja luminosidade sideral se entornou, como uma toalha de luz, pelo recinto.

O D. Prior, contra o seu querer deslumbrado, recuou mais, tornou a arredar pavidamente os olhos; e só quando a confessada voltou a abater com humildade a cabeça:

— É ter resignação, minha filha... Isto é indispensavel! Aliás, nem o seu sacrificio teria valor, nem os seus votos seriam bem accites no céu.

E como a attitude da fanatizada creança era absolutamente humilde, elle prosseguiu com dureza:

— Em primeiro logar, a Leonorsinha vê, seus paes gastam muito, levam uma vida de luxo e ostentação como poucas familias em Lisboa se gabarão de igualar.

— Fôram assim creados...

— Mas diga-me, ao pensar n'esse gastos excessivos, nunca lhe veio á idea o receio de que seus paes não podessem com eles? De que gastam mais do que legitimamente pódem fazer?

— A fallar a verdade, não...

— Ingenuidade de creança!

— Mas o que têm, é d'elles!

— E dos filhos.

— Ora! Chega bem.

— É que naturalmente a minha filha nem sabe com exactidão a quanto monta, e em que especies se distribue, a fortuna do srs. condes.

— Eu d'essas coisas de contas pouco sei, e fujo até de ouvir fallar em tal...

— Ora, não dizia eu !

— Entretanto, pelo que tenho ouvido ...

— Diga! diga!

— Só o rendimento, certo, em prédios dentro da cidade, sei eu que andas por uns doze contos de réis.

— Está feito! sim senhor ... — murmurava o padre, com a face livida arrepanhada, as mãos irrequietas, a voz metallisada, e como se um furor de avaro ainda mais accentuásse a hieratica rigidêz da sua figura. — Que mais? que mais?

— As obrigações do Crédito Predial dão-nos uns dois contos; ha ainda rendimentos de varios outros bancos e companhias, a que eu nem sei o

nome; e, por cima de tudo isto, a morte de minha tia-avó, a riqueza de Sabroso, o anno passado, trouxe-nos um rendimento de cortiça tambem de alguns contos de réis.

— Sim!? Não sabia... Tem bem a certeza d'isso?

— Ainda outro dia eu vi na mão de meu pae os titulos de pósito e a quitação de pagamento dos direitos de transmissão.

— Sim, sim... — monologava o padre, distrahidamente, como quem estava fazendo complicados calculos mentaes, com os olhos brilhantes e o queixo avido.

— De maneira que, assim, já vê o D. Prior ... — desculpava, a seus pés, a confessada.

— Todo o cuidado é pouco...

— Isso é com elles.

— Não, perdão... Aos filhos assiste o direito de vigiarem e assegurarem o seu futuro, de

olharem pelo que de direito lhes ha-de vir a pertencer.

— Ora, D. Prior, o meu futuro já sabe qual será!

— A clausura, o serviço de Deus, bem sei...

— E quanto mais depressa melhor!

— E faz muito bem, minha filha! Não serei eu que a demôva de tão santo proposito. Ha-de ser das mais puras, adoraveis e formosas esposas do Senhor! Mas pos isso mesmo, vê, Leonorsinha...

— e aqui dobrava de convincente expressão o padre, — essa sua vocação, esse desejo ardente, são uma razão de mais para, quanto póssa, zelar e defender os seus bens terrenos. Desde o momento que se vote á Igreja, a sua entrada para este gremio dos eleitos tem de ser tão incondicional e completa como o seu voto, não é assim?... Tem de ser a offerta espontanea, não só da sua alma, da

sua vontade, da sua vida, como de todos os seus bens terrenos, certos e presumíveis.

— Pois decerto. Para que os quero eu?

— Elles virão augmentar o nosso caridoso patrimonio, servirão ás nossas obras pias. Serão um dos mais solidos motivos, embora indirecto, á glorificação da sua alma!

Leonor juntava e apertava as mãos de encontro ao peito, num jubilo envaidecido.

— E ahi tem, minha filha, o motivo porque eu comecei por lhe fallar em seus paes... Pois toda essa avultada somma de oiro, assim peccaminosamente esbanjada ao sabor dos mais grosseiros instinctos, dos mais ruins appetites, não dobraria em valor, não ganharia em utilidade, se nós conseguissemos integralmente applical-a em beneficio das piedosas obras que a santa religião ensina? Temos que defendel-a, já vê... Não valerá

a *crèche* mais que o *theatro*, e mais que o mundanismo a clausura?

— Quanto fôr meu, já sabe...

— Ora diga-me... e sua mãe, a senhora condessa? Se nós pudessemos trazel-a tambem ao bom caminho?

— Como, ao bom caminho?

— Desvial-a d'esse mundo de illusão, d'esse abysmo de impostura e de vaidade em que anda perdida.

Leonor teve um movimento de cabeça incredulo, tristemente.

— Veja a minha filha se consegue trazel-a comsigo até aqui... — insistia avidamente o confessor. — Ganhava indulgencia plenaria. Era o essencial! Que o melhor da casa é da senhora condessa, não é?

— Isso é.

— Veja então se a resolve, se a salva consigo!
Seria o meio de voltar a reinar a paz do Senhor
n'esse turbulento e condemnado lar!

E com as mãos novamente irrequietas e a
macerada face retrahida em durêzas de avaro, o D.
Prior demorava-se n'esta cubiçosa insistencia,
como que procurando n'ella uma proposital
diversão a qualquer outra peccaminosa e crescente
solicitação interior.

— Deus se amerceie da minha alma! —
balbuciou Leonor, n'uma piedosa anciedade.

— Porque é que a senhora condessa não vae á
Liga da Costura?

— Não sei... embirra solememente.

— Tem que a convencer!

— Julgo-me incapaz d'esse milagre! — disse,
n'um sincero desanimo, Leonor, erguendo ao
confessor os seus tristes olhos anciosos.

Ao sentir-se inundado pela doçura immaterial d'esse olhar, o D. Prior estremeceu. Ergueu subitamente as mãos e cerrou as palpebras, enquanto os seus labios mortaes balbuciavam uma prece, como que na afflictiva conjuração d'um perigo... Assim, orando sempre, elle conseguiu voltar á sua impenetravel expressão anterior, desviando com cuidado da confessada os olhos. E, gradualmente tambem, perante esta esphingica e severa attitude, mais e mais afervorava, na alma fraca e ingenua de Leonor, a sua religiosa sêde de mysterio.

Por fim, o confessor, sempre de mãos postas e com o olhar vago, imperiosamente, tornou:

— Ora diga-me, minha filha... e sua irmã?

— Essa vae sempre à *Liga* comigo.

— Vae, sim... porém, valha-me Deus! é tão dada aos prazeres do mundo!

— Tem um genio muito differente do meu.

— Não é nossa amiga, eu bem conheço... E tenho pena!

— Vae casar!

— Com quem!? — exclamou o D. Prior, mal podendo reprimir um movimento de contrariedade, — Naturalmente, com algum d'esses rapazes de hoje, perdido, cheio de vícios, capaz de lhe dar má vida e de a afundar no peccado!

— O' D. Prior!... Melhor sorte reserve o céu para minha irmã. E então ella que tem todas as condições para ser feliz!

— Tantas como as suas...

— Mais! Tem mais saude, alegria e ha-de ter mais dinheiro. Desconfio que a mamã deixa-lhe a terça.

Os olhos cavos do D. Prior fuzilaram na sombra.

— Veja se a traz aqui comsigo, minha filha! Casar, por emquanto, de modo nenhum! Diga-lhe que anda demasiado eivada do peccado, que já as praticas habituaes da Egreja não bastarão para a salvar! Tem que fazer confissão geral.

— Se eu fôr capaz de a convencer...

— Mas é que é indispensavel! — tornava com felina energia o padre. — Precisa de confessar-se, tem que se confessar primeiro!

— E eu quando me confesso? — balbuciou Leonor.

O padre sentiu-se colhido n'um embaraço, perante esta quasi inconsciente interrogação da mulher que, ingenua e confiante, elle tinha ali assim ajoelhada a seus pés. Evidentemente, no seu interesseiro inquerito, elle adeantára-se mais do que convinha. Urgia disfarçar a intenção.

— Pergunta-me quando se confessa? Então o que estamos nós fazendo?... Para as almas nobres

e puras como a sua, minha querida Leonor, a confissão não é tanto a exposição dos pequeninos actos, sem importancia e sem macula, da sua vida impolluta, como a averiguação dos perigos que porventura a rodeiam e cuja perniciosa influencia póde vir a desvial-a do direito caminho. Pois é o que estamos fazendo... a começar pela sua familia.

— Mas nada me pergunta directamente...

— Nem é preciso! Do que me tem dito, já eu averigui nitidamente o seguinte: que a pureza e a intensidade do seu amor pela familia é tão generosa e tão grande que ella bastaria, só por si, para a absolver de todo o peccado.

E, quando isto dizia, nas suas entrecortadas palavras o padre deixava palpitar um ligeiro tremor de emoção. Leonor, n'uma grata effusão, fitou-o novamente; e de novo tambem o padre não poude supportar da doçura immaterial d'esse

olhar o effluvio divino. Voltou bruscamente a face e arredou-se, agitando-se com impaciencia no escabelo. E, n'um sacudido impulso da vontade:

— Bem! vamos terminar, prepare-se para a absolvição.

Leonor dobrou a cabeça e cruzou beatamente as longas mãos sobre o peito.

Mas já outra vêz o confessor parecia enredado n'uma saborosa hesitação, ao contemplar aquelles fartos cabellos de oiro, nimbados de virtude. Immobilisára-se, embevecido e ardente, n'uma attitude que dirieis de religioso extasi, se não fôra o aspero reprégo sensual que lhe arrepanhava os labios. E, sem pressa de tracejar sobre essa linda e divinal cabeça a absolvição, arrastava agora a sua voz, de ordinario sêcca e rispida, em velaturas de carinho!

— Oiça, meu amor... Sim, meu amor, peza-me dizer-lh'o, mas é indispensavel, é uma

imposição do céu! D'ora ávante, a sua conducta para com a familia tem de ser cortada segundo uma linha intransigente, inexoravel... tem de mudar completamente. Ou a senhora condessa e sua irmã lhe seguem o exemplo, vindo commungar na santa doutrina, desprezando o mundo, abdicando perante a Igreja de todos os seus gosos e bens terrenos, ou a Leonorsinha rompe inteiramente com ellas. E não só com ellas... com seu pae, com todos.

— Valha-me Deus!

— É indispensavel!

— E poderei eu?...

— Ha-de poder! — tornava o confessor, progressivamente inflammado, outra vêz com imperio. — Ah, isso é que ha-de poder por força! A Leonorsinha tem de ser nossa, só e absolutamente... Bem sabe que Deus Nosso Senhor não acceita bem os sacrificios que ficam

em meio, não agradece as dedicações incompletas. A consagração á Igreja tem de ser total. Por ella sacrificaremos tudo, lá diz a Escripura... o bem-estar, a saude, a abundancia, o prazer, a familia, a propria vida... o amor, toda a espécie de amor... — E, depois de uma pausa, compenetradamente, o D. Prior insistia: — Sim, até o amor!

Depois, subitamente, como que em lucta comsigo mesmo, abençoando, n'um gesto rapido e nervoso, a confessada:

— Com a minha absolvição, n'este momento, eu lhe imponho, — tome bem sentido! — eu lhe imponho, em nome do mesmo Deus, a indeclinavel obrigação de vir breve para nós.

E ergueu-se, n'um movimento brusco, quasi um salto, como que a fugir a qualquer allucinatorio perigo, sibilando breve:

— Vá com Deus!

Leonor, vagamente surprehendida, ficou ainda uns instantes no mesmo lugar, ajoelhada, terminando as suas orações, persignando-se. Depois, timoratamente, ergueu-se e encaminhou-se ao D. Prior, para lhe beijar a mão. Mas elle, que passeiava agitado no extremo opposto do côro, na penumbra lugubre que se abatia sôb a esguia fresta dando para o exterior, mal viu Leonor aproximar-se, fêz-lhe com intimativa, mesmo de longe, repetidos gestos de despedida, repetindo n'um sacudido tom de escusa:

— Vá com Deus! vá com Deus!

E annullava-se no discreto refugio da sombra.

X

Tem uma explicação bem natural esta intempestiva attitude, imperiosa e brusca, do D. Prior. — Elle era oriundo d'uma nobre familia irlandeza, que fôra obrigada a homisiar-se em holocausto aos seus sentimentos patrioticos. O papel activissimo, de propagandista incansavel e austero, do pae, na questão do *home rule*, forçára-o a sahir do seu paiz natal, para não ter que entrar talvez n'alguma infernal masmorra por toda a vida. Veio fixar residencia em Lisboa, com a mãe e a mulher. E esta, mez e meio depois de aqui estabelecidos, dava á luz esse estremecido anjito, loiro e fragil, a quem pozéram o nome de Jorge, e que veio a ser principalmente para a avó o providencial refugio e o carinhoso balsamo das incomportaveis agruras do exilio.

Emquanto o pae, bisonho e arisco, ia consumindo a sua nostalgia incuravel em fatigantes digressões, em fugas barbaras pelos campos, ou na leitura absorvente das noticias do adorado paiz natal, aquella santinha octogenaria toda se comprazia em amoldar á sua imagem e semelhança a tenrinha alma do neto, transmittindo-lhe, na amoravel doçura do seu affecto, todas as cegas intransigencias do seu fanatismo atavico, imbuindo-a d'um mysticismo ardente em que, no seu arroubado desdem pelo mundo, se enroscava um fermento latente de revolta. E esta mansa e escrupulosa insinuação, pela insistencia e pelo amor, attingiu o maximo do effeito. Assimilam maior somma de elementos, as organizações infantes, da dulcerosa solitudine dos avós, do que do leite das mães. E como o pequenino Jorge era muito intelligente e álrte, toda essa fascinadora iniciação moral o seduzia, e

o seu espirito, n'aquella candura virginal, n'aquella grande e nascente osmose de sensações e conhecimentos, apprehendia, fixava, absorvia tudo com uma avidêz destemperante, que lhe deformava a exacta noção das coisas, no proprio exaggero da apropriação levando, logo de origem, a verdade amassada com o erro, e as mais absurdas superstições com a pura essencia religiosa paradoxalmente baralhadas.

Assim elle cresceu e se fêz homem, n'um relativo isolamento, sentindo-se instinctivamente hospede n'uma raça que não era a sua, pelo afastamento ethnico do *meio* ainda mais ampliado e recuado o meticuloso recato da familia. Eram dois circulos concentricos a antemurarem a sua entidade moral, como ciosas muralhas de conventos. Por isso a actividade cerebral se lhe consumia de preferencia n'um trabalho desfibrinante de vida interior; por isso a sua

imaginação em braza se povoava de grosseiros fanatismos que eram a deformação, pela ignorancia e pelo terror, das piedosas patranhas que ouvia. A credence estreita da avó tinha na phantasia trespordante do neto uma ampliação empolgante e uma adaptação perfeita. Decidido que o pequeno seguisse a vida ecclesiastica, foi mandado frequentar o Pequeno Seminario, a S. Vicente; e, agora aqui, todos os erros primordiaes da sua educação fôram peiorados na obtusidêz crassa do recinto. Nem o obscurantismo inconsciente da sua preceptora de infancia poderia ter descoberto mais bem conjugado continuador, do que aquele pernicioso ninho de impostura e odio, á piedosa perversão da sua obra. Ali, de roda d'elle, o pequeno e esperto Jorge quasi não via, offerecidos á grande ancia espiritual da sua alma, senão fanatismos grosseiros, que praticas ridiculas, d'um burlesco por vêzes infantil,

ratificavam. Como quando, para afugentar o demonio, se faziam grandes queimas de alfazema, em sete fogareiros em cruz; ou havia ruidosas rondas nocturnas de seminaristas, arrastando lençoes pelo claustro e interpellando-se mutuamente, por meio de escolhidos nomes de santos, nas noites que um kalendario especial assignalava como sendo votadas aos *sabbaths* das feiticeiras. A termos que, assim, de superstição em superstição progressivamente afundado n'aquella idolatria do Erro, por fim, não raro, já o nosso allucinado Jorge, nos seus momentos de hyperemia do sobrenatural, e a exemplo dos condiscipulos, punha-se confiadamente a escrever cartas aos santos, as quaes os mestres lhe ensinavam fôsse depôr aos pés dos destinatarios, nos altares; e que depois, passados dias, as queimásse — «para que ellas subissem melhor ao céu.»

Aos 21 annos, tendo perdido pae, mãe e avó, estava completamente só no mundo. Sem familia e sem recursos; porque o escasso espolio com que os pobres foragidos se haviam partido da incomparavel frescura do seu lar, em demanda da nossa hospitalidade, apesar de gerido com parcimonioso rigor, estava tambem consumido por completo... Mais se lhe endureceu então a alma. De toda a evangelica lição da sua longa aprendizagem espiritual, não lhe sorriam, não o fascinavam senão as iras e os terrores do Velho Testamento. E penosamente foi arrastando a vida a dar lições particulares de humanidades, a uma escolhida clientela, agenciada pelos padres do Corpo Santo, com os quaes, pela identidade da raça e o pendor da educação, Jorge ainda em vida dos paes estreitára relações, naturalmente. Mas, tambem, este seu mercenario jornadaear por casas d'uma certa roda, muito tementes a Deus e

serventuarias fieis da impostura, pôl-o gradualmente em contacto com toda uma sociedade embíocada e beata, — formando mundo áparte, com os seus conciliabulos de odio e o seu horror convencional á Verdade, — e relacionou-o por fim com o coitêlho jesuítico da rua do Quelhas. E, aqui, elle mesmo, á medida como melhor ia conhecendo a instituição e desvendando os processos de intriga e acção d’esses tenebrosos sapadores do livre-arbitrio, mais se sentia tomar de extatica admiração pelo ascetismo hypocrita e a expansão triumphante d’esta milicia sagrada. Era mais um elemento, — e formidavel elemento este! — que vinha a primor conjugar-se com as diatheses em embryão do seu character, endurecido no isolamento e argamassado em tréva. Ao mesmo tempo, os astutos freires, com o seu profundo conhecimento da alma humana, logo descobriam no joven iniciado um

espírito talhado em diamante e uma consciencia platonica, ainda isenta de impurezas, que não eram para desprezar. Tinham que incluí-lo no cadastro ominoso do seu recrutamento. E já o não largavam. Já com alarmado afan planeavam fazer d'elle mais um d'esses automaticos e infalliveis instrumentos, — blócos inabalaveis de discricionaria obediencia e dedicação sem limites, — cuja inteiriça phalange dá a razão e o segredo da formidavel instituição sonhada, nas cenobiticas agruras da ermidinha de Montserrat, por Santo Ignacio de Loyola.

Tornou-se, desde esse momento, o joven e appetecido Jorge um dos mais queridos familiares da casa. Ali era certo, por instantes que fôsse, todos os dias; e os feriados e dias santos lá os levava inteiros, em empolgadoras palestras da catechese, ou no mysterio perturbante das iniciações, na oração, no jejum, na penitencia.

Com tão excellentes mestres retomou, n'um recrudescimento de furor verdadeiramente de predestinado, os seus estudos ecclesiasticos regulares; mas agenciado sempre, por via da jornada fatigante das lições, o pão indispensavel á vida.

Ora succedeu que, entre, as suas discipulas mais dilectas, uma havia que, sem que o perturbado mestre pudésse bem dizer-se por que secreto imperio, lhe prendia deliciadamente a attenção... Ella era alta, muito alta, loira e esguia como uma figura lendaria de cathedral. A expressão, vaga e transcendente, do seu olhar diluía-se n'um azul immaterial e alto, n'um como seraphico reflexo dos céus distantes. Os labios, breves e severos, pareciam talhados para perennalmente guardarem o enigma torturante d'um segredo. Os dedos bysantinos eram feitos para a dôr e a prece, o collo era uma amphora de

sonho, a pelle era a translucida encadernação d'uma alma. Irresistivelmente, n'um sincero pavor, Jorge sentia que a adorava... que lhe polarisava, como uma santa, o coração, essa fugidia e illuminada figura, pelos melindres da sua sensibilidade e a delicadeza dos seus instinctos. Ella era como que a corporisação, providencial e irresistivel, dos remontados ideaes de que lhe haviam feito guloso o espirito, e a que o sensualismo ingenuo da mocidade emprestava um calor masculino de desejo. Quando junto d'ella, se, durante o transcurso da lição, o timorato mestre acaso evocava o perturbante mysterio d'este sentimento, já não podia conservar-se tranquillo. Ou emmudecia absurdamente, em meio d'uma explicação; ou desatava-se n'uma loquacidade incoherente, apopletica de gestos, sem nexo e sem medida. E que quaesquer secretas affinidades mutuamente enredavam então essas duas almas,

transviadas no mesmo cálido enleio, era evidente, porque também ella, também a alvoroçada discipula, reflexamente, córava, e perdia o fio á lição... suspensa em extase, deixada para o dia seguinte.

Cacilda era filha d'um velho fidalgo beirão, legitimista estreme, o qual, pela abolição dos vinculos e subsequentes alçavalas juridicas, soffrêra um enorme desfalque na sua não muito avultada fortuna. Vendêra então, humilhado, o solar e as terras, e viêra com a familia para Lisboa, onde escrupulosamente se mantinha na sua relativa mediania, sem procurar melhora-la, entrincheirado na sua intransigencia tradicional do seu orgulho. Tinha o inflexível fidalgo mais dois filhos, ambos já homens e com habilitações; mas como, «bem manejadinho, o caldo chegava p'ra todos», não diligenciava empregal-os. Qualquer occupação no commercio afigurava-se-

lhe deprimente; e á obtenção d'um emprego publico para elles tambem se oppunha, perante o novo regimen, a sua antinomia irreductivel. — Quando muito, se a necessidade apertásse, deixal-os-ia sentar praça. E havia de ser em cavallaria.

Quando, depois, na communicativa frequentação da intimidade, a ascendencia e a origem de Jorge fôram pelo pae de Cacilda conhecidas, mais carinhosamente se estreitaram os laços de sympathia entre elle e o joven professor, irmanados todos como estavam pela mesma ironia amarga do destino. De parte a parte havia, embora em graus diversos, o esbulhamento da fortuna, o desterro do lar e a destituição social, motivados em commoções politicas que ambos fundamentalmente repudiavam. Tudo isto aproximava, pela solidariedade activa da desgraça. Viéram assim as reciprocas revelações, as interminaveis confidencias, que a viva evidencia

d'um sentir commum afervorava. A velha fidalga, entrevadita e quasi cega, morria por ouvir, depois da lição á filha, a dôce e resignada voz de Jorge, melancholica gemendo a odysseia do seu infortunio. Por fim afizéra-se já a vêl-o e ouvil-o, e não dispensava esta morosa voluptuosidade, que ella affirmava faria prolongar indefinidamente, se pudésse, «como o sultão das *Mil e uma noites*;» e que não raro lhe punha os olhos rasos de lagrimas.

Então, como de ordinario era tarde quando Jorge conseguia emfim dar a visita por finda, os donos da casa, a discipula, todos, instavam, e elle ficava para jantar. Até que, uma tarde, a prostes, natural e espontaneamente, n'aquella atmosphaera de confiança e carinho se esboçou, se affirmou, cresceu e foi unanimemente acceite, a idea do casamento.

O que se tornou, para os do Quelhas, objecto d'uma aspera preocupação, d'um alvoroço

inquieta. Um pequeno conciliabulo secreto foi logo celebrado, mal que, pela bocca do proprio Jorge, elles de tal soubéram. Corriam risco de perder aquella sua optima presa: álerta! A hypothese da defecção de tão promissor elemento, que já se haviam habituado a considerar como seu, desconcertava-os. E então, n'um tenebroso cêrco, toda a casta de meios fôram postos em acção, com a infallivel tactica da seita, no sentido de estrangular á nascença, dentro do coração desprevenido e ardente do rapaz, aquelle nobre e puro sentimento. Primeiro, argumentos de méro character psychologico, simples considerações moraes. — Casar-se, com a sua intelligencia, com a sua illustração, com a sua virtude, para quê?... Que visse bem, que ponderasse no passo que ia dar: seria o maior dos erros. Era aniquilar-se em todo o sentido. Desde o momento em que se liga á mulher, o homem abdica para sempre da sua

superioridade, da sua independencia, e portanto da sua força. Vae offerecer-se ao jugo sordido da carne. É o seu baptismo do peccador... Elle, Jorge, tão leal, tão candido, com a sua grande alma tão santamente aureolada de austeridade e de fé, casando, ficaria sempre, perante a fascinação diabolica da mulher, n'uma situação subalterna, humilhante, muito abaixo do seu valor. E, o que era peor, ia entregar-se a uma sociedade peccaminosa e vã, que havia de pervertel-o, tyrannisando-o... e onde, as mais das vêzes, nem tempo havia de ter para rezar um Padre-Nosso com devoção.

Depois, n'esta altura, por uma natural succesão de ideas, n'um *crescendo*, sabiamente graduado, vinham agora as razões theologicas e eruditas, esgrimia-se com o inexgotavel arsenal dos textos biblicos, das verdades reveladas, punha-se em jogo toda essa machinaria

transcendente da religião, a que por demais elles sabiam a effusiva alma de Jorge enfeudada medullarmente.

— A mocidade é cega e louca, meu filho, — insinuava-lhe com severidade o superior. — Deixa-se tão facil governar pelas paixões!

— Mas de que paixão condemnavel me pódem accusar? — acudia Jorge com receio.

— Da paixão da carne! Ella é em vós tão forte, que já nem lucidez nem animo tendes para vos revoltar, já nem daes por ella. E é assim em todos, é sabido... Por isso, em assumpto de tão magna importancia, todos vos recusaes a ouvir conselhos. Entretanto, lá o diz o divino Espirito Santo: «Quem se deixar levar pela sensualidade, será dominado pelo espirito immundo.» E é o que vos espera no futuro, porque, por mais que vós, meu filho, ingenuamente sonheis o contrario, esse mau espirito das trévas, enleizando-vos a alma nas

suas r6seas sensuaes, far-vos-ha perder a santidade de semelhante casamento e tornal-o-ha amaldi7oado!

— Mas n6o 6 o casamento um acto legitimo?

— tornou Jorge, ap6s uma pausa de angustia.

— 6. Perante uma sociedade frivola e animal, a que devemos renunciar absolutamente.

— N6o 6 um sacramento aben7oado pela propria Igreja?

— Oh, meu filho, isso 6 t6o raro!

A alma timorata e candida de Jorge estremecia ante esta comminatoria affirmac6o, que o f6z, ancioso e humilde, quasi de joelhos, tornar para o seu implacavel interlocutor:

— Mas que 6 preciso ent6o, meu padre? que sacrificios, que duras provas tenho eu que soffrer, para que possa mudar de estado sem que macule a minha pureza?

— É indispensavel que cada um dos consortes se sinta possuido inteiramente do verdadeiro temor de Deus!

— E esse verdadeiro temor de Deus em que consiste?

— Consiste em terdes, bem exclusiva e vehemente, a religião santa, a religião catholica apostolica romana, gravada no coração. Parece-vos coisa facil, de pouca monta?... E comtudo sabei que raras perfeições haverá para o homem tão arduas de alcançar! — Exemplificava-as, com abundancia, e ao cabo: — É a suprema fortuna!

— Essa fortuna quéro-a eu...

— Não fallo por vós, cujos piedosos sentimentos conheço sufficientemente; ou, por outra, conhecia e afiançava, antes de haver conseguido enrodilhar-se-vos no sangue e embebedar-vos a consciencia essa molle e peccaminosa idéa... Mas, e da vossa noiva, da

sinceridade e profundeza dos sentimentos religiosos, d'ella e dos seus, que podeis vós com inteira segurança affirmar?...

Acobardado e hesitante, Jorge, sem responder, abatia a cabeça com tristeza.

— Ora ahi tens, meu filho! — rematava então com victorioso entono o padre. — E é também expressa determinação e maxima do Espirito Santo: «Melhor vos fôra escolher para consorte um dragão ou uma leôa, do que mulher sem verdadeiro temor de Deus!»

O certo foi que este cêrco persistente e astuto chegou, por intermittencias, a abrir brécha na desprevenida alma do enamorado professor de Cacilda. Muitas vêzes aconteceu elle entrar n'aquelle ambiente refalsado e algido da rua do Quelhas, com o coração todo assoalhado e pimpante da alvorada gloriosa do seu amor, e sahir, horas depois, abalado pela persuasão dos

seus implacaveis tutores espirituaes, com um arrepio de tibieza a enregelar-lhe a alma, e n'um frio de repulsa resolvido quasi a reconquistar, pela quebra dos seus compromissos de honra para com a noiva, — e segundo o criterio jesuitico, — a dignidade e a pureza, a independencia e a força.

Porêm, mal que elle se eximia a esta dolorosa provação e deixava a esphera de influencia d'essa suggestão das trévas, logo impetuosas refuliam a occupar a sua ascendencia as reacções naturaes da sua esthemia amorosa. A pernicioso fascinação extinguiu-se cá fóra, longe d'aquelle mephitico ambiente, ao bater claro da luz e ao victorioso acotovelar da vida. Bastava então a Jorge revêr, em toda a pureza immaterial, a sua noiva, com a sua cutis de aguarella e o seu risinho de perolas, ou, mesmo que a não visse, bastava-lhe evocar a sua fugidia e illuminada figura, para que no mesmo instante todo o seu espirito, todo o seu sêr,

inflammado e extático, e como um raio de sol espancando as sombras, pozésse em debandada aquella caligem hostile do isolamento, e para que, no reflexo da fulgurante vibração interior, o rosto confiado e varonil se lhe alumiasse, orgulhoso dentro da miragem do seu sonho como o despertar magnifico d'um rei no seu leito de brocados.

E foi mesmo esta, a despeito de todo o trabalho de sapa em contrario, a corrente que na generosa dinamica d'aquella alma porfim levou a melhor. Era positivamente sôb a protectora aureola d'aquella união que mais convidativa e dôce a vida lhe sorria. Chegaram a entrar em pormenores praticos; elle procurou casa, consultou a noiva sobre o enxoval, fôram juntos escolher mobilia.

Então, perante esse entusiasmo idyllico e essa inabalavel firmeza, resolvêram ainda os do Quellas, que não estavam dispostos a ceder,

ensaiar uma nova tactica, bater nos ultimos entrincheiramentos a amorosa obstinação do pupillo. E foi assim que, uma tarde, o superior da casa chamou docemente Jorge, e conduzindo-o á grande sala nua do capitulo, que o crepusculo amortalhava já em largos pannos de sombra, convidando á confidencia, disse-lhe: — que, ao menos, vista a gravidade do acto que ia praticar, se preparásse para elle convenientemente por meio d’uma semana em absoluto votada ao recolhimento, á penitencia, á oração e a graves exercicios espirituaes. — Sem attingir o venenoso alcance do ardil, o desprevenido moço, com um ingenuo ardor piedoso, annuiu, declarou-se prompto a obedecer. Em casa da noiva annunciou logo o seu proposito, que Cacilda acolheu com lagrimas presagas; e, a fugir á emoção, foi rapido internar-se no mesmo coio do Quelhas, a

submitter-se, n'uma simplicidade infantil, á traçoieira therapeutica d'aquelle regimen.

E ahi começou então, n'uma credulidade ingenua, este seu voluntario captiveiro, que, no fundo, lhe lisonjeava a alma e respondia a solicitações fundamentaes do seu espirito. Encerrado, dia e noite, na dureza da sua cella de cenobita, onde a mobilia era rudimentar, e a luz coada por trévas, e o silencio era o d'um tumulto, Jorge orava, meditava muito. Tinha que jejuar tambem, mas fazia-o sem esforço, porque bastas vêzes já, nos seus primeiros tempos de estudante, fôra submettido aos rigores d'esta prova apurante. E não se fizéram esperar os estragos d'esta diéta insidiosa. O abatimento physico, a depressão organica, viéram e conquistaram-no gradualmente, originados nos jejuns, na solidão, na sombra, n'aquella sequestração rigorosa ao contacto com a vida exterior. Só um dos mais

antigos familiares da casa lhe apparecia, um vêz por dia, invariavelmente sempre áquella hora traiçoeira e facil do crepusculo. Entrava, silencioso e manso como uma sombra, renovava-lhe a agua e o pão, e, sempre mudo e espectral, sahia immediatamente. — Ao terceiro dia, já no organismo de Jorge, que tinha levado a noite anterior n'uma insomnia pegada, as perturbações sensoriaes assumiam proporções extranhas, já a pathognose do desvario lhe arrebatava em illusorias fugas o corpo enfraquecido, e á passividade, á desfallencia, á quasi inanição da sua vida vegetativa respondiam e cresciam, desdobravam-se com vehemencia dentro d'elle, — como um nevoaceiro de caliças sobre a carcassa d'um edificio que desaba, — a allucinada ronda das creações phantasticas, as sarabandas incoherentes do mundo dos espiritos. E foi quando o mudo e espectral carcereiro, n'este fim de tarde

improvisado em confessor, julgou a proposito assedial-o: — Era então certo, ia casar, tão novo?... Então gostava de mulheres? E porquê? Como é que explicava? Porque se daria com elle este phenomeno, em vêz d'um outro qualquer? Não seria capaz de passar sem ellas?... — No desequilibrio ideativo na inconsistencia, na desordem cerebral do interpellado, rompia uma irritação de estranheza, um quasi impeto de indignação, incapaz entretanto de exteriorisar-se, como numa afflictiva oppressão de pesadelo. E no seu infame inquerito, o confessor proseguia: — E, que lhe dissésse, de si mesmo nunca tinha gostado?... Nunca, de manhã, ao despertar, o haviam assaltado tentações d'um autogoso? Não lhe seria isso bastante? Pois o homem não poderia bastar a si mesmo, em todo o sentido? Pois não havia d'isto tão concludentes exemplos na historia dos mesmos santos?...

Esta perturbadora série de interrogações, formidável machina de asphyxia e illusão manobrando a tempo, ficou, durante mais toda essa noite em branco, insinuando a sua peçonha e alastrando os seus estragos. Agora, n'aquelle silencio de necropole, meticulosamente guardado, n'aquella allucinativa deformação, pela tréva, das harmonias racionaes da realidade, já, n'um começo de delirio lucido, a alma em prova de Jorge começava a abraçar, pela persuasão e pelo sonho, as revelações abominaveis do seu mysterioso confessor. Começava a achar improprio e mesquinho, com effeito, que o homem, — a primeira figura da criação, — se deprimisse a ponto de resumir o seu destino, de fazer idiotamente depender a sua razão e o seu sentimento, a sua felicidade ou a sua desgraça, d'uma coisa tão quebradiça e frivola como era o coração da mulher. Estas desfallencias

sentimentaes, estes deliquios piégas, não havia duvida, eram abdições vergonhosas, puras defecções moraes. De seguro que o Senhor fadára o homem para funcções mais elevadas e mais nobres do que esta, de nos contentarmos em encerrar a immensidade dos nossos sonhos e aspirações dentro de almas frageis como o vidro, — e á semelhança d'esses trabalhos pueris dos forçados, que offerecem á venda, dentro de pequeninos frascos, dobadoiras de marfim e sêda e navios de vélas desfraldadas. A mulher era um ser inferior, destinada apenas ao desejo. E este, devia o homem justo reduzil-o ao minimo... até ao ponto, sendo possivel, de evitar todo o toque, vista ou provocação extranha. N'um dos Santos Padres lêra elle: «É mais facil um solteiro ser honesto, do que um casado.» Porque nos casados, com effeito, pódem multiplicar-se, e a coberto da religião, suppõem elles, as praticas de todos os

peccados mortaes... Sobre a madrugada, Jorge surprehendia-se a analysar o seu projecto de casamento, o seu futuro, o seu amor, mas fria e severamente, como n'uma outra pessoa. E a espaços, alvoroçadamente, n'um rebate ainda da sensibilidade, descia-lhe do pensamento ao coração a imagem de Cacilda, mas já destingida e froixa como um clarão de crepusculo, já tenuemente recuada n'um dôce fumo de saudade!

Ao quinto dia, subitamente, — explicava elle depois, quando lhe acontecia tocar este episodio basilar da sua vida, — sentiu como que uma grande claridade interior illuminal-o, invererem-se-lhe os pólos do pensamento e sublimar-lhe a consciencia um alto fogo transcendente. Viu todo o seu destino n'um relampago, «sentiu descer sobre elle a vocação.» E então viu tambem, então comprehendeu nitidamente a vida por uma outra fórma, e que d'ella o fim supremo era o Sacrificio.

— Pois elle já não queria outro ideal! pela sublimidade da nova vocação que entrevia, sacrificaria tudo. — Era um axioma trivial dizer-se que é um grande heroismo affrontar a morte; quando, afinal, o acto mais heroico será o mais doloroso. E quantas vêzes, — considerou elle, pensando vagamente em Cacilda, que teria que deixar, — quantas vêzes o acto mais doloroso não é para nós... viver!

Dentro da sua integridade moral, os centros da personalidade e do character acabavam de atrophiar-se, esmagados pela pressão d'aquella educação absurda. D'ora ávante elle ia ser, incondicionalmente, mais um apostolo feroz da intolerancia, um temivel serventuario mais do principio da submissão dogmatica dos povos, em proveito d'uma classe inutil. Ia ser um tenebroso, um infatigavel propagandista da sua religião, — não na sinceridade e na pureza sublime da

concepção de Christo, mas na sua coerciva e interesseira corrupção como systema. Exegeta absoluto d'uma theogonia de odio e de tréva, que aboliu o perdão; que, pela bocca de Santo Agostinho, vae até legitimar o homicidio «quando é para bem de Deus»; e que não tem feito senão desagregar e destruir, em beneficio da sua igreja, os dois pólos essenciaes da sociabilidade humana: a Patria e a Familia.

E Jorge terminava de ordinario esta narração, exclamando com violencia:

— Oh! n'aquelle momento decisivo eu sentia que, se a Inquisição voltásse, era homem para chegar fogo a uma fogueira!

Desfêz o casamento, ordenou-se, renunciou ao mundo, amortalhado no luto estoico da batina. Perante a formidavel instituição que definitivamente o conquistára, a sua individualidade annullou-se por completo. Já não

tinha pensamento, sentir, vontade sua. Era um méro elemento mais, automatico e subtil, na infallivel engrenagem d'aquelle organismo colossal. Tornou-se então, em tudo, pela intransigencia, pela exaltação, pelo fervor, pelo seu odio irracional á luz e á verdade, o typo por excellencia do padre militante. Esteve um anno no collegio de S. Francisco, em Setubal, visitou a Italia, fez uma penosa jornada de missão pelos sertões de Angola. Missionar, fanatisar, entenebrecer a vida obscurecendo as consciencias, aplanar por meio do erro o caminho ao interesse, evangelisar a mentira, firmar a influencia prégando a impostura e o odio, eram agora a preocupação quasi exclusiva das suas horas e a febre dominante do seu cuidado. Para o seu desvario mystico, o mundo inteiro resumia-se no tenebroso ambito de acção da Ordem que o escravisára; e portanto toda a sua funcção social

se cifrava em alargar esse ambito, promovendo-lhe espiritualmente o prestigio e materialmente o triumpho. E a noção perfeita, a imposição consciente, d'este grave e complexo papel traziam-no contente, satisfazião a ardencia do seu temperamento e acariciavam os remontados vôos do seu orgulho. E quanto mais elle sentia crescer, dentro de si, a admiração e a estima por si proprio, mais altivamente tambem o tomava um grande desprezo pelo resto dos homens. Ante a sua vaidade de iniciado, em face da altêza estonteante da sua obra, o individuo contava tanto como um zéro; as pessôas, que elle considerava em globo e de alto, eram infinitamente pequenos sem valor na incommensuravel balança do seu desdem.

... Quando, uma vêz, pela Semana Santa, Jorge travou conhecimento com a fugidia e auroral Leonor, a filha dilecta do conde de Fiães. — Trouxe-lh'a um perfidio acaso aos pés dos

confessionario. Ouviu-a, singelamente primeiro, como era do seu dever; depois com um interesse gradual, com uma como que piedade enternecida. Emquanto a escutava, e sem bem o querer, levado não sabia de que extranha força, foi-lhe notando as maiores, as mais extraordinarias parecências com a divinal evocação da sua noiva: a mesma figura melindrosa e esguia, o mesmo loiro attenuado e limpido, marca sideral da virtude, o mesmo sorriso virginal, os mesmo olhos innocentes. Tinha-a ali assim a seus pés, ajoelhada, e dir-se-ia, pela levêza e pela graça, que ella ia immaterialmente desferir o vôo para os céus... E então o apavorado padre sentiu que, irresistivelmente despertado pela connivencia flagrante de todas estas analogias, ou por qualquer traiçoeira desfallencia do seu espirito, impuras sofreguidões e impaciencias lhe sacudiam o coração adormecido. Das mais reconditas

profundezas da alma reconheceu, com dolorosa surpresa, que voltavam a resaltar, imperiosas e ardentes, todas as solicitações do seu antigo e mallogrado amor... N'uma teia inflammada de diabolicas tentações, a dôce e auroral figura de Leonor levava-lhe o coração ao arrepio e formava-lhe um traço de união enervante com o passado, de cuja apagada incerteza ella arrancava, fresca e impetuosa, como uma velha tela lavada e oxygenio, ess'outra adorada figura de Cacilda, — e como se esta viésse agora, em repellões fumegantes, reclamar do seu perjuro bem-amado o prometido quinhão de felicidade e amor.

A descoberta d'este phenomeno, de tão intempestiva e ruim aberração moral, trazia Jorge sinceramente aterrado. Elle procurava por todos os meios defender-se recorrendo até á therapeutica heroica dos jejuns e dos cilicios. Mas era mais forte que a santa isenção do seu desejo, a

magia dulcissima, o ineffavel encanto de Leonor, a qual, a radicar progressivamente, n'uma inconsciencia, o seu poder, o procurava com frequencia, dominada ella a seu turno pela fascinação espiritual de Jorge. E na fatalidade d'esta mutua attracção, na dulcerosa frequentação da intimidade, o destrambelhado padre ia sentindo toda a sua grande austeridade e isenção anteriores abaladas por um começo de exaspero sensual que o trazia inquieto. — Como era pois que, ao cabo de 15 annos levados n'uma jornada inalteravel de abnegação e de virtudo, 15 annos porfiadamente gastos em fragoar na dureza da abstenção e do soffrimento os calidos impetos do seu amor, como era agora que este amor voltava, furiosamente desperto, em rodilhões de incendio, a enristar-lhe a vontade, a dilatar-lhe a carne, a fazel-o resvalar ao crime?... É que, não havia duvida, a nossa alma, a eternamente insaciada! nunca desespera

de reaver o amor que uma vêz lhe preencheu a vida... Nunca a elle renunciámos, não. Sem o querer, sem o desejar, esperamos sempre... Quando já não ha lance nenhum favoravel a prevêr, a nossa obstinação ainda assim persevera e mantem-se. Fecham-se todos os atalhos ao advento difficil da esperança, e nós esperamos ainda... nunca nos cansamos, nunca deixamos de esperar!

Mas isto era horrível! Seria a sua bancarrota moral. Se semelhante fatalidade se evidenciava, elle perderia n'este mundo o direito á consideração dos homens, e no outro á salvação eterna! Era horrível... Porque, para mais, e para em tudo ser abominavel a renovação d'este sentimento, elle revelava-se-lhe agora sôb uma fôrma abastardada e odiosa. Até n'isso era infeliz! O seu modo sobranceiro e altivo de considerar a humanidade, á força de invariavel, insinuára-se-

lhe no character e não exceptuava ninguém. Assim a propria Leonor, nimbada embora por aquella immaterial aureola que era o carinhoso reflexo da sua alma, apparecia-lhe vagamente apenas como uma coisa. Elle não era o dominado, era o senhor. No seu peccaminoso desvario pesava a idéa da posse. E um mixto de sensualidade e desdem maculava do seu amor a aza transcendente.

Por isso nós o vimos debater-se, deante da confiança ingenua da confessada, n'aquella torturada alternancia de adoração e odio, de appetite e de mêdo. — Fugia-lhe e retrahia-se, porque a não amava o bastante para lhe fazer um altar do seu desejo... porque amal-a era em certo modo voltar a amar Cacilda, e a santa imagem d'esta havia-a elle recalcado tão fundo no coração, que não poderia de novo irromper sem que o despadaçasse. Fugia-lhe e fechava-se n'um mutismo ascetico, porque poderia, sem querer,

fallando, e no irreprimivel clarão d'uma só palavra, pôr a nú toda a sordidez da sua infamia. Fugia-lhe e annullava-se, — como o poltrão que se immobilisa, de noite, abafando a respiração sôb a roupa da cama, emquanto os ladrões lhe saqueiam a casa, — porque sentia tambem que lhe andava batendo e pervertendo as medullares excellencias do seu sêr a querença diabolica do Peccado!

XI

O casamento de Olympia com Fernando não só fôra consentido pela condessa, mas, aprasado para muito breve, não tardou mesmo em realizar-se. Effectuou-se a cerimonia logo aos primeiros annuncios festivos da primavera. Sem pompas e sem alarde. Não augurava bem o conde d'esta união, a que adivinhava como mobil principal o interesse; e a condessa, por este ciume natural em quem caprichava em manter o sceptro da elegancia, cuidadosamente evitava tudo quanto pudésse trazer a realce a mocidade e as perfeições das filhas.

A mesma Olympia, passada a impetuosidade e ardencia dos preparativos primeiros, á medida que mais se accentuava a sua condição certa de noiva, sentia-se arrefecer no entusiasmo. Um certo *quid* de supersticiosa incerteza a tomava,

que lhe ensombrava o futuro e a fazia tremer. E foi para o casamento preocupada, triste, — noiva ainda e como que já desilludida, virgem e com a alma varrida de sinceridade e acabrunhada de tédio.

Entretanto, não faltou uma infinidade de brindes na sua *corbeille*, cuja lista as chronicas elegantes dos jornaes registraram com alvoroço, graças á amavel diligencia do *Chico* Parreira, que desempenhou primorosamente essa funcção alviçareira percorrendo as redacções. E a azougada creança lá foi, depois d'um breve *lunch* na rua da Emenda, e na mesma tarde do casamento, confiadamente lançada nos braços e enroscada ao destino d'um homem que mal conhecia, passar a convencional *lua de mel* para uma solitária vivenda em Paço D'Arcos, ao mesmo tempo em que, nos beiraes do telhado

d'aquelle seu rustico gyneceu, appareciam este anno pela primeira vêz as andorinhas.

Agora, ao conde, ainda mais solitaria e fria se lhe mostrava a sua enorme e desconfortada casa da rua da Emenda. Aquelle azougue vivo da sua impagavel Olympia fazia-lhe uma falta enorme. Ella era a alegria, o sol da casa. De tudo tirava pretexto para galhofar, a cada momento achava thema a risos, improvisava uma graça. O seu turbulento e jocundo chilrear tornára-se ao occaso de vida do pae indispensavel, como o calor benefico do sol á impotencia algida dos velhos. Agora, sem Olympia, o conde ficára reduzido ao desdem espectral, ao mutismo mystico da sua querida Leonor, de quem profundas antinomias essenciaes, complicadas com um respeito, um temor quasi religioso, cada vêz mais o afastavam; ou então ás humilhantes distracções, cortadas por impetos de mau genio, de sua mulher. Do filho,

esse valdevinos do Luiz, nem valia a pena fallar... um pobre e incorrigivel vadio, para quem estava sendo pouco mais do que um albergue nocturno, o acarinhador conchego do lar.

De quem a culpa, senão d'elle, afinal?... Sim, porque elle, desde o momento em que casára, contrahira determinadas obrigações moraes, instituirá-se o natural protector da mulher, organisára para sua exclusiva felicidade e prooccupação um pequenino mundo, constituindo familia... Houve uma fragil e gentil creaturita que o preferira, entre dezenas de pretendentes, e de cujo singelo viver elle se apropriára... cujo destino fizéra comparte do seu, cuja alma, cujos affectos, cujo coração assimilára. Elle assumira para com essa creatura bôa e confiante, perante a Igreja e perante o mundo, o compromisso sagrado de ser inalteravelmente o seu bom companheiro desvelado, o seu protector, o seu amante, o seu

confidente, o seu amigo... E no fim de contas, — ignobil coisa! — a breve trecho tinha elle todos esses devêres formaes esquecidos, e folgaçadamente voltava á sua vida anterior... uma escandalosa vida de celibatario, infructuosa, desprezível, porca... de deprimente repudio para a mulher, de funesto exemplo para os filhos! Vida toda em dissipações da peor especie, toda em canalhismos obscenos, em crapulosos desvarios... vida incofessavel, sordida, vida de animal, vida de vadio! Só em casa para comer e dormir; e isto mesmo sempre mudo e sombrio, desdenhoso e arido... cego a mimos e a attenções, surdo a galanteios, alheio a ternuras... tendo votado a pupilla da sua alma a um desprezo humilhante. E a educação, o recato, o cuidado moral dos filhos, entregues egoistamente primeiro, de commum accôrdo, pelos dois, á mercenaria solitudine das *institutrices*, e

confiados depois por completo ao acaso, baldeados á fortuna, n'aquelle mundo de artificio e illusão... puramente ao abandono entre um pae sem dignidade e uma mãe sem affecto.

E assim lhe tinham corrido, estupidamente, os annos... a tudo e a todos elle antepondo sempre os seus prazeres, repellindo tudo quanto fôsse ás suas paixões excentrico, tudo immolando ao seu sybaritismo insaciavel, sempre doido e feroz a rodopiar na vertigem das suas paixões de lama. Por isso, com a mulher appetitosa, bonita, pretendida, frivola, com os filhos creados na liberdade e na suggestão de exemplos perniciosos, que admirar se a sua familia ameaçava desabar n'aquelle triste e vergonhoso epilogo, e se o arrastado calcanhar da sua vida tinha que ser tôrpemente prolongado, pelos seus, n'um inevitavel esphacelo de ruina! Que outra coisa podia elle esperar!

A condessa, n'uma irritação crescente, tornára-se cada vêz mais aspera no tracto, mais difficil. Tinha dias insupportaveis de aturar. Agora, depois que a filha casára, não havia meio de alcançar que ella passásse uma unica noite em casa. Oppunha-se a isso, — confessava ella sinceramente, — um tédio irreductivel... E é que, com S. Carlos fechado, esta questão do emprego das noites tornava-se-lhe um problema difficil. Aos outros theatros não iam. Havia o recurso dos seus muitos conhecimentos e relações; mas estas, depois do escandaloso expediente do baile, em geral, retrahiam-se. Por vêzes, conseguia o conde trazer gente a jantar; mas por via de regra os obsequiados, mal decorrida uma breve meia hora sobre o café, despediam-se. E nem por seu turno a condessa fazia o menor esforço para os prender. E, tambem, quando ella, nas suas visitas, acaso solicitava indirectamente a amabilidade alheia,

lastimando-se pelo tédio das suas longas noites solitárias, obtinha como invariável resposta, o desdobramento d'uma queixa analoga, e todos se fechavam n'um afastamento pundonoroso ou egoista, e ninguém a convidava á aproximação, á convivência.

Pretendendo a todo o transe illudir-se, o conde achava por vêzes o facto providencial, e, bendizendo aquella cooperação salutar do acaso, chegava a dizer-se que Henriqueta havia de acostumar-se, resignar-se por força... e elle sonhava então confiar a sua regeneração do regresso ao carinhoso isolamento do *at home*, voltando a gosar as suas noites em aconchegados *tête-a-tête* com a sua querida mulher, como nos primeiros tempos de casado. E havia manhãs em que ella, ao almoço, lhe dizia sinceramente — que sim... E promettia aquella noite ficar. Mal porém se accendiam as luzes, apoderava-se d'ella um

tédio, uma invencível repugnancia, tudo eram frios e bocejos, pesava-lhe a cabeça, as horas não andavam, não sabia que dizer. Até que, por fim, sahia e, á falta de melhor, resignava-se a acompanhar Leonor á *Liga da Costura*, com o que a filha jubilava grandemente.

E o curioso era que então o conde, em vêz de penalizado, sentia por seu turno um como que intimo e profundo allivio... e sahia tambem. — Já não tinha o recurso acanalhante da Paixão, com quem rompêra formalmente, por carta, depois d'uma terrivel noite de espionagem, em que elle, n'uma cruciante agonia de todo o seu ser moral, verificára a exactidão das denuncias da cinisga da rua dos Mouros. Entrava por isso, uns momentos, no Bertrand, e descia ao *Gremio*, a lêr os jornaes estrangeiros. Mas, aqui, breve começava a sentir-se mal, hospede e alheio em meio da digestão tranquilla e da expressão feliz dos repousados

burguezes que o cercavam. Repelliam-n'ò instinctivamente, como a um elemento perturbador e sordido. A sua simples presença, evocando a desordem patibular da sua vida, era ali como que um escarro lançado na pautada e brunida felicidade dos outros... — Este convencimento instillava-se no coração do conde com um frio de morte, e fazia-o levantar-se, humilhado e triste, e correr rapido, mais uma vêz, á escada, e d'ahi á meia-tinta da protectora da rua, d'onde partia a afogar a sua vergonha e a emebedar a sua desgraça na bohemia insalubre dos bordeis.

Depois, alta noite, em casa, uma fadiga destemperante o esperava com as suas tormentosas vigílias.

Entretanto, a condessa e Armando haviam perseverado nos seus furtivos encontros, que não faziam senão progressivamente incendiar o carnal

appetite e a febre de fascinação dos dois. Era um incendio ateado a toda a chamma, que o minimo pretexto, que qualquer pequena audacia imminente ameaçava converter n'uma deflagração completa. Encontravam-se cá fora a miude, pela cidade, em recatados passeios e discretas partidas de *restaurants*, que traziam ao seu mutuo desejo um sabor acirrante de peccado. Comtudo, até esta altura, Henriqueta defendêra-se sempre com denodo. Ainda se não entregára de todo, nem tão pouco condescendêra em acompanhar o amante a qualquer traiçoeiro sitio de isolamento, onde os seus ultimos restos de fanada virtude houvésem que fatalmente capitular. A reluctancia, puramente physica, do seu instinctivo pudor era mais forte que o seu desejo. E sempre assim lhe acontecêra, nos preliminares sensuaes dos seus amores antigos. São vulgares na mulher estes melindres de

Lucrecia ao descambar em Messalina. Ia addiando... Embalde Armando procurava transmittir-lhe o calor convincente do seu amor; embalde, depois do escandalo do baile, elle lhe mostrava o ridiculo absurdo, a inutilidade idiota d'aquella abstenção d'um acto de que já os accusava irrevogavelmente o mundo. A condessa não tinha a coragem de se entregar. Ia addiando, promettendo sempre, mas promettendo a penas.

— Que não fôsse impaciente. Não perderia por esperar... — Ella andava a encher-se de razão. Quando não pudésse mais, então desertaria... e elle tel-a-ia em seus braços para sempre, incondicionalmente, até morrer!

Afigurava-se excessiva a Armando esta absoluta ampliação de voto. Contentar-se-ia com menos a sua levêza e inconstancia de conquistador feliz. Bastava-lhe saldar a conta das esmeraldas... Mais, seria maçada.

No entanto, por vaidade e por calculo, nada contestava.

Por fim, uma linda manhã de maio, levantava-se e elegante frascario e dilatava languidamente o thorax, n'esta saborosa indolencia d'uma vida sem cuidados, quando o creado de quarto lhe apresentou, com os jornaes, uma carta perfumada, que um moço trouxéra, havia um instante.

Armando tomou-a com avidêz e, antes que a abrisse, demorou-a voluptuosamente entre os dedos, palpando-a, acarinhando-a, examinando-a contra a luz. Agora tomava-o uma vaga hesitação, como deante de qualquer ocorrencia decisiva e grave, que adivinhava. Até que, por fim, a curiosidade prevalecendo, rasgou o sobrescripto, abriu e leu a correr:

«Finalmente! O persuasivo mysterio da emoção, que ou nos salva ou nos perde, que tantas vêzes nos arrasta perdidamente á loucura, é n'este momento

mais forte do que eu. O destino roçou-me com a sua aza traiçoeira. Preciso vêr-te e fallar-te hoje, indispensavelmente. Às 2 da tarde, desço a rua do Alecrim. Espera-me. Para irmos para onde quizeres... Abala-me hoje o capricho furioso, doido, de me acanallar, e só o teu amor me rehabilitará. Sinto-me louca de paixão e de tédio. Até logo. Será o que Deus quizer! - Henriqueta.»

Armando, quando acabou de lêr, instinctivamente, espreguiçou-se. Um quente regalo sensual lhe formigou nos nervos fortes, polarizados de habito ao prazer. Mas, immediatamente depois, contrahiou as palpebras, mordeu os labios e levou a mão á cabeça, premindo a testa, n'uma como preocupação, n'um apprehensivo acobardamento, mesclado de vaidade. Tinha ali assim, na sua mão varonil, o documento eloquente, inilludivel, do seu victorioso ascendente sobre essa mulher tão

desejada e tão esquiva; tinha ali o annuncio do seu triumpho, do proximo epilogo de dominação e de pósse a mais este seu capricho de amor; e, em vêz de rejubilar, interrogava-se:

— Que demonio iria acontecer?...

Comtudo, n'um movimento indomavel de jubilo, aproximou-se mais da janella, tornou a lêr... E, ao cabo, tornou a espreguiçar-se. Mais, — notou que imperceptivelmente lhe sacudia todo o seu sêr uma tremura, conjunctamente de febre e de receio, de incerteza e de desejo, como ainda nunca tinha sentido em lance nenhum analogo, em nenhuma das suas anteriores aventuras. Os dentes batiam-lhe arrelativamente uns nos outros, as mãos não acertavam com as coisas, nos joelhos tremia-lhe um frio cobarde, pesava-lhe um aniquilamento de cansaço. Que queria isto dizer?... Que sentia elle agora, pela condessa, differente das suas mais amantes? Maior impeto

de paixão, ou o acobardamento por uma responsabilidade maior? Fôsse o que fôsse! — exclamava elle, alto, a decidir-se. E, espreguiçando-se novamente, dobrou a carta, deixou a janella. O primeiro regalo authentico da sua victoria começára já ali, no saboreamento d'essa pequenina e adoravel missiva, inesperada e ardente. — Mas seria ella absolutamente sincera? Não occultaria uma cilada? E as consequencias d'esta entrevista, aprazada incondicionalmente, sem limites de tempo nem de logar, este como que contracto de responsabilidade illimitada no amor, que vinham propôr-lhe, devia elle acceital-o em tão vagas condições?... Poderia trazer-lhe complicações sérias. Alguma entalação! — Mas novamente o estímulo da sua esperta sensualidade foi mais forte; e, com viril decisão:

— Ora adeus! Ella diz muito bem: será o que Deus quizér!

Banhou-se, vestiu-se com um certo garridismo, almoçou, veio fazer horas para a *Havaneza*, onde um empertigado pygmeusito lhe desfiou o grotesto alarde das suas amorosas fortunas; e, um pouco antes da hora aprasada, já elle estacionava ao fundo da rua do Alecrim, encostado á grade que corôa o arco de S. Paulo, e com um *coupé* á ordem, em baixo, no caes do Sodré.

Breves minutos depois, — não havia duvida! — lá vinha ella, ladeira abaixo, taquinando apressadamente o passeio. Toda de preto, um espesso véu descido sobre o rosto, e, apesar do dia tépido, o busto redondo cingido n'uma capa de preço. Quando verdadeiramente a reconheceu, Armando sentiu o coração, adeantou um passo no asphalto. A condessa, porém, que vinha descendo do mesmo lado do passeio, mal que avisou o amante, atravessou para o lado opposto. Elle

percebeu a descrição da manobra e simulou então a mais completa indiferença, como se não a visse. Apenas, disfarçadamente, e quando Henriqueta lhe passava fronteira, do outro lado da rua, elle com a bengala apontou de relance o trem que em baixo os esperava. A condessa entrou sem hesitar; Armando seguiu depois d'ella; e logo a tipoia partiu no seu trote mercenario, Aterro fóra, por entre rumas de cantaria talhada, informes barracões de tijolo, pilhas cyclicas de lenha e esqueletos de arvores petrificadas.

A condessa puxára abaixo o *store*, do seu lado, dizendo nervosamente ao companheiro:

— Dêsça! dêscã!

E indicava-lhe o *store* do lado opposto, que Armando se apressou a fazer correr tambem, ficando-lhe a borla, já esfiampada e gasta, entre os dedos.

Ao mesmo tempo, silenciosamente, apertou com grata effusão a mão de Henriqueta, que tímida se furtou ao cumprimento. E elle não insistiu... Tomava-o agora um delicioso embaraço, que sentia um voluptuoso prazer em prolongar, — já sem pressa e sem receio, — por sentir-se finalmente ao lado, por ter a evidencia da posse, inevitavel, completa, da mulher que tão ardentemente desejava, e que no mesmo rythmo elanguescente ali ia embalada pela trepidação das molas do trem, paresiada no quebramento enervante d'aquelle surdo e discreto rodar levando vagamente á aventura e ao mysterio.

Olhou para ella: immobilisára-se ao canto da carruagem, muito fechada na sua capa, muito dobrada sobre si mesma, com os olhos semi-cerrados, e apenas os grossos labios levissimamente frisados de malicia. Tambem elle não tinha alma de desmanchar a severidade da sua

attitude, nem de quebrar aquelle silencio... no receio pueril de que, ao destoante som da sua voz, toda aquella ineffavel realidade se exsolvêsse n'um fumo de chimera.

Por fim, n'um irreprimivel fremito sensual, n'uma tyrannia calida do desejo, Armando inclinou delicadamente o busto para sobre a condessa, e quiz arredar-lhe o véu, na intenção de a beijar. Porêm ella, mesmo assim de olhos fechados, adivinhou-o e repelliu-o com decisão.

— Muito quieto, Armando!

— Que mal faço eu?...

— Não me faça arrepender...

— Arrepender de quê?... Se eu estou quieto de mais!

— Se não jura respeitar-me, deixo-o, vou-me embora!

— Juro o que o meu amor quizer!

— Bem, está bem... — disse, já aplacada, a condessa; e levantando finalmente o véu e sorrindo: — Mas para onde vamos nós, não me dirá?

— Para a Felicidade!

Com o movimento de repregar do véu, a capa da condessa deprendêra-se dos hombros; e Armando pôde então, sem que ella reagisse, envolver-lhe a cinta com o braço, ficando os dois embevecidamente eleados n'um dôce ensopamento de ternura...

Assim vaguearam ao acaso, horas, pela monotonia banal das estradas suburbanas, puramente ao capricho ambulante do cocheiro, que tinha a especialidade d'este genero de aventuras. E por fim, já sobre o cahir da tarde, a capitulação da condessa fizêra-se naturalmente, nas cercanias do Dafundo, no perfumado mysterio d'um lindo *cottage* perdido entre pinheiros,

envolvido no aroma inebriante das primeiras flôres; e como se este fervido arrebatamento de desejo e de prazer, — em que a impetuosa carne da condessa, retrahida primeiro em castas repugnancias, por fim cedêra n'um delirio estonteante de abandono e de fraqueza, — houvera sido a coisa mais legitima e logica do mundo.

Na retirada, depois, á noite, para Lisbôa, uma dôce lassidão a tomava, dir-se-ia um arrependimento... E suspirava imperceptivelmente, como no vago desejo de poder retroceder sobre aquelle breve minuto de desvario. — Dobrava-se mollemente ao canto do *coupé*, com o véu novamente descido sobre o rosto, e na apparencia esquecida do companheiro, alheada e perdida n'um silencio mortificado. A termos que Armando, apertando-lhe novamente, e

agora já com familiaridade, a mão, interregou com meiguice:

— Estás arrependida?...

Henriqueta manteve o mesmo silencio alheado e triste, que parecia uma censura. E ao cabo de alguns minutos, com uma resignada suavidade:

— Eu nem sei como isto foi!

Agora era ella que, n'um carinhoso impulso de submissão, inchoava nas mãos fortes de Armando, a sua pequenina mão, ainda em febre. E elle, ao amoroso contacto, sacudido d'um frio na espinha, estremeceu... apertou vigorosamente contra o peito aquelle penhor delicioso, aquelle vivo, aquelle adoravel e delicado symbolo de victoria e de paixão. E indefinidamente os dois seguiram, depois, como que indifferentes e extranhos, sem uma palavra, sem um gesto mais, no supersticioso receio de verificarem a sua

reciproca felicidade, e olhando com impaciencia, através os vidros da tipoia, correr a banalidade da paisagem, na instinctiva pressa de chegar.

Apenas em casa, tendo logo subido ao seu quarto, a condessa deixou-se cahir no *divan* fronteiro ao espelho, e, sem largar a capa, sem tirar o chapéu, sem descalçar as luvas, ficou-se esquecidamente em meditativa attitude, com os braços pendentés e as palpebras longas. Intimamente perguntava a si mesma «se teria valido a pena?...» E se mais uma vêz a saciedade, a desillusão, este fastio que nos vêm depois das coisas conseguidas, segredavam-lhe que não!

Entretanto, passados dias, a reminiscencia e a saudosa evocação de Armando voltavam imperiosas e aqueciam-n'a, a cada instante. A doçura ineffavel, o encanto peculiar d'aquelles breves momentos de desfallencia e de ventura, — sempre os mesmos e sempre tão diferentes! —

tornavam a sacudil-a, melhorados na ampliação saudosa da distancia, e faziam-n'a vibrar anciadamente, tanto mais appetecidos e queridos quanto o seu recondito e suavissimo prazer contrastava com a pungitiva aridêz do seu viver familiar, áquelle tempo. — Leonor, quasi inalteravelmente refugiada no seu quarto, apenas entretinha a mãe de coisas mysticas, que a aborreciam, porque as não sentia o seu temperamento de goso e de peccado. O filho mal o via e ainda bem... porque exhalava agora um fétido intoleravel a medicamentos secretos. Por seu turno o marido, com a sua figura devastada e sordida, cada vêz mais intoleravel tambem, mais detestado se lhe tornava, porque teimava obsessivamente nas suas lamuriosas solicitações de renovação do antigo affecto, quando, simultaneamente, a repugnancia physica e a antinomia moral havia cavado entre os dois um

incommensuravel abysmo. Por fim, vinha a outra sua filha, Olympia, feliz e descuidosa noiva por enquanto, toda projectos e illusões, toda impetuosidade e frescura, — contando os dias como segundos, em cada semana mudando a distribuição interna da casa e estreando novas *toilettes*, — e com as narrativas, luminosas e quentes, da sua felicidade sem sombra, não fazia senão, pelo contraste, mais exacerbar da mãe o isolamento inquieto.

Pela sua parte Armando, conquistador emerito, farto de abusar da sensualidade no seu mercenario convivio com mulheres, interrogava-se, percorria mentalmente, n'um envaidecido espanto, o passado, e vinha a concluir que nunca entretanto encontrára, em toda a sua longa carreira de vicio e seducção, uma creatura, como esta condessita, tão complexa e adoravel, tão divinamente superior, pelo espirito, pela

educação, pelo sabor acirrante, porque era ao mesmo tempo abandalhado e casto, dos seus enthusiasmos, pelo afinamento e requinte, — mas um requinte espontaneo, filho apenas do temperamento, — que ella sabia pôr na sensualidade do seu abandono sem limites... Ella era o typo ideal da amante. Ao passo que as mais se lhe tinham mostrado apenas, em graus diversos, grosseira e animalmente femeas, a amorosa submissão de Henriqueta déra-lhe o effeito da capitulação d'uma alma. Tinha no amor uma arte inédita e empolgante! Escravisára-o pela intensidade, pelo imprevisto. Trouxéra á sua experimentada sensualidade o estímulo de estonteadoras complicações e subtis extravagancias, como elle nunca sonhára, e que tanto mais inebriadamente o prendiam agora, quanto se sentia que toda essa diabolica perversão era na condessa mais uma qualidade natural do

que um recurso do artifício. E o que nas outras era patentemente um calculo, n'esta mulher paradoxal, — nobre no seu impudor, pura na sua devassidão, assumia todo um valor d'um sacrificio.

Por isso tambem agora por ella, excepcionalmente, esse impassivel e arrogante *D. Juan* começava a sentir-se subjugado e preso. Lembrava-lhe o conde e tinha ciumes; recordava-se d'ella e escalavam-n'o labaredas de desejo. Queria conserval-a sempre comsigo; a saudosa evocação da sua imagem era o parenthesis delicioso dos seus somnos, a posse exclusiva do seu amor era o pólo dos seus cuidados. Conhecia, com pasmo e com delicia, que ia fatalmente mudar de direcção a curva do seu destino. Porque pela primeira vêz elle soffria agora, tyrannica e obsessivamente, o jugo sentimental da Mulher.

Consequentemente, procuravam-se a miude, com insistencia. Armando alugou de proposito e mobilou uma pequenina casa de campo, fóra de portas. E ella cada vêz mais docil aos successivos appellos; e elle com o coração, ávido e ardente, cada vêz mais perdidamente embravecido... Evidentemente, o desfecho fatal estava previsto, era inevitavel. Tinha que dar-se um conflicto decisivo de paixão.

Elle, Armando, pensava: — Deixaria de ser finalmente agora uma asneira o prender-se? Havia de continuar aquella vida dissipadora e esturdia? para quê?... Para arruinar os havêres e abreviar a vida... Não seria antes a occasião de fixar-se, agora que encontrára uma alma, um temperamento, uma arte de amar irmã gemea da sua? Não devia elle deixar, refugiando-se n'uma amorosa solidão, o mundo, visto que este, fazendo-lhe conhecer Henriqueta, lhe déra o mais

que poderia dar?... — Mas, ao mesmo tempo, também Henriqueta pensava: — Era agora enfim, não havia duvida, que ella acertára em encontrar o eleito da sua alma, que déra com a chave do seu destino. Um pouco tarde, infelizmente! Mas, em summa, visto que se lhe desenrolava agora, assoalhado e limpo, o caminho da felicidade aberto deante da sua alma deslumbrada, que hesitações podia ter em afoitamente enveredar por elle?... Fazer o contrario, retrahir-se estupidamente ante aquelle generoso convite á suprema ventura, humanamente concebivel, é que seria um procedimento imperdoavel, absurdo. Nós devemo-nos em absoluto ao Destino. Perante as caprichosas fluctuações da sorte, ha melindres de abstenção que chegam a ser crimes. A sua vida de familia falhára por completo... e sem que a ella pudésse attribuir-se a culpa. Uma educação toda de exterioridades, que lhe deixára o coração vasio,

para lh'o encherem de amargura, depois, as tremendas desillusões d'um casamento de conveniencia, havia-lhe arranjado aquella fatalidade ineluctavel. Que remedio, agora, senão abandonar-se á onda? senão deixar-se passivamente arrastar n'esta deliciosa resaca, levando ao prazer, que os seus lhe tinham preparado e que o mundo lhe impunha?... Ella agora, de portas a dentro, não tinha ninguem! Depois da sahida de Olympia, a quem a ligava o sympathismo instinctivo de certas affinidades de character, a condessa quasi não tinha em casa com quem trocar uma palavra, distanceados e alheios como todos andavam, cada um pela aberrativa curva das suas allucinações ou dos seus vicios. Só se a condescendêsse em privar com o conde, o qual cada vêz mais afervoradamente a assediava... Oh, mas esse, absolutamente, não o podia aturar! E comtudo, se não lhe fugia, tinha

que acabar por submeter-se-lhe... — Esta consideração erguia-lhe a alma n'uma revolta: — Oh, tudo, tudo menos isso! Antes uma loucura, um escandalo. Já agora... Tudo menos essa inconcebível abjecção! Ficar-se-ia desprezando a si propria, tanto quanto o abominava a elle, se por sua desgraça tal fizésse!

E assim foi, natural e impetuosamente, crescendo no intimo dos dois amantes o secreto imperio da mesma resolução: fundirem por completo os seus destinos. Quando um ao outro a communicaram, nenhum dos dois manifestou extranheza, — tão presente e dominador trazia cada um d'elles no coração esse desejo absorvente, em certo modo essencial á sua vida. E então concertaram no seguinte: Armando possuia uma deliciosa vivenda no norte, entre salgueiraes e pinheiros, á beira do Mondego; a estação convidava a uma fuga sentimental para as

edenicas doçuras d'esse bucolico refugio... estava decidido. Henriqueta acompanhá-lo-ia, quando se combinásse, indo occultar-se ali e levando unicamente as suas joias. E durante um certo tempo iriam viajar. Entretanto, para evitar futuras maçadas, o advogado da condessa promoveria a sua separação judicial, para a qual felizmente abundavam os motivos. E ahí estava como, depois, poderiam voltar, triumphadores, tranquillos, e ella seria, só e inteiramente, a incondicional escrava d'aquelle grande e saborido amor! Armando, na segurança viril do seu desejo, applaudia o romanesco plano, sinceramente... enquanto, no seu intimo de desabusado fruidor da vida, esta lascarina reflexão se ia esboçando: que depois, quando se fartásse, largava... O coração excessivo de Henriqueta, esse todo agora abrasadamente se consumia na adoração do seu branco e loiro amante, a principio desdenhado, e

em cuja sensualidade vehemente e generosa ella fôra deslumbrada encontrar todos os cálidos transportes e toda a carinhosa exuberancia reclamada pelos seus 40 annos ardentes de mulher.

Este latente incendio lavrava assim formidavelmente. Ao menor pretexto, a deflagração saltaria inevitavel, n'uma insalubre projecção de escandalo. E, fornecido ineptamente pelo proprio conde, o ambicionado ensejo não se fêz esperar.

Porque estava-se em junho, já o calor apertava e toda a gente deixava Lisbôa. Pensou o conde naturalmente em mudaram-se para a sua casa do Estoril. — A Henriqueta havia de querer. Andava tão aborrecida! E, certamente por delicadeza, não lhe fallava em nada... Mas seria um derivativo; havia de fazer-lhe bem, e até talvez promovêsse a reaproximação dos dois. Tinha ali a sua fortuna!

Quente n'esta ingenua illusão, uma manhã, o conde, nas mais alegres disposições, tomou á sala de jantar, a horas do almoço. Ia propôr a mudança. E, por uma excepção digna de registo, n'aquelle dia encontrou toda a familia reunida á mêsa, facto que o seu alvoraçado coração tomou como favoravel prenuncio ao exito do seu plano. Apresentou-o pois, franca e abruptamente, mal tinha acabado de sentar-se, e como se esta sua proposta, elle tivésse a instinctiva evidencia de que ia corresponder, n'aquelle momento, ás intimas solicitações do espirito da mulher e dos filhos.

O desengano porêm foi completo. A condessa, muito surprehendida, riu de troça, primeiro. Depois, ante a insistencia do marido, empallideceu ligeiramente e indignou-se como se lhe tivéssem vibrado um insulto. Edmundo,

surprehendido também, mas com doçura, aventurou:

— Ou então, vê lá, se queres que comecemos por ahi... como é agora o que faz toda a gente... alugo-te casa em Cintra.

— Deus me livre! — tornou a condessa com firmeza. — Este verão não me appetitece sahir de Lisbôa. Nem ha terra onde se passe melhor o verão!

— Ora mas, se ficamos, o que é que hão-de dizer?

— Não dizem nada! Acham que fizemos muito bem.

— E na verdade... — observou timidamente Leonor. — Á força de toda a casta de gente sahir agora de Lisbôa, creia o papá que o mais distincto ainda é... ficar.

— Pois não é! — confirmou Henriqueta.

Leonor fallava assim, obedecendo á empolgadora suggestão do D. Prior. Adivinhou-o o pae, que arrastou amargamente, abanando a cabeça com tristeza:

- Sim sr., sim sr.... Nem combinadas...

E agora fitava interrogativamente o filho, que, por egual implacavel:

— Eu cá tambem acho que é asneira sahir.

— O que te prende a ti seu cu! — resmuneou o pae, com os olhos duros.

Alludia á 1.^a *tiple* da companhia de *zarzuela*, então no *D. Amelia*, e por quem aquelle esturdio lamecha do Luiz andava perdido.

Mas, em reforço á repugnancia unanime dos filhos, tornava com a mesma irreductivel firmeza a condessa:

— É melhor não pensar mais em tal! Estamos aqui tão bem!

— Confio em que, de hoje para amanhã, mudes de ideas.

— Mau! não me eucanites mais com semelhante tolice!

Esta inabalavel attitude dos seus deixou o conde positivamente aturdido. Esta recusa unanime desconcertava-o. — Era mais uma invocação ardente á rehabilitação, á tranquillidade, á fortuna, que se lhe escapava! — N'uma obstinação de exaspero, animou-se a insistir, subiu ao segundo andar e foi direito ao quarto da condessa. Tinha sahido a visitas. Toda a tarde a esperou... baldadamente, Henriqueta entrou justamente a horas de jantar. E então de novo, ahi, julgando o momento propicio, á sobremêsa, voltou o conde á sua idea. Mas logo, erguendo-se de impeto, a condessa:

— E tu a dar-lhe! — Arrumou com força o guardanapo, e n'uma grave decisão, tombando a

cadeira, com um lampejo extranho no olhar e nos labios afilados um rir enigmatico: — Eu já te digo!

— Que vaes fazer?...

— Vou sahir... p'ra te não ouvir!

— Eu vou comsigo, mamã? — perguntou, egualmente de pé, Leonor.

— Não! não — acudiu a condessa com intimativa, quasi com terror, alongado o braço.

— Mas, Henriqueta, espera! ouve... — tornava implorativamente o conde, erguendo-se tambem, com os olhos piedosos, com um sorriso de carinho a aquecer-lhe os labios funebres.

— Olha, sabes que mais!

E n'um soberano impulso de rancoroso desdem, a condessa atravessou a sala e transpôz a porta que dava para o corredor, deixando aquella ameaça de sarcasmo em suspenso, e como que

abrindo atraz de si um vacuo, que lhe arrastou violentamente na cauda o reposteiro.

Galvanizado pela humilhação, o conde deixou a mêsã tambem e foi rapido sepultar, no gabinete do primeiro andar junto á escada, a sua vergonha e o seu aniquilamento. E acobardava-se e dobrava-se todo, na ampla maciêza do *fauteuil*, tapando os ouvidos e fechando os olhos, unindo os joelhos com o thorax, todo a tremer, — como na expectativa imminente d’uma derrocada.

Meia hora depois, descia a escada a condessa, com precaução, de capa e chapéu, sobraçando um pequeno embrulho; e logo, breves minutos passados, Luiz sahia tambem, cantarolando, n’um inconsciente commentario a proposito, o conhecido *duettino* da *Verbena*:

Donde vas de manton de Manila?...

Leonor corrêra a refugiar-se na sua solitaria camara, com o rosto abrasado n'um dolorido incendio de humilhação e de revolta; e, de bruços no rendilhado genuflexorio de ébano, a sua ancia espiritual de libertação afflava em soluços, borbotava em caudaes fumegantes de lagrimas...

Mas novamente, no dia seguinte, o conde, afervorando ainda na sua redemptora idea, voltava logo de manhã, a horas do almoço, á sala de jantar. D'esta vêz, estava deserta. Sentou-se, lendo os jornaes, esperou, esperou... Não vinha ninguem.

Porfim, quando o creado lhe perguntou se queria servido o almoço, exclamou, exasperado:

— Então ninguem mais almoça hoje n'esta casa!?

— Eu supponho que não, sr. conde...

— Já almoçaram?

— Saiba v. ex.^a que não.

— Então a Leonor?

— Sahiu muito cêdo, para Santo Antonio da Sé. Jejuia hoje.

— E o irmão?

— O menino fui chamal-o ha bocado, sr. conde, conforme elle mesmo hontem me havia ordenado. Mas zangou-se... e atirou-me com uma bota.

Os labios rôxos do conde pregaram-se n'um doloroso vinco de contrariedade.

— E a senhora condessa? — tornou elle, depois d'uma hesitação, limpando o prato, sem fitar o creado.

O creado de mêsa não respondeu.

— Não ouves? — tornou com impaciencia Edmundo.

— A senhora condessa... não sei... A senhora condessa... o guarda-portão é que sabe.

— Como, o guarda-portão!?

O creado tornou a ficar silencioso, baixando os olhos.

— Responde! — ordenou o conde, colerico.
— Que quér isso dizer?

— Não sei dizer mais nada a vossa excellencia...

— É singular agora esta! — bradou o conde, erguendo-se, com a testa camarinhada de suor. — Vae então lá chamar o guarda-portão.

E, enquanto esperava, o conde media a sala a largos passos, nervoso e agil como nos seus vinte annos, apprehensivo e como que movendo-se num extranho ar de pesadêlo.

Logo que o guarda-portão lhe appareceu, inquiriu, com o olhar ancioso:

— A senhora condessa sahiu hoje?

— Saiba vossa excellencia que não.

— Vês, meu estúpido! — exclamou então o conde, victoriosamente, voltando-se para o creado de mêsa; e com vehemencia:

— Vae-a chamar!

Mas o creado conservou-se immovel; emquanto tambem, ao lado d'elle, o guarda-portão baixava os olhos, correndo o boné entre os dedos.

— Vossês dão comigo em doido! — tornava, crescendo para elles, Edmundo. — Pois se a senhora não sahiu, porque razão não ha-de vir á mêsa?... Ella está doente?

Os dois famulos abanaram negativamente a cabeça, trocando um sonso olhar malicioso, encolhendo os hombros n'uma ignorancia.

— Não sahiu, não é verdade?...

O mesmo gesto mudo dos dois.

— Então?...

— Affirmo a vossa excellencia...a sr.^a
condessa não sahiu... nem podia sahir.

— Mas porquê, meu alma do diabo?... Falla!

Então finalmente, enchendo-se de coragem, o
guarda-portão:

— Porque ainda não entrou!

— Como, não entrou!?

— É o que eu digo a vossa excellencia, sr.
conde... Desde hontem á noite, que a senhora
sahiu, eu esperei, esperei... mas a sr.^a D.
Henriqueta ainda não voltou.

— E porque não me disséste logo, porque me
não chamáste, porque me não preveniste, animal!
Póde ter-lhe acontecido algum desastre!

Os dois servos tornaram a olhar-se, agora num
furtivo geito escarninho, que não escapou ao
conde, o qual vociferou, transtornado por
completo:

— Adivinho tudo... Cumpriu a ameaça! Ai, os meus peccados!

E com o olhar desvairado, as mãos na cabeça e o rosto mordido de afflicção, livido de terror, devastado por uma agonia, por uma grande oppressão de anciedade, sahiu da sala a correr.

Atravessou o longo corredor, subiu a escada, e, ao fundo do segundo pavimento, atirou-se de impeto, despedido como uma setta, contra o quarto de sua mulher.

A porta estava apenas encostada, cedendo logo ao impulso. Então o conde, subitamente aquietado, entrou de leve, a mêdo, como se receasse acordar alguém. E correu n'um relance com o olhar todo o aposento. — A cama, feita de vespera, estava intacta. No ambiente havia uma mollêza acariciante, uma como que radiação de volupia, morna e perfumada... Na quente derivação que este satyriaco estímulo trouxe á

gasta sensibilidade do conde, as articulações emperravam-lhe de novo, o seu grosso podagrismo de arthrico exaggerava-se. Assaltavam-n'ò furias de canibal, e uma esmagadora angustia ou paralytava, — a brutal, a infamante evidencia que, da sua desgraça, lhe gritava aquella camara abandonada e deserta! — Evidentemente, sua mulher ficára, a noite passada, fóra de casa. Com quem?... Aonde?... — Torturava-o esta ignorancia, esta fatalidade, este mysterio, n'uma angustia infernal. Vinha-lhe então á lembrança, n'uma actualidade que lhe rasgava a alma, a impudente comedia do baile, e a indignação lambia-lhe o cerebro em ondas de fogo, logo apagadas n'um consternado diluvio de saudade, quando pensava — que ella era muito bem capaz de não voltar!

Avançou porfim resolutamente, decidido a affrontar com corajosa impudencia o ignominioso

mysterio do seu destino, e desatou a correr em todas as direcções o quarto, esquadrinhando os moveis, batendo estofos e cortinas, revolvendo a miuçagem galante das gavêtas, vibrando no empenho absorvente de descobrir qualquer indicio que lhe aclarasse a triste realidade que adivinhava... que lhe dêsse a chave do enigma, embora este abrisse para a deshonna! Não teve muito que procurar: porque breve encontrou, dissimulada por detraz d'um frasco de *baccarat*, a um canto do *toilette*, um pequeno rectangulo branco: uma carta para elle. Tomou-a com avidêz, n'um sobresalto pungente, rasgou o envolucro, leu... Era bem fatal e bem concludente. — Bem dizia elle!... — Poucas linhas. Henriqueta apenas frisava, em phrases sêccas e breves, o irremediavel antagonismo do viver marital dos dois, e, como consequencia, a resolução inabalavel d'ella em o deixar. D'isto lhe perdia

perdão... «e que dissésse aos filhos que ella tinha morrido, pois certamente ninguem mais d'aquella casa a tornaria a vêr.»

Quando chegou ao cabo da leitura, o conde perdêra a noção nitida das coisas, tinha nas fontes zumbidos congestivos. O braço direito cahiu-lhe inanimado, enquanto com o esquerdo se amparava ao *toilette* para não cair. Depois, passados instantes de doloroso pasmo, reergueu o braço, quiz tornar a lêr... mas foi-lhe impossivel. A retina perdêra a sua funcção normal, invadida na sua *crystallinidade* por girandolas de corpusculos rabejando em todas as direcções, saltando, ondeando rapidos, como infusorios, e cujo instantaneo volteio, cujos *cancans* de arrelia se baralhavam escarninhos com as imagens, tintas em rôxo, das lettras do papel, a seu turno tambem deformadas, crescendo, afusando, cabriolando e

torcendo-se em symbolicas projecções de predestinado.

Então, desorientado e cego, o conde guardou a carta, e, deixando o quarto, desatou a percorrer, brusco e á tôa, os aposentos todos do palacio deserto. Ia e caminhava cegamente, ao acaso, numa porfia automatica de somnambulo, hirto e quasi sem dobrar as articulações, como levado d'uma força extranha. Dir-se-ia que procurava exaperadamente alguem. Ia no allucinado rasto da mulher essa correria doida, que já chamava o condoido espanto dos creados... Mas agora, progressivamente, perante a verificação do abandono em que os seus o haviam deixado, as salas, as alcôvas, os quadros, os *bibelots*, os moveis perdiam para elle o seu velho aspecto familiar. Parava a olhal-os, desconhecia-os, achava-lhes um ar extranho e hostil. Quando passava por deante dos crystaes, dos moveis

polidos e dos espelhos, o proprio conde desconhecia-se tambem, parecia-lhe ser de um intruso a sua desmantelada e afflictiva figura. A termos de acabar por imaginar-se elle mesmo vagabundeando furtivamente, como um espião ou um bandido, por uma casa que não era a sua.

Até que porfim, no seu gabinete, succumbido a um aniquilamento mortal, com o coração anavalhado de angustia, parou, exausto de cansaço e desatou a soluçar.

Acabrunhava-o a triste e vergonhosa realidade, o descalabro infamante da sua vida. Um confuso turbilhão de ideas baralhava-lhe o cerebro, deliquescente de pavor, mordido de incertezas. — Que situação ia ser agora a sua, perante os filhos?... Que contas havia de dar-lhes da mãe? Como explicar-lhes aquelle desastre, que attenuante colorido achar para a sua ignominia?... Havia de atirar com todas as culpas para cima da

condessa? — A esta consideração, a sua grande bondade essencial alvoraçava-se. — Seria isso rebaixar moralmente, ainda mais, a mulher; seria amesquinhar e envenenar por completo, na alma confiante dos filhos, a memoria de quem devia ser para eles uma entidade sagrada. Sagrada... que tremenda ironia! Mas, embora, seria um expediente ignobil, e que não correspondia exactamente á verdade. Mas que havia de então fazer?... Poupar a mulher seria criminar-se a si. Se pretendêsse diluir n'uma qualquer tinta de piedade a inqualificavel fuga de Henriqueta, o mesmo isto seria que confessar-se elle consequentemente réu de faltas que a teriam levado a esse proceder de escandalo. — Contra isto se revoltava o seu egoismo intransigente e se declarava em opposição a essencia hypocrita do seu animo. — Que lhe competia então fazer?...

E por mais que no seu intimo repetisse esta pergunta, o pensabundo conde não lhe achava resposta; por mais que em todas as direcções voltasse o achincalhante problema, não atinava com uma solução, com uma escóra para este seu grande fracasso moral e que fôsse, já não diria decorosa, mas ao menos supportavel.

Lembrou-lhe abalar para longe, pedir lenitivo e esquecimento aos episodios d'uma extensa e demorada viagem, procurando no vago espaço sem limites gastar o vivo espinho da sua dôr e delir o ferrête da sua deshonna. Mas logo tambem, contra esta redemptora hypothese, um terrivel receio o assaltava... — Então havia de ir só? E deixar elle egualmente, n'aquelle lance, a casa, não equivaleria a dizer a Leonor e a Luiz, os quaes não deviam acompanhal-o, que seguissem o exemplo dos paes? Podia muito bem succeder que depois, quando elle voltásse, viésse a encontrar

então a casa totalmente êrma dos seus... povoada porventura apenas pelas figuras boçaes e mercenarias dos creados, movendo-se como phantasmas n'aquelle vacuo sem estimulos moraes, sem laços de familia! Decididamente, isto era fatal... Incitados pelo desaparecimento quasi simultaneo dos paes, Leonor e Luiz dispersar-se-iam tambem, fechando a liquidação moral d'aquelle lar, debandando elle para a crapula, ella para o claustro. — Seria mais horrivel ainda!

Por esta fórma o conde, por mais que ardidamente volvêsse em todos os aspectos o seu grave cuidado, não conseguia sahir d'este dilemma inevitavel: ou perder-se, confessando aos filhos toda a verdade; ou, evitando-os, perdellos a elles. Ou deshornado, ou abandonado. Qualquer das situações era terrivelmente dura, e não havia fugir d'ali!

Chegava assim o pobre Edmundo, mais uma vêz, a esta conclusão esmagadora, quando Leonor entrou de repente no quarto, ainda de chapéu, tirando as luvas, e perguntou inquieta, fitando o pae com durêza:

— A mãe?...

O conde quizêra morrer n'aquelle momento. Titubeou, pretendeu erguer-se, afastou da filha com angustia os olhos brancos. Mas esta, poisando-lhe com firmêza as mãos nos hombros, e retendo-o com a indecifrável expressão dos seus olhos sideraes, tornou:

— Que é d'ella, a mãe, não me diz?...

— A mãe... a tua mãe... não sei!

— Papásinho, não minta!

— O' filha, como quêres tu que eu adivinhe!

E, n'uma grande emoção, o conde ergueu-se e deu alguns passos incertos pelo aposento, sacudindo a filha, que se ficou pregada no mesmo

logar, pallida de morte, como uma viva censura, com os braços pendendo n'um desanimo e a loira cabeça abatida de tristeza.

— É então verdade?... — balbuciou ella porfim, com pausa, n'uma attitude severa e grave.

— Verdade o quê? - disse de salto o pae, parando.

— Que não quér mais nada de nós, da sua casa, da sua familia, do seu marido, dos seus filhos!

— Quem te disse isso!?

— É verdade ou não é?...

O conde atabalhoou, voltando a andar, n'um gaguejar nervoso:

— Que asneira, filha! Sei lá...

Mas Leonor tornára-se meditativamente séria. Com os cilios vincados, inalteravelmente baixos os olhos á vaga contemplação da alcatifa, e os finos labios pregados n'uma preocupação

mordente, a sua severa immobilitade contrastava nobremente com a pusillanime excitação do pae, que não cessava de agitar-se e mover-se ao acaso, a um e outro lado do quarto, sem uma idea, sem uma explicação, sem um plano, jogado ao acobardamento d'aquella angustiosa situação cingindo-o de toda a parte.

Até que, n'um apiedoso gesto de decisão, sacundindo o hombro, a filha:

— E então agora?...

O pae voltou-se de relance, como mordido por uma vibora, e afflictivamente, ao pé da filha:

— Agora?... Continuamos aqui vivendo, eu, tu e o teu irmão!

Leonor abanava a cabeça n'um desgosto.

— Então que tem! — continuava com vivacidade o pae, tomando-lhe as mãos, o olhar incendiado, todo vibrando na dolorosa ancia de perdela. — Somos a tua familia agora... E por

isso mesmo que somos menos, é que devemos passar a ser mais unidos.

— Dois homens...

— Dois homens, sim! mas capazes de te estremecerem do mais puro e exclusivo affecto; mas decididos e promptos a adorarem-te como se adora uma santa... Tu vaes ver!

Leonor, desviando os olhos, mantinha o seu frio silencio de repulsa. E, implorativamente, afagando-a, beijando-lhe as mãos, Edmundo:

— Filha, então?...

Ella porêrn tornava ao seu inflexivel mover negativo de cabeça; e porfim, com supersticioso horror, murmurou esta phrase, que fêz gelar ao conde o sangue nas veias:

— Bem diz o D. Prior que isto é uma casa de peccado!

XII

Estava-se no primeiro domingo de julho, e, contra toda a expectativa, era excepcionalmente concorrido, essa noite, o pio serão da *Liga da Costura*. — É que se havia concertado ser esta a ultima reunião da temporada. Por isso, mesmo as socias que estavam já fóra, tinham vindo; a começar na velha marquezia, que lá estava gostosamente presidindo, com os seus oculos de aros de oiro e os seus cuidados bandós grisalhos.

N'esta noite, ninguem trabalhava. Esperava-se por uma larga distribuição de tarefas, para todos os mêtzes da estação estival. Havia, assim, um esfusiar besbelhoteiro de segredinhos, ditos maliciosos e insidias causticantes, cruzando-se com vivacidade n'aquelle ambiente envenenado. A termos que a velha marquezia tivéra por mais prudente e adequado aos prestigio da sua alta

categoria, ali, adoptar a sua manhosa attitude de recurso em situações analogas: a nuca apoiada ao esplandar da poltrona de coiro, e com as beatificas mãos cruzadas sobre o ventre, parecia dormir.

Baldadamente, a cada momento, no vivo travamento do dialogo, uma ou outra personagem a interpellava, solicitando a sua attenção, pedindo-lhe conselho. — «O' sr.^a marquezia, não acha?» «Ali a nossa presidente que diga...» «Que lhe parece, sr.^a marquezia?» — Inalteravelmente, para não comprometter opinião, a esphingica ruina mantinha os olhos cerrados e o rosto impassivel, e a cada nova interrogação era infallivel um seu cabeceamento.

Entretanto, a D. Claudina, a quem, no seu convicto dizer, — ninguem embaçava, — mirava a marquezia com um ar esperto, e, descahida ao ouvido do conego Ascensão:

— A mim não me engana ella! Para abrir mais os ouvidos, fecha os olhos.

— É o que eu não tenho alma de fazer... — disse o rotundo conego com doçura.

— Porquê?... Não o entendo.

— O' D. Claudina! fechar os olhos, eu... com a sua fascinadora bellêza deante de mim!

— Eu logo vi... — atalhou Claudina, com um gracioso mômo de enfado; e tocando-lhe familiarmente o antebraço: — Tenha juizo... A phase das baboseiras entre nós já passou.

E os olhares dos dois trocaram-se incendidamente, n'uma intelligencia mutua de peccado.

Depois, seguidamente, a mascarar o incidente, Claudina explicava, com uma tinta de sombria compuncção pesando-lhe no bistre macerado das olheiras: — que tinha feito um grande sacrificio

em vir ali, aquella noite... só ella sabia... depois do desgosto por que havia passado!

— E a sua pobre irmã, a D. Margaridinha, como está? — perguntou com interesse a loira Eugenia.

— Ora, como ha-de ella estar! — tornou Claudina, tristemente.

— A fallar a verdade, enviuar assim tão nova...

— Deus Nosso Senhor a conforte e lhe dê a precisa resignação!... — suspirou a grossa dama dos olhos redondos.

— Foi uma grande desgraça! — murmurou a marquezia, entreabrindo os olhos.

— Mas elle, o marido, quando d'aqui partiu, diz que ia melhor, — interveio o Parreira, a travar conversa. — Ia muito animado.

— A mim me disse isso mesmo o dr. Sampaio, — corroborou com postiza sinceridade a Prazeres.

— Tudo isso é verdade, sim, minha querida amiga... — tornou Claudina, morosamente, torcendo de compuncção as lindas mãos sobre a mêsa. — Mas também não é menos certo, infelizmente, que pouco depois de chegada a Davos Platz, a fraqueza e a ruina de assenhorearam d'elle com uma fúria galopante, até que o aniquilaram por completo! Não fôsse elle um bom!

Um compenetrado silencio de dó se abriu sobre este epicedio a tempo. Quebrou-o a Prazeritos, dizendo com maliciosa petulancia a Claudina:

— V. ex.^a devia ter ido também com elles.

— Que idea!

— Ah, não ha duvida! Perdôe-me a minha amiga... eu sei que com o que vou dizer offendo a sua modéstia... mas seu proprio cunhado era o primeiro a apregoar a toda a gente os seus

impagaveis disvelos de enfermeira. De sorte que, não ha duvida, faltou-lhe lá a sua carinhosa assistencia!

De roda houve uma contida expansão de sorrisos de perversa ironia. O Parreira pigarrou. E o conego Ascensão, n'um sorriso tambem, mas galanteador, segredou a Claudina, que empallidecêra ligeiramente:

— Foi o meio de a vêmos agora obrigada a andar de preto.

— De preto ando de ordinario eu sempre.

— Ai, fica-lhe deliciosamente! - exclamou o faceiro conego.

E um molhado lume de voluptia accendeu os pequeninos olhos azues d'aquelle satyro sagrado.

Ao tempo em que uma menina esgrouviadita e estrabica, de mãos enormes, como palmoiras, e as clavículas aggressivas, gritava com intimativa, punhando a mêsá:

— Ó conego, então? dá atenção ou não dá?...

Que maçador!

Alludia ao *Chico* Parreira, que, sentado entre ella e a Prazeres, parecia suspenso n'uma comunicação palpitante de interesse.

Mas o conego murmurou humilde, espapaçando a caluba rubicunda:

— Ó minha sr.^a! peço desculpa. Que fiz eu para incorrer assim no desagrado de v. ex.^a?

Os mais riram. E quando o silencio se refêz, o *Chico*, passando a mão pela melena com importancia e estimulando com os olhos piscos o auditorio, proseguiu:

— É o que lhes pôsso afiançar, minhas senhoras... É triste vêr-me eu obrigado a dizel-o, tratando-se de pessôas amigas, de collegas nossos... mas a verdade é que não se entendem já! Questionam, ralham todos os dias.

— A todas as horas, é! — acudiu a magrizela.

— Até me consta que elle já lhe bateu!

— Oh!... — foi a exclamação que repudiou unanime esta blasphemia.

— Eu cá não acredito!

— O' sr.^a marquezia, será possível?

A marquezia porêm dormia tão profundamente, que o seu busto oscillou desamparado para a frente, quasi a tocar com o nariz na mêtta.

— A mim parece-me impossivel... — acudiu Claudina, n'uma expressão levemente insidiosa.

— O Fernando é um excellento rapaz, a Olympia é doida por elle...

— Tens a certeza d'isso?

— Foi, foi...

— Ora, onde isso vae!

— Não! não! ó meninas, isso agora, peço perdão! — tornou Claudina com intimativa, simulando a mais estreme ingenuidade. — Ainda

não ha muitas semanas, indo eu a Caneças, com as Trigosos, lá encontrámos os dois muito unidinhos, em bucolico idyllio pelos pinhaes, á procura do trêvo de quarto folhas.

— Essa agora!

— Ah! ah! onde a poesia se foi anichar!

E foi por toda a assembleia um regalado alarido de troça, que o Parreira, já embaraçado e cofiando a barbicha, teve real difficuldade em dominar.

— Olhe que não era isso, minha amiga... — voltou então a implacavel Prazeres. — Não era a folha do trêvo que a nossa pobre Olympia procurava, mas provavelmente os restos do dote...

— O quê!?

— Oh, tambem nem tanto!

— Ora vossês verão...

Aqui o conego Ascensão julgou de seu dever caridosamente intervir.

— Cuidado! que póde entrar a irmã.

— É verdade, a Leonorsinha, que será feito d'ella?... Ha noites que não apparece.

— Não veio pela rua da Emenda, conego Ascensão?

— Não, minha senhora. Nunca venho por lá, senão quando a sr.^a D. Leonor me manda recado.

— Até admira faltar ella hoje!

— Talvêz ainda venha... Tem o irmão.

— Hum! duvido... — resmuneou n'um intimo prazer Eugenia.

— Diz que está inconsolavel dès'que a mãe desapareceu, — informou o Parreira. — Foge do pae e do irmão... é n'aquella casa uma sombra.

- Não é nada que eu não futurásse! — exclamou Claudina, com dissimulada tristeza.

— E a condessa, é verdade, ó D. Claudina?...
— tornou na sua maldosa quesilia a Prazeres. —
Que noticias nos dá? Nunca mais soube d'ella? —
E como, por unica resposta, Claudina lhe
mandasse um olhar de mal contido despeito: —
Eram tão amigas!

— Do que eu estou certo, — disse com
emphatica piedade o conego, — é de que, dentro
em breve, o pobre conde, coitado! fica tambem
sem a filha.

— Para onde ha-de ella ir, ora essa!

— Para a clausura!

— A culpa de tudo isso quem a tem sei eu! —
exclamou com indignado accento a engoiada
interlocutora do Parreira, espalmando n'uma
convicção a palmoira sobre o peito entabuado, e
exaggerando a paropsia dos seus olhos n'uma
visagem de rancor.

Na roda dos circumstantes, adivinhando a irreverencia, houve um movimento unanime de pasmo; enquanto ella, estimulada, continuava:

— Tem-n'a alguém que tambem hoje aqui nos falta...

— Psiu! — commandou Eugenia, n'um sobresalto.

— Alguém que a todas fascina e converte com o poder da sua eloquencia... a todas menos a mim!

A assembleia mantinha-se silenciosa, confrangida n'uma como attitude de protesto, quasi de terror, pela blasphemia. Agora a marquezia, estremecendo, abriu e arregalou os olhos, a atalhar a sacrilega ousadia. E, quasi simultaneamente, a porta do oratorio, ao fundo da sala, abriu-se tambem, e a ella apontou o grande vulto negro do D. Prior, que avançou solememente.

Vinha excessivamente pallido, e o que quér que era de convulsivado e quente lhe arregaçava d'esta vêz as linhas duras do rosto, em que, da profundeza mysteriosa das orbitas e através a espessura descommunal dos oculos, os seus grandes olhos dominadores, de ordinario apagados, n'este momento luziam como carbunculos.

Avançou até junto ao grande bufete, no meio do religioso silencio, da supersticiosa especção de quantos o rodeavam, e erguendo com firmeza o braço apontado á muda treva do oratorio:

— A sr.^a D. Leonor, descancem... está ali fazendo a sua *Hora piedosa*.

E, dizendo, relanceou em torno um olhar feito de imperio e singeleza.

Fizéra impressão no besbelhoteiro conclave esta subita apparição do D. Prior, sahindo inopinadamente do oratorio, n'aquella altura do

dialogo e com aquelle transtorno apparente da expressão. — Supponham-n'os todos ainda ausente; já a loirêta Eugenia havia lastimado, em piedosos suspiros, a sua ausencia, receando que elle não viésse; e afinal a austera e persuasiva figura do padre surgia-lhes ali assim, subitamente, grande e sinistra como uma apparição sobrenatural... Por isso todos o haviam fitado com espanto. A marqueza despertára finalmente. O conego Ascensão julgou a proposito espirrar com força. A Eugeninha, com uma onda de carmim nas faces, desdobrou sobre a mêsã o seu rico escapulario bordado, que tinha concluido. O Parreira ergueu-se e tomou ao vão d'uma das janellas, a disfarçar, mordendo os beiços. E só os olhos petulantes da D. Prazeres e da energica declamadora de ha um instante, se cravavam com maldosa insistencia no padre, tentando profundar-lhe os mais reconditos recessos da alma, n'uma

intenção ao mesmo tempo de espanto e de sarcasmo.

Porfim foi o D. Prior, que por demais conhecia o enorme ascendente moral de que ali dispunha, quem primeiro rompeu o silencio.

— Mas que extranhêza, que espanto é este, não me dirão, minhas senhoras?... Por amor de Deus! dir-se-ia que é a primeira vêz que me vêem.

— N'aquelle preparo, é... — segredou a Prazeres para o Parreira, que tinha voltado a sentar-se junto d'ella e fazia grandes esforços para não rir.

O padre continuava:

— Eu cheguei hoje primeiro que as senhoras... uma questão de acaso.

— Nada mais natural! — disse Claudina, ironica, piscando o olho ao conego.

— E primeiro ainda do que eu, — tornou com firmeza o D. Prior, — tinha já chegado a D.

Leonorsinha, essa incomparavel e purissima creança... tão adoravel, tão abrasada de fé, tão simples... uma das mais admiraveis e santas creaturas que da transcendente omnipotencia do seu seio desterrou para este mundo o Senhor.

— Mas o que ella veio hoje de cêdo! — mastigou, sempre de troça, a magrizela, do outro lado do Parreira e acotovelando-o.

— Tambem acho natural, — compôz a marqueza.

E logo, acceitando a deixa, o ardiloso padre:

— Pois certamente! Esse anjo sabia muito bem que era hoje a sua noite de devoção, e naturalmente o fervor mystico em que se sublima a sua alma, fêl-a antecipar-se. A sua piedosa impaciencia não lhe consentia delongas.

A diaphana e sonhadora Eugenia, afflicta e com os olhos humidos, torcia-se na cadeira e não sabia como estar. Os restantes escutavam com

atenção o padre, maravilhados, n'uma vaga suspeita.

— Ó D. Prior, diz-me uma coisa?... —
arrastou com maliciosa intenção Claudina. —
Tem a nossa escala de cór?

— Pois então não tenho! — disse, sorrindo, o interpellado; mas logo, attingindo o laço em que queriam colhel-o, n'uma dissimulação perfeita: — Que, isto é, tenho e não tenho... Sei, lembra-me vagamente a ordem em que cada uma de vv. ex.^{as} deve entrar de oratorio, e é essa a minha obrigação; mas sem que póssa individualmente fixar, a respeito de cada uma, se é em tal ou tal dia.

— Ah, isso sim...

— De sorte que isto agora foi uma questão de acaso, comprehendem bem...

— Ha acasos providenciaes! — observou para o lado, a meia voz, a Prazeres.

Os olhos de cinza do padre, que a ouviu, fuzilaram; mas logo, dominando-se:

— Esta pobre menina, creiam vv. ex.^{as}, faz-me dó... porque se debate n'uma formidavel crise moral. É positivamente o demonio a experimental-a, ponham ali os olhos! Pungem-lhe vergonhosamente na alma, esgarçam-lhe o coração, os desvarios e escandalos da familia. O devêr commanda-lhe que viva junto do pae, o sentimento e o instincto repellem-n'a para longe d'esse degradante espectaculo de peccado... N'esta afflictiva incerteza, não sabe esse desnortado anjo que fazer... Interroga com anciedade o céu; mas como não logrou ainda que um raio de inspirada luz descesse a aplacar a revôlta inquietação da sua alma, recorre então a mim! Solicita a miude, á falta de melhor, o remedio da minha consolação espiritual. E eu, esquecidamente, dedico-me a prodigalisar, quanto

sei e quanto pôsso, conselhos e alentos a esse privilegiado sêr, que por todos os titulos era merecedor d'uma outra sorte!

— E o que lhe aconselha o D. Prior, póde saber-se? — tornou Claudina.

— São segredos de confissão!

E tendo mansamente insinuado estas coisas suaves e meigas, com uma arte insigne e uma hypocrisia perfeita, o D. Prior, mudando agora de tom, levemente ironico, epilogou:

— De resto, entendamo-nos bem... estas considerações em que eu me estou explanando, não são de modo nenhum uma justificação.

— O' D. Prior!

— Seria indigno de todos nós!

Recrudescia agora de roda da mêsa o bulicio, e todos achegavam cadeira, todos pregavam olhos de attenção nos dois grandes fardos que, successivamente, a velha Gertrudes viéra, muito

ajoujada, poisar deante da marquezia. E esta, com um beatifico sorriso, tendo composto os oculos, desembrulhava devagar. — Era o grosso das tarefas que iam ser distribuidas, como quinhão de trabalho para durante o verão. O D. Prior, solemnemente, e postos todos de pé, abençoou, primeiro. Depois, a distribuição começou, mas um pouco tumultuaria e não sem difficuldade, porque, na especialização d'aquella grande diversidade de pias obras, os caprichos de predilecção das postulantes, por vêzes, encontravam-se, sendo insufficiente a auctoridade da marquezia para impôr a solução mais prompta. Assim, teve grande reluctancia a D. Claudina em acceitar uma factura de duzentas toucas para a *crèche* de Santo Amaro, porque «achava muito... não se entendia com creanças»; e, egualmente, bastante custou a convencer a obêsa dama dos mitenes a que ficásse com a encommenda que lhe destinavam, um

trabalho em que era eximia, porque, dizia ella, «já não era para a sua idade... estava farta de ceroulas.»

Mas tudo afinal se atramochou, melhor ou peor. O essencial era que o complexo problema se resolvesse depressa, porque tinha forçosamente que dissolver-se cêdo a reunião. Claudina e a marquezia não queriam perder o ultimo comboio para Cintra; e Eugenia, que estava em Bemfica, tinha mêdo de andar, tarde da noite, nos electricos. Por isso começou logo a desfazer-se a pequena assembleia, — cada uma com a sua trouxinha sobraçada, — antes que Leonor apparecesse, e mesmo antes que ninguem se despedisse d'ella, a não ser a marquezia.

Esta entrou uns minutos no oratorio, e voltou embevecida, radiante, com um vivo e espiritual alento patente na expressão. — Que a Leonorsinha lá estava... que fervor! que

perfeição! Parecia uma santa! — E explicou mais: que vinha o irmão buscal-a. Estimuladas na curiosidade, as mais queriam entrar tambem. Mas, com insistencia, o D. Prior aconselhou que não fôsem perturbal-a... que não interrompessem com pensamentos e distracções profanas aquelle piedoso meditar.

Elle mesmo deu o exemplo, sendo uma das primeiras pessôas a sahir; e rapidamente, depois, a debandada estabeleceu-se, n'um grande tumulto chalrante de interjeições, de lembranças e de beijos; e ninguem mais pensou em Leonor.

Ao metter-se no seu trem, o D. Prior indicou bem alto ao cocheiro a rua do Quelhas. Mas, não obstante, apenas attingido o Atêrro, o *coupé* parava, e afastava-se rapidamente depois de o D. Prior se apear. E este começou então perdidamente vagueando, como que a fazer horas, por entre aquella chaotica profusão de sombras. Ia

e vinha, ao acaso, n'uma atoadá incerteza... afastando-se bruscamente d'um ponto aonde, por qualquer inexplicável razão, momentos depois voltava; rabiosando em giros incoherentes de phantasma, em que a sua ardente obsessão interior lhe entaramelava os passos; todo cosido agora, em precauções de facinora, com a negra projecção da casaria, e indo logo a seguir, em amorosas tentações de suicida, contemplar a agua gorda do rio, á beira dos caes desertos... Evidentemente, uma aspera e tormentosa lucta íntima o trabalhava, — lucta em que o seu desvairado espirito sentia com terror todas as reacções salutaes írem successivamente tombando, deante da sua animalidade em fogo, deante da sua imaginação em delirio.

Porfim, como vergado a uma fatalidade, com passo firme e resolutó arrepiou caminho e subiu novamente, pela Esperança, á travessa das

Mercês, com os labios frios crispados n'um mau riso de triumpho. E então, junto á casa da *Liga*, metteu chave na porta e entrou furtivamente, com infinitas precauções, atravessando agora, com o passo tardo raspando o sobrado, a sigilosa escuridão das duas primeiras salas, até penetrar finalmente no oratorio, — ante cujo altar mal se debuxava, na agonisante luz da lampada, e prostrado de bruços no soalho, um immovel vulto branco.

XIII

Era ao tempo em que o conde, no seu elegante gabinete de meditação e estudo, velava ainda, trabalhado de vagas apprehensões, torturado n'aquella sua cruciante, e quasi inalteravel, agonia intima, que ha semanas sem repouso lhe inviperava o sangue, e para essa noite fatalmente lhe annunciava mais uma insomnia.

E n'esta noite, com effeito, as inquietações e os cuidados amontoavam-se por fórma a desbaratar-lhe cruamente os ultimos restos de tranquillidade a que com afêrro se apegava a sua rôta carcassa de valetudinario e a sua alma exaurida de prazer. — De dia, tivêra uma visita irritante e incommoda: o advogado da condessa, que tinha vindo tratar dos preliminares da separação. Isto obrigára-o a soffrer um interrogatorio, por vêzes humilhante, relativo a

pormenores da feição mais involavel do seu fôro intimo, bem como a sujeitar-se aos articulados d'uma inquirição minuciosa da sua fortuna.

Ficára mal disposto para o resto do dia, com o pensamento amortalhado em crépe, como que reflectindo a tristeza e o luto infinito que lhe enregelava a alma. Ao jantar, angustiosamente, pedira a Leonor que lhe confiasse o ineffavel segredo do seu viver; que lhe ensinasse como é que se podia levar assim, pura e serenamente, a vida, como que embalada entre o cruzamento da alta luz dos astros, e as paixões caladas e dispersas na vaga doçura divinal das coisas... E agora, eram aquellas horas, e a mesma Leonor sem apparecer, a sua querida filha! Fôra para a *Liga da Costura*, acompanhada pelo irmão, elle bem sabia. Assim como tambem sabia que o Luiz ficára, infallivelmente, de a ir buscar. — Mas quem podia fiar-se n'aquelle zorato, n'aquelle valdevinos?... E

perdido como elle andava p'lo démo da hespanhola, demais a mais! A desavergonhada estava de partida, e o rapaz trazia por isso a cabeça tonta! Nunca o vira assim... uma desgraça!

Havia um meio bem facil, bem simples, de pôr termo elle mesmo á sua inquietação. Mettia-se n'um trem e ia n'um instante á *Liga*. — Mas não, não... — Um supersticioso receio o retinha, succumbido por completo, na dura frialdade d'aquelle gabinete, muda testemunha das solitarias devastações da sua alma. Preso por uma cobardia indominavel, ali se conservara, apathico e interte, n'um instinctivo horror de ir de encontro á desgraça... abandonando-se passivamente a essa temerosa ruina de ignominia e solidão em que fatalmente o seu lar se esbarrondava.

De repente, pareceu-lhe ouvir tocar com força a campainha do portão. Estremeceu. Ia a erguer-se e um instantaneo raio de alegria lhe accendeu

os olhos mortaes. — Era a Leonor! — Mas, logo a seguir, hesitou e conteve-se, tomado d’um frio agoirento. Pregou-o no mesmo logar uma acre anciedade... não fôsse elle, com prematuro alvoroço, correr ao encontro de mais um desengano!

Fitando, entretanto, o ouvido, — d’ahi a segundos distinguio que um leve passo familiar vinha subindo a escada. E logo um vulto de mulher á porta. Mas não era Leonor... era Olympia!

— Ó Olympia! minha filha... — exclamou o conde, n’um grande salto de espanto. — Tu por aqui, a esta hora!?

Olympia abanou a cabeça tristemente.

— Teu marido?...

A filha, com o busto abatido, não respondeu.

— Não veio?... — tornou o pae inquieto.

E como Olympia, por um gesto severo, indicásse que não, o conde tornou então afflictivamente, com os raros cabellos em pé, adivinhando mais uma desgraça

— Filha! que quér isto dizer?...

Olympia chorava.

— Elle está doente? Aconteceu-lhe mal!

Novo gesto negativo da filha, que afogava o rosto nas mãos, por cujos deditos redondos já passavam as lagrimas.

— Então que aconteceu? — tornou anciadamente o pae. — Filha! que novo dissabor me espera, co'os demonios?...

Por unica resposta, Olympia avançou para o pae de braços abertos e atirou-se-lhe contra o peito, apertando-o amorosamente, n'um estrangulamento de naufrago, afogando no seio do conde o rosto desfeito em lagrimas. E por alguns segundos permanecêram assim os dois, muda e

amarguradamente, irmanados como que na commum e espontanea expiação da mesma falta, elle com a alma transida de remorso, ella com o coração retalhado de amargura.

Depois o conde fêz de mais forte, e conduziu a filha carinhosamente para um *fauteuil*, mimando-a, beijando-a muito, afastando-lhe da testa com doçura a pasta dos cabellos humidos. E, sentado depois deante d'ella, batendo-lhe affectuosas palmadas nas mãos, pondo na voz meigas inflexões de que elle mesmo se admirava:

— Minha querida filha, anda cá... mas então que foi isso? que tens tu?...

— Que havia de ser!

— Temos alguma ligeira borrasca conjugal, não é assim?

Olympia manteve um silencio inquietante. O pae tornou:

— Que mal te fizéram?

— O peor que o pae póssa imaginar!

— O quê!?

E, ao ouvir essa phrase angustiosa, dita pela filha com a mais dolorida e sincera expressão, o conde aprumou-se com energia, n'um instinctivo movimento de vindicta. Mas logo Olympia, explicando:

— A culpa não foi sua...

O conde abria os olhos com interesse.

— Nem sua, nem da mamã... Muita gente me avisou, bem a tempo. Eu é que teimei.

— Mas teimáste em quê?...

— No meu casamento, — disse Olympia com amargura; e voltando a soluçar: — Oh, que deploravel cegueira a minha!

— Mas então porquê minha filha?... O Fernando não é teu amigo?

— Nunca o foi!

— Maltrata-te?

O soluçante afflar de Olympia cresceu; o que fêz o conde tornar, com vehemencia:

— Responde!

— Eu é que nunca lh'o consentiria!

E, dizendo, Olympia erguia o busto com decisão, retesando os braços, e uma grande inflexibilidade de expressão nos olhos duros.

Dôce e persuadente, o pae interveio:

— Ora, por mais que tu me digas, não pôsso crêr... Seria uma monstruosidade! Isso são por força quaesquer arrufos passageiros... chuva de verão... hão-de passar, não valem nada.

Olympia teve um sorriso singular. E o pae, tolerante:

— D'aqui a nada está elle ahi, a vir-te buscar.

— Ah, não vêm! não vêm!

O conde fitou demoradamente a filha, no instinctivo terror do funesto lance que adivinhava. E com uma grande anciedade:

— Como tens tu a certeza?...

— Não vêm... — accentuou Olympia, com um frémito amargo de desdem nos labios brancos.

— Mas que te fêz elle então? dize, sê franca, abre-te comigo! Quéres que te acompanhe a casa?

— Ah, não! não! — prorompeu de repellão Olympia, erguendo-se.

— Porquê?...

— Aproximar-me d'esse homem indigno e reles, nunca mais! nunca mais!

— Olympia! estás doida...

— Não volto, não, meu pae!

E Olympia, com inflammado vigor, com uma energia sensibilisante, depois de fitar frente a frente o pae, desandava agora a rodar tumultuariamente pelo quarto, n'uma grande abundancia de gestos, projectando os braços e abrindo as mãos em repulsas de tédio; emquanto o desolado conde, prostrado no seu *fauteuil*, livido

e com as palpebras muito abertas, gemia dolorosamente:

— Eu logo vi, eu logo vi... Eu adivinhava isto! Não ha fugir, não ha defêza possível... É a minha completa desgraça!

Haviam-se realizado, com effeito, as previsões pessimistas do conde, da primeira vêz que, no dia seguinte ao baile, Henriqueta lhe fallára no casamento da filha. Mergulhavam infelizmente essas funestas apprehensões em raizes bem profundas. — Este Fernando era um puro *délassé*, um pulhastra de origem e um sceptico de educação, um d'estes bandalhos medulares e d'estes frialões convictos que atravessam n'um rasto pegajoso e sujo de mollusco, sem dignidade e sem ideal, a vida. Filho unico, mimado em demasia, com uma instrucção rudimentar e um regimen de excesso estimulando ao vicio, desde a mais tenra mocidade que a

exclusiva preocupação d'este sybarita precoce se tornou a caça, ardilosa e constante, ao bem-estar e ao prazer. Pela morte dos paes ficára unico senhor de alguns contos de réis, que breve desbaratou com mulheres faceis, jogando e viajando, no verão fazendo a ronda alegre dos *casinos*, no inverno rodopiando n'esse estreito circulo vicioso que a nossa bohemia burguesa traçou, entre o Tavares e o Dafundo. — E como tal era na sociedade sobejamente conhecido.

Entre as suas relações de acaso, viéra elle a encrustar-se no convivio intimo da Octavia do Ferregial, — uma antiga mundana, passada á disponibilidade, mas pintando ainda admiravelmente bem de loiro o cabello, e a cuja exuberante e apparatusa figura lenda collára o prestigio das mais estavanadas aventuras de amor. Parecia uma rara sobrevivente da época esturdia dos Marialvas e dos Nizas, pelo delicioso encanto

da sua conversa e a impudencia adoravel dos seus escandalos. Fernando deixára-se perdidamente dominar por ella, pela plenitude de gozo que lhe prodigalisava, pelas viciosas seduccões de que esta diabolica mulher lhe desnudava o segredo... Acrescendo que o alôr ardente da imaginação lhe complicava os requintes do convivio sensual com a visionação, ampliada e fumegante, d'essas lindas historias folionas do passado.

Assim tinham, de banda a banda, os dois desbaratado em commum os seus ultimos recursos, doidamente envoldos n'um delirio sensual que era do mais acirrante sabor para a antiga mundana, — a qual, havendo colhido a impagavel fortuna de surprehender, quasi ainda no periodo da iniciação, este joven debochado, se exforçava em retribuir-lhe com generosidade, compensando a sua carencia de mocidade pelas

estonteadoras surpresas da sua arte de amar, inédita e perfeita.

D'ahi um dominio crescente e inevitavel sobre os nervos exhaustos e a derrancada phantasia d'esse rapaz, precocemente envelhecido. Vêr Fernando deante de si Octavia, nos seus 48 annos florescentes, com o seu rir aphrodisiaco, com a sua carnação abundante de experiencia e vibrante de prazer, com os seus fartos braços torcidos em rôscas de peccado, o mesmo era que sentir-se absolutamente perdido, sem raciocinio e sem vontade, saborida e voluntaria prêsa do quebranto dissolvente dos sentidos. Conhecia-se envolvido por aquella embriaguez de *envoûtement*, e, longe de reagir, achava uma volupia ineffavel em se entregar á sua tyrannia em freio e sem limites. E em breve os dois, crapulosamente irmanados, tinham fechado entre si um pacto, formavam uma especie de liga, de syndicato de exploração

material do goso, obtido não importava por que processos, fôsse á custa de quem fôsse. — Ella gosava com o progressivo abandalhar do amante; elle, nas intensas revelações da sua libertina aprendizagem, tinha vertigens de prazer.

Mas como tambem, vertiginosamente, os recursos monetarios iam mingando, um dia Octavia insinuou ao amante:

— Olha lá, porque te não casas tu?

— Casar-me eu!? — objectou o Fernandinho com indignado espanto.

— Casar, sim... — tornou ella, com seu riso estimulante. — E quando te digo que procures esposa, entende-me bem... não quero de modo nenhum dizer que esteja disposta a abdicar, a beneficio ahi d'uma delambida qualquer, do teu amor...

— Ora cala-te ahi!

— Não, isso de modo nenhum! Mas...

— Cala-te!

— Ouve... Mau! não me armes agora em indignações postizas, não estejas a representar p'ra mim. Quando te digo que cases, é como se te aconselhasse: arranja um dote.

Fernando teve uma fria retracção na consciencia, que se lhe trahiou dolorosamente na expressão. Porém, refractaria á vergonha, a ardilosa amante:

— Que tinha isso de extraordinario?...

— Estás doida!

— Não sejas piégas! Arranja noiva, anda-me...

— Ora!

— Sempre és muito creança!

Fernando, agora ja um pouco quebrado, aproximou os labios dos labios d'ella, e, langorosamente:

— Não tinhas ciumes?

— Eu não... — murmurou Octavia, mordendo-o, com ternura.

Fernando fugiu-lhe, n'uma crisperação sensual; e depois d'uma pausa:

— E nem a coisa era facil... Não se caçam dotes como quem mata pardaes.

— Quando se tem a tua belleza, a tua mocidade, a tua figura... — estimulava Octavia, devorando-o com o olhar.

— Era uma maçada! Tenho-te a ti... não preciso.

— Mas é exactamente para me poderes ter a mim...

E, astuta e longamente, os incendidos olhares dos dois cruzaram-se, na mutua assimilação do mesmo pensamento abjecto. — Estavam entendidos.

— Olha, procura pelas associações beatas, — ensinou Octavia. — Não ha melhores agencias matrimoniaes.

— Sim, dizes bem... — concluiu Fernando.

Sellaram então com um demorado beijo o seu plano.

E foi como Fernando, por intermedio do conego Ascensão, se introduziu na *Liga da Costura* e veio a fazer de Olympia sua mulher.

Mas casamento foi este que, nem mesmo por convenção ou por ironia, chegou a ter a obrigada *lua de mel*. Bem adivinhára a pobre Olympia, já n'um começo de arrependimento e simples noiva ainda! — Passadas as primeiras noites sobre o seu mal agourado enlace, logo ella começou a ter que aguardar com tristeza, por vêzes até altas horas, que o marido recolhêsse, inexplicavelmente transviado por Lisbôa e deixando a sua querida mulhersinha, desamparada e só, n'aquelle rustico

gyneceu de Paços d'Arcos, que se lhe tornava então horrorosamente solitario! Começou mesmo a acontecer, umas noites por outras, e sem plausivel explicação, ter esta viuvinha precoce que resignar-se a adormecer com o carinhoso logar a seu lado, no thalamo, vasio... Debalde ella se lamentava, resingava e chorava, n'uma implorativa revolta de todo o seu sêr, fresco e vibrante, armando irresistivelmente á piedade. Fernando resistia; acolhendo tão justas demonstrações, toda essa investida ardente de indignação e de ternura, a principio com desdem, e com uma crua frieza depois, cortada de impaciencias.

Ao mesmo tempo, cá fóra, no grande mundo, Octavia voltára a ostentar um luxuoso trem de vida e uma felicidade arrogante, como havia muitos annos se lhe não via. Fernando não se mostrava em publico com ella, mas nem por isso

deixava de boquejar-se que o seu escandaloso *entreteneur* era elle, á custa da inexperta condescendencia e do chorudo dote da mulher. E os boatos picantes em torno d'este canalha episodio avolumaram por fórma, que por fim chegavam fatalmente aos ouvidos de Olympia. Assediaram-n'a barbaramente, n'uma dolorosa surpresa, sôb a fórma de intencionaes reticencias, primeiro, depois nitidamente formulados em lamentações e conselhos das amigas. E eis como para ella veio a evidenciar-se a achincalhante e esmagadora verdade. — O seu marido tinha uma amante, que mantinha quasi exclusivamente á custa do dote que ella lhe trouxéra, e, não obstante, tratava-a por fórma que parecia ser elle quem dava á mulher a esmola do sustento!

Então a pobre rapariga desesperava-se. Sentindo-se assim despenhada bruscamente do mais illuminado e alto das suas illusões, sem

coragem para ir affrontar claramente a verdade, sem animo tambem para se abrir com a familia, — ao que se oppunha o seu orgulho, e a inconsistencia dos laços moraes que a ligavam aos seus, — Olympia arrastava uma vida verdadeiramente atribulada e horrivel. — Que o Fernando viésse a ter amantes, calculava ella... porêm mais tarde. Era o que ouvia dizer dos outros homens. Porêm assim, com aquella rapidez, abandonada e roubada, era um cumulo! era a formula mais completa e mais humilhante do desprezo... — E a cada momento em que a esta deprimente conclusão chegava, Olympia debatia-se, a sós com a sua dôr, em temerosas crises de exaspero.

Para mais, um outro facto veio ainda conjugadamente peiorar-lhe a condição, arranhando-lhe a dignidade e tornando-lhe por vêzes o viver insuportavel. E foi que,

naturalmente, logo em torno d'este lar, de evidencia gafo e minado de ruina, começaram a rodar malignamente os gusanos do adulterio. Denunciava-se-lhes aqui prêsa prompta e facil, ao faro insalubre dos *D. Juans* de alcôvas suspeitas. — Já não era agora Olympia senhora de apparecer na sociedade, que logo em volta d'ella não formigassem, interesseiros e sollicitos, os admiradores. Cada um pretendia abrir brécha n'aquelle joven coração chagado. Porfiavam em confortal-a, suggerindo-lhe banaes vinganças, trazendo-lhe a persuasiva offerta d'esse sonhado amor que lhe faltava. E esta torpe concorrencia, em que ella sentia, bem contra o seu querer, a alma trazida a leilão, o corpo offerecido em almoeda, agitava-a em tempestades de indignação; era um travôr de achincalho a aziumar-lhe o infortunio, — o que acrescentava ao seu desespero interior arrebatados impetos de revolta.

Fernando e Olympia haviam casado sem escripturas. Ainda chegou a fallar-se n'isso; mas o lascarino, que tinha o seu plano, fêz uma visagem de desgosto, que era a tacita reprovação de formalidades puramente dispensaveis, de seguranças que elle reputava attentatorias dos seus brios; e não mais se pensou em tal. E o casamento fêz-se rapidamente, sem quaesquer clausulas relativas aos bens dos nubentes, graças á alvoroçada precipitação de Olympia e á ingenita repugnancia do conde em tratar de negocios.

Limitára-se este, desenfastiadamente, a dotar a filha em 60 contos de réis, dos quaes a terça parte aproximadamente em bens immoveis, n'estes entrando a vivenda de Paço d'Arcos, e o mais em inscripções de assentamento, acções de companhias e bom dinheiro de contado. Com respeito aos immoveis não havia perigo, pois não poderia Fernando alienal-os sem consentimento

da mulher. Quanto ao dinheiro, convencionára-se verbalmente que o excedente das primeiras e obrigadas despêzas de installação, seria convertido, segundo o uso, em papeis de crédito. Mas os dias, as semanas fôram passando sem que, ora por um motivo, ora por outro, semelhante conversão se fizésse, de sorte que, a pouco tempo andado, todo esse dinheiro, estupidamente dissipado por Fernando, era como se não existisse.

Mas havia mais e peor. — Aquelles papeis de crédito dotaes haviam sido averbados em nome de Olympia. Pois, uma bella manhã, era tempo de receber o juro d'uma porção de inscrições de 3 por cento, e Fernando, muito naturalmente, pediu á mulher que as assignásse, deixando um certo espaço em branco entre a sua assignatura e o averbamento anterior. Olympia, instinctivamente, hesitou; porêm elle explicou-lhe a exigencia d'aquella formalidade por quaesquer especiosas

razões que a mulher, na sua ignorancia do assumpto, teve afinal por boas, e assignou. Comtudo, uma apprehensão, uma teimosa duvida a ficou laborando, que não a deixava sossegar... Depois d'alguma hesitação, indagou indirectamente, pelas amigas; chegou a informar-se, pondo o caso como uma hypothese muito remota, com um advogado. E assim veio a descobrir a infamia. Por via d'uma simples verba, intercalada entre o averbamento anterior e a assignatura de agora, — verba que, aliás, esta sua mesma assignatura authenticava, — as incripções tinham passado da pósse d'ella para a pósse de Octavia. Estava positivamente roubada! E por quem!

Valeu-lhe uma syncope a descoberta. Ia quasi succumbindo o seu temperamento melindroso e morbido, a esta crise paroxysmica de raiva e de vergonha. Mas não se queixou, não exteriorisou

os sentimentos extremos que lhe tumultuavam na alma. Nem procedeu judicialmente, nem exprobrou o marido. Devorou no mais absoluto silencio aquella dupla affronta, abroquelada na sua altivêz, entrincheirada no pudor da propria desgraça.

Porêm muito não tardou que Fernando não viésse arditamente, junto d'ella, com segunda manobra equal. — D'esta vêz Olympia, fitando-o com uma expressão dura e insultuosa, recusou-se. O marido insistiu, e ella, inflexivel, voltou-lhe as costas. Então Fernando, abruptamente, perdido todo o sentimento do decôro, desmascarando-se, correu em pós de Olympia, arpoou-lhe o braço e arrastou-a para junto da mêsa com violencia brutal. E ella, lívida de morte, com amarga sobrançeria, sustendo as lagrimas, resistiu sempre.

— Nem que me mates! — contestava invariavelmente, dura e altiva, a cada nova intimação.

... Á noite, abalou de casa.

Foi o que Olympia, n'aquella alta noite de julho, n'uma luz mortiça de velas quasi gastas, no immobilismo crepuscular das coisas, disse nervosa e atropelladamente ao pae, sem uma hesitação, sem uma reticencia, com um desembaraço e uma cruêza que lhe vinham fumegantes da sua grande desordem interior. E em toda esta sua narrativa, a unica nota emotiva era a indignação. Não vibrava um carinhoso queixume, não arrulhava uma d'estas doridas lamentações que vêm direitas ao coração e denotam, entre as almas que as modulam, uma estreita mutuidade de affecto. A esbulhada e vilipendiada esposa queixava-se ao pae, como faria o seu relatorio verbal perante o juiz, pedindo a separação. E por

seu turno tambem o pae, no quebramento d'aquella constancia de commoção, com que não podia, acabára por escutal-a taciturno e molle, com mais assombro do que piedade, com mais curiosidade do que ternura.

— Mas isto não tem geito nenhum! — disse elle porfim, morosamente, erguendo a cabeça fatigada.

— Não sei se tem, nem se não tem! Eu p'ra casa é que não volto!

— Que tencionas tu então fazer?

— Eu sei! Viver p'r'ahi ao acaso... dar cabo de mim... abalar p'ra muito longe!

— Tens a casa de teus paes...

Olympia cravou os olhos no conde com a sua peculiar dureza, e teve na expressão um amargo vinco de censura. Era como se lhe perguntasse: «Paes?... E onde os tenho eu?»

O conde, que percebeu, torceu-se no *fauteuil*; e a desculpar-se:

— Todavia, este casamento ninguém t’o fêz... Tu lá escolheste á tua vontade.

— Sim. Queria, precisava um marido... para apparecer no mundo, ter trem de casa meu e fazer morder de inveja essa Prazeres, essa Eugenia, e tantas outras que se diziam mais bonitas e mais prendadas do que eu.

— Deixa-as fallar!

— Quiz mostrar-lhes que tinha, mais depressa e melhor do que ellas, quem gostasse de mim.

— Comtudo, o teu primeiro cuidado devia ter sido tu mesma assegurares-te se gostavas...

— Ora, papá... eu via cá em casa.

O conde empallideceu.

— Sim, o papá e a mamã, apesar do que havia, viviam muito bem... nunca havia zangas... a mamã era, e continuará sendo, uma figura dominadora

do nosso mundo elegante, tinha theatros, admiradores, *toilettes*, joias...

— Por isso deu o resultado que deu!

— Ora, papá! tinha de ser...

— E queres-lhe tu seguir as pisadas?

— Precisava casar, ter nome d'um homem.

— O nome d'um homem custa caro.

— Levava-lhe o meu dote... Mas sem seguranças, e este é que foi o meu erro! Que sabia eu d'isso?

— Foi o diabo, foi!

— Que tambem, fôsse porque fórma fôsse... oh, como é horrivel isto! — accentuou Olympia, desatando novamente a rodar impetuosa pela quadra. — Mas, não! não! decididamente eu nunca o poderia aturar!

O pae, suasivamente, procurava acalmal-a.

— Deixa, filha... o que eu tenho ainda chega bem para ti.

— Ah, mas é que eu... muito obrigada... eu é que não quero! Casei, emancipei-me.

— Tens aqui toda a liberdade...

— Compatível, d'aqui a pouco, com os seus achaques... — interrompeu Olympia, agitando-se sempre, n'um sarcasmo pungente. — Nada! nada! O papá perdôe-me... Era o que me faltava! Depois do que me aconteceu, mettida agora entre quatro paredes... Endoidecia!

— Vaes então viver só?...

— E p'ra muito longe d'aqui! á aventura, sim... Aqui em Lisboa de modo nenhum! Nem quero dar gosto ás minhas rivaes, nem poderia aturar os... pretendentes.

O conde baixava a cabeça e apertava as mãos dolorosamente.

— É uma doidice!

— É talvez a minha fortuna!

— Filha! — atalhou, reprehensivo, o conde; e depois, desolado, gemeu. — Deixas-me só!

— Tem ahi o Luiz, a Leonor...

— A Leonor!... — exclamou afflictivamente o pae, erguendo-se. — Sei lá d'ella! Quem sabe se tambem a estas horas?... A Leonor!... Mas é que positivamente eu tambem não sei d'ella, não... a minha querida filha!

Tomada de espanto, Olympia avançou de salto para o pae, a perguntar:

— Meu pae! que quér isto dizer!?

Mas o conde, acabrunhado e gemendo, avançou tambem, cambaleante, para a filha, e agora era elle que lhe atirava em peso o descadeirado arcaboço contra o regaço, sem responder.

— Por amor de Deus! explique-se... Que aconteceu a minha irmã?...

— Deixou-me antes de ti!

— Como, deixou-o!?

— Não sei, não sei... nem d'ella, nem do irmão! Sahiram os dois, ficaram-se não sei por onde!

— O' meu pae! eu não percebo nada, eu perco-me... Por amor de Deus!

Então o conde, rapidamente, contou a Olympia o que se passára: como os dois, depois de jantar, tinham sahido, dizendo Leonor que ia á *Liga da Costura*, e ficando o irmão impreterivelmente de a ir buscar; e que, afinal, eram aquellas horas e nem um nem outro apparecia.

Depois, n'uma violenta crise de sensibilidade, aprumando-se e sacudindo para longe de si a filha:

— Mas, já agora, vamos! deixa-me tu tambem... deixem-me todos! Vamos! sem cerimonia... É o que tantas vêzes lhes tenho pedido! É como eu fico melhor!

E cahia novamente em pêsso sobre o *fauteuil* n'um grande aniquilamento moral, succumbido de cansaço e de vergonha; enquanto Olympia, com a sua linda testa de sandalo vincada apprehensivamente, sahia n'um relampago do quarto, os olhos muitos brilhantes e o coração galopando inquieto. — Correu primeiro aos aposentos da irmã, a seguir entrou no quarto do Luiz, e acabou por interrogar o guarda-portão, depois de haver interpellado os outros creados. — Com effeito, a mofina duvida do conde ahi estava completamente de pé! Não tinham entrado ainda... não era natural aquillo! E sem haver noticia nenhuma... Quem sabe se não estavam em frente de algum estupendo, de algum sinistro mysterio?...

E de repente, sacudida por um presentimento funesto, trespasada de pavor, Olympia estremeceu, como varada por um raio, enquanto

uma afflictiva exclamação se lhe estrangulava na garganta, arida de angustia.

Voltou anciosamente adonde ao pae, sacudiu-o, despertou-o com imperio, e com os mesmos olhos brilhantes, com o gesto energico, disse, na inilludível convicção do seu instincto feminino:

— Meu pae! Vamos á *Liga*, n'um instante! Avie-se!

— O quê!?! á *Liga*? — balbuciou, amnesiado, o conde, erguendo idiotamente a cabeça, n'um entorpecimento embrutecido.

— Á *Liga*, sim! Era o que já devia ter feito ha muito! — E como o pae, machinalmente de pé, continuásse a encaral-a com a mesma atolambada expressão: — É que a Leonor está lá... está lá forçosamente. E o pae aqui assim tão descançado! Está lá, digo-lh'o eu... Oh, os homens, os homens! — Já levava adeante de si o conde, empurrando docilmente para o corredor. —

Vamos! vamos! a Leonor está lá... Eu nunca me engano... Está lá e não está sósinha! Oh, é horrivelmente monstruoso o que eu suspeito! Mas talvez ainda seja tempo... Vamos! vamos depressa!

Era ella quem punha n'um relance o chapéu na cabeça do conde, o qual, passivamente, continuava a encarar a filha com a mesma inercia imbecil. E aconchegava nervosa a capa aos hombros, e arrastava com impeto o pae para a escada.

— Avie-se! Vamos!

D'ahi a instantes, estavam na praça Luiz de Camões, entravam para um *coupé* e mandavam a toda a brida bater para a travessa das Mercês. O trem era o unico que estacionava na praça, a essa hora perdida, e o cocheiro acolheu com desconfiança hostil aquellas duas creaturas, homem e mulher, que assim por altas horas e de

tropol appareciam e alugar-lhe os serviços. Presumivelmente, era a querer enredal-o a perfida trama d'um crime... Porêem, breve, reconhecendo o conde e a filha, modificou a sua attitude, pôz-se incondicionalmente ao seu dispôr e bateu.

Na travessa das Mercês o silencio era absoluto, e o rodar do trem cortou-o com um som destemperado e cavo, que a serena religiosidade da hora tornava retumbante. Apearam-se, mandando o trem esperar. A porta da rua estava fechada; mas Olympia trazia providencialmente comsigo, como socia da *Liga*, o trinque, que quasi nunca a largava; e assim abriu e entrou sem difficuldade, com o pae, emquanto dois gatos, aninhados commodamente no portal, se arredavam esguios, enristando as caudas.

Subiram a solitaria escada às escuras, penosamente, com especialidade o conde, que nunca ali tinha entrado, e ia jogado aos apalpões,

tropeçando e resfolgando alto, no trabalhoso encalço da filha. Chegados acima, ao patamar, Olympia bateu; e como não lhe acudissem logo, insistiu, em pequeninas pancadas sêccas, impacientes, com força crescente repetidas.

— Quem é? — disse porfim, de dentro, a conhecida e oxydada voz da Gertrudes.

— Senhora Gertrudes, abra!

— Quem procura?

— Não me conhece?... Sou Olympia, a filha dos condes de Fiães. Abra depressa!

— Ó minha rica senhora! mas cá já não está ninguém.

— Ouves? — disse baixo o conde para a filha.

Porêm, Olympia, para dentro, sem o attender:

— Não importa! Vá, vá, abra sempre!

— Mas se eu já disse á senhora...

— Não quero saber de *mas*, nem meios *mas*...

Não venho procurar ninguém. Tenho uma coisa

importante a tratar comsigo... comsigo só. Avie-se!

— Então só se v. ex.^a... Ha-de desculpar, mas tem que esperar um bocadinho. Não estou decente.

— Não espero nem mais um segundo!

— É só enfiar uma saia...

N'uma explosão de impaciencia, Olympia ameaçou:

— Olhe que eu não venho só, Gertrudes... Se não abre já, fazemos ir a porta dentro!

Perante esta ameaça formal, ouviu-se finalmente o pêrro rodiziar da chave, e a porta girou nos gonzos. A Gertrudes, deante dos dois, pallida e com as flaccidas palpebras muito abertas, estava toda a tremer. Fazia comtudo um grande esforço por se mostrar serena, ao passo que, erguendo a palmatoria com a véla acima da cabeça, tudo era alongar a vista inquieta pela tréva

do patamar e da escada, a vêr se viria mais
alguem.

Olympia, que lhe adivinhou o pensamento:

— Somos só nós dois, descance... Póde
fechar.

E enquanto a velha fechava cuidadosamente
a porta, ella mirava-a com desdem, e, vendo afinal
que estava vestida, disse com tédio:

— Mas, agora reparo, quantas saias queria a
sr.^a vestir?

Colhida no embuste, a Gertrudes,
desconcertada, titubeou:

— Ah, sim... é que eu... com o somno,
acordada assim de repente, nem atino bem em
mim... não sei o que digo.

Rapidamente, Olympia, crispando a expressão
n'uma anciedade, disse baixo ao pae:

— Vá vendo, meu pae, se tudo isto não indica
o mysterio! — Depois, para a alcouvêta, no

mesmo tom desprezivelmente ironico: — P'lo que estou vendo, a sr.^a Gertrudes dorme vestida...

E de repente, arrancando-lhe da mão a palmatoria, tomou a dianteira dos dois e rompeu direita á sala dos serões da *Liga*. O conde, na irresistivel suggestão do mesmo impeto, seguiu-a. E na cauda d'elles, muito afflicta, a Gertrudes chamava, procurava detêl-os e benzia-se, n'um pavido atabalhoamento:

— Ai, Jesus, Nossa Senhora!

Mas Olympia não se deteve senão quando alcançou a porta que da sala dava para o oratorio. E impelliu-a com o joelho, energicamente, enquanto, em ondas de anciedade, lhe galopava o coração no peito.

Lá dentro, os seus olhos avidos distinguiram logo, á vasquejante luz da lampada, do tecto suspensa, e prostrado de braços deante do altar, o mesmo immovel vulto branco... Olympia soltou

um intraduzível grito de alegria, e, no abalo da commoção, cahia-lhe da mão a palmatoria com a véla, que se apagou, partindo-se.

— Ah, ainda bem! Leonor! minha irmã!... —
E impetuosamente para o pae, fisingando-lhe a sobrecasaca, arrastando-o com alma para junto do altar: — Vê, meu pae, que lhe dizia eu!?... Temol-a aqui assim! Leonor! Leonor!

Ao mesmo tempo, Gertrudes, que percorrêra anciadamente, n'um movimento de terror, toda a pequena quadra, tornava agora a benzer-se, e erguendo os olhos ao alto, tambem n'uma alegria infinita:

— Bemdito seja Deus!

Mas tudo isto se passou quasi simultaneamente. E como o esguio vulto branco de Leonor se mantivésse estiraçado e immovel sobre o pavimento, alheio a quanto se passava de roda d'ella, insensível por completo ao

chamamento clamoroso da irmã, calcado, sem accôrdo, como um cadaver, Olympia aproximou-se mais, dobrou-se sobre aquelle grande corpo inerte, tornou a chamar repetidas vêzes com carinho.

Sempre sem resultado...

Dobrou-se então ainda mais, ajoelhando, e tocou-lhe ao de leve os cabellos. Déram-lhe uma sensação extranha. Tacteu-lhe a testa. Estava inanimada, fria, d'uma frialdade que evocava o sagrado horror da morte... Olympia soltou um arranco espavorido, e n'um estremecimento de pavor, trazendo em seu auxilio o pae, n'um sobrehumano impeto de toda a sua coragem, cingiu-se ao busto da irmã e levantou-lhe um dos braços, na intenção de a erguer e verificar se a desgraçada era viva ou morta. Mas esse braço estava ensopado, e do seu contorno flaccido e inerte, agora erguido

por Olympia, escorria uma pastosa toalha de sangue, empoçando n'um som molle o sobrado.

Olympia largou-o bruscamente, com terror, soltando um novo brado de angustia. E esse retalhado braço inerte tombo inteiriço sobre o pequeno lago de morte que ajuntára, cuspinhando para o pae e a irmã, lívidos de doloroso espanto, um jacto de lagrimas vermelhas.

O que depois se passou ali, tumultuariamente, n'aquella alcôva mysteriosa, n'aquella luz moribunda, não é fácil descrever. — Pae e filha immobilisaram-se primeiro, uns segundos, olhando-se aterrados e inquietos, sem saberem que pensar, que fazer... no instinctivo receio de aclararem por completo a verdade. Depois ambos elles, e cada um por seu lado, desataram doidamente a rodar em torno do presumido cadaver de Leonor, ora afagando-a, sacudindo-a, invocando o seu nome com exasperado carinho,

ora arrastando-se afflictivamente pelo chão e lamuriando a sua impotencia, torcidos nas convulsões d'um desespero em que lambusavam de sangue as mãos, os rostos, os vestidos. Enquanto a velha Gertrudes, tomada tambem d'um espanto sagrado, igualmente sem perceber o que via, corrêra a fechar cautamente as janellas e a porta, e accendia piedosamente as seis vélas de cêra do altar.

Mas era preciso tomar uma resolução. Gertrudes foi buscar a grande poltrona de coiro e pregaria, em que aos serões da *Liga* presidia a marquezia. Depois ajudou Olimpia e o conde a erguerem Leonor; conseguindo enfim os tres, por um exforço enorme e ao cabo de varias baldas tentativas, accommodar sobre a poltrona aquelle diaphano corpo inanimado. E é que parecia morta com effeito a loira e macerada penitente... A cabeça descahiu-lhe inerte, mádida e rôxa como a

d'um Christo, sobre a lutuosa estamemha do escapulario; e do braço esquerdo, lacerado horriavelmente, continuava a jorrar com abundancia o sangue, excitado por aquella brusca successão de movimentos.

Mas um tenue raio de esperança reanimára o conde. Tendo applicado o ouvido ao thorax da filha, sentira ainda o seu pequenino coração bater... Não estava morta! Urgia, a todo o transe, salvá-la! Procurou de roda, no empenho absorvente de descobrir um objeto com que pudésse immediatamente fazer uma compressa. Gertrudes adivinhou-o e levou-lhe a toalha do altar, que, depois de longitudinalmente dobrada, o conde tratou de enrolar, esticando-a quanto pode, em volta do braço inerte da filha. Olympia, com um carinho e uma angustia febril da expressão, ajudou a esta cirurgia de acaso, amparando o braço ferido e retendo

amorosamente entre as suas mãos a mão gelada de Leonor, que regava de lagrimas. Depois erguia-lhe a cabeça e voltava a afagal-a, movendo alternadamente os olhos macerado rosto da irmã para o da *Virgem*, sobre o altar, na afflictiva supplica d'um milagre. E na frente das duas o conde, de joelhos, não atinava com uma palavra para traduzir a pavorosa desordem do seu coração, e supersticiosamente esperava tambem que Leonor voltásse a si.

De repente, Olympia lembrou-se do seu frasquinho de saes, que tirou da cinta, dando-o a aspirar á irmã, friccionando-lhe as fontes. O conde, aniquilado aos pés da moribunda, n'uma vehemente anciedade, esperava sempre. E egualmente a Gertrudes, agora poisada n'uma attitude de piedade deante do grupo, com as palpebras pesadas, os olhos humidos e as mãos cruzadas sôb o avental.

Porfim Leonor, morosamente, moveu a cabeça, abriu os olhos e passeou pelo quarto uma vaga vista alheada. Parecia abatida n'um amnesiamento de sonho, na passiva ignorancia do que se passára, na inconsciencia absoluta do seu estado... O pae e a irmã, quando a viram finalmente voltar á vida, ergueram-se subito da sua attitude humilde, com o olhar ardendo n'uma redemptora esperança, e cingiram-lhe os joelhos n'um estrangulamento férvido de amor. Mas a loira martyr, mal que os viu, e como se despertásse então para alguma horrivel realidade, teve um grande estremecimento, os seus bellos olhos sideraes vincaram-se n'uma angustia de morte, e, erguendo o braço direito, escondeu com elle a face, como que tomada d'uma immensa vergonha, d'um remorso irreductivel.

— Deixem-me! deixem-me! — balbuciou ella com uma voz sumida e cava, que parecia vir lá da outra vida.

— Leonor! minha irmã... Então? Não nos conheces?

A moribunda acenou gravemente com a cabeça — que sim.

— Bem, então que estranheza, que hostilidade é essa?... Como tu estás mal! Viemos acudir-te...

— É tarde!

— Não digas isso!

Mas Leonor, teimosamente, formulava com a cabeça repetidas recusas, os finos lábios pregados n'uma inflexibilidade de estatua e os graves olhos mergulhados n'uma tristeza infinita.

— Vamos para casa, filha... — disse-lhe, em pé, o conde, procurando cingir-lhe o pescoço. — Precisas tratar-te e descansar.

E ella, arredando-o com doçura:

— Não! não... não vou!

— Porque não has-de-ir?

— Não irei, não! Nunca! Não pôsso...

— Mas porquê?...

— Porque não devo, porque... — E subitamente estacou, com o olhar apavorado e a expressão confrangida de asco e de mêdo, como que sofrendo algum intimo pensamento que a torturava; exclamando depois, n'uma afflictiva explosão de angustia: — Mas como é monstruoso, como é horrivel isto! O' meu Deus! se soubéssem...

— Deliras, minha pobre irmã! Socega o tempo que quizéres... Depois iremos.

— Não! não! — tornou Leonor com sobrenatural energia. — Quéro morrer!

E, de repente, dando só então pela ligadura que lhe envolvia o braço esquerdo, ergueu-o n'um arranco e cravou n'elle os dentes com exasperada

fúria, até que, arredada por completo a toalha, elles voltaram a dilacerar a carne, d'onde novamente o sangue espadanou abundante.

O conde procurou contê-la, mas sem ter forças para dominar aquelle deliberado proposito de aniquilamento. A Gertrudes desviava-se aterrada e benzia-se, formulando vagas imprecações. E, transtornada de dôr e emoção, Olympia:

— Mas que foi que te aconteceu, minha querida irmã? quem te pôz assim?...

— Que tens tu, filha?...

— Porque te não abres connosco, porque te não confessas?

— Confessar-me... — balbuciou Leonor com doloroso sarcasmo.

— Quem te fêz tanto damno e te levou a semelhante acto de desespero?

E como Leonor persistisse silenciosa, Olympia curvou-se, disse-lhe ao ouvido um nome em segredo.

— Não! não! — protestou Leonor, com quanta força lhe restava ainda.

— Ia jurar...

— Não foi, não! A culpa foi toda minha... — E para o pae, que voltava infructuosamente a querer ligar-lhe o braço: — É inutil!

— Então has-de morrer aqui assim!?

— Não tenho outra coisa a fazer... Eu é que me illudi, a minha imaginação trahiu-me... Sonhei a religião o paraizo das almas, encontrei o mais torpe o grosseiro embuste!

Olympia e o conde olharam-se com terror.

— Essa fatal illusão fêz-me despenhar quando eu mais julgava elevar-me... atirou-me desprevenidamente ao peccado! Não! não! agora assim não poderia mais viver... Sinto-me indigna

de mim mesma... A unica solução era esta! deixem-me em paz morrer... — Tomou com amoroso phrenesi as mãos do pae e da irmã, que tinham outra vêz ajoelhado; e já com a voz debatendo-se nas convulsões da agonia: — Ah, ainda bem que viéram... que, graças ao céo, os tenho agora aqui junto de mim! Perdão, meu pae... Adeus! Olympia... Ainda bem! ainda bem... Assim...

Depois, já quasi aphonica e com o olhar a apagar-se, deliquescente:

— Perdõem-me... E não criminem ninguém!

Fôram as ultimas palavras que proferiu. E logo, mansa e imperceptivelmente, a alma se lhe evolou com o derradeiro alento... O conde e Olympia soluçavam alto, consternadamente. E a attonita Gertrudes atropellava, tambem alto, orações sobre orações, de costas para a morta, ajoelhada deante do altar, cujas velas accêsas

faziam turbinar ao alto, e despegavam a intervallos, em estalidos sêccos, os pingentes da velha colla do tecto.

De espaço a espaço, crises d'uma violencia hysterica deflagravam nos fatigados nervos do conde.

— Meu Deus! meu Deus!... que tremenda lição e que espantosa desgraça!

Trocava um enfurecido olhar com a filha, n'uma intelligencia mutua de vingança. Depois, desalentadamente, recahiam os dois no mesmo aniquilamento inexoravel.

Porfim, — não havia remedio, — aquella scena dilacerante tinha que ter um termo. E, acima de tudo, urgia salvar a reputação de Leonor, travar na origem o escandalo. Aquelle precioso cadaver tinha que ser transportado immediatamente á rua da Emenda; far-se-ia constar que a morte de Leonor fôra devida a uma causa trivial qualquer.

A Gertrudes, no seu proprio interesse, nada diria. Ainda o conde, segurando-a furioso pela colla, ameaçou:

— Se dás co'a língua nos dentes, afogo-te, velha centopeia!

Olympia aquietou-o. — Primeiro que tudo, tratar da morte, agora... As averiguações, a vingança, o castigo viriam depois!

Á custa de mil exforços, e depois de muito tempo gasto, o cadaver de Leonor era finalmente accommodado dentro do trem que esperava á porta. Olympia e o conde lá se acomodaram tambem, frios de angustiado terror, o melhor que puderam; e o lugubre *coupé* partiu logo, ajustado por alto preço o segredo do cocheiro.

Entretanto a velha Gertrudes, na escada e patamar do prédio, ficava lavando assaralhopadamente o rasto sanguinolento

deixado pelo funebre cortejo, — já aos primeiros
clarões virginaes da madrugada.

XIV

Os jornaes da tarde seguinte noticiavam a morte de Leonor, mas singela e naturalmente, como succedida em casa do pae, na rua da Emenda, e attribuiam-n'a a uma congestão pulmonar. Seguidamente, vinha o convite trivial da familia para o enterro, ao outro dia, de manhã.

Claudina, em casa, quando tal leu, estremeceu involuntariamente, n'um frio de terror. E emquanto, a encorajar-se, passeiava os olhos pela desordem elegante do seu *boudoir*, atravessou-lhe o espirito uma monstruosa suspeita. O seu instincto de mulher avivava-lhe as scenas da vespera, na *Liga*, fazendo-lhe adivinhar n'aquelle desastre o lugubre desenlace d'alguma dolorosissima torpeza... Mas logo appareceu, a moderar-lhe a impaciencia, o conego Ascensão, que vinha muito açodado, de jornal na mão,

julgando trazer-lhe inédita a noticia. E em indignados impetos de horror elle completou a informação officiosa e falsa da imprensa, corrigindo-a a termos de corroborar de Claudina as inconcebiveis suspeitas.

Porque elle, mal lêra a fatídica noticia e tocado da mesma tôrpe desconfiança, corrêra logo á travessa das Mercês, onde obteve da Gertrudes, «que para com s. ex.^a reverendissima não tinha segredos», a narração de horrivel verdade, na parte que se referia apenas ao suicidio de Leonor, ali. — Mas o resto deduzia-se por si... Fôra uma tremendissima infamia! — Agora Claudina, perante a repellente confirmação do seu receio, acobardava-se, e tudo era enredar-se em pormenores e obsidiar o conego com objecções, duvidas e perguntas, na sua atormentada repugnancia em acreditar. O conego porém, victoriosa e inflammadamete, insistia,

corroborava sempre, por antithetismo de seita religiosa e por ciume do prestigio varonil do D. Prior, de quem era encarniçado inimigo.

— É espantoso! O que diria, o que faria a mãe, a snr.^a condessa, se estivesse ahi?... — observou elle acerbamente, vibrando todo n'uma revolta.

— Ora! essa sim... bem se importava ella! — exclamou Claudina, por demais sabedora da superficialidade dos sentimentos maternas de Henriqueta.

E mentalmente, n'um rancor antigo, formulava até a horripilante conjectura de que talvez, no momento preciso em que os olhos espavoridos do pae davam com o cadaver lacerado de Leonor, a mãe estivesse renovando longe com o amante a carinhosa febre do seu sonho adultero...

— Eu estava a vêr isto! — tornou, n'uma censura, o conego. — Davam toda a liberdade áquellas meninas!

E com dissimulação, Claudina, sinceramente aferrada ainda ao proposito de illudir a verdade:

— Perdão, meu amigo... mas a liberdade, agora aqui n'este caso, não sei a que venha. Uma congestão pulmonar apanha-se em qualquer parte, por um desastre accidental, sem que nada tenham que vêr com isso a falta de vigilancia ou o desamor dos paes.

O conego teve um largo sorriso esperto; e ironicamente:

— Uma congestão! Ora, minha querida amiguinha, deixemo-nos de representar!

— É o que eu vejo aqui... — E ella assentava sobre o jornal, mordidos de coruscancias de anneis, os dedos.

— Nas não é o que eu ouvi, o que eu lhe disse!

— É que eu tenho uma invencível reluctancia, um supersticioso horror em acreditar! — rompeu Claudina, afogueada, erguendo-se. — Ó meu Deus! pôde lá ser!... Não, não... Seria o cumulo da vileza, da devassidão e da crueldade humana, essa repugnantissima verdade! Não pôde ser!

— Pois é tempo de a encararmos bem de frente e deixarmos de nos enganar um ao outro.

— Não poderia imaginar-se nada de mais abominavel!

— Creia que se trata d'um hediondo crime do D. Prior!

Apprehensiva e triste, n'um começo de instinctiva persuasão, Claudina voltou a sentar-se, e, deante do approbativo cabeceamento do padre, ia monologando devagar:

— Não foi nada que eu não receásse, assim me Deus salve! Muita vêz avisei aquella ingenua tonta... A sua incorrigivel cegueira mystica havia

de a fazer despenhar fatalemente n'algum peccaminoso desvario...

— Como fêz, afinal...

— Não póde ser, não! é impossivel... Eu acho absurdo de vilania!

— É que não o conhece!

— Seria a ultima degradação da infamia!

— Esse abominavel D. Prior é capaz de tudo! Conheço-o bem... E elle fascinára doidamente Leonor, empolgára-lhe a alma, escravisára-lhe o destino! — E o conego acrescentou a meia voz, deseioso, via-se, de se demorar no assumpto: — Depois, a minha amiguinha sabe... elle não é um santo. Em moço teve varias desordens moraes, paixões, aventuras...

— É verdade...

— Pois os residuos do seu temperamento sensual e ardente espartaram agora! — Claudina, muito attenta, tinha uma expressão convicta. —

Ah, d'aqui não ha sahir! Estou positivamente convencido de que este tenebroso mysterio foi o deshonoroso resvalar d'uma traiçoeira fascinação espiritual para qualquer premeditada seducção de peccado!

— Ascensão! Ascensão! por amor de Deus!
— acudiu Claudina com piedosa intimativa, tapando quasi com a mão a bocca insalubre do reverendo. — Poupe a memoria d'essa creança!

— Essa memoria rehabilito-a eu, pensando assim, — tornou o conego com firmeza. E seguidamente, com um jubilo rancoroso na expressão, a maxilla contrahida, o sobr'olho em arco e as sapudas mãos fechadas: — A culpa recáe toda mas é sobre quem a transtornou assim! Eu bem lhe dizia tambem que se deixasse de *Commendadeiras*, de *Ligas* e de catecheses...

— Mal de nós, se todas as que lá vão se perdessem!

— Com a pobre Leonorsinha foi isto que lhe eu digo! Ia jurar!

Claudina abatia a cabeça, resignada; e com odioso vigor o conego, já sem resguardo á alegria intima que n'aquelle momento o estimulava a insistir no descredito do rival:

— E é que os paes... o snr. conde, não se póde ficar assim... Tem que fazer!

— Estou a adivinhal-o...

— Ah, certamente! O snr. conde acaba de perder, desastrada, inopinadamente, uma filha. E desde o momento em que sobre a causa d'esta horrorosa fatalidade se levantam suspeitas, quando a nossa consciencia nos aponta como presumido criminoso um homem, a obrigação da familia, antes de tudo, é perseguil-o! Devem chamal-o aos tribunaes.

— Mas e as provas?...

Colhido n'um embaraço, o padre estacou, com os seus olhitos azues chispando odio.

— Vamos, diga! — insistiu Claudina, com a voz cava de mêdo, olhando as portas.

— Prova, prova material, concludente, a bem dizer, não ha... Ora mas todas as presunções, os antecedentes, o mesmo testemunho da Gertrudes...

— Ahi está... mas essa Gertrudes não lhe disse, conforme ainda agora me contou, que a pobre suicida recommendára muito, nos derradeiros instantes, que pela sua morte não criminássem ninguem?

— Disse. E então?...

— Deve ser a verdade. N'aquella hora suprema não se mente!

— Semelhante declaração póde ter sido antes uma prova da magnanimidade da alama d'esse anjo! — disse com piedosa unccão o padre,

juntando as mãos e erguendo ao tecto hypocritamente os olhos; depois, com decisão, pondo-se violentamente de pé: — Eu cá, se fôsse comigo, não hesitava um instante... havia de ir ao banco dos réus!

— Talvez temam o escandalo...

— Que escandalo?

— Sim, se os condes procederem criminalmente contra o D. Prior, e com a lastima de vida que têm... a gente d'elle ha-de jogar as ultimas... vêm o caso para os jornaes, sáe tudo ahi assim a publico... Deus nos livre! Era uma bôa lição, mas n'essa não cahem eles!

— Ha meios de evitar...

— Inimigos d'aquelles não são p'ra graças! E então que thema completo para uma desforra não offerece essa immunda familia! A unica excepção honesta morreu... Ia tudo a eito! Nada! a qualquer

procedimento claramente vingador oppõe-se agora o vergonhoso sudario da vida de todos elles.

— Com astucia e dinheiro...

— Era um descredito! uma vergonha! Não cahem'essa, não...

— Maior descredito será para a memoria da sua desditosa filha a incerteza de boatos ultrajantes, alastrando em liberdade na sombra.

— Ora quem vae lá saber! — contestou Claudina, erguendo-se.

— Sabem-n'o já mais do que uma pessôa, é o bastante... — Claudina movia incredulamente a cabeça. — Ah, isso é fatal!

— Mas quem é que tem a certeza?...

— Embora! Para o effeito é a mesma coisa. A calumnia facilmente transforma a suspeita em evidencia. Para a má-lingua não ha presumpções, tudo é certeza! Verá!

Tornava Claudina a abater a cabeça, meditando; enquanto o padre insistia:

— E o resultado virá a ser que essa santa creatura, essa creança angelical, que com tão religioso fervor defendia a sua reputação, ficará inevitavelmente infamada... ella que acima de tudo amava e adorava a virtude!

— Não! não! — exclamou Claudina com afflictivo impeto, correndo para o padre. — Oh, como isso seria horrivel! Nem o céu consentiria! — E com sincera intimativa, sacudindo-o: — Vamos, falle então ao conde! Elle ao conde é a quem compete... E, que haja escandalo, p'ra elles é bem feito! Comtanto que Leonor não perca... Ande-me! aconselhe, instigue o conde!

— E aos irmãos quem falla?

— Eu atijo a Olympia, está dito!

— Optimo! — exclamou o conego, tomando com effusão as lindas mãos de Claudina e attrahindo-a com carinho.

— Se é que ella se importar... É uma creatura insensivel!

— Não sabe o que é amar... — disse o padre, enlaçando a cinta da amante, com ternura.

— Não se parece comigo... — balbuciou ella, sorrindo.

— Ah, não... — volveu o conego. E cingia-a mais, implorativamente, o pescoço rubro, com os olhos languidos.

Mas Claudina, suspirando, esquivou-se. — Que estava nervosa, apprehensiva... Aquella grande fatalidade fizéra-lhe uma temerosa impressão. Queria mas era ir velar o cadaver da sua querida, da sua mallograda Leonor... — E agora chorava sinceramente.

Com uma hypocrisia de occasião, o conego condescendeu. E, despedindo-se:

— Eu tambem hei-de ir apresentar as minhas condolencias. Lá nos vêmos...

— Não... se quér, espere um bocadinho. Descemos ambos. — O conego, n'um mudo assentimento, retirou a mão, baixando a cabeça. — É só o tempo de me vestir.

Então Claudina passou rapidamente á peça ao lado, o seu quarto de cama e vestir, d'onde, enquanto se entrajava de negro, continuou alto o seu dialogo com o conego. E foi como os dois indignadamente concertaram fazer dissolver a *Liga da Costura*. A senhora marquezia depois que fundasse outra qualquer patifaria parecida. Embora! elles não teriam mais a responsabilidade. E dar-se-ia por agora um salutar golpe mortal n'aquelle logar, irrecusavelmente profanado!

Porfim, decorridos breves minutos, durante os quaes o conego, discretamente accommodado no seu sophá, e emquanto fallava, recolhia no regalado ouvido aquelle estrugido sensual de sêdas que lhe vinha do quarto contiguo, Claudina voltou, vestida de grande dó magnificamente, com o seu busto de estatua, forte e provocante, cingido n'um molde irreprehensivel, e posta com rara arte a mantilha sobre a abundancia sensual do seu cabello castanho.

Chegados ao palacete dos Fiães, viram que havia mais trens á porta. E em cima, tanto na pequenina sala em frente da escada, como na sala D. João v, — o grande salão contiguo, — os curiosos olhos de Claudina, á medida como se afeiçoavam á escuridão lutuosa do recinto, iam successivamente descobrindo uma abundante reunião de pessoas conhecidas. A um canto do salão, Olympia recebia as condolencias das

visitas, compungidamente, limpando as lagrimas; e justificava pela infinita consternação do pae a sua não comparencia. Claudina, no primeiro momento, achou natural vê-la ali. Mas, a breves instantes, a sua admiração subia de ponto e a sua curiosidade estimulava-se, quando, ao percorrer na demanda d'uma cadeira, a roda piedosa da assistencia, ella era informada de que Olympia não estava ali unicamente por um doloroso devêr de familia, mas porque na vespera havia fugido ao marido! — Agitou-se e pediu com instancia mais pormenores, o ouvido esperto, n'um insinctivo calor de alegria. E então, por aquelle bichanar malevolo veio a saber, que tanto esta fuga era verdade, que, n'essa manhã mesma, o Fernandinho, desesperado e ignorando a fatalidade da morte de Leonor, se apresentára ali assim, fazendo escandalo, reclamando em altos brados a restituição da mulher. E que só lhe

impozéra silencio a ruidosa entrada dos cangalheiros, a qual, chocando-o de improviso, déra motivo a que elle se retirásse, cheio de dó e de vergonha.

Mas depois, progressivamente, n'um crescendo insalubre de besbilhotice, já o facto inicial da morte de Leonor se avolumava e desfigurava, complicado por toda a casta de suspeições, malsinado pela innata perversidade d'aquelle cenaculo ceremonioso e hypocrita, ao ponto de assumir graves proporções de achincalho... Entrou em jogo na primeira plana a *Liga*. — E que na vespera não estava lá só a morta; mas ella e a irmã. Mais, que o marido de Olympia, o qual tinha prohibido a mulher de ali voltar, fôra avisado, e correndo á travessa das Mercês, surprehendêra qualquer escandalo, suicidando-se então Leonor e fugindo Olympia para casa do pae. A Prazêres ia mais longe: — affirmava que

tambem lá fôra surprehendida, em compromettedora intimidade, Claudina com o conego Ascensão.

O certo foi que, quando esta se levantou e atravessou o salão para dirigir-se á camara mortuaria, de varios pontos, á sua passagem, soprou e ergueu-se um significativo sussurro. A presença de Claudina, ali, n'aquella noite, era considerada um acto de condemnavel descaro e audacia, por varias embiocadas matronas e virtudes de torna-viagem. Ella bem o sentia e confrangeu-se... adivinhando que estava sendo o alvo de qualquer collectiva demonstração hostil, que em todo o caso não comprehendia... tão intenso e tão claramente comminatorio esse movimento aggressivo se tornára.

Por isso refugiou-se rapida, humilhada vagamente, na triste camara mortuaria, — armada no ultimo salão da direita, — e onde, afogado em

flôres e rendas, o branco e sumido cadaver de Leonor descansava na sua ultima e definitiva attitude, entre o cheiro de morte e os estalidos lívidos dos grandes brandões accesos.

Havia, ajoelhados de roda, varios vultos negros, rezando, gemendo soluços represados. Junto á cabeceira do esquife, uma mulherita edosa, typo humilde de domestica, enrodilhada no chão, estorcia-se de dôr, comprimindo augustias dilacerantes. Uma emphatica procissão feminina vinha, vagarosa e dolente, desfilar por junto do fereto, fazendo perto da cabeceira sua genuflexão e retirando-se, depois de terem contemplado a cavada face da morta com olhos de lastima, um instante. Algumas espargiam flôres sobre aquelle rigido vestido branco. Traçavam agoirentas espiraes em volta das luzes zumbidos grossos de insectos. A quando e quando, um moço boçal, de casaca agaloada de amarello, cortava os morrões

das vélas, ou passava um raminho de oliveira, embebido em acido phenico, pelos temporaes, pelos labios e as mãos do cadaver.

Claudina não teve animo para ir além do limiar da porta. Ahi mesmo, aturdida, ajoelhou, n'um grande acobardamento de pavor, enquanto os macerados olhos se lhe fixavam com idiota insistencia no livido reflexo dos lumes das vélas pelos oiros das aredes, como lagrimas... a fugirem assim á birra, ao horror de attracção das duas pontas d'daquelles minusculos sapatos brancos, inexoravelmente salientes sobre a aresta do caixão...

Ao conde, n'esse noite, ninguem o conseguiu vêr. Aquella imprevista e mysteriosa morte de Leonor, e o subito rompimento de Olympia com o marido, haviam-n'o deixado positivamente aniquilido. Nunca elle, na sua vida de familia, imaginára um esbarrondamento tão completo e

formidavel! Reagir contra a fatalidade, em tão duras condições, como seria possivel?... Parecia que a mulher, na sua fuga doida, lhe tinha levado acorrentado o ultimo traço de felicidade. — Até n'isto ella fôra cruel!

A mesmo tempo, a sua mortificante inquietação pelo paradeiro de Luiz, que nunca mais apparecêra, só passados dois dias se acalmou. — D'elle recebeu então uma carta, carimbada de Madrid, na qual esse erotico degenerado explicava que, na propria noite em que acompanhára Leonor á *Liga*, depois, ao ir-se despedir da sua querida Consuelo, e ante as commovidas supplicas «d'aquelle anjo», não tivêra mais mão em si... partira tambem com ella. E concluia pedindo perdão ao pae e pedindo dinheiro.

Seguramente, não lhe restava mais do que Olympia... era a dolorosa, a inexoravel verdade!

E ainda esta, corria o risco de a não poder demorar ali por muito tempo, pois era natural que o rompimento d'ella com Fernando não passásse d'uma briga passageira. — Poderiam compôr-se ainda. Ficava sem ninguem... — N'este receio mordente, o pae consultou-a: encontrou a intransigencia mais formal. — Não! nunca mais ella consentiria em viver, uma hora só que fôsse, com esse homem abominavel. Ainda tinha dignidade bastante para não poder condescender. Nunca! Ainda que essa atanada amante morrêsse e elle depois viésse ali rojar-se-lhe desprezivelmente aos pés!

E, a seguir, Olympia, depois de inteirar bem o pae na confirmação d'este inabalavel proposito, disse-lhe com inflammada vehemencia que elles dois é que tinham de empenhar o melhor das sua diligencias e do seu exforço n'uma inaddiavel obra de vingança. Sabia elle demais as nebulosas e

tragicas circumstancias em que se operára a morte de Leonor, os boatos infamantes que corriam... Pois urgia indagar, averiguar, proceder com coragem, sem demora; ahi tinham que applicar toda a sua alma; e, se encontrassem thema para um castigo, não hesitar um instante!

— Mas que queres tu então que eu faça, mulher?... — inquiriu o conde, de mão na cabeça, sinceramente aterrado.

— Ir ter com a policia, contar-lhe tudo!

— Com a policia!?

— Pois!

— E então, tudo... dizes, tudo?...

— Sim! que duvida tem?... É indispensavel, é o nosso dever: um dever sagrado! E depois, sem hesitações nem receios, intentar processo contra...

— Cala-te, Olymphia! cala-te, por amor de Deus! — interrompeu o conde com afflicção,

levando as mãos aos lábios do filha. — Que provas temos nós?...

— Algumas ha...

— Havemos de ir assim, sem mais, nem mais, inconsideradamente, levantar sobre esse homem, que tem um nome prestigioso, uma suspeição tremenda?

— É a nossa obrigação!

— Não nos poderá resultar um mal maior?...

Olha que é uma suspeita gravíssima!

— Já não seria a primeira...

— É preciso muito cuidado...

— Lembre-se da ominosa sorte de sua filha, e todos os escrúpulos, todos os mêdos cessarão de repente!

— Se tu me ajudares! — exclamou de salto o conde, com uma tinta viril na face e um relampago vingador nos olhos.

— Pois certamente! — apoiou com calor Olympia. — É o meu desejo mais ardente, é o nosso mais sagrado devêr! Mãos á obra! Já!

Começaram então com effeito as indagações dos dois; e, primeiro, por uma demorada inquirição á Gertrudes, a qual, começando por fechar-se n'um mutismo intransigente, acabou por insinuar vagas revelações que favam margem ao alimento crescente das suspeitas. Olympia, n'uma sincera vibração de protesto, e já ao tempo instigada por Claudina, não descançava. De todas as pessôas das suas relações folheava ardilosamente o intimo, e a todos os recursos se apegava, ordenado minucioso inquerito ao sigilloso viver, aos antecedentes escuros, da vida do D. Prior. E o certo foi que, á medida como pae e filha mais fundo cavavam n'este traiçoeiro lôdo das suspeições, a maledicencia e a intriga iam, adeante das suas almas em ancia, alargando o

apostemoso campo dos peccaminosos desvarios. A sanha da ruindade anonyma desencadeava-se á sôlta, e sobre os mais tenues indicios architectava, com um seguro ar de certeza, thema que farte ás condemnações mais infamantes. Ahi vinha quem affirmasse saber de casos, «absolutamente authenticos», de donzellas infamemente ludibriadas pelo impostor; outros relatavam a audaciosa caça de heranças; outros a maneira impudente de elle pôr ao serviço d'uma sensualidade tôrpe e d'uma avareza sem limites, as prestigiosas armas da sua influencia espiritual. E citavam-se nomes, coincidencias, datas; invocava-se o testemunho, puramente casual, de factos, antes triviaes, convertidos agora por essa querença perversa em outros tantos capitulos d'um formidavel libello. N'este maligno regalo, a phantasia de cada um preenchia as lacunas, amontoava a seu sabor as monstruosidades e os

crimes, onde a realidade faltava. — De sorte que a inflammada hostilidade do conde e Olympia ganhou progressivo alento n'este sôpro infamante que de toda a parte vinham enardecêl-os. E renhidamente afervoravam no seu empenho, convencidos de que tinham em jogo nas suas mãos justiceiras o fio da reputação, da tranquilidade e a ordem de muitas familias; e que não era só do seu caso particular que se tratava, mas d'um verdadeiro acto de vindicta social.

Quando elles, porém, mais ardidamente empenhados seguiam no seu inquerito, aconteceu dar uma folha catholica, na 1.^a pagina, a sensacional noticia do embarque do D. Prior para Angola, aonde ia novamente evangelisar os negros, a convite da congregação do Espírito Santo. E mais adeante, em primeira informação do seu noticiario, a mesma folha publicava o seguinte:

«UMA VICTIMA ESPIRITUAL. — *Passa ámanhã o trigesimo dia sobre a morte da mallograda e piedosissima filha dos condes de Fiães, D. Leonor. Hão-de lembrar-se da dolorosa impressão que commocionou toda Lisboa, quando se soube d'esta morte tragica e imprevista, attribuida officiosamente a uma congestão, mas que depois se averiguou positivamente ter sido um suicidio. Por que motivo? Por um simples caso de antinomia de caracteres, parece. Aquelle ente raro e virginal foi uma victima do meio. Dotada d'uma virtude irreductivel, e portanto incompativel com toda a sorte de... desvarios moraes, para não applicarmos uma expressão mais severa, falleceu-lhe a coragem para soffrear a grande dôr de alma que a torturava, ao vêr-se frente a frente, e na constancia da intimidade, com tão flagrantas e graves exemplos de dissolução de costumes, de*

vida egoista, aventureira e sensual. Por isso, resolveu eliminar-se... Crêmos que assim fôsse; assim como confiamos em que o Senhor lhe terá perdoado o erro do acto pela santidade e a pureza da causa que o determinou.»

Quando leu esta local, o conde, a quem tinham enviado um exemplar da folha, ficou positivamente fulminado. — Por certo que aquillo era uma ameaça... O D. Prior, tendo-lhe provavelmente chegado aos ouvidos noticia do justiceiro acto que contra elle planeavam, desterrava-se discretamente para bem longe; mas cobria ao mesmo tempo a retirada com esta segunda insidiosa noticia, muito de proposito redigida por algum dos seus, ou quem sabe se por elle mesmo?... Não havia duvida! Se tentassem a menor beliscadura na reputação do padre, a desforra d'elle seria a vida toda dos Fiães posta ali ao léu! Seriam as amantes, as abjecções, as

falcatruas d'elle, seriam os frascarios admiradores, as aventuras picantes da mulher, e a crapulosa bohemia do filho, e as leviandades e caprichos de Olympia, postas em giro pelo marido, — em summa, todo o vicioso *décor* d'esse *meio* derrancado e abjecto, contra o qual se tornára «incompativel», se sentira mortalmente ferida a immaculada alma de Leonor.

Pensando assim, o conde acobardou-se, e mandou logo chamar Olympia, com o comminatorio jornal amarrotado sobre o joelho. — Era uma coisa terrivel! Merecia a pena pensar bem no que os esperava... antes de se comprometterem mais em tão arriscada aventura. Provavelmente, nada viriam a apurar de bem concludente contra o padre, e acarretavam sobre elles o labéo d'um escandalo enorme! Luctar com aquelle mysterioso e formidavel poder era um

perigo. Iam enterrar-se ainda mais, em vêz de se rehabilitarem... Era decididamente uma loucura!

E, enquanto esperava pela filha, o conde passou atterradamente um retrospectivo golpe de vista pela pavorosa desordem moral que havia sido toda a sua vida. Depois, mal que Olympia entrou, estendeu-lhe bruscamente o jornal, sem uma palavra; e quando ella acabou de lêr, fitou-a, n'uma cobarde angustia, com a expressão interrogativa e os tristes olhos envoltos n'uma perplexidade. O busto, amalhoado de terror, abatêra-se-lhe desamparado para a frente, como se fôra a aluir-se n'uma ruina.

Tambem os braços de Olympia descahiram pesados, n'um desanimo. Ella estava adivinhando o mortificado terror do pae. — Sim! elle tinha talvez razão... — E confrangidamente, sem arriscar palavra, continuava o conde a fital-a. Parecia-lhe vêr já em iracundos dizeres, n'aquelle

mesmo jornal, toda a sua inconfessavel vida passada, posta a nú, no mais escandaloso destaque. A ampliação do mêdo figurava-lh'a até encimada por grandes lettras de evidencia... E não seriam só os seus desvarios mais ou menos conhecidos: vergonhas com amantes, cobardias, humilhações, transigencias de character; mas tambem algumas abominaveis defecções moraes, verdadeiras vilezas melindrosamente occultas nos mais intimos recessos da sua consciencia, e que o desgraçado agora, no seu apavorado remorso, receava fôsem pelos seus delatores surprehendidas. E, a par com isto, a vida, primeiro futil, depois gradualmente leviana e devassa, da mulher, a grossa lista dos seus amantes, a sua fuga, — vida de que todas as indecorosas consequencias lhe eram, ainda em cima, a elle, conde, attribuidas. E a rapida liquidação social dos filhos: Leonor pela morte, envolvida n'uma

lenda ultrajante; Olympia por incompatibilidades
formaes com o marido, ás quaes a opinião publica
atava já um começo de cauda de escandalo; Luiz,
o fraco e insensato Luiz! feito um bandalhinho
inconsciente, jogado aos baldões entre dividas de
jogo e caprichos de mulheres. — Tudo isto viria
para ali assim, em lettra redonda... era fatal! Se
elle ousásse, como salutar desforço, seu e de tanta
gente mais, querer pôr a limpo um certo numero
de infamias, sacrificial-o-iam aquelles que tinham
empenho em que essas infamias nunca fôsem
exhumadas da commoda noite do mysterio! E o
resultado final seria todo em detrimento proprio.
Viria tudo para ali assim... Seria uma tremenda e
definitiva abdicação moral! Seria a sua sonhada
rehabilitação mallograda para sempre,
inexoravelmente perdida! E para quê tudo isto?...
Conquistaria alguma vantagem com esta sua
campanha de extreminio? Rehabilitaria ao menos

a memoria da sua querida filha?... Tudo lhe fazia crêr que não!

Vibrando na mesma inquietação mordente, Olympia amarrotou o jornal com violencia, e indo ao encontro do pensamento do conde:

— Que diz a isto, meu pae?...

— Que quêres tu que eu diga!

— Será realmente uma ameaça? elles seriam capazes?...

— Eu cá entendo que sim.

— E então! e se o fizessem?... — exclamou com intimativa Olympia, erguendo-se, altivamente, e abrindo muito, n'um desafio, grandes olhos negros.

Mas logo o conde atalhou com vehemencia:

— Oh, isso seria horrivel!

E sacudia com afflicção a cabeça, afogada nas mãos convulsas, e batia as palpebras, como na

repugnancia mortal do commoventissimo desastre que entrevia.

A filha, apprehensiva tambem, parava agora deante d'elle; e deixando cahir o jornal, as mãos resignadamente cruzadas sobre o ventre:

— Mas então estes senhores hão-de contar sempre com a impunidade? Hão-de manejar as melhores armas e dispôr da sociedade a seu bel-prazer? Não ha-de haver quem tenha coragem de os affrontrar, de lhes dar lucta abertamente?

— Mas como, se elles manejam as melhores armas, conforme tu dizes?...

— Poderíamos nós sempre tentar alguma coisa.

— Deus me livre!

— Era mais um sacrificio...

— Quéres acabar de me perder!?

E pae e filha ficaram, largo espaço, em silencio e immobilisados n'uma cobardia de

instincto, agora sem a coragem de se encararem.
Por fim o conde, com um leve *tremolo* de
impaciencia na expressão:

— Mas, em summa, eu não sou só na
familia... apesar de parecer que sim... A
obrigação não é só minha. Procêdam vossês!

Olympia, n'uma dolorosa irresolução,
encolheu os hombros.

— Quem? Mas quem quér então o pae que
procêda?...

— Porque não escreves, não te entendes com
tua mãe?

— Eu!?

— Sim! Então que duvida tem?... Duas
mulheres...

— Nem sei onde ella pára, nem que o
soubésse... A mamã queria lá saber!

— Estás enganada! não a conheces...
Escreves-lhe, contas-lhe tudo, e verás como ella

salta ahi n'um instante! Depois concertam as duas um plano de proceder commum. — E o conde, animadamente, erguia-se, obstinado no refugio d'este expediente. — E é o natural, é como deve ser! Planeiem vossês a vingança!

— Póde lá ser, semelhante absurdo!

— Experimenta, experimenta... — insistia o conde, agitando-se esperançado pela quadra.

— Nem a mamã se importava, nem eu me dirigia a ella! Era o que faltava!

— Porquê, pergunto eu agora? — inquiriu brusco o conde, estacando.

Olympia aprumou-se com dignidade, e muito formalisada:

— O' papá! então a minha situação e a d'ella...

— Deixáste tambem teu marido.

— Mas por motivos bem differentes!

O conde, n'um sorriso cynico, voltou-lhe as costas. E a filha, com gravidade, insistindo:

— Talvez não seja verdade?

— Eu acho que sim. Mas a opinião publica irmana-vos...

— No que me fazem uma redonda injustiça!

— Mas nem por isso deixam de o fazer!

— Felizmente, a consciencia não me accusa!
— protestou Olympia, n'uma grande indignação, com a face afogueada e os labios tremulos.

O pae, andando sempre, não respondeu. E ella, n'uma revolta:

— Que tenho eu afinal com isto?... Aos paes é a quem compete, é muito bôa! — E como o conde, vagueando pelo quarto, continuasse a não lhe dar attenção: — Tenha paciencia, meu pae... mas eu com a mamã, ella que me perdôe, não quero absolutamente nada!

— Pois olha, trabalhaes em liberdade... —
não se poude o conde conter que não murmurasse,
sem a filha ouvir.

— Por isso a sua solução é inaceitavel! E nós
não podemos cruzar os braços... Outra coisa,
veja, meu pae! O que ha-de ser?...

E então o conde, exasperado, perplexo,
rompeu, de mãos na cabeça, pela porta do quarto
fóra, gritando alto:

— Não sei! não sei!

Entretanto, os dias, as semanas fôram
passando, sem que o conde, amnesiado e inerte,
conseguisse tomar uma resolução, positivamente
esmagado por este arido sôpro de fatalidade que
no calcanhar da vida lhe apparecia a saldar com
implacavel severidade os erros accumulados do
passado... Tambem Olympia, insensivelmente
tomada do mesmo estado de animo, deixára
porfim de insistir com elle. Emquanto

egualmente, de roda dos dois, na sociedade, a primeira impressão produzida pela morte de Leonor, grado a grado esfriára, delida n'este silencio de indiferença e desdem que, como uma mortalha de neve, acaba por annullar ainda as sensações mais fundas.

Comtudo, o instinctivo remorso do conde foi-lhe cavando na alma, como um cancro, um vacuo de irremediavel tristeza. Tornára-se ainda mais misanthropo e arisco, quasi nao sahia de casa, não fallava a ninguem. Havia dias inteiros em que evitava com dolorosa repugnancia a propria filha, pungente exteriorisação das suas faltas, um dos exemplos vivos da peccaminosa orientação do seu destino... Esta mortificada reluctancia ia a ponto que nem á mêsas queria encontrar-se com ella. Almoçava de ordinario cada um por sua vêz, — um velho habito, afinal; e, ao jantar, era fertil o conde na invenção de pretextos que lhe

permittedes comer no seu quarto. Olympia então, respeitando-lhe a vontade, não apparecia; e sobre esse isolamento de condemnado vinha para o conde, terrificamente, a noite, e com ella um supersticioso cortejo de abusões e terrores que o traziam n'um sobresalto constante, e o tornavam cada vês mais hospede dentro da sua propria casa.

Assim, raro subia elle agora ao segundo pavimento do palcio. Nutria um odio obsessivo e selvagem pela parte occupada pelos antigos aposentos da mulher, onde nada fôra ainda alterado; e junto aos quartos de Leonor não podia passar não podia passar, faziam-lhe um pavor de morte, — porque se lhe afigurava vês sahir de lá de dentro, protegida por um nimbo sobrenatural, a mallograda figura branca da filha, a fulminal-o com o seu olhar reprehensivo e triste, e a attribuir-lhe, n'uma resignada e santa censura, o maior quinhão da culpa n'aquella sua insanavel

fatalidade... Mesmo, com a progressão do seu abatimento physico, uma desordenada vibração mental, favorecida pela maxima obsecação derivada d'aquelle pavidio isolamento, começou a encher-lhe tumultuariamente a existencia, povoando-lhe de duras allucinações visuaes os sonhos, amotinando-lhe em vingadoras chimeras a consciencia inquieta. — Não raro, muitas noites, n'aquelle silencio tumular do palacio que parecia deserto, acontecia serem os seus échos preguiçosos subito espancados por formidaveis gritos de terror. E os creados então acudiam, pressurosos, já na certeza de que iam deparar com o conde, gesticulando furioso, fugindo e tropeçando, em altos brados espavoridos, a correr doidamente na escuridão, como se na raçaga sentisse um grosso tropel de inimigos, como que a furtar-se ao arpéu implacavel de extranhos sêres que o perseguissem... — Eram as varias phases

do seu arrependimento assumindo as vingadoras fôrmas do terror. Eram espontaneas vozes do intimo que vinham, corporisadas em extravagancias de pesadêlo, formular terriveis libellos de comminação á sua alma. E espavorida, atropelladamente, o desgraçado corria, de salão em salão, este circuito de terror, até que por fim, tocados de piedade, os creados o alcançavam e conduziam ao leito, extenuado e inerte, n'um abandono rigido de cadaver, cada vez mais fraco, mais rapidamente consumido por essa temerosa infecção moral, agora feita de todas as dôres e primeiro ensopada de todos os vicios.

Em cima, no segundo piso, Olympia, quando ouvia em baixo alguma d'essas temerosas crises desdobrar-se, longe de ir acudir, e sentindo-se tomada d'um insustavel pavor tambem, ou avivava a luz, se ainda estava a pé, e fechava cautelosamente a porta, ou, se já deitada,

ennovelava-se toda na roupa, tapando os ouvidos, crispando com furor os olhos. — Porque lhe tomava os nervos o contagio d'aquella vesania de expiação do pae. E pouco lhe lhe faltava então para se acobardar em parallelas allucinações de mêdo, e vêr de roda de si ameaçador erguer-se o mundo incoherente dos phantasmas.

Porêm, nas manhãs seguintes a essas tormentosas noites de delirio, já o conde sabia, já assustadamente esperava que, sob uma fórma bem incommoda e dolorosa, viesse a fatal reacção do seu organismo gasto e derrancado. — Era uma dôr, vaga primeiro, depois subito aguda e pungente, que lhe assaltava o coração, tomando-lhe todo o bórdo esquerdo do sterno, e irradiando a seguir para as carotidas, para as maxillas, para a nuca, por todo o ambito do thorax, estrangulando-lhe o tronco n'um cinturão de ferro, adormecendo-lhe o braço e a mão esquerda, onde ia terminar

correndo por um formigueiro doloroso o dedo minimo. Ao mesmo tempo, parecia-lhe que o seu coração em ancia crescêra d'um modo colossal, repentinamente, grosso a ponto de obstar á circulação pulmonar e debater-se opprimido n'aquella cavidade exigua do peito. D'ahi, uma horrivel sensação de angustia, de constricção, de dyspnea quasi asphyxiante, como se o estivessem entalando nas laminas de aço d'um torno, como se o esmagasse um peso enorme. Uma penosa onda de calor ensopava-lhe a cabeça, o bater das carotidas exaggerava-se, zumbiam-lhe os ouvidos congestivamente, e aquella pungitiva dôr na região da aorta crescia, crescia e mordia-o sempre, d'uma maneira horrivel, enquanto as pulsações, ora paravam, dir-se-ia que por uma contracção spasmodica das arterias, ora se acceleravam em intermittencias de tempestade, por uma fórma atropellada e convulsiva, tumultuariamente,

dessendontradas, bruscas, doidas, como se em duello de morte, dentro do seu exiguo peito em ruina, dois formidaveis corações batessem... E então o desgraçado, concentrando a sensibilidade, inundado d'um suor frio, olhando n'um afflictivo terror as mãos, pallidas e exangues, succumbia, na apavorada imminencia d'uma suffocação, d'alguma syncope fulminante, e sem poder mover-se, fallar, queixar-se, mas tendo entretanto a consciencia perfeita do seu estado, assim permanecia, segundos, depois minutos, com os dentes pregados e os olhos immobilizados por uma tragica ampliação de pavor, esperando a cada momento morrer, poleado na agonia infernal que era esta instantanea suspensão da vida. — O medico, chamado, aconselhava invariavelmente o repouso, applicava-lhe inhalações de ether, a morphina associada ao chloral, compressas de gêlo, e mandava-o tomar iodeto de potassio. Mas,

invariavel tambem, a cada crise delirante da noite seguia-se sempre, com o extenuamento progressivo do conde, uma nova d'estas revulsões de angustia.

Ora, assim, gradualmente succedeu que, como a deploravel excitação do conde não aplacava, tambem, n'uma repugnancia crescente, começou Olympia a sentir-se mal ali. Acima de tudo, as noites tornavam-se-lhe incomportaveis, povoavam-se-lhe de toda a sorte de horrores e incertezas. Não tinham fim... Mal se accediam luzes, e já para ella recommençava a mesma vida de inquietações e terrores, n'uma exacerbação de angustia sempre crescente e sempre implacavel. A principio, ainda tentou reagir, procurando avivar relações, lançando-se um pouco, como um expediente salvador, na futilidade da vida mundana. Porém pouca gente da sociedade estava então em Lisbôa, e os poucos que havia evitavam

systematicamente visital-a. Quasi não havia theatros, e n'estes mesmos, ou n'algun concerto ou passeio onde ella furtadamente apparecêsse, a sua situação social equivocava-a. Conhecia perfeitamente, — era o alvo de todas as atenções, dava divertido thema a phrases perdidas, graças, ditos insidiosos, provocava gestos convencionaes de extranheza e desdem, que a molestavam. Ao mesmo tempo, a praga insalubre dos galans de profissão assediavam-n'a com irritante insistencia, aventurando perguntas, insinuando conselhos, procurando abrir caminho, pela piedade e pela lisonja, na mal ferida altivêz da sua alma. — Tudo isto acabou por opprimil-a e acabrunhal-a ainda mais. Gradualmente, deixou de apparecer; e arrastava por fim a vida quasi invariavelmente nos seus aposentos, de noite mortificada de terrores, de dia amodorrada de tédio.

Tanto para Olympia como para o conde, o remedio commum a tão intoleravel viver seria o balsamo d'uma affectuosa conformidade moral. Consolar-se-iam mutuamente, se na mesma resignada e amistosa acceitação da desgraça os prendêsem os laços naturaes do coração, os traços conjugados do instincto. Mas a propria antinomia das suas predilecções e o antagonismo do seu viver, tornando-os irreductivelmente extranhos um ao outro, cada vêz mais os distanceava.

Se via a filha triste, logo o conde, irritado, exclamava:

— Crédo! que modos esses... P'ra triste bem basto eu! Assim, não fazias cá falta!

Tambem por seu turno Olympia, depois das angustiadas crises do pae, em vôz de o acarinhar, dizia-lhe com dureza:

— O' meu pae! por amor de Deus... Nem eu nem os creados podemos com isto! É um viver impossivel! Dá co'a gente em doida!

E era como, podendo os dois levar uma vida de resignação e mutuo amparo, ambos em caminhos oppostos se arrastavam, tôrvos e hostis como evocações d'um mau delirio.

Olympia, nas suas largas stases de meditativa concentração, não acordava senão reminiscencias saudosas, amargas recordações, dôces e luminosas coisas que pelo contraste a faziam agora soffrer. — Eram as ingenuas lembranças da infancia, eram os seus ricos sonhos de solteira, em que o futuro a attrahia com a sua miragem côr de rosa, quando ainda o Fernando lhe não planeava o assalto ao dote, nem os caçadores de adúlteras lhe punham amavioso cêrco ao coração desprevenido. Tudo risos e festas então. Os sonhos cheios de claridade, os dias inundados de

alegria... Depois, que suggestivo amparo de felicidade lhe não trazia o concertado repouso, a abstracção alada, a tranquillidade espiritual da irmã! Eram como que outras tantas fontes dulcissimas de ventura e de paz, os seus moveis predilectos, a simplicidade virginal do seu arranjo, certos recantos, parques de luz, onde, melindrosa e timida, fugia ao mundo aquella candida e incomprehendida alma... E o garrulo bulicio, a sadia e impulsiva animação que a mãe, a condessa, espalhava a caudaes pela casa toda! O seu modo de fallar, de cumprimentar, de receber, a sua distincção, a sua graça inolvidavel, até os seus repentes de genio... em tudo isto havia uma rara superioridade, um encanto peculiar. Pareciam feitos de sol e de bondade. Tinham a marca do seu modo desdenhoso e altivo de tratar os convencionalismos sociaes. — Oh, essa é que

compreendia e avaliava bem o mundo! Se todas fizessem assim!

Porêm agora tudo isto faltava. Os antigos salões, opulentos e alegres, mergulhavam n'uma escuridão de sarcophagos, frios e desertos; os *boudoirs* tinham os voluptuosos échos do prazer adormecidos. A tréva e a solidão haviam assentado ali arraiaes definitivos, lembrando algum lendario areial do Oriente, semeado de esphinges e de ruinas... E, para cumulo do contraste, vinha ainda agravar-lhes o desconforto e peiorar-lhes a solidão essa planturosa peregrinação do conde, que subito apparecia, arrastando com exforço a sua devastada carcassa, como uma velha armadura, pelos salões abandonados, cuja inercia tumular lhe ampliava os brados de angustia e terror em sinistras resonancias... — Era positivamente de endoidecer! Ninguem aturaria muito tempo,

mortificado n'um viver assim... P'la Virgem! nem que ella tivésse commettido algum monstruoso crime, para a perream n'aquella situação, mais intoleravel que o mais rigoroso captiveiro. N'este, ao menos, teria descanso. Nada! ella não merecia semelhante supplicio. Pelo contrario... porque até, deixando o marido, não fizera senão subtrahir-se a uma condição que a subalternisava moralmente. E o premio era aquelle!

Todavia, andava por ahi assim, despreoccupada, alegre, tanta rapariga na sua situação... vivendo desafogadamente, resgatando pela liberdade a falencia social da sua vida! Porque não havia de ella de fazer o mesmo?... Continuar a aturar, a enterrar-se voluntariamente ali, com a sua mocidade e a sua frescura, para quê? Porque havia de ella impôr-se tão sobrehumano sacrificio? Porque o pae era velho e doente? E se

se dêsse bem com o marido, não viveria ella, em todo o caso, longe d'ali?... Isto era uma repugnantissima violencia, era uma abnegação absurda, que, ainda em cima, o mundo havia de amesquinhar na sua significação e valor. Nada! obrigação d'aquillo não tinha nenhuma. Esse ingrato devêr impunha-se á condessa; e quando esta não teve a coragem nem a virtude de o cumprir, muito menos razão havia para exigir que se lhe submettêsse uma filha, casada, emancipada, e que hoje, a não ser ao marido, não tinha obrigação de aturar mais ninguem!

Nem ella, pensando bem, parece que deveria fazer grande falta ao pae. Pois se este é que se furtava, evitava-a a cada instante! Passavam-se dias em que a existencia do conde lhe era accusada apenas, de noite, pelo seu lamuriento desvario através os salões do primeiro andar. — E que admirava isto, agora, se assim fôra sempre

n'aquella casa, desde ella bem creança?... Já o conde então por lá andava, em plena independencia, por onde lhe appetecia, alheio por completo a affectos de familia. Ás vêzes havia resingas, ralhos... e então o seu desapparecimento prolongava-se. Aproveitava o pretexto para desarvorar. E lembrava-se tambem de lhe ouvir dizer a miude:

— N'este mundo quem mais soffre é quem mais se sacrifica. Não vale a pena... Cada um tem as obrigações e os devêres que quér. O tempo dos santos passou!

Ora ella, Olympia, não tinha pretensões a santa, não sentia mesmo disposição nenhuma para fazer subir semelhante memorial ao Eterno. Sepultar ali assim prematuramente a sua mocidade, seria uma coisa estúpida. Ninguém lh'o agradeceria... A querer gosar alguma coisa, era agora; não era depois de velha que se havia de

apresentar no mundo. E essa turba escovada e ostentosa, de emulas, de aduladores, de devaneios, traições, intrigas, apesar de desdenhada, impertinente embora, tornava-se-lhe indispensavel, era o seu ar, o alimento essencial da sua vida. Tinha de ir fatalmente adonde a ella, já que ninguem ousava aventurar-se áquella amaldiçoada masmorra!

Discorrendo assim, n'um indefinido aneio sensual, por uma cálida manhã de agosto, Olympia chegou n'um impulsivo ardor á janella do seu quarto, e, erguendo a fimbria do *store*, cravou olhos voluptuosos no assoalhado macadam da rua. Trabalhava-a um desejo insustavel, furioso, de abalar, de sahir. — Queria ir ser uma doida?... Certo que não! Sabia agora bem o que eram homens: detestava-os de morte. Felizmente, tinha meios para viver independente. Nada como viver só, gosar só... O isolamento

tambem tem seus extasis. O que a realidade não é capaz de dar, completa-se pela imaginação; e com esta... tão bom!... a nossa vontade alcança o sobrenatural, attinge a nossa alma limites inverosímeis, e póde erguer-se á mais paroxysmica ampliação o nosso desejo. Não tem assim o prazer o capricho alheio a limital-o. Vae-se até aonde se quér... Os philosophos elevam-se ao absoluto, os corações abarcam o infinito!

Viveria sósinha, portanto... absolutamente liberta de ligações immoraes, e no fundo deprimentes e incommodas, como aquella em que sua mãe commettêra o desacerto de enredar-se. Livre, livre... Frequentaria o mundo, sim! para isso era nova e bonita... Queria ser requestada, admirada, invejada. Mas sem capitular nunca! Ahi residia a arte do exito e da felicidade mundana. Saberria muito bem manter-se, inalteravelmente desdenhosa e altiva, n'esse sonhado pedestal de

diva dos salões. Prometter sempre, fazer esperar tudo... nada conceder! Aparecer e deslumbrar... mas não capitular nunca! Que linda, que seductora coisa! adorada por todos, possuída por nenhum... Seria até esta perenne insatisfação do desejo d'elles o melhor meio de, mantendo o prestigio proprio, eternisal-os no exercicio do culto que todos elles lhe deviam, afinal.

E, acariciada pela traçoeira obsessão d'esta idea, a inflammada esposa de Fernando deixára agora a janella e corrêra ao *toilette*, deante do qual, contemplou primeiro, n'um desvanecimento sorridente, o seu lindo rosto moreno e redondo, o tostado afogueante da epiderme, as mãos de velludo, os labios quentes, as grandes joias, molhadas de desejo, dos seus olhos. E a seguir, abrindo o seu cofre rendado de sandalo, paramentou-se ricamente de adereços caros, como para um baile, pondo em desvantajoso confronto

esses joalhados mimos da industria com a inestimavel joalheria natural da sua belleza. Depois, sempre com o mesmo riso triumphante, afflando as narinas, e mostrando agora n'um arrepanho sensual o deslumbramento minusculo dos dentes, desataviou-se e rompeu a guardar apressadamente as joias, toda agitada como que na impetuosa disposiçao de partir...

XV

Assim fôram passando, tediosamente longos, dolorosamente vãos, os dias intermináveis, as oppressivas noites d'aquelle verão. — Raro agora, tanto o conde como Olympia, saíam de casa; porê, mais raro ainda, dentro da frialdade tumular d'esse enorme palacio deserto, elles trocavam as suas impressões ou procuravam o mutuo amparo espiritual das suas almas.

O conde, cada vês mais alheio a negocios, mais rebelde aos conflictos praticos da vida, tinha entretanto que soffrer, repetidas vêzes, os incommodos e vexames inherentes ao seguimento do processo da sua separação judicial da mulher, processo que, como os dois houvessem casado sôb o regimen dotal, se enredava em varias complicações por haver o conde destinado parte dos immobiliarios ao dote da filha.

De Luiz, que continuava em Madrid, recebia o pae a miude cartas, pedindo invariavelmente dinheiro. O conde, satisfazendo sempre os pedidos, exprobrava o procedimento do filho, ameaçava-o com o desprezo, reclamava com imperio o seu regresso a casa. Baldadamente. Com o mais ousado desplante, Luiz escrevia ao pae que, vista aquella inutilidade de educação que lhe haviam dado, sem lhe inculcarem o culto do devêr, o amor ao trabalho, ensinando-o a pouco mais do que a saber fazer o seu nome, que mais montava que elle estivesse em tal ou tal parte? que a questão da residencia era um factor puramente indifferente n'esse fruste papel social da sua vida. — E se o pae, vagamente humilhado, e afinal complacente, lhe objectava que elle é que não sabia aproveitar a fortuna, pois que aquella vida descuidada e farta, só de regalo e prazer, seria até para um rapaz sensato a melhor das situações,

logo com impertinente ousadia Luíz tornava: «que, pelo contrario, semelhante maneira de viver, a pura escola do vadio, era o mais resvaladio e falso dos caminhos». Acabando por parecer porfim o conde o verdadeiro réu, em tão paradoxal conflicto.

Já o mêz de setembro agonisava, quando, por uma d'estas inegalaveis manhãs, voluptuosamente calmas, do delicioso outomno peninsular, o conde recebia, no seu gabinete, a visita d'um velho sujeito, unctoso e mellifluo, muito abundoso em reverencias, typo patibular de agiota, o qual sôb o mais cerimonioso formalismo lhe trazia uma bem humilhante surpresa. — Vinha nada menos que exigir-lhe o pagamento d'uma lettra de dois contos de réis, vencida havia dias, e a qual, — queixava-se, desfeito em zumbaias, o usurario, — ninguem tivéra para com elle a consideração, já não diria de a ir pagar, mas ao

menos de propôrem a reforma, um addiamento, uma coisa qualquer... O conde caiu das nuvens! Indignou-se, primeiro; depois, aplacado, objectou que não podia ser... estavam sem duvida sendo victimas os dois d'alguma mystificação torpe e odiosa.

Mas implacavelmente o onzeneiro, com um risinho metallico, mostrou-lhe a lettra. Era accete pelo conde, com effeito! Porêm este não se lembrava; só se fôra n'algum momento em que estivesse sem o juízo todo; não podia ser! — Quem lh'a tinha apresentado a desconto?...

Tinha sido o filho.

Pallido de morte, esgazeado e tremulo como um bêbedo, o conto tomou de novo a lettra, affirmou-se... Não havia duvida! tinham-lhe falsificado assignatura. — E não fôra outro senão esse mesmo Luiz, o seu abandalhado filho! — Devorou em silencio a affronta, recalcou a infamia

no coração em sobresalto, e, tartameleando vagas excusas, razões inintelligíveis, resgatou o abominavel documento por um chéque, que o velho agiota recolheu ávido, arrecuando depois immediatamente á porta, dobrado todo nas suas abundosas reverencias.

Pouco depois chegava, no correio de Madrid, nova carta de Luiz com esta amarissima noticia. — Elle estava monetariamente ligado, por meio d'algum capital que poupára, á sabida companhia de *zarzuela* de que fazia parte a sua Consuelo, como primeira figura. De sorte que não eram só agora os laços do coração que o retinham ali, mas sérios interesses materiaes, o seu crédito e fortuna de empresario. Ora esta empresa aggregára uma companhia de cavallinhos, e com a sua nova composição, hybrida e saltante, iam fazer uma larga digressão, de mêzes, pelas ilhas Baleares e as Canarias. Iam certamente realizar lucros

fabulosos. Um negociarrão! E o pae que não mais o censurásse, pois assim a sua vagabundagem, o seu vicioso lazêr, finalisára. Ahi o tinha agora feito «grande industrial». Ia-se divertir e trazer rios de dinheiro! — E um sêcco e definitivo adeus sellava a achincalhante noticia, sem uma saudade, sem o mais insignificante pezar, sem uma desculpa.

O conde ficou succumbido, quando d'isto logrou a certeza... Em meio da inercia patibular da sua alma, esta defecção moral e esta voluntaria fuga do filho, o seu unico descendente varão, e naturalmente, dentro em pouco, o representante da casa, magoou-o devéras, instillou-lhe no mais fundo da alma um travo cruciente de amargura. — Era só o que lhe faltava! O seu Luiz saltimbanco e falsario, irmanado com ladrões e pelotiqueiros! Nunca mais o tornaria a vêr... Sim, decerto! pois quando voltaria elle?... E acaso conseguiria

voltar? Não seria por lá mais uma victima, como tantas, do clima, da intriga, do trabalho, da miseria?... E tinha elle partido sem o pae lhe haver podido dar um ultimo, um derradeiro abraço! — Esta evidencia pungente vincava-se a traços negros na atribulada alma do conde, apparecia-lhe como um mau presagio, trazia-lhe o receio do que quér que fôsse de fatal, de irreparavel, de sinistro, que lhe mordia na aorta e o fazia enormemente sofrer... — Ficava elle portanto agora ali assim, só com Olympia e os creados, n'aquelle immenso casarão deserto, d'onde, pavidamente, se fizéra um tragico exodo de almas, depois da abalada violenta da felicidade, da paz e da alegria! E se elle desertásse tambem?... Mas para onde, a não ser para a cova?... Inutil e réles espantelho! A sua misera funcção social fracassára por completo. Não tinha familia, obrigações moraes, amizades, dedicações, affectos. Em casa, ninguem o

procurava, a não ser para o massacrar com alguma fatalidade nova; na rua, seguia-o um rasto estridente de achincalho, choviam-lhe de troça os commentarios. Ah, não poder elle eliminar-se de repente, sem abalos, sem dôres, apenas por um instantaneo impulso da vontade, singela e abruptamente! Seria a suprema libertação, a sua unica fortuna!

Sobre a tarde, o medico achou-o excitado por uma fórma alarmante, e instou com elle para que se resolvêsse finalmente a arrancar-se d'ali. — E seria o melhor, com effeito! Ia propôr á filha fazerem uma grande viagem os dois. Nada mais salutar nem mais efficaz, para esquecer... Despediam os creados, fechavam a casa, vendiam-n'a até, se lhes parecêsse conveniente, a essa estancia de azar, e depois, ao voltarem, era como quem refazia uma vida nova. Olympia era tambem, como elle, uma desilludida, uma

victima, saberia comprehendel-o... Era um recurso este com seus encantos! Seria excellente!

Tendo assentado n'este proposito, começou então o conde, no seu gabinete, a regularisar disposições e a ordenar papeis, com os olhos mineralizados e a devastada face erguida n'uma fugidia tinta de alegria, já n'uma segurança, já estimulado na libertadora visão da proxima partida. — Quando a antiga creada de quarto da «menina» veio trazer-lhe ceremoniosamente uma carta, que Olympia, momentos antes, deixára, com recommendação expressa de lh'a entregarem quando o conde estivesse só. E a creada papagueou este breve recado rapidamente, e sumiu-se n'um instante, deixando logo a carta, e com ella a salva de prata em que a trouxéra, deante dos olhos espavoridos do conde, que, n'um terror supersticioso, não ousava apoderar-se d'aquelle papel mysterioso e pequenino.

Por fim, novamente muito pallido e a tremer, tomou a carta e leu com avidez:

«Meu pae. — Perdôe-me a dolorosa impressão que lhe vou causar, mas é-me absolutamente impossivel continuar a viver aqui. Falta-me tudo! desde o carinho dos paes, que nunca tive, até á estabilidade d'uma posição social que me defenda dos outros... e de mim mesma! Vou viver sósinha, como tanta mulher na minha condição. Poupo-o ao testemunho, á presença constante d'este remorso vivo, e deixo-o á vontade para as predilecções secretas do seu coração. Ambos lucramos... Perdôe-me e não me procure mais. Seria inutil! — Olympia»

Quando acabou de lêr, o conde ficou fulminado, com os braços inertes, com a cabeça dobrada e o peito opprimido resfolgando ancias, como se sobre elle tivésse desabado em peso o céu... E retinha inconsolavelmente a carta nos

dedos tremulos... n'ella corporisando, pelo desejo, a propria filha, segurando-a, amarfanhando-a com carinho. — Era pois inevitavel! abandonavam-n'os todos! todos... ia ficar inteiramente só! — Um grande peso, um garrote de expiação o amalhoava n'aquelle logar, sem que pudésse dar um passo ou erguer os olhos, no comminatorio terror de defrontar com a imagem palpavel dos seus crimes. Subiu-lhe um frio do coração ao cerebro, teve por momentos a sensação de que o deixava tambem a vida... — Quem pudésse!... — Porfim, sentindo-se como que alheio a si mesmo, analysando como um extranho a propria dôr, vibrou n'uma grande e enternecida piedade, que o fêz, longamente, chorar.

Com o passar das horas, esse vento insano de afflicção amainou, e um vago ar de resignação veio gradualmente adormentar-lhe a alma. Releu

a carta de Olympia, agora já de olhos enxutos, armado d'esta forçada conformidade que nos impõem as coisas inevitáveis. E pensou em como, afinal, havia de nortear de futuro a sua vida... — Iria para muito longe, sim... embora sósinho! E decididamente vendia a casa. Poderia lá aturar ali, só, na presença constante de coisas suggerindo-lhe recordações que o faziam soffrer... ali, a cada instante esbarrando com o phantasma vivo e remordente da sua querida Leonor! Oh, não! seria morrer, vêzes sem conto... Abalar, abalar!... Iria para muito longe e vagabundearia ao acaso pelo mundo, solitario e cávido como um criminoso evadido á justiça, acamaradado pungitivamente com a sua dôr!

Entretanto, anoitecêra, sahiu. Ser-lhe-ia impossivel jantar em casa, sem mais ninguem, n'aquelle dia de azar. Iria comer a um *restaurant* qualquer, onde sentisse alegria, bulicio, amparado

na communicativa baralha da multidão, rodeado de gente, acotovelando a vida. — A cidade começava a reanimar-se. Reabriram os theatros. Presentia-se esse preriodico engrossar da ruidosa immigração mundana, marcando, como um barometro infallivel, a visinhança da estação de inverno. Pois o conde, antes de partir, queria despedir-se de todo esse afogueante marulhar de vida, de sitios queridos onde organisára as suas melhores *parties de plaisir*, das avenidas, dos theatros, dos cafés, das viellas, do gaz, da rua... Seria mais uma vêz, n'essa derradeira noite, e misero celibatario moral como elle se achava, totalmente emancipado pelo abandono justiceiro dos seus, seria mesmo insaciavel sybarita, o mesmo incorrigivel pandego de outros tempos. A isso o tinham levado! — E eil-o ahi vae atolambadamente, ao acaso, confortado pelo momento, ligeiro e quente, n'um renôvo

inverosimil de mocidade e energia, de que elle mesmo se admirava.

Logo ao fundo do Loreto, na praça de Camões, os cocheiros cortejavam-n'o familiarmente, perguntando se queria trem. Mas o conde acenava — que não, e seguia veleiro, quasi jovial, sem bem saber para onde... Attrahia-o o mysterio, mordia-o o desejo picante d'uma aventura. Subiu ao Bairro-Alto. Um vago acanhamento de instincto o chamava a essa pelintra successão de lôbregas ruelas, encardidas e porejando vicio pela luz fumarenta das tabernas, pelos surrados balcões das suas montras de prazer. E lembrava-lhe agora, n'um rábido appetite de impotente, n'uma intensidade quasi dolorosa, aquella deliciosa peste da Paixão... lembravam-lhe todas as antigas amantes, que n'uma grande ronda trocista lhe desfilavam pela imaginação em fogo, attrahindo-o com gestos canalhas, fazendo-

lhe negaças, tirando-lhe rosarios de oiro das algibeiras.

Sentiu que precisava comer, e, tomando á rua de S. Roque, enfiou para uma casa de pasto, acima da Trindade, com pires de arrôz doce na montra e pharolim vermelho á porta. Abancou a uma larga mêsa de marmore, onde á pressa dois velhos actores comiam. E abatido, indifferente, começou examinando a lista, que logo lhe trouxe o creado, perfilado n'um pressuroso espanto diante d'aquelle freguez escovado e extranho. Subito, na sua frente, onde se alinhava uma fiada de minusculas *cabines*, todas em madeira envernizada, fechadas hermeticamente, um outro creado, levando uma travessa fumegante, abriu a porta, em corrediça, d'uma d'ellas, entrando e fechando-a sobre si immediatamente; mas essa instantanea aberta foi bastante para que de dentro da voluptuosa bocêta um sonoro estralido de

gargalhadas rompêsse, como que um jacto da esturdia effervescencia espumando n'essa invejada estancia de prazer. — Espertou o ouvido o conde, com a maxilla sensual, com a nuca pesada. — Passados, segundos, do mesmo turbulento cubiculo o creado sahia, e com elle, no momentaneo correr da porta, saltou uma impudente estralada de beijos. — Um dos actores, pigarrando a sua asthma, praguentou uma obscenidade, emquanto o conde, sensualmente aquecido, sentia uma forte vibração animal correr-lhe o organismo derrancado.

E quasi não comia, e parava, e distrahia-se, com os ouvidos zumbindo e nos nervos um furor, uma gula sibilante... com todos os sentidos espertamente pregados n'aquelle gabinete infernal. Apprehendia-lhe com delicia os esturdios ruidos, uma ou outra phrase perdida, aquella mesclada desordem, toda a tresbordante

onde de goso que se adivinhava. Mórmente os silencios alucinavam-n'o... E violentamente, de roldão, ahi voltava agora a infindavel jolda sensual das suas amantes, que n'este momento o conde, n'uma indignada lascivia, não via senão pelo seu aspecto abominavel, venal, pelas decepções que lhe haviam causado, pelas traições de que o fizéram victima. — Era, primeira do que todas, a Paixão, essa demoniaca e subtil creatura, essa sonsa inegalavel, dispondo da mais perfeita arte de enganar; era a Juliana, a descaradona, que dormia com um alferes e sustentava um primo á custa d'elle; e a Gabriela, que tinha o capricho de não se deixar beijar; e a Isaura, que lhe custava um dinheirão para só o receber ás quartas-feiras. E eram tambem mulheres casadas, creaturas da alta roda... aquella Aurora Machêde, tida por irreprehensivel; a Laurita Gomes, millionaria e perdida por calão, travestindo-se em varina para ir

com elle ao peixe-frito; a viscondessa da Amora, que, por ciumes, fizéra escandalo com a Georgina, ali da Trindade. Um nunca acabar, em summa! O mais apostemoso lençol da infamia!

E todas estas perturbantes imagens, depois de lhe deflagrarem na retina, escaldavam-lhe allucinativamente o cerebello. Veio-lhe um appetite formidando, insuperavel, doido, de tornar a vêr essas mulheres! Fôsse onde fôsse... Uma d'ellas pelo menos, uma ao acaso! Não havia de ser difficil, era questão de procurar. — E n'um relampago elle chama o creado, paga, pergunta-lhe quem é que estava na *cabine*, defronte; e já sem o ouvir, sem esperar resposta, parte então nas azas d'esse furioso desejo, decidido a bater o seu escandecido furor, este seu retrospectivo cio, pelo cidade. — E a sua exasperada ronda desdobra-se em volta dos *cafés* e *restaurants*, aonde successivamente o arrasta uma erotica furia, uma

rábida esperança insatisfeita, fazendo-o, cá de fóra, cravar olhos de feroz inquirição através o crystal polido das portas, depois entrar e bater os gabinetes, espreitar pelas fendas das cortinas. N'algumas sabidas paragens onde a estada d'essas mulheres seria mais provavel, elle chegava a voltar, uma, duas e mais vêzes, sem forças já quasi, por fim, para mover-se, sem o animo de arrancar-se a este exasperado circuito de ignominia. E intercaladamente atacava tambem os theatros, esquadrinhando os vestibulos, correndo as plateias, varrendo os corredores dos camarotes, trepando encarniçado á promiscuidade infecta dos *paraisos*.

Sempre sem resultado! Nem uma, nem uma só!... — E cada vêz mais perdidamente o desvairado conde persevera n'este seu avassallador empenho. Do mesmo passo que o calor, a animação, o contraste dos recintos, a

deslumbrante palpitação das luzes, o grosso tumultuar da multidão indifferente, mais e mais lhe destemperam o cerebro e picam de fogo os nervos, fazendo-o, doida e interminavelmente, correr atraz do impossivel... Parecia que o destino d'este irremissivel naufrago moral era agora, implacavelmente, inquirir, divagar, divagar sempre... arrastando os miseros frangalhos da sua vida à beira dos logares de perdição e calcando eternamente a brita humida dos passeios. Elle era agora, mais do que nunca, n'esta horrivel noite de prova, a victima da tyrannia accumulada de todos os seus erros, o mau fermento da toxína ignominiosa dos seus vicios... era o eterno, o miserando escravo d'esse grande Idolo impuro que é a mulher comprada, — a qual sabe com triumphante arrogancia vingar-se do labéu infamante que os homens lhe impõem, impondo ella por seu turno a estes a sujeição, obrigando as

multidões a perseguirem-n'a sempre e a implorativamente demandarem, ébrias de satyriaco desejo, o seu redondo corpo impudente estendido sobre o mundo...

Escarninhamente, umas sobre outras, todas as suas pesquisas delirantes iam sahindo infructuosas. Em cada novo perfil de mulher acordando-lhe vagas reminiscencias, em cada novo grupo colhido em flagrante, reconhecia fatalmente, ao affirmar-se, mais uma desillusão. Não desacompanhada de amarissimo despeito, muitas vêzes... porque n'esses grupos surprehendia elle quantos homens felizes, em attitudes familiares de amantes, desdenhando o mundo, parodias crueis ao seu destino, saboreando regaladamente a vida! — E a vida para ele tinha acabado... Ninguem o conhecia, niguem n'elle attentava sequer! ninguem se mostrava disposto a partilhar com este desgraçado

alguns minutos amováveis de atenção ou de piedade... — Pelo contrario, troçavam-n'o mais ou menos claramente, por toda a parte. Era a instinctiva repulsão animal contra a ruina. Nos corredores dos theatros a multidão acotovelava-o com tédio, tinha para a sua patente derrocada physica ditos de achincalho. Mulheritas que o citavam, espalmando a mão deante do nariz em arrebite; outras, n'uma visagem de nôjo, cuspiam para o lado; e houve uma que, irritada pela insistente atenção do conde, disse muito alto:

— Que quererá de mim este *salsa*?

Entretanto, o conde, n'uma fatalidade medullar, interminavelmente, ia expiando sempre a sua penitencia, d'aquella peregrinação atoadada e doida, com os olhos desvairados, o fato em desalinho, os braços balanceando inquietos e as pernas trôpegas já reagindo ao morbido impulso da vontade. E agora, como na sua aberrativa

hyperemia sensual começassem dominando a desillusão e o cansaço, pervertiam-lhe a vida de relação vagas allucinações visuaes, via tudo n'um ambiente violaceo e instavel que lhe deformava tristemente as coisas... e como se a sua pavorosa desordem interior se houvésse, por qualquer reflexo phenomeno, exteriorizado, extravasando n'uma fórma visivel sobre todo o seu ser, extranhava que não reparassem n'elle, que não fizéssem cara de dó e lhe acudissem, vendo-o n'aquelle estado... Assim, por vêzes esteve a ponto de afflictivamente atirar-se aos transeuntes, esmolando a sua attenção, implorando um pouco de carinho.

Porque o certo era que, atraídoando elle mesmo sensorialmente pela amargura infinita da sua dôr, o conde olhava-se e reconhecia-se um espectro... o escabellado espectro d'um doido; sentia-se succumbir e desagregar-se,

desmoronar-se, n'um grande vacuo interior. Como cahindo a pedaços. Olhava-se e reconhecia com horror não ser mais, todo elle, do que um velho e roído esqueleto dismantelando-se... via o craneo, rapado e ôco, a oscillar fragilmente no vertice da columna vertebral desfeita; via os ossos humeraes pendendo, como cordas de forca, das claviculas despegadas; e as costellas a cahirem, uma a uma, estilhaçadas como vidros, esfareladas como fosseis trazidos ao ar abruptamente; e as tibias, ephemeras, oscillantes, cavadas de antigas pustulas, farpadas e comidas pela mandibula implacavel do vicio immundo. Reconhecia não ser mais do que um miseravel destroço de corpo humano, prematuramente ressicado e arrastado á morte por um gasto excessivo de prazer... o coração sem movimento, as vertebrae sem nervos, o craneo sem ideas. — E afflictivamente admirava-se de que a multidão se não espantasse,

ao vêr aquella abominavel ruina ambulante, e o não soccorrêse, amparando-o... para acudir piedosamente á sua esconjunctada ossatura, prestes a esborôar-se n'um aniquilamento total sobre a rua e leval-o em seguida... ao cemiterio.

E tanto esta obsessão tomou perante a consciencia desnorteada do conde a feição de real, que elle, angustiadamente, palpava-se, premindo os braços e o thorax, estremecendo... julgando-se por ventura ser já um cadaver ambulante, essa pavorosa criação de ruina que o atormentava.

Mas era tarde. Primeiro os theatros, depois os cafés, e agora as ultimas tabernas iam fechando. Um grande manto de silencio e tréva cahia uniforme sobre a cidade. Os sapatos brochados dos lampianistas resôavam, em compasso largo, pelos passeios, deixando atraz de si uma luz de gaz agonisante. Ouvia-se longe o raspar dos varredores. E no céu, negro e profundo,

impassivelmente mineral, brilhavam escassamente, a desmesurada distancia, as estrellas... O conde não podia mais... Tinha percorrido, aquella noite, leguas. Agora, com o aplacamento da vida exterior, vinha-lhe mais nitida e dolorosa a sensação do canção. De roda d'elle, no vago ennevoamento da cacimba que cahia, n'aquella parcimoniosa luz banhando as coisas d'uma tristeza irreductivel, os postes telephonicos ampliavam-se e bracejavam em projecções espectraes; os prédios, os monumentos, as arvores, as proprias pedras da calçada dançavam e esbarrigavam-se n'uma vertigem... Fugia-lhe o chão debaixo dos pés. Irresistivelmente, as pernas vergaram-lhe, os joelhos dobraram, e desamparadamente cahiu sobre o degrau d'um portal deserto. Encostou-se á porta, dobrando-se, aniquilado... mas logo teve que, anciadamente, endireitar-se, erguendo de

salto o tronco, porque aquella sua antiga e temida dôr esboçára-se-lhe no coração, que, prestes a suffocal-o, lhe galopava doido no peito.

Affirmou-se. Estava outra vez no Bairro-Alto. Parecia uma ironia justiceira do destino... Felizmente, estava perto de casa... Mas a cabeça pesava-lhe como chumbo, não a podia ter direita. A espinha parecia-lhe feita de agulhas. Estrangulava-lhe a cintura um intoleravel argolão de aço. — Antes de partir, precisava de forçosamente descançar um pouco. — Tornou a encostar-se, procurando ageitar-se no angulo protector do portal; mas logo tornou a endireitar o tronco, saltando com vehemencia, porque voltára a trespassal-o a mesma temerosa dôr, agora mais violenta, enquanto o coração, assustadoramente parado, parecia que crescêra e avolumára a ponto de lhe ir estostrar o peito... Tomou elle então, aterrado e a tremer, outro expediente. Deitou-se,

de mansinho, com mil precauções, de bruços e ao longo da rua, rente ao passeio.

Assim, não sentia o coração, gosava um relativo allivio. Mas as extremidades arrefecêram-lhe, e um formigueiro vago, um entorpecimento, leve primeiro, depois gradualmente doloroso, tomava-lhe os braços, iam-lhe dos pés aos joelhos. — Dobrou-se mais então, enovelou-se todo, como se elle fôsse algum perdido viandante, enterrado na neve, abarcando os artelhos com os pulsos, o queixo vincado em cunha entre os joelhos. E enternecidamente lançou um rapido olhar sobre o passado... a sua origem na fartura e na evidencia, todas as condições para ser feliz, e afinal... enrolado e cahido p'r'ali assim n'aquella ruella escusa, como um pêrro, como um trapo a apodrecer no monturo! — Era indispensavel voltar p'ra casa... Mas se elle nem força tinha de

se arrastar até lá! Ao que elle chegára!... Clamaria por soccorro...

Ia a mover-se para gritar, quando, subitamente, se endireitou outra vêz, e, n'um violento arranco de terror, cravou as mãos com afflicção no peito... Era a sua conhecida dôr, essa dôr traiçoeira, implacavel, essa dôr de morte, que tornára, como um punhal, a anavalhar-lhe a vida! — Fôra um instante... o conde ia a gritar, mas já não pode... porque, d'ahi a segundos, essa traiçoeira punhalada da morte voltou, mais demorada, mais implacavel, mais profunda... inundando-o d'um suor frio, tenalhando-lhe a nuca n'um aro de fogo, paralygando-lhe, nas maxillas inutilmente abertas, uma exasperada e vibrante explosão de angustia. E erguia os olhos, desvairadamente esbugalhados, para o alto céu impassivel; comprimia com afflicção o thorax que se despedaçava, estalando; e dobrava-se e

estorcia-se n'aquella sua obrigada mudez, ao doloroso estímulo d'aquelle aguilhão implacavel, sacudido na horrorosa antevisão do seu fim que se aproximava.

E assim rolou, assim redemoinhou, durante minutos, a sua tragica afflicção, silenciosamente, estrebuchando, pela brita humida e insensível da rua, até que a mesma violencia insoffrida da dôr lhe rebentou definitivamente o coração, incapaz de mais soffrer... Um cão que esgaravunhava perto, na sargêta, attrahido por este ruidoso escabujar de agonia, aproximou-se do conde, baixou desconfiado a cabeça, alongou o focinho, farejando, e abalou logo com tédio.

Novembro 1901 a março 1902.

ISBN: 978-1-387-47439-4